

The background of the book cover is a soft-focus photograph of a person with long, wavy blonde hair lying down, with their hands clasped together. The lighting is warm and intimate.

Alice Clayton

Autora de Subindo pelas Paredes

Estremecendo as Paredes

[Mai Tai'd Up]

Benvirá



Estremecendo
as Paredes

Alice Clayton

Estremecendo as Paredes

[Mai Tai'd Up]

Tradução
Amanda Moura

Benvirá

ISBN 9788557171794

Clayton, Alice

Estremecendo as paredes / Alice Clayton ; tradução de Amanda Moura. - São Paulo : Benvirá, 2018. 200 p.

ISBN: 978-85-5717-200-1987

Título original: Mai tai' d up

1. Literatura norte-americana 2. Literatura erótica. I. Título II. Moura, Amanda

CDD 813

17-1805 CDU 82(73)

1ª edição, janeiro de 2018

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

Star Books Digital

Preparação *Augusto Iriarte*

Revisão *Tulio Kawata*

Diagramação *Johannes Christian Bergmann*

Capa *Deborah Mattos*

Imagem de capa *Katarzyna Bialasiewicz/Thinkstock*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Verônica Pivisan Reis*

SBD

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a

prévia autorização da Editora Saraiva.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Nunca tive a sorte de ter um
pit-bull, mas sempre fui
apaixonada por eles. Este
livro vai para todos os
sorrisos caninos espalhados
aí.*

PRÓLOGO

Eu ri observando os dois, que se rodeavam sem sair de seus lugares. Sentada com o encosto da cadeira virado para a frente, ela gesticulou agressivamente em resposta a algo que ele disse. Ele gesticulou tão duramente quanto, o que a fez... abrir outro botão da camisa?

Aqueles dois. Eu nunca tinha ouvido o meu primo Clark reclamar tanto de uma mulher, o que me dera a certeza de que ela era feita para ele. A Vivian isso, a Vivian aquilo – nas últimas semanas, Clark não falava de outra coisa.

Me recostei no bar e analisei o ardor entre os dois. As palavras eram antagônicas, mas a expressão corporal não deixava dúvidas: eles já estavam se pegando, apenas não sabiam ainda. Ele inclinou o corpo à frente; ela inclinou o corpo à frente. Ele revirou os olhos; ela revirou os quadris. Havia fogo nas palavras dos dois; nada comparado ao fogo de seus corpos, porém.

Eu raramente sentia esse fogo. Na verdade, estava sentindo tudo gelado, frequentemente tomada por um suor frio. Mas isso é normal para uma noiva, certo?

O casamento seria em um mês. Após passar as últimas semanas correndo

feito louca com os preparativos do casório, eu resolvera me regalar com um fim de semana na minha pousada favorita em Mendocino e com uma visita ao meu primo favorito. Essa visita era o respiro que eu precisava da vida em San Diego. Passara os últimos dias caminhando na praia, observando uma fogueira crepitante à noite e tentando olhar em perspectiva para minha vida. E ouvindo Clark falar sem parar sobre essa garota que tinha virado seu mundo de cabeça para baixo. Eu deveria estar escrevendo mensagens de agradecimento pelos presentes já recebidos, mas distrair a cabeça com meu primo um pouco antiquado e romântico incurável e sua óbvia queda por essa nova moradora da cidade era o que eu realmente precisava.

E, agora, vendo os dois naquela dança, o olhar dele sendo repetidamente atraído para os peitos que ela – conscientemente, ao que parecia – estava usando muito bem a seu favor, me dei conta de que era assim que as coisas *deveriam* ser. A dança. O magnetismo, a faísca, o ardor.

Eu nunca tinha experimentado essa faísca com ninguém. E, depois de ver Clark se atracar com a sua Vivian, me dei conta de que eu também queria me queimar. Não tinha mais tanta certeza de que a chama continuava acesa em San Diego...

CAPÍTULO UM

Quatro semanas depois, em San Diego

– Então, na noite de hoje, eu gostaria de fazer um brinde à garota mais linda do mundo: a minha filha, Chloe Patterson. E, ao seu futuro marido, quero dizer: cuide muito bem dela. Porque eu conheço pessoas.

Senti as bochechas corarem com o brinde que o meu pai fez a mim e ao meu noivo – o “futuro marido” que ele tinha acabado de ameaçar diante dos cinquenta presentes no jantar de ensaio. Ameaçar de uma maneira perfeitamente aceitável, claro, como o pai da noiva faz com o homem que lhe vai tomar a filha para sempre. E todos os convidados riram e ergueram a taça em nossa direção.

Meu noivo, Charles Preston Sappington, se levantou, apertou a mão do meu pai e deu um tapinha amigável nas costas dele. O tapa foi um pouco mais forte do que o necessário? Sim. A ameaça tinha sido tão afável quanto indicava o tom do meu pai? Não.

Meu olhar cruzou com o do meu pai, que piscou para mim. Deixei escapar uma risada alta, o que me rendeu um revirar de olhos da minha mãe, a pessoa

com o revirar de olhos mais estrondoso naquele ambiente. Em *qualquer* ambiente. Principalmente em um ambiente no qual o meu pai também estivesse.

Aliviada por poder voltar ao meu prato, senti a mão de Charles na minha nuca. Ele se inclinou sobre mim e me deu um beijo no topo da cabeça.

– Vou ali cumprimentar os Nickerson, já volto – sussurrou.

Beijei o vácuo atrás dele, que saiu voando para fazer sala. Ao me virar de volta, notei que minha mãe estava nos observando.

– Você não acha que deveria acompanhá-lo, querida? – ela perguntou, olhando na direção do meu noivo enquanto ele conversava frivolamente com as pessoas.

Nosso jantar de ensaio, e ele conversando frivolamente.

– Não muito. Já experimentou o suflê de alcachofra? Está uma delícia. – Dei mais uma garfada no suflê.

– Não acha que comeu o bastante, querida? Seu vestido de noiva já mal está cabendo em você. – Ela gesticulou para o garçom retirar o meu prato.

Sorri resignadamente, pousando o garfo no prato com um barulho que me rendeu uma sobancelha erguida.

– Desculpe – murmurei, limpando delicadamente meus lábios com o guardanapo, dobrando-o e então arrumando-o perfeitamente no colo.

– Deixe a menina em paz, Marjorie! Ela vai se casar, precisa aproveitar esta noite! Você sabe, antes de se enforcar – provocou meu pai.

Deixei escapar um bufo, e o pescoço da minha mãe ficou vermelho na hora.

– Por Deus, Thomas, não é apropriado provocar a menina assim na véspera do casamento – ela disse. – E o que foi aquele brinde? Você *conhece* pessoas? Pelo amor de Deus, quem são essas pessoas? Contadores? Burocratas?

– Relaxe! Foi uma brincadeira, só isso – retrucou ele, claramente se deliciando com a situação.

Divorciado havia seis anos depois de vinte e dois de muitos bate-bocas, não existia nada que deixava meu pai mais feliz do que tirar minha mãe do sério.

E ela sempre mordida a isca. No entanto, naquela noite, ela nos surpreendeu ao sair da mesa.

– Chloe, vá ficar com o Charles. Não é certo que ele tenha de recepcionar todos os convidados sozinho – ela disse antes de se afastar, sem olhar para o meu pai.

Alta e régia, a própria definição de mãe da noiva, ela habilmente se esgueirou para os bastidores a fim de averiguar se os garçons estavam circulando e se os convidados estavam sendo bem servidos. Era uma exímia anfitriã, papel que deveria ser meu. Sinceramente? Eu só queria mais daquele suflê de alcachofra tentador!

Lancei uma olhadela para o prato do meu pai, que sorriu e o deslizou pela mesa na minha direção. Sorri de volta e então devorei o suflê.

– E aí, preparada para amanhã? – ele perguntou enquanto observávamos o salão.

Gracejos, cordialidades, risadas contidas e decorosas preenchiam o salão. Cinquenta de nossos amigos e familiares muito, muito próximos. E era apenas o ensaio. Quatrocentas (quatrocentas!) pessoas de todo o sul da Califórnia tinham sido convidadas para o casamento que ocorreria no dia seguinte, em um dos clubes mais sofisticados de San Diego. Éramos membros do clube havia anos, e, quando o divórcio dos meus pais se consumara, minha mãe deixara claro que aquele era território dela, e apenas dela. Mas meu pai arcaria com as mensalidades. Pensão alimentícia.

– Acho que sim – respondi, suspirando e me perguntando, não pela primeira vez, por que eu suspirava sempre que alguém me perguntava sobre o casamento.

Meu pai percebeu.

– Filha? – ele falou, e uma expressão de preocupação tomou seu belo rosto.

– Acho melhor ir cumprimentar os Nickerson – falei, após receber um olhar enviesado da minha mãe, do outro lado do salão.

Ela não fazia por mal. E, afinal de contas, era o jantar de ensaio do meu

casamento; eu *deveria* estar recebendo radiante os parabéns de todos. Repeti isso para mim várias vezes durante o caminho da minha mesa, no canto, até o centro do salão, onde o meu noivo me estendia a mão. Assumi a mesma expressão de felicidade e espontaneidade que me rendera o título de Miss Golden State, quase dois anos antes. Charles, o homem mais bonito que já conheci, sorriu para mim, e eu retribuí enquanto ele deslizava o braço em volta da minha cintura e, sem o menor esforço, me incluía na conversa.

Sorriso. Saudação. Risada. Sorriso. Saudação. Risada. Sorriso. Saudação. Suspiro.

* * *

Consegui uma trégua um pouco mais tarde, depois que o café foi servido, os brindes intermináveis foram concluídos (o que restaria para dizer no dia seguinte se todos já tinham gastado seus discursos no jantar de ensaio?) e os convidados começaram a se dirigir à porta. Minha mãe socializava como uma profissional, sorrindo e assentindo com a cabeça para cada um que a parabenizava pela filha adorável, pelo casal adorável, pela noite adorável. Argh. Sorrir e assentir com a cabeça: isso era o que ela fazia de melhor.

Era um dom que eu não possuía, embora fosse capaz de fingir com primor. Como provavam meu sorriso e assentimento durante uma discussão de vinte minutos sobre a melhor empresa de jardinagem da cidade; afinal, é preciso manter a grama sempre verde, mesmo em períodos de estiagem, não é mesmo? Ou meu sorriso e assentimento quando a senhora Snodgrass falou sem parar de um livro picante sobre o qual todos estavam comentando, mas que ninguém admitia ter lido, embora eu soubesse que todas as mulheres ali o haviam lido. Eu sorri e assenti com a cabeça até mesmo quando o senhor Peterson fez um sermão sobre imigração ilegal, sendo que eu sabia que a

babá de seus filhos não tinha visto de permanência. Sinceramente, às vezes eu me sentia como aqueles cachorrinhos de brinquedo que as pessoas colocam no painel do carro. Mas então o treinamento de miss dava as caras, e eu conseguia sorrir e fazer que sim por horas a fio, sempre parecendo interessada, sempre parecendo alegre, sempre parecendo bonita.

Mas o que se passava dentro da minha cabeça não tinha *nada* de bonito. Dentro da minha cabeça, eu estava imaginando o que aconteceria se eu pulasse em cima de uma mesa e começasse a gritar. Como as pessoas reagiriam? Ficariam chocadas? Horrorizadas? Intrigadas? Quanto tempo levaria para alguém me tirar da mesa? E quanto tempo levaria para os convidados retornarem a seus cafés?

Fui removida do meu desespero mental pela minha mãe, que fazia sua segunda ronda pelo restaurante.

– Querida, os Snodgrass estão indo embora. Seja uma boa menina e vá agradecer-lhes pela presença.

– Sim, mãe. – Sorrio e assinto com a cabeça. Especialmente para o meu belo noivo, que tinha sido mais rápido do que eu e já cumprimentava o senhor e a senhora Snodgrass.

* * *

Finalmente, Charles e eu estávamos sozinhos na entrada do restaurante. Antes que a Cinderela fosse despachada no gigantesco banco estofado da limusine, ela precisava se despedir do príncipe encantado.

– Está animada para amanhã? – ele perguntou, me cercando com seus braços fortes.

Braços que, como todas as outras partes do corpo, ele mantinha fortes graças a horas de tênis, raquetebol, natação, corrida e, claro, golfe. Um

aficionado por golfe. Eu havia sido incentivada a aderir ao esporte e assim fizera. Claro que sim. Suspiro.

– Estou muito animada para amanhã – murmurei contra o peito dele, sentindo o cheiro de sua colônia. Intoxicante.

– Comentei com a Nancy Nickerson que você gostaria de fazer trabalho voluntário quando voltarmos para a cidade. Ela está presidindo o comitê pela nova ala pediátrica do hospital. Inscrevi você.

– Bem, ok. Mas não sei quanto tempo terei. Acabaram de receber dois cães terapeutas no hospital e precisam de ajuda para...

– Chloe. Querida. Já falamos sobre isso. A terapia canina foi incrível, mas isso fazia parte da sua plataforma de miss. Só que você não participa mais de concursos de beleza, e nós concordamos que precisa esquecer isso e assumir novos projetos, não concordamos?

– Mas, Charles, venho trabalhando com essa organização desde o ensino médio. Nunca foi só porque eu era candidata a miss. Eles sempre precisam de ajuda, e eu acho que...

– Não.

– Hum. O quê? – Franzindo o nariz, fitei meu noivo.

Charles Preston Sappington era alto. Moreno. Lindo. Perfeito. Minha mãe, que tinha um faro para a perfeição, foi quem nos apresentou. Charles era advogado. Sua vida era argumentar, motivo pelo qual eu nem me dava o trabalho de discutir com ele. Difícil fazer frente ao advogado mais implacável do sul da Califórnia. Eu sabia que ele o era porque estava escrito em uma placa exibida sobre sua mesa. Então, eu raramente tentava. Entretanto...

– Você me disse *não* ?

– Sim.

– Pode me explicar o motivo? – Me afastei um pouco do seu peito quando Charles tentou me abraçar com mais força.

– Não agora.

– Mas...

– Querida, está tarde. Teremos bastante tempo para falar sobre coisas desse tipo depois. Por enquanto, se concentre em ter uma bela noite de sono para acordar linda para mim amanhã. – Sua voz *aparentava* brandura. – Você sabe que eu estou louco para que amanhã chegue logo, não sabe? E depois? A lua de mel, princesa. A melhor parte.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas e me puxaram para mais perto. Soltei um suspiro, engoli o que ia dizer e me concentrei nos braços que me prendiam. Que me envolviam, quero dizer.

– Duas semanas no Taiti. Bangalô privativo. Biquíni. Ou nem isso – ele sussurrou, deslizando as mãos para baixo e agarrando a minha bunda.

– Charles! Alguém pode ver! – protestei, olhando ao redor.

Ele riu; pensava que esse tipo de protesto havia acabado. Afinal de contas, iríamos nos casar no dia seguinte. Suspiro.

– Querida, vá dormir. Amanhã, vou estar à sua espera no final do corredor da igreja. Você vai estar deslumbrante. Nós vamos dizer algumas palavras, trocar uns anéis, e então você será toda minha. O que acha? – ele murmurou suavemente enquanto me rodopiava, antes de me colocar no chão e abrir a porta da limusine.

– Aham – respondi, um pouco tonta depois do rodopio.

– Aí estão vocês! Charles, vá para casa. Amanhã ela será toda sua, mas por hoje ainda é minha! – exclamou minha mãe, surgindo ao meu lado, um grande sorriso no rosto.

– Sim, mãe Patterson – falou Charles, que sabia o quanto ela detestava ser chamada assim.

Não contive uma risada, e minha mãe me olhou feio.

– Se despeça do seu noivo – ela disse em um tom reprovador, se abstendo de fazer qualquer comentário sobre o “mãe Patterson”, como sempre.

– Boa noite, Charles – falei, inclinando a cabeça para um beijo na testa.

– Boa noite, senhoritas. Até amanhã – disse Charles, nos acomodando no ruge-ruge de seda e cetim.

Sentada ao lado da minha mãe, ouvi-a tagarelar enquanto o carro dava a partida e tomava o caminho da nossa casa. Onde eu morava desde a faculdade.

Casa dos pais. República. Casa dos pais. Casa do marido? Suspiro.

* * *

Uma hora mais tarde, eu estava no quarto em que dormia desde os sete anos. Cama com dossel. Pompons. Tiaras. Faixas. Troféus. Concursos de beleza, lembra? Tchauzinho de miss.

Aninhada sobre os cobertores, sentia o corpo quente, o coração batendo mais rápido do que o normal. Nervosismo por conta do dia seguinte, certamente. O casamento com Charles. Me tornar uma Sappington e tudo o que isso implicava.

Olhei para a fotografia na mesa de cabeceira. Nós dois, no dia em que ele me pediu em casamento. Na foto, o anel de noivado brilhava tanto quanto agora, no meu dedo. Era o maior diamante que eu já tinha visto, chegava a ser quase constrangedor. Tirei-o e o pousei ao lado do porta-retratos.

Eu conhecera Charles onze meses antes. Ficamos noivos cinco meses depois do dia em que nos conhecemos. Um furacão, para dizer o mínimo – e Charles era o furacão mais perfeitamente bem-acabado que já se viu. Nunca havia um fio de cabelo fora do lugar, nunca havia uma mancha de comida na gravata, ou um pedaço de espinafre nos dentes. O espinafre jamais se atreveria.

Mas qualquer pedaço de espinafre adoraria ter a chance de se alojar ali. Charles Preston Sappington era o cara: sofisticado, bem relacionado, o solteiro que todas as mulheres de San Diego a Santa Barbara tentavam fisgar havia anos. Qualquer pedaço de espinafre se consideraria extremamente

sortudo de ficar preso entre aqueles dentes de pedigree; era o que qualquer mãe espinafre sonharia para a filha. Alto. Bonito. Rico. Boa família. Se você se comportasse direitinho, poderia ganhar o bilhete premiado.

Eu era Miss Golden State. Ele era a minha coroa final após uma vida de beleza e demonstração de talentos. Eu poderia me entregar suavemente àquela noite lindamente executada, com o meu véu firme no lugar. E um grito silencioso no fundo da minha garganta.

Com esse pensamento reconfortante – por reconfortante, entenda-se absolutamente aterrorizante –, apaguei a luz.

Rolei para a direita. Rolei para a esquerda. Direita. Esquerda. Direita. Esquerda. Lágrimas.

* * *

Olhando para trás, eu queria poder dizer o que especificamente provocou uma reviravolta e me fez abandonar o casamento. Tudo o que sei é que, desde o momento em que, naquela manhã, coloquei os pés no chão, tive a sensação de que algo estava fora dos trilhos. E não me refiro apenas ao meu estômago, que não tinha parado de se remexer e de resmungar desde as três da madrugada. Suflé de alcachofra demais? Nunca saberemos.

Comi aveia em praticamente cada manhã da minha vida. Aveia em flocos, um nada de adoçante, frutas frescas (mirtilo era quase sempre a escolha da minha mãe – antioxidantes são nossos amigos!) e um pouquinho de leite desnatado. Mas hoje, quando entrei na cozinha, deparei com algo que *nunca* tinha visto.

Donuts.

Reais. Suculentos. Açucarados. Gordos. Maravilhosos. Donuts.

Tipo, com açúcar e gordura.

Olhei ao redor para ter certeza de que, sim, eu estava na minha própria casa. Minha tigela com aveia estava na mesa, o jogo americano e os talheres cuidadosamente postos, como de costume. A panela elétrica estava ligada, com a porção recomendada, quentinha, pronta para comer. O pequeno frasco de leite desnatado estava ao lado da tigela, com rigorosamente meia xícara daquela água suja.

Mas... eu já mencionei que havia donuts?

Pensando em retrospectiva, eu estava errada quando disse que não sabia o que provocou uma reviravolta naquela manhã. Foi com os donuts que eu saí dos trilhos.

Olhando ao redor mais uma vez, agora para ter certeza de não havia ninguém espiando aquele pecado culinário mortal, caminhei em direção à bandeja. Admirei os donuts, empilhei-os e arrumei-os com esmero de modo a criar uma apresentação lindamente deliciosa. Entre aquelas maravilhas da confeitaria, aquelas gostosuras fofinhas, aquelas gordurosas e açucaradas destruidoras de dieta, escolhi um donut do fundo, coberto de chocolate brilhante e de um ímpeto furioso contra todas as dietas que eu já havia feito.

Eu era uma garota magra; a genética associada a um estilo de vida sul-californiano me fizeram magra. Um dos motivos pelos quais ganhei o concurso de Miss Golden State foi justamente o fato de eu ser a imagem da típica garota californiana “que todas querem ser”. Cabelo comprido e loiro. Bronzeada. Alta. Com menos curvas e mais colinas e vales. Forte graças à corrida, ao tênis, à ioga, ao pilates, ao que você imaginar. Aprendi, desde nova, que ser magra era melhor, e a prova disso é que nunca, jamais, um donut havia entrado na nossa casa. Claro, eu já tinha comido um ou outro nas festas de pijama na casa de amigas. E, quando fiz dezesseis anos e compreendi que a carteira de motorista e o dinheiro que eu ganhava trabalhando como baby-sitter me davam a liberdade de comer o que e quanto eu quisesse – o que, para ser franca, me rendeu quase cinco quilos a mais e um duro sermão da minha mãe sobre saúde e bem-estar, além da proibição de

trabalhar como baby-sitter –, eu me delicieei com alguns quando a minha boca não estava sendo supervisionada. Entretanto, repito: nunca em toda a minha vida eu tinha visto um donut na minha casa. E então na minha mão. E então dentro da minha boca. E então... um segundo donut, talvez?

Lá pelo terceiro donut, minha mãe entrou na cozinha com meu assessor de casamento, Terrance. Pelo berro que saiu da boca dela, qualquer um pensaria que me viu com um facão ensanguentado na mão, e não com uma inocente rosquinha de canela. Então ela falou calmamente:

– Esses donuts são para o pessoal de apoio, Chloe.

Sinceramente, eu preferia o berro. No caso dela, calma não era bom sinal. Ela não percebeu o desconforto de Terrance quando dissera “pessoal de apoio”, mas, àquela altura, eu já não me importava. Era cada um por si. Ou por ela.

A Chloe de sempre, castigada, teria feito que sim, colocado o donut de volta no lugar com um gesto arrependido e saído do aposento em silêncio, ciente de que essa indiscrição seria mentalmente catalogada e retomada no futuro, de preferência quando eu menos esperasse. Eu era uma mulher de vinte e quatro anos que ainda levava bronca da mãe sempre que ela considerava necessário. Ao longo dos anos, eu havia tolerado as reprimendas com uma espécie de perplexidade, mas ultimamente o controle que ela exercia sobre a minha vida – controle que, admito, eu havia concedido – tinha chegado ao limite.

Eu sabia que uma crítica ainda mais dura viria horas depois, quando eu precisasse prender a respiração para conseguir entrar no vestido de noiva. E, por um motivo desconhecido, decidi colocar um basta na situação – usando meu delicioso, enorme donut.

Enchi a boca com metade daquele pedaço de paraíso, mastiguei, respirei pelo nariz e então abocanhei a outra metade e abri um sorriso, as calorias e os reprimidos vinte e quatro anos de “vai tomate cru, mãe!” turbilhonando na minha corrente sanguínea. Foi uma sensação inebriante. Engoli e lambi a

ponta dos dedos com calma, sem tirar os olhos da minha mãe.

Como era de se esperar, ela permaneceu inabalável.

– Terrance, você faria a gentileza de começar a preparar a sala de estar? Imagino que o cabeleireiro chegará a qualquer momento e quero garantir que tudo esteja no devido lugar – ela disse, assentindo regamente com a cabeça.

Terrance me lançou um sorriso amarelo, pegou uma rosquinha de canela e foi para onde havia sido mandado.

Fiquei sozinha com minha mãe.

– Chloe, estou certa de que você não teve a intenção de ser tão grosseira quanto foi. O que o seu assessor vai pensar? Uma noiva linda se entupindo de comida a poucas horas de entrar no vestido para o qual passamos meses preparando o seu corpo. Desse jeito, teremos sorte se os botões não estourarem.

Deixei escapar um discreto mas desafiador arroteio.

Minha mãe suspirou e olhou para o balcão. E nesse instante eu me dei conta de que aquela era a sua expressão infalível quando se tratava de mim. Ela estava sempre suspirando, quando não me pressionando. Estava sempre suspirando, quando não me silenciando. Estava sempre suspirando, quando não descrevendo em detalhes o que eu tinha feito de errado.

Eu amo a minha mãe, mas não posso negar que às vezes era muito difícil gostar dela.

– Chloe? – Ouvi, o que me fez notar que o suspiro terminara.

– Sim?

– É assim que uma mocinha responde a uma pergunta de sua mãe?

Me empertiguei automaticamente, barriga para dentro, peito para fora, cabeça ereta como se houvesse um fio no teto puxando minha coluna. Afinal de contas, a boa postura é o cartão de visita das boas maneiras.

– Mãe, me desculpe por ter sido grosseira. Tenho certeza de que vou entrar no meu lindo vestido.

Ela me examinou com cautela, o belo rosto meticulosamente contido, o

cabelo meticulosamente contido, e finalmente assentiu uma única vez com a cabeça.

– Agora, vá pedir desculpas ao Terrance, querida, e, por favor, não coma mais nada até que o seu marido lhe ofereça um pedaço do bolo de casamento. Será um dia lindo... Estou tão feliz por você! – Ao se virar para se dirigir ao quintal, onde o jardineiro certamente estava arruinando suas estimadas begônias, ela falou por cima do ombro: – Vou deixar um diurético em seu criado-mudo, querida. Vamos ver o que conseguimos fazer com esse inchaço nos seus tornozelos.

Tive de reunir toda a minha força para não chutar alguma coisa com os meus tornozelos inchados. Isso se eu conseguisse erguer as minhas patas de elefante do chão. Relaxei a postura, lambi alguns grãos de açúcar incriminatórios no canto da boca e fui até Terrance e o restante do “pessoal de apoio”.

* * *

– Sabe, eu já vi de *tudo* – comentou Terrance. – Mãe da noiva quase saindo na mão com mãe do noivo. Noivo bêbado caindo de cara no bolo de casamento. Uma vez, cheguei a ver o pai da noiva tentando agarrar um dos padrinhos!

O esquadrão do glamour estava a todo vapor. Tinha uma pessoa cacheando meu cabelo, outra fazendo minha mão, outra me maquiando, outra fazendo meu pé. Enquanto isso, no cenário de fundo, uma música animada tocava e alegres madrinhas dançavam enquanto bebericavam mimosas. A casa era a própria Central do Casamento Feliz, e risadinhas femininas irrompiam pelos quatro cantos. Ainda assim, eu, sobre quem a frivolidade pairava, estava a ponto de explodir em lágrimas. O que parecia passar despercebido por todos.

As madrinhas eram amigas minhas de anos – amigas com as quais eu, em determinado momento, tinha tido muita coisa em comum, mas das quais vinha me sentindo cada vez mais distante nos últimos meses, conforme o precipício matrimonial se aproximava. Ao olhar para aqueles rostos perfeitos, me dei conta de que não me importava com nenhuma delas. Ninguém havia percebido o meu humor soturno, exceto o meu assessor.

– E também já vi muitas noivas nervosas e suando frio – acrescentou Terrance, agachando-se na minha frente, entre duas manicures e um maquiador. – E aí, quer me falar o que está acontecendo?

Terrance tinha um metro e noventa e oito de altura e estava fabulosamente enfiado em um par de sapatos número trinta e quatro. Os quais, eu tinha certeza, eram aferrados em seus pés. De pele cor de caramelo, minúsculos dreadlocks e gigantesca personalidade, ele tinha planejado o casamento de cada socialite e debutante do sul da Califórnia nos últimos dez anos. Foi a única pessoa que deu ouvidos ao que eu queria para o casamento e, embora eu tivesse cedido aos desejos da minha mãe, sempre brigou por mim. E parecia enxergar coisas que os demais não enxergavam – ou fingiam não enxergar. E ele percebeu que as lágrimas que começavam a se formar nos meus olhos não se deviam aos cílios postiços recém-aplicados, como eu tentara fazer parecer.

Desde que tinha saído da cama naquela manhã, eu estava sentindo uma bola no meu estômago. E não era nervosismo. Eu participava de concursos de miss desde os quatro anos de idade e sabia lidar com frio na barriga. A cada hora que passava, aquela bola aumentava e já estava afetando o resto do meu corpo. Havia um zumbido nos meus ouvidos. Os dedos das minhas mãos e dos meus pés estavam dormentes. A língua, inchada. E os meus olhos não paravam de se encher de lágrimas. O coração estava acelerado, as mãos estavam pegajosas, e palavras pinicavam a minha garganta e literalmente começavam a vazar.

Palavras assustadoras. Coisas como “não”. E “pare”. E “falando sério, pare

agora”.

Mas era apenas o nervosismo por conta do casamento, certo? Aquele suor frio que me assombrava havia um mês mais ou menos. Já não eram mais assombrações. Era um grande bloco de gelo. Mas normal, certo? Não era uma reação de autodefesa do meu corpo inteiro na tentativa de externar um verdadeiro sentimento de dúvida... certo?

– Acho que só preciso ficar sozinha um pouco – falei com dificuldade, conseguindo conter as outras palavras que faziam força para sair, lutando desesperadamente para respirar.

Sufoca. Respira. Sufoca. Respira. *Por favor*, respire... E... Desmorona.

Terrance olhou mais uma vez para mim e pediu ao esquadrão do glamour que desse o fora. Madrinhas zarparam num borrão de sucos de laranja e champanhe, os bobs foram rapidamente presos no topo da minha cabeça, e então eu finalmente me vi sozinha.

Afundi a cabeça nas mãos e me rendi às lágrimas. Como acontece com todo mundo no dia do casamento, certo? Oh, não. Errado, muito errado. Aquilo me parecia errado, tudo aquilo parecia muito, extremamente errado. Eu não estava simplesmente nervosa; eu estava em estado de pânico. Um pânico que precisava de espaço para se mover e dar voz ao que me revolia por dentro.

Minha mãe entrou na sala e perguntou:

– Posso saber por que há cinco madrinhas, duas manicures e um maquiador bebendo mimosas lá fora?

E, como estava, sentada naquele lugar, cercada por uma anágua bonita e refinada, finalmente vomitei as palavras que fermentavam dentro de mim desde manhã:

– Eu não quero me casar com Charles.

Oh. *Ooooooh*.

Você já passou por uma situação em que as palavras parecem pairar no ar? Eu conseguia literalmente ouvi-las ecoando no tenso silêncio. Ergui a cabeça,

e um par de saltos altos se revelou, um dos quais batia furiosamente no assoalho de madeira escura. Distingui pernas bronzeadas e torneadas, cujos joelhos estavam começando, se tanto, a se enrugar, uma saia de linho off-white, uma blusa de seda cor de pêssego, um rubi, uma esmeralda, um diamante, batom Chanel (Rouge Coco Shine, obrigada-de-nada) e arregalados olhos verdes realçados por mais do que uma pequena dose de irritação.

– Perdão, mocinha? – ela disse. Pela primeira vez, a preocupação cruzou a sua expressão.

Preocupação com o que eu estava sentindo? Ou preocupação com a hipótese de eu estragar o seu dia perfeito? Eu sabia em qual opção apostaria todas as minhas fichas.

– Eu não quero me casar com Charles Preston Sappington. – Uau, que sensação boa.

Suspiro.

– Chloe, pode me dizer o que está acontecendo?

Então, repeti, com vontade:

– Eu não quero me casar com Charles Preston Sappington! Nem hoje. Nem nunca. – Ao dizer essas palavras em voz alta, a reação no meu corpo foi imediata. A minha espinha se empertigou como se um peso tivesse sido removido, e a minha cabeça pareceu flutuar, presa a um barbante, uns cinquenta centímetros acima do meu corpo.

Se eu estivesse em uma fábrica, teria escrito isso num pedaço de papelão e subido em uma mesa para exibi-lo aos quatro ventos no melhor estilo Norma Rae.

– Ok. Não sei o que deu em você hoje, mas estou começando a ficar irritada.

Irritada? Aqui vai mais um pouco de vômito verbal para ajudar com a sua irritação:

– Eu *não* quero me casar com Charles Preston Sappington. Nem hoje. Nem

nunca.

Uau, eu estava começando a me sentir *bem* . A minha cabeça estava flutuando lá em cima, leve como pena. E, o que era isso, eu estava sorrindo? Um sorriso pequeno, mas um sorriso. Eu estava sorrindo.

O mesmo não podia ser dito da minha mãe.

– Explique-se – ela ordenou. E, quando a minha boca se abriu, ela acrescentou: – Se repetir isso mais uma vez, eu vou...

Soltei uma gargalhada. Em um ritmo latino, repeti:

– *Eu não quero me ca sar. Charles Preston Sappington. Nem hoje . Nem nunca .* – Concluí batendo meu quadril no da minha mãe, o que desmontou meus cachos.

– Não quero mais ouvir essa baboseira! – vociferou minha mãe. – Trate de se recompor. A casa está cheia de gente, e eu não vou permitir que eles presenciem um colapso nervoso.

– Colapso nervoso? – Gargalhei de novo. – Acho melhor eu tomar um pouco de ar. É... Um pouco de ar vai me fazer bem. – Soltei risadinhas, com um sorriso de orelha a orelha agora. – Tchau, mãe. – Me virei na direção da cozinha e peguei minha bolsa e a chave do conversível. Conversíveis só servem para uma coisa, justamente o que eu desesperadamente precisava naquele momento: sentir o ar na cara. Vamos nessa.

– Você não vai fazer isso, Chloe. Chloe, me ouça! – gritou minha mãe enquanto eu me apressava em direção à porta da frente, guinchando de tanto rir.

Caramba, colapsos são rápidos. Escorreguei para dentro da BMW, dei a partida e atravessei a entrada de carros antes que minha mãe chegasse à porta da casa.

– Vou ligar para o Charles! – ela berrou enquanto eu acenava loucamente para o esquadrão do glamour, que espreitava do portão do quintal dos fundos.

– Eu não vou me casar com Charles Preston Sappington. Nem hoje. Nem nunca! – exclamei mais uma vez, agora ao ritmo de “Ode to Joy”.

Saí do meu bairro, fiz algumas curvas loucas e peguei a estrada, capota abaixada, música a todo volume. Ainda de camisola e bobes.

Ponto para a filha da fruta da Chloe!

* * *

Minha mãe me ligou. Dezessete vezes seguidas. Depois, Charles ligou. Catorze vezes seguidas. Depois, meu pai. Uma vez. Deixei todas as ligações caírem na caixa-postal. Minha caixa de mensagens se entupia a cada minuto. Não a conferi nem uma vez sequer. Depois de dirigir por um tempo, acabei na praia. Sentei na areia, tirei os bobes do cabelo e deixei o sol me banhar através da fina camisola de algodão. Passei as mãos pelo cabelo cacheado, sem me importar com o fato de que meus dedos estavam cheios de areia.

Observei uma família de quatro pessoas caminhando em direção à água. Mãe, pai, filho e filha. Eles espalhavam água para todos os lados e brincavam, a mãe linda de biquíni, o pai muito bem também. Enquanto as crianças brincavam de fazer um castelo de areia, os pais se beijaram. Uma mão do pai desceu e apertou a bunda da mãe, que riu e fingiu afastar a mão-boba. As crianças viram os dois se beijando e fizeram cara de nojo, mas não pararam de rir. Então, a mãe e o pai pegaram os filhos e os quatro foram para a água mais uma vez.

Casal bonito. Filhos lindos. Família feliz. Beleza não *precisava* significar fingimento. Mas, no meu caso, significava. Minha família sempre tinha sido linda, e perturbada. Eu sabia muito bem que algo podia ser belo por fora e desagradável por dentro. Depois do divórcio dos meus pais, a energia que a minha mãe costumava gastar nos bate-bocas com o meu pai foi canalizada para mim, para que eu sempre estivesse na ponta dos cascos. Talvez ela não fosse como aquelas mães obcecadas que transformam a filha em boneca de

auditório. Mas era controladora. Determinada. Ela nunca se casou de novo, nunca sequer namorou, e se tornou amarga; não foi da noite para o dia, mas aconteceu.

E uma vida com Charles seria “Um dia na vida dos Batedores de Boca”. Ah, não de imediato. Primeiro viria a beleza, o glamour. Eu era capaz de ver essa vida passando na frente dos meus olhos como se já tivesse acontecido. O casamento com Charles me daria tudo o que me ensinaram a desejar. Um marido lindo. Uma casa linda. Um carro novo a cada dois anos. Título do clube de campo certo. Presença em todos os comitês sociais esperados. Três filhos com exatos dois anos de diferença entre cada um. Depois a obrigatória recauchutagem com lipoaspiração na barriga e silicone nos seios, para manter tudo exatamente onde “deveria” estar. Férias de verão, Natal, férias de primavera... O que mais se poderia desejar?

Mas eu queria *menos* . Eu queria tão, tão menos. E, embora sempre tivesse havido pequenas bolhas de “É isso mesmo o que você quer?” pairando sobre mim, eu estava em negação até mais ou menos quarenta e cinco minutos atrás. Beleza levava a bate-boca, bate-boca levava a divórcio, e divórcio levava a amargura. Eu não queria beleza para então me separar. Eu não queria amargura. Queria para sempre. Queria um amor avassalador, intenso, enlouquecedor, ardente. E, se a gente tivesse de brigar, a gente brigaria, mas sem bater boca. Bater boca era a pior coisa do mundo.

Meu celular tocou de novo. Charles. Levantei, limpei a areia do corpo, caminhei até a beira do mar e arremessei o telefone no Pacífico.

Em seguida, voltei para o carro e dirigi até a casa do meu pai.

* * *

Quando meus pais se divorciaram, eu tinha acabado de entrar na

universidade. Assim, já era adulta o suficiente para não ter de escolher um lado. Mas, nos detalhes, que, com o tempo, deixaram de ser tão detalhes, escolhi extraoficialmente o lado do meu pai. Tranquilo, flexível, rápido para distribuir abraços e mais ainda para cair na gargalhada. Quando estava com ele, eu era uma filha diferente. “Sente direito”, “Endireite essa postura”, “Não acha que uma salada de frutas seria melhor?”: eram as coisas que minha mãe murmurava automaticamente. Já do meu pai eu ouvia coisas como: “Você estava linda na apresentação”, “Da próxima vez, não vai ter pra ninguém, gatona”, “Deixe para comer ameixas quando você estiver velha; vamos, pegue o Big Mac”.

Meu pai me amava, simples assim. Então, em meio a um colapso nervoso e precisando de um refúgio seguro, para onde mais eu iria?

Como ele não estava em casa quando eu cheguei, parei o carro na parte de trás e me aninhei na rede da varanda dos fundos, tentando manter os pensamentos afastados de qualquer coisa que fosse importante. Ouvi o seu carro na entrada de veículos, e ele estacionou assim que avistou o meu.

Com uma expressão preocupada, caminhou até a varanda. E, depois de notar a camisola e os grãos de areia nos meus pés descalços, imediatamente compreendeu mais do que eu mesma havia compreendido até aquele ponto.

– Oh, Chloe – meu pai disse calmamente.

– É... – falei, pegando impulso para fazer a rede voltar a balançar.

Por um momento, ele apenas me observou.

– Certo – afirmou por fim, pegando seu celular.

Eu o escutei dizer à minha mãe que, sim, tinha me encontrado e que, sim, eu estava bem e que, não, eu não iria me casar naquele dia. E que ele me levaria para casa quando eu estivesse bem para isso. E que, não, ela não podia vir agora. Quando a ouvi berrar que mandaria Charles me buscar, meu pai disse exatamente o que pensava da ideia. É possível que tenha envolvido as palavras “chutar” e “saco”. Em seguida, ele desapareceu dentro da casa, voltou com duas cervejas e nós ficamos sentados um ao lado do outro em

silêncio.

E não era cerveja light. Eu parecia determinada a ingerir todas as calorias da Califórnia em menos de vinte e quatro horas.

E a ideia me soava boa pra baralho.

CAPÍTULO DOIS

Como regra geral, minha família sempre foi de evitar conflito. Não estou falando de briguinhas pelo controle remoto todas as noites, no tempo em que nossa unidade familiar ainda se mantinha intacta, mas das coisas grandes. Dos problemas gigantescos, das faltas graves e retumbantes que seres humanos cometem, das questões reais por trás da disputa pelo controle remoto. Dessas conversas, a gente fugia como o diabo foge da cruz. Se ignorássemos tais assuntos, ou se falássemos contidamente sobre o “incidente em questão”, e pelo menor tempo possível, talvez evitássemos algo desagradável.

Assim, quando avistei o carro da minha mãe na entrada da garagem, já sabia que ela estava preparada para uma guerra muito civilizada.

Desde que eu arremessara meu celular no mar, estava incomunicável. Por isso, os telefones do meu pai pareciam uma central de telemarketing. Quando ele por fim decidira tirar o telefone fixo da tomada e desligar o celular, passara a ser uma questão apenas de tempo. Minha mãe estacionou no momento em que eu acabei de beber minha segunda cerveja.

– Tem ideia do que você fez? – ela questionou em um grito sussurrado, sempre preocupada com os vizinhos.

– Estou começando a compreender o que eu fiz, mãe. E você? – Estendi um braço para o cooler ao meu pé. – Quer cerveja? – ofereci, segurando uma garrafa gotejante.

Meu pai tossiu. Minha mãe? A ponto de explodir comedidamente.

Ela olhou ao redor do quintal para se certificar de que nossa unidade familiar desajustada estava de fato sozinha e então se agachou nos degraus do quintal. Posicionando-se de uma forma elegantemente informal, sentou-se com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos e as mãos apoiadas no colo. Como se posasse para uma fotografia. Olhei de canto de olho para meu pai, que se esforçava para conter o riso.

– Certo, vamos conversar sobre isso, já que qualquer racionalidade parece tê-la abandonado – ela começou, fazendo questão de olhar na direção do meu pai na parte da falta de racionalidade.

– A minha racionalidade continua perfeita – expliquei. Talvez a camisola tirasse um pouco da credibilidade. – Mas eu concordo que precisamos conversar sobre o que está acontecendo. – A expressão dela adquiriu um ar de triunfo. – Mas eu não vou me casar com Charles Preston Sappington. Nem hoje. Nem...

– Oh, pare de repetir isso! – ela exclamou, finalmente demonstrando alguma emoção. – Pode me dizer por que está se sentindo tão dramática em relação a isso?

Removi a tampa da minha terceira cerveja e tomei uma golada.

– Eu não faço a menor ideia de por que desisti do casamento. Talvez eu tenha essa resposta amanhã. Hoje, não tenho nada para dizer. A não ser o que venho repetindo o dia inteiro. Você quer mesmo que eu repita mais uma vez?

– Bem, *eu* gostaria de ouvir.

Charles estava lá. Na entrada de carros. Calmo, sereno, composto, belo.

A garrafa que eu atirei ao chão se fez em pedaços, e eu me levantei

rapidamente e me dirigi para dentro de casa.

– Chloe. Meu amor, vamos conversar, sim? – ouvi atrás de mim enquanto eu brigava com a porta de correr.

Minhas mãos estavam escorregadias por conta da cerveja gelada, e eu não conseguia segurar a maçaneta. Enquanto lutava com a porta, escutei minha mãe cochichando com Charles, encorajando-o. Vai tomate cru, porta!

– Marjorie, eu falei para não trazê-lo. É evidente que a Chloe precisa de um pouco de espaço hoje. Você não acha que...

– Fique fora disso, Thomas. Não é muita coincidência que ela tenha vindo para cá, entre tantos lugares? Ela sabia que você a acobertaria. Ela sabia que você...

– *Acobertar?* Ela sabia que eu a escutaria. Já que tudo o que você sabe fazer é...

– Ah, me poupe! Como se você soubesse o que fazer para trazê-la de volta aos trilhos depois de tudo isso. Chloe não sabe o que está fazendo, e a sua ajuda não vai...

A voz de Charles interrompeu a discussão:

– Chloe, meu amor, escute. Vamos conversar sobre isso, sim? Ainda podemos nos casar hoje... Você sabe que é o que quer, não sabe? Você sabe que é a coisa certa...

Toda essa conversa acontecia enquanto eu arranhava o vidro da porta tal qual um gato tentando sair pela janela.

– Vai tomar no cu, porta maldita! Abre logo!

Silêncio. Silêncio absoluto. Até os pássaros pararam de piar. A minha mãe e o meu pai se paralisaram em posturas tão familiares quanto antagônicas, ao passo que Charles, ainda na entrada de carros, tinha as mãos erguidas como Jesus na Última Ceia.

A trava finalmente se moveu, e a porta se abriu.

– Vou entrar. E ninguém vai me seguir. Vamos conversar sobre isso amanhã. – Comecei a entrar, e o meu olhar cruzou com o de Charles. E eu

notei a sua expressão. Frustração, sim. Irritação, sim. Angústia profunda, pungente pelo fato de o amor da sua vida ter acabado de dizer que não se casaria com ele? Nem o menor sinal. Ainda assim...

– Sinto muito mesmo – falei para ele, e somente para ele. E entrei.

E vomitei donuts e cerveja.

* * *

Pensei que eu não conseguiria dormir naquela noite, mas dormi como um bebê. Quando acordei e encontrei um bilhete do meu pai sobre o criado-mudo dizendo que tinha saído para comprar bagels, sorri, virei para o outro lado e voltei a dormir. E quando, meia hora depois, ouvi meu pai assoviando enquanto preparava o café, me levantei e desci as escadas com um sorriso estampado no rosto.

Sorriso que se desfez assim que vi um iPhone novinho em cima da mesa.

– O que é isso? – perguntei, me jogando na cadeira.

– O que parece? – ele indagou por trás do jornal.

– Pai. Sério, né?

– Passei na loja agora de manhã e comprei um celular novo para você. É disso que está falando? – O jornal farfalhou.

Fitei o telefone, tentando me situar.

– Mas eu joguei o meu no...

– Mar, eu sei. Tente não fazer isso de novo, tudo bem, querida? Tem ideia de quanto custa um aparelho desses?

Afastei o iPhone e o jogo americano, mas então os puxei de volta para alcançar o suco de laranja. O jornal farfalhou de novo.

– Eu não queria falar com ninguém... – murmurei, e meu pai finalmente surgiu de trás do jornal.

– Eu entendo, mas você tomou uma decisão ontem que afeta muitas pessoas. E precisa explicá-la, especificamente para algumas dessas pessoas.

– Mas eu achei que você tinha entendido... – falei, e meus olhos se encheram de lágrimas pela primeira vez desde minha fuga.

– Eu entendi que você não queria se casar. E eu jamais a obrigaria. Mas eu não entendi o motivo, e sua mãe também não. – Ele pousou o jornal sobre a mesa e me encarou por cima dos óculos. – Nem o Charles.

Fiz uma careta.

– Você não precisa se casar com ele, mas precisa explicar o seu comportamento de ontem. Você deve isso aos dois.

Com outro farfalhar, a voz da razão desapareceu detrás do caderno de finanças. Ligar para o Charles. Hmm. Eu era capaz de fazer isso. Eu *era capaz*. Peguei o celular, então o larguei. Saco. O que eu iria dizer? O que eu poderia dizer? Como poderia explicar para ele o motivo se eu mesma não sabia com certeza? Peguei o telefone mais uma vez. E o larguei de novo.

Na terceira vez que iria pegá-lo, a voz por trás do jornal disse:

– Pelo amor de Deus, Chloe, você pode tomar café antes de se explicar. Coma um bagel e se acalme.

Punição adiada. Respirei aliviada e me dirigi ao forno elétrico. Eu tinha consciência de que não poderia evitar aqueles dois por muito mais tempo. Mas você sabia que retirar cada semente de gergelim e cada pedacinho de alho frito de um bagel de sementes com alho frito pode levar mais de uma hora? Ainda mais se contar as sementes de papoula também...

* * *

Por volta do meio-dia, eu já havia escutado todas as mensagens deixadas na caixa postal no dia anterior. A começar por “Chloe, dê meia-volta e venha já

para cá, mocinha”, passando por “Escute aqui, e é bom que escute com atenção: eu não passei os últimos dois meses me matando para planejar o casamento perfeito para ter tudo arruinado por um capricho seu!”, e por “Onde diabos você está? Eu não acredito que esteja fazendo isso comigo, Chloe! Pense no que todos vão dizer quando descobrirem! Ainda podemos chegar à igreja a tempo. Me diga onde você está, e eu vou buscá-la. Ainda dá tempo de fazer o casamento acontecer, e ninguém nunca vai saber o que se passou”, até “Liguei para o Charles. Talvez ele consiga colocar algum juízo nessa sua cabeça”.

Difícilmente.

Para procrastinar mais um pouco, fui ao escritório do meu pai e liguei o computador. Daria uma olhada nos e-mails, limparia a caixa de entrada antes de fazer as ligações. Uma semente de papoula, duas sementes de papoula...

Havia e-mails de duas madrinhas se indagando onde eu estava com a cabeça. Tenho certeza de que na verdade elas estavam se indagando quem em sua consciência recusaria o bilhete premiado. Eu me indagava se elas continuariam interessadas nesse bilhete premiado se soubessem o quão pequeno era seu... Não faça isso.

Não. Na verdade, faça isso, sim.

Momento confissão. O único cara com quem eu havia chegado aos finais era Charles. Sendo assim, eu não tinha, tecnicamente, referências para comparar tamanho e espessura. Mas, embora fosse tecnicamente virgem até transar com ele, isso não significava que eu nunca tivesse tomado parte nas partes de um homem. Eu já havia dado amassos (leia-se mãos-bobas no escuro do banco traseiro) com caras com quem ficara na faculdade (leia-se dois caras, logo, dois pênis vistos). Eu tinha computador. Eu tinha internet. Eu conversava com amigas. E me parecia que, no quesito pênis, Charles estava... abaixo da média. Entretanto, eu estava apaixonada (leia-se quase certa de que estava apaixonada), pronta para me entregar por completo (leia-se muuuuuito pronta) e, BAM, nós fizemos sexo algumas semanas depois de

começarmos a namorar. Então, BAM, eu vi seu pênis. Em, bam, toda a sua magnitude. E por “toda a sua magnitude” eu quero dizer... Não era para doer na primeira vez?

Verdade seja dita, nossa vida sexual era satisfatória. Eu tinha orgasmos. Ele com certeza tinha orgasmos. Orgasmos que eram estalinhos. Cara, eu sou má. Eu ia me casar com o cara e agora estou depreciando sua masculinidade?

Eu achava que, ok, as coisas eram assim mesmo. Quando eu estava por cima, até conseguia tirar algo de bom. Mas não havia grito, não havia desespero, não havia “Minha Mãe do Céu!”. Mas tudo bem, certo?

Só que as últimas vinte e quatro horas tiraram a venda dos meus olhos. E agora eu enxergava que não havia nada em nossa relação que fosse “Minha Mãe do Céu!”. Era tranquila e linda e coberta de gostosuras por fora, mas por dentro era desnatada e repleta de ar e de vazio. E, se era para ter uma vida oca, eu gostaria ao menos de um pau grande e grosso para cavalgar.

Chloe! , repreendeu o meu obscenômetro, que soou assustadoramente igual à minha mãe.

Enrubesci com aqueles pensamentos libidinosos e finalmente peguei o celular para ligar para Charles. Naquele momento, um e-mail de Lou Fiorello chamou minha atenção. A mensagem estava mofando na caixa de entrada havia dias, mas eu não a vira, louca que estava com as coisas do casamento.

O título de Miss Golden State – atrás apenas do Miss Califórnia, que eu almejava durante toda a minha carreira nos concursos – dependia em parte de estar profundamente engajada em trabalho beneficente. Como sempre adorei animais, a minha plataforma beneficente era uma organização que trabalhava com cachorros terapeutas, a Terapatas. Levar esses cachorros a casas de repouso, trabalhar com crianças com necessidades especiais e cuidar de pacientes que sofriam de Alzheimer eram experiências maravilhosas. Não havia nada que me desse mais prazer; eu continuava amando me dedicar a isso mesmo muito tempo depois de ter pendurado as coroas e aposentado a cola de bunda.

QUE SERVIA PARA NÃO DEIXAR O MAIÔ ENTRAR NO BUMBUM.

Então, conheci Lou Fiorello, que me mostrou um caminho diferente. Uma opção. Certo dia, enquanto trabalhava em uma casa de repouso com um lindo golden retriever chamado Sparkle, vi um homem e seu cachorro saindo do quarto de um dos pacientes. O homem devia ter cinquenta e poucos anos, tinha cabelo grisalho e comprido, uma barba grisalha ainda mais comprida, e usava uma camiseta tingida e uma surrada calça camuflada. Um tênis despedaçado completava o look hippie, e, quando reparei no cachorro que o acompanhava, notei que ele tinha o mesmo estilo surrado: um pit-bull preto que usava uma bandana vermelha e não tinha uma das orelhas. Os dois se aproximaram, e eu segurei a coleira de Sparkle com um pouco mais de força.

Eu já tinha visto as notícias, ouvido as histórias terríveis. Mesmo trabalhando com animais havia tanto tempo, e mesmo sabendo que normalmente o comportamento do dono dita o do cão, fiquei apreensiva quando os dois começaram a caminhar em nossa direção.

O homem se deteve e examinou a coroa, a faixa, o salto alto. O uso da tiara e da faixa era obrigatório em aparições oficiais como Miss Golden State. Ele olhou para Sparkle, que cheirava despreocupadamente o outro cachorro. O pit-bull abanava o rabo alegremente, a bandana vermelha lhe conferindo um ar confiante.

– Cachorro terapeuta? – perguntou o homem, apontando Sparkle com a cabeça.

– Sim, viemos para visitar os pacientes. Eles adoram. Você precisa ver a cara que eles fazem...

– Ganham vida, né? Eu sei bem. O Joe também é um cão terapeuta, não é, garoto? – Ele olhou para o pit-bull, que o olhou de volta e abriu um sorriso largo, a língua tombando na lateral da boca.

– Ele é um cão terapeuta? – indaguei, transparecendo na voz a minha surpresa. Corando um pouco, mordeu a língua para não dizer: “Mas ele é um pit-bull”, embora isso tenha ficado implícito.

Lou resfolegou.

– Você conhece bastante sobre pit-bulls, princesa?

– Apenas o que vejo no noticiário – admiti, resistindo ao impulso de ajeitar a coroa.

– Ah. Não conhece nada, então.

– Não?

Ele sorriu e disse:

– Veja o Joe aqui. Quando chegou para mim, ele tinha oito meses de vida e nunca havia passado um único dia fora da corrente, preso nos fundos de um quintal. Estava prestes a morrer de fome. Vivendo com outros cachorros, eu imagino por conta da orelha perdida. Mas, depois de três meses comigo, ele se tornou o garoto-propaganda da Batutinhas, não é, garoto?

Joe balançou o rabo animadamente.

– Batutinhas? – Me agachei para fazer carinho em Joe.

Bastou olhar para aquele sorriso largo para me apaixonar. E depois que Lou me contou mais sobre a sua instituição, senti uma certeza crescente de que era algo com que gostaria de me envolver. Ele administrava um abrigo em Long Beach para pit-bulls abandonados e resgatados. Pense no Cesar Millan com menos *ssssh*. Alguns dos cachorros haviam sido resgatados de rinhas, e, quanto mais Lou me contava, mais o meu coração ficava partido. O nome da instituição era uma referência ao cachorro do filme *Os batutinhas*. As pessoas costumavam ter em mente o histórico mais recente da raça e esqueciam, ou talvez nem soubessem, que, cem anos atrás, os pit-bulls eram usados como babás – informação que, confesso, me deixou atônita!

Durante uma hora, fiz mil perguntas a Lou sobre a Batutinhas, enquanto Sparkle e Joe cochilavam serenamente a nossos pés. Depois, fui direto para casa e contei à minha mãe tudo sobre a nova instituição de caridade que eu queria apoiar.

Minha mãe tinha outras ideias. Ela sempre tinha muitas ideias, como você pode imaginar. Se ela era arrogante? Se para você arrogante é uma senhora de

cabelos brancos que come sanduíche de pepino no pão sem casca e reclama da dificuldade de encontrar pessoas que trabalhem bem, então, não, ela não é arrogante. Mas ela tinha opiniões muito específicas sobre tudo e sobre todos, e era nessas caixas preordenadas, predestinadas, predeterminadas que cada um de nós se encaixava. E, quando se tratava da filha, de quem ela esperava que conduzisse sua coroa direto para um casamento abastado, a aparência era fundamental. Aparência é tudo, não é?

Sendo assim, sabe a ideia de sua filha, a da tiara e da faixa, trabalhando com pit-bulls resgatados? Não. Iria. Rolar.

Fiz o meu melhor para explicar a Lou por que eu não podia trabalhar na sua instituição, e ele disse que compreendia. Compreendia muito bem. Mas nós nos encontrávamos de vez em quando durante as terapias caninas e trocávamos e-mails, e eu comecei a seguir a página de sua instituição no Facebook. E, cada vez que eu clicava em uma daquelas carinhas lindas, nas quais normalmente se estampava um levado sorriso de pit-bull, pensava em quão maravilhosa seria a oportunidade de trabalhar com cachorros como aqueles.

Assim, quando vi o nome de Lou na minha caixa de entrada, sorri involuntariamente. Quando li no título da mensagem “Quer trabalhar na Batutinhas do norte?”, me empertiguei e esqueci completamente de que precisava ligar para Charles.

* * *

A primeira ligação importante que fiz foi para Lou Fiorello. Depois de desligar, me dei conta de que, pela primeira vez na minha vida, eu tinha opções.

Mais do que isso: opções que eu havia encontrado *sozinha*.

Encorajada, decidi ligar para minha mãe. Me recostei na cadeira, batendo nervosamente o lápis no bloquinho em que eu fizera anotações durante a conversa com Lou. Depois de o telefone chamar várias vezes, ela atendeu. Será que ela tinha deixado o telefone tocar várias vezes de propósito? Ela fazia isso com outras pessoas. “Sempre faça as pessoas esperarem um pouco, Chloe. Não seja incivilizada, mas também não seja demasiado ansiosa.” Jamais passou pela minha cabeça que ela aplicaria essa técnica com a própria filha.

– Alô?

– Oi, mãe – falei, e ela esperou um momento.

– Ah, olá, Chloe, querida – disse num tom ao mesmo tempo despreocupado e algo surpreso com a minha ligação. Ela sabia que era eu quem estava ligando. Ela tinha identificador de chamada... Mas tudo bem. Eu também iria bancar a imperturbável.

– Queria passar em casa para conversar com você, se não tiver problema.

– Sim, acho que é uma boa ideia. Vai ser por agora? Vou preparar um chá.

– Posso ir agora. Só vou trocar de roupa e sair.

– Ainda está de pijama?

Quatro palavras, mas carregadas de julgamento. Ignorei a óbvia armadilha.

– Chego em vinte minutos – afirmei, fechando as mãos com força.

– Estarei aqui.

– E... mãe?

– Sim?

– Se eu vir o carro dele na garagem, vou embora.

Silêncio. Suspiro. E então:

– Vejo você em vinte minutos.

Eu ainda não tinha resolvido nada de fato. Mesmo assim, abri as mãos, e foi ótimo. Em seguida, mandei uma mensagem para Charles:

Oi.

Ele respondeu imediatamente:

Oi.

Eu não sou um robô. Senti uma pontada de remorso.

Posso te ligar mais tarde, pra
conversar sobre algumas coisas?

Como Charles não respondeu de imediato, fui me trocar. Eu estava mesmo de pijama. Ao passar o suéter do estado de San Diego do meu pai pela cabeça, escutei uma notificação no celular.

Conversar sobre algumas coisas?
Eu diria que a gente precisa
conversar sobre algumas coisas.
Passo aí às 5 pra te pegar.

Eu não queria encontrá-lo pessoalmente. Não ainda.

Não, não é uma boa ideia.
Preciso de mais tempo.
Vou te ligar. Vamos fazer assim por enquanto.
Você é quem manda...

Enviei uma mensagem de despedida, mas, pela primeira vez, não acrescentei “bjos”.

Vesti uma calça de moletom e desci a escada.

– Vou conversar com a mamãe. Você precisa de alguma coisa da rua? – perguntei ao meu pai, que lia outro jornal.

Todo domingo, ele recebia o *New York Times*, o *LA Times*, o *Chicago Tribune* e o *Wall Street Journal*. Ele gostava de ter à disposição essa “cobertura jornalística vasta”. Mas cobertura vasta mesmo era a de tinta nos seus dedos e, conseqüentemente, nas maçanetas e bancadas.

– Quer que eu vá com você? – ele perguntou. – Gostei do visual, a propósito.

– Obrigada. Se eu segurar bem, acho que a calça não cai. E não. Estou bem para ir sozinha. Se você ouvir um estrondo vindo do lado dela da cidade, vai saber como as coisas estão indo.

– Conheço bem esse estrondo. – Um canto da sua boca se ergueu num sorrisinho.

Parti para explicar à minha mãe porque eu havia cancelado o seu casamento perfeito. Com sorte, eu conseguiria pensar em um bom motivo durante o caminho.

* * *

Entrei na casa, minha casa, e notei que tudo estava exatamente como no dia anterior. As cadeiras dispostas no mesmo semicírculo dentro do qual eu estava quando perdi as estribeiras. Ainda havia vidros de esmalte sobre a mesa de centro. Uma coisa estava diferente, porém. Meu vestido de noiva, que antes estava no meu quarto, agora pendia do corrimão da escada, para que não passasse despercebido por ninguém.

Ponto para mãe.

– Olá? – chamei, atravessando o foyer e a carnificina na sala de estar.

– Na cozinha! – respondeu ela, e eu segui a voz.

Encontrei-a à mesa. Bule de chá. Xícaras. Pires. Leite. Cubos de açúcar. E, baralho, ela estava usando seu Chanel. O terninho que vestia somente quando achava que precisava de um quê a mais.

Me detive no vão da porta.

– Oi.

– Olá, querida – ela disse calmamente. Oh, oh. Calmamente, de novo. Seu estado de ânimo padrão. Ela se levantou, depositou um breve beijo na minha bochecha e serviu o chá. – Um cubo de açúcar, dois? – Ela nunca me

encorajou a colocar mais do que um único cubinho. Hmm...

– Três, por favor – rebati e me afundei na cadeira de sempre.

Ponto para Chloe.

Ela cerrou a mandíbula por um centésimo de segundo, e então três cubos de açúcar foram cuidadosamente colocados na minha xícara de chá com o pegador prateado. Quando eu estava na sexta série, nós viajamos para Londres, e todas as tardes tomávamos chá na Fortnum & Mason. Foi algo de que ambas desfrutamos e tentamos reproduzir da melhor maneira quando voltamos para casa. Lembro de nós duas rindo enquanto comíamos sanduíches no pão sem casca e conversávamos com o mais elegante sotaque britânico que conseguíamos imitar.

Com o passar dos anos, no entanto, esse tipo de coisa passou a ser raro. Não mais um prazer compartilhado, e sim uma oportunidade para ela falar e eu apenas ouvir, para ela me repreender. E logo percebi que esse era o rumo que ela pretendia dar ao encontro de hoje. Mas era eu quem iria falar.

– É o seguinte, mãe – comecei, o que a fez se sentar rapidamente, com uma cara de surpresa. Que ela dissimulou tão rapidamente quanto. – Não sei explicar por que exatamente eu saí correndo daquele jeito ontem, e sei que pareceu coisa de louco. Mas eu tive uma epifania, uma epifania repentina, assustadora, de que eu não podia me casar com o Charles. E eu sabia que, se ficasse nesta casa por mais um minuto, iria deixar todos me convencerem do contrário. – Fiz uma pausa para beber o chá e queimei a língua. – Saco! – murmurei, o que fez minha mãe franzir a sobrancelha. – Ah, pelo amor, eu queimei a língua!

– Que vocabulário encantador você adquiriu de repente – ela retrucou, piscando repetidamente.

– Pelo amor de Deus, mãe, estamos em 2014. Isso não é um romance da Edith Wharton. Ninguém mais usa luvas brancas, ninguém mais envia cartão de visita, e *as mulheres falam palavrão, porra* ! – Bati o punho na mesa, esparramando chá e cubos de açúcar.

– Já basta, Chloe. Eu não a eduquei para falar assim comigo...

– Não, *não* basta! Eu estava prestes a me casar, a talvez ter um filho, mas não tenho idade para falar palavrão? Eu sou uma adulta, oras! Quero poder dizer e fazer o que bem quiser, sem me preocupar com você me olhando torto, fazendo cara feia o tempo todo. – Fiz uma pausa para recuperar o fôlego, sentindo a adrenalina correr pelas veias. – Talvez seja exatamente isso o que preciso... dar uma chacoalhada nas coisas, pisar em alguns calos.

– Ah, isso você certamente já fez. Não tem ideia das ligações que eu tive de fazer ontem, das conversas que fui obrigada a ter. Tive de ligar para a sua sogra e tentar explicar que a minha filha fugiu do próprio casamento e que eu não fazia a menor ideia de onde ela estava!

– Ela não é minha sogra!

Agora a coisa tinha ficado séria. Sua testa apresentava um quase imperceptível brilho de suor. Isso não acontecia nem mesmo quando ela jogava badminton.

– Mãe, já percebeu que todas as vezes que falou sobre ontem você só comentou sobre como isso afetou *você* ? Eu sei o quanto você é preocupada com aparências, mas você não se preocupou *comigo* ? Você não perguntou nem uma vez sequer se eu estou bem, ou se o Charles fez alguma coisa para me fazer desistir tão de repente.

Sua cabeça se ergueu bruscamente, e ela me fitou com atenção.

– Aconteceu alguma coisa? Ele não a machucou, machucou?

Pela primeira vez, percebi preocupação por mim. É estranho dizer que eu quase detestei responder a ela que não?

– Não, de modo algum. Seria até mais fácil dizer que sim... A minha decisão seria bem mais preto no branco, bem menos complicada. Mas não. Ele nunca levantou a mão para mim; ele nunca levantou sequer a voz para mim.

– Então, por quê? Apenas me diga por que você não pode se casar com ele!

A pergunta de um milhão de dólares. Literalmente, já que Charles era cheio

da grana.

– Eu não o amo – falei num fôlego só. Aí estava.

– Só isso? – ela perguntou, incrédula.

– Isso não é, tipo, a *razão* de tudo? – indaguei, juntando-me a ela no barco da incredulidade.

– Amor não é tudo. Não é nem mesmo a parte mais importante de um casamento. – Por uma fração de segundo, ela pareceu mais jovem, mais leve. Saudosa?

– E não deveria ser?

Seus olhos cruzaram com os meus e se endureceram de novo.

– Oh, cresça, Chloe! – Ela pegou o bule e caminhou até a pia. O chá da tarde tinha acabado.

– Não percebe que eu estou tentando fazer exatamente isso? Como eu poderei crescer se não fizer outra coisa senão seguir ordens, sorrindo e assentindo como um robô? Que vida é essa?

– Sim, que vida terrível, casada com um dos advogados mais poderosos da Califórnia, morando em uma linda casa, criando lindos filhos... É realmente pavoroso! – ela provocou, e meu sangue ferveu.

– Para mim, é pavoroso, *sim* ! Não vai acontecer, mãe. Podemos discutir o quanto você quiser, mas não vai acontecer. – Caminhei até a janela e observei o gramado bem cuidado, a piscina, a vida boa. – Me desculpe por ter saído daqui correndo. E sinto muito por você ter tido de lidar com as consequências. Me desculpe *mesmo* por ter feito você passar por isso. Não foi justo da minha parte fazer isso com você.

Ela não se afastou da pia da cozinha. De costas para mim, enxaguava as xícaras. Quando terminou, lentamente se aprumou em toda a sua estatura, recuperando a compostura com cada vértebra no devido lugar. Ao se virar, exibia uma expressão graciosa.

– Obrigada pelo pedido de desculpas, Chloe. Fico realmente grata.

Ficamos ali na cozinha sem dizer nada, mas eu tinha a forte sensação de

que havia algo a mais por vir.

– Então... o que mais precisa ser feito? – perguntei.

– Feito?

– Sim. Para quem falta ligar, quem eu devo contatar, o que eu posso fazer para...

– Ah, até parece, Chloe, eu já cuidei de tudo. Você não acha que eu iria deixar toda aquela gente esperando, não é? Não, não, eu já resolvi tudo.

Mais uma vez, silêncio.

– Ok. Bem, obrigada mais uma vez. Vou para o meu quarto e...

– Seu quarto?

– Ahn?

Ela guardou as xícaras no armário, cada peça em seu lugar.

– Me parece, querida, já que está tão certa de que quer ser adulta, que você deveria começar imediatamente. Não concorda? Veja como você se sentiu capaz ontem e, *puf!*, fez acontecer.

– Ok... – falei, sem a menor ideia do rumo que aquela conversa ia tomar.

– Então, de adulta para adulta, acho que está na hora de você sair do ninho.

– Você quer que eu me mude daqui? – Eu estava confusa.

– Sim, continuar aqui só atrapalharia os seus ideais de se tornar uma mulher adulta. Então, acho que chegou a hora de você bater asas e voar. Agora mesmo.

E, com isso, ela vestiu as luvas de jardinagem, pôs o grande chapéu na cabeça e saiu para aparar as roseiras.

Ponto para mãe.

* * *

E não parou por aí.

O lado bom de estar de malas prontas para a lua de mel e a posterior mudança para minha nova casa é que eu já estava preparada para me mudar quando minha mãe educadamente me pediu para sair de casa. Mas, quando atravessei a porta, vinte minutos depois, com a última mala, lá estava Charles, exatamente onde eu havia pedido que não estivesse. Na minha garagem. Quer dizer: na garagem da minha mãe.

– Eu não falei que ligaria para você? – perguntei, arrastando a mala em direção ao meu carro.

– Você não concordou que casaria comigo? – Ele se aproximou para me ajudar com a mala.

– Eu não falei que precisava de um tempo? – Peguei a mala de volta, abri a porta do passageiro e tentei enfiá-la no carro lotado.

– Chloe, amor, converse comigo. E para onde você vai com tudo isso?

– Não me chame assim. – Fechei a porta do carro com a bunda, e a trava finalmente se encaixou. – Estou indo para o meu pai. Minha mãe me pediu para sair de casa. Ela não está muito feliz comigo neste momento.

– Ela só quer o melhor para você. – Ele se apoiou no carro, ao meu lado. Eu podia sentir o calor da sua pele próxima da minha, o braço próximo do meu.

– *Ela* tem muita certeza de que sabe o que é melhor para mim, e *você* tem muita certeza de que sabe o que é melhor para mim, mas eu não faço a menor ideia. Só sei que não posso fazer isso, Charles – falei, olhando bem nos olhos dele.

– Am... Chloe, você só está com medo. Não jogue tudo para o alto só porque está nervosa. – Ele me envolveu com o braço e me puxou para perto.

Me perguntei se algum vizinho estava vendo aquilo. Minha mãe acreditava que todos eles sempre estavam empoleirados no sofá com binóculos e uma tigela de pipoca, se preparando para o próximo episódio de “O que Chloe, a filha de Marjorie, está fazendo hoje e como isso vai impactar a vida tal como a conhecemos?”.

O problema era que a sensação do seu braço ao redor de mim *era* boa.

Teria sido fácil deixá-lo me beijar, deixá-lo arrumar a bagunça que eu tinha feito, e me acomodar, todas as pontas soltas amarradas novamente. Todas mesmo?

– Você me ama, Charles? – indaguei.

– Que pergunta é essa?

– É uma pergunta bastante importante, não acha?

– É uma pergunta boba. Por que está me perguntando isso?

– Você ainda não me respondeu.

Ele tentou me puxar para mais perto, mas eu resisti.

– É claro que te amo, Chloe – ele respondeu por fim, sem olhar nos meus olhos.

– Mas você me ama *mesmo* ?

– E você, me ama mesmo? – Ele me encarou. E, pela primeira vez na minha história com esse garoto de ouro, ele parecia... inseguro.

– Não. Não acho que te ame mesmo – falei, os olhos cheios de lágrimas. Términos nunca são algo bom, mesmo quando são a coisa certa a fazer. Eu me desvencilhei do seu braço e fiquei de frente para ele, que ainda estava encostado no carro.

Ele passou uma mão pelo cabelo, esfregou o rosto e voltou a olhar para mim, agora no modo resolução de problema.

– Volte para a casa do seu pai, relaxe um pouco, tenha uma boa noite de sono; a gente se fala amanhã, tudo bem?

– Não, Charles, eu não acho que...

– Tudo isso está acontecendo muito rápido. Precisamos desacelerar um pouco, olhar para a situação de uma perspectiva pragmática, descobrir qual é o melhor caminho para seguir em frente.

– Você não está me escutando, Charles. Isso não vai... – comecei, mas ele me ignorou e falou enquanto caminhava até seu carro:

– Eu te ligo de manhã, ou passo lá. Isso, vou passar lá, e a gente sai para dar uma volta de carro, conversar um pouco mais.

– Eu não *quero* conversar amanhã. Não se você vai continuar me...

– Certo, vejo você amanhã – ele concluiu e entrou no seu carro, enquanto eu continuei falando sozinha. Charles deu partida e se foi, me deixando só e frustrada.

– Não estou acreditando no que acabou de acontecer... – falei para mim mesma e me virei para entrar no carro. Ao fazer isso, percebi que as cortinas da sala de estar se mexeram. Acenei para minha mãe: ela sabia que tinha sido pega em flagrante.

Fui para a casa do meu pai, entrei com a primeira mala, deposei-a no chão da sala de estar e falei:

– Preciso ir embora desta cidade.

Ele concordou comigo. E era por isso que, no dia seguinte, eu estava dirigindo pela costa rumo a Monterey.

CAPÍTULO TRÊS

Aqui estão alguns motivos do porquê meu pai é o melhor. Ele não encheu o saco, não soltou os cachorros; apenas me fez algumas perguntas para entender por que eu precisava de espaço. E de cara sugeriu uma solução maravilhosa.

Sua família tinha uma fazenda em Monterey, nas colinas próximas a Carmel. Fincada praticamente no centro da costa californiana, era como um mundo à parte. Nos últimos anos, eu não havia passado muito tempo por lá. Quando meu avô morreu, a propriedade ficou para o meu pai e a sua irmã, a tia Patty; e quando, alguns anos depois, ela faleceu, ficou definitivamente para o meu pai. Como a minha mãe odiava o lugar, nossas idas se tornaram cada vez menos frequentes com o passar dos anos. A propriedade era linda, mas fazia algum tempo que não passava por uma reforma e estava precisando de um tapa. Ela tinha uma aparência singular, como um cenário parado no tempo. Mas, para as minhas necessidades do momento, era o paraíso.

E paraíso também era o carro em que eu estava, que no momento transportava a mim, minhas malas, uma Coca-Cola (não diet) de um litro e

meio e três tortas de cereja que eu tinha comprado na beira da estrada.

Rumo ao norte para me afastar das perguntas e das reprimendas em San Diego, eu me sentia ao mesmo tempo animada e nervosa. Nunca havia morado sozinha. Fazia mais ou menos cinco anos que não pisava na fazenda, e meu pai, uns dois.

Havia uma pessoa que ficava de olho na propriedade, outras que de tempos em tempos a limpavam e um faz-tudo que providenciava os reparos necessários. Como fazia tempo que ninguém se hospedava lá, meu pai convocara um mutirão para preparar a casa para que eu pudesse ficar pelo tempo que quisesse. Quando ele fizera essa oferta, eu me dera conta do quanto era sortuda.

– Se você quiser ficar na fazenda para respirar um pouco, por mim não tem o menor problema, filha. Acho que vai ser bom para você ficar sozinha por um tempo. Talvez você goste tanto que acabe ficando de vez.

– Não posso morar lá para sempre. Que espécie de adulto eu seria se saísse da casa da minha mãe para morar na casa de campo do meu pai?

Ele riu.

– Não é a minha casa de campo. É a nossa casa de campo.

– É muito fofo da sua parte, pai. Obrigada de verdade por me deixar ficar lá – falei enquanto subia a escada, verdadeiramente grata por aquela tábua de salvação.

– A casa é sua pelo tempo que quiser.

– Oi? – perguntei do patamar.

– Pense nisso.

– De novo: oi? – Me inclinei sobre o corrimão para vê-lo.

– Oi, tudo bem? Fique pelo tempo que precisar.

– Você é muito incrível, sabia disso?

– Para falar a verdade, eu sabia – ele disse, com um brilho no olhar.

Embora não planejasse ficar lá por muito tempo, a simples possibilidade de poder, se eu quisesse, o fato de ter opções era... muito bom.

E ter opções em uma cidade pequena, bela e tranquila parecia ser exatamente o que eu precisava. Eu cresci sob o holofote dos concursos. Participando de competições de dança, de competições de modelos, de concursos de beleza praticamente todo fim de semana, eu aprendera desde cedo que as coisas só valiam a pena se fossem para ser vistas por outras pessoas.

Enquanto percorria o trajeto mais longo, mas também o mais bonito da Pacific Coast Highway, percebi que havia passado a maior parte da minha vida posando. Literalmente posando, mentalmente posando, vivendo uma personagem, uma versão idealizada de mim mesma, para impressionar os outros. Até o meu pedido de casamento tinha sido um espetáculo para o público. Durante um jogo do San Diego Padres.

– E agora, no intervalo da sétima entrada, um certo jovem aqui no estádio tem um pedido muito especial para fazer a uma bela jovem.

Estávamos no camarote, atrás do home plate. E então minha cara surgiu no telão, logo depois de eu ter mordido um cachorro-quente. Cachorro-quente que não fazia parte da minha dieta, o que certamente não passou batido nos comentários posteriores. Meninas, se forem driblar a dieta, não façam isso num lugar com telão.

E, ah!, meninas? Não façam dieta coisa nenhuma.

De volta ao flashback.

Enquanto eu apressadamente limpava a mostarda do queixo, Charles se ajoelhou na minha frente (se colocando exatamente de frente para a câmera, diga-se de passagem) – e me mostrou uma icônica caixinha azul.

– Oh, meu Deus, o que você está fazendo? – sussurrei atrás do cachorro-quente (fora do ângulo da câmera, diga-se de passagem).

– O que parece que estou fazendo? Chloe, meu amor, quer se casar comigo?

Ele abriu a caixinha, e o diamante era tão grande que o dirigível que sobrevoava o campo deve tê-lo visto.

– Uau – foi tudo o que consegui dizer.

A essa altura, o estádio inteiro tinha começado a entoar.

Sim.

Sim.

Sim.

– Sim – repeti.

Enquanto Charles me envolvia em um abraço e depois me arqueava romanticamente para trás para um beijo à maneira de todos os filmes românticos já produzidos, tudo o que eu pensava era: coisa demais. Público demais. Íntimo de menos.

Mas era uma versão de romance, e eu me permiti ser levada. Fazia apenas um ano que tinha deixado meu reinado como Miss Golden State e agora estava sendo pedida em casamento com um pingo de mostarda no queixo em frente aos torcedores nas arquibancadas e, mais tarde, por falta de notícias de verdade, aos telespectadores do jornal da noite.

Bota falta de notícia nisso, pensei ao ligar o rádio numa estação de hip-hop. Dancei no banco do carro enquanto acelerava pela costa, ávida por sossego, sem nenhum telão por perto.

** * **

Horas depois, fiz a última curva do trajeto, e Monterey se revelou para mim. Situada em uma baía natural, a cidade descrevia uma curva sobre si mesma conforme a costa se estendia e já se acendia nos primeiros momentos do crepúsculo. Eu havia dirigido o dia inteiro, estava exausta e, mais do que isso, faminta. Para não ter de voltar ao centro depois de me instalar na casa, entrei no estacionamento de um pequeno restaurante e parei na última vaga.

Ao sair do carro, me alonguei e senti minhas juntas estalarem

deliciosamente. Improvisando uma trança no cabelo e pontilhando os lábios com um pouco de gloss para não parecer *tão* cansada da viagem, peguei minha bolsa e entrei. Na fachada da frente, janelas panorâmicas emolduravam a paisagem da baía. Velas acesas nas mesas e nas cabines conferiam um clima aconchegante. Mesas, aliás, todas ocupadas, o que me fez escolher o bar em vez de esperar que uma vagasse. Enquanto lia o cardápio, bebi uma água com gás. Como ainda tinha um sinuoso, tempestuoso caminho até a casa, o qual eu percorreria no escuro, optei por manter distância da taça de vinho que estava morrendo de vontade de tomar.

Quando o garçom voltou para anotar meu pedido, ergui a cabeça e cravei o olhar não nele, mas no par de olhos azuis na outra ponta do balcão. O espelho atrás do bar refletia todos ali sentados, inclusive o dono dos olhos azuis. Cabelo ruivo dois ou três tons acima do loiro-morango, cabelo deslumbrante. Cabelo do príncipe Harry. Inacreditavelmente, esse cara era mais lindo do que sua alteza, com um bronzado incrível e... Oh! Ele abriu um sorriso. Belo sorriso.

Enquanto pedia ao garçom o especial do dia de bacalhau, meu olhar era persistentemente atraído para os olhos azuis. Me esforcei para me concentrar no homem que estava tentando decifrar a qual dos molhos de salada eu me referia com “Hmm?”, mas não conseguia parar de olhar para o homem no espelho.

Quando terminei de fazer o pedido, aqueles sorridentes olhos azuis haviam partido. Melhor assim; eu não podia ter olhos para ninguém nesse momento. Eu tinha um carro lotado de malas de roupa de lua de mel à minha espera e um anel de noivado do tamanho de um ovo de codorna no meu dedo.

Espera. Por que eu ainda estava usando o anel de noivado?

Fitei-o, atordoada como costumava ficar sempre que olhava para ele. Jennifer Lopez ficaria impressionada, só digo isso. Toda vez que eu provocava Charles sobre o tamanho do anel, ele dizia que era uma pedra preciosa para sua preciosidade. Afe. Com essas palavras.

Se ele estava tentando compensar alguma outra coisa? Eu preferia pensar que não, que era uma demonstração muito generosa e fofa e bastante pública do quanto gostava de mim. Ainda assim...

Eu tiraria o anel assim que chegasse em casa; não era certo continuar usando. Por agora, porém, eu me encontrava em um restaurante a mais de setecentos quilômetros de distância de tudo, tendo pensamentos semienrubescedores com o gatinho de olhos azuis.

* * *

Comi a salada, comi o peixe, comi até um cheesecake, e então entrei no carro. Seguindo as coordenadas do GPS, virei e dobrei o caminho pelas colinas, e cada curva me regalava com uma vista melhor do que a anterior das luzes da cidade abaixo. Meu pai tinha pedido a alguém que instalasse algumas luzes para que eu não tivesse nenhum problema para entrar na propriedade. Quando avistei o portão da fazenda, me dei conta de que eu tinha um enorme sorriso no rosto. Estava animada por rever a casa, que sempre fora aconchegante e confortável e maravilhosa, tudo ao mesmo tempo. Digitei o código, os velhos portões se abriram, e eu adentrei o caminho de cascalho.

Originalmente, a fazenda tinha sido um pequeno rancho de criação de gado, e, embora não se criassem animais ali havia anos, os antigos pastos e cercas ainda existiam. A cada dez metros aproximadamente, via-se uma lanterna a querosene no topo de um poste, alternadamente entre os lados, iluminando a entrada de carros com chamas bruxuleantes. Nos anos sessenta, meu avô expandira a casa original, criando um maravilhoso espaço aberto, ótimo para lazer. Quando fiz a última curva e finalmente avistei a casa, meu sorriso ficou ainda maior.

Era uma típica casa de rancho californiana: baixa, aberta, um andar, com

janelas que iam do chão ao teto. Incrivelmente inovadoras à época de sua instalação, as janelas de correr podiam ser abertas por completo, o que criava um espaço interior que também era um espaço exterior.

Peguei minha mala de mão, caminhei pelo cascalho e tirei as chaves da bolsa. Uma intensa luz atravessava cada uma das janelas. Tinham *realmente* deixado tudo aceso para mim. Quando abri a porta, uma onda de nostalgia me invadiu. Pinho, sálvia e jasmim-da-noite exalavam seu perfume do jardim dos fundos. Pousei a mala no chão e dei uma volta completa.

Eu podia facilmente imaginar Frank Sinatra e Dean Martin passando o tempo ali, conversando serenamente. À minha esquerda, na sala de estar, mobília modular baixa em couro tangerina, perfeitamente complementada por uma enorme mesa de centro de vidro em formato de feijão. Lâmpadas em forma de grandes balões de vidro pendiam sobre combinantes mesas laterais ovais e vermelhas. Um tapete com estampa de losango preta e branca berrava, mas era atenuado pela fonte – ah, sim, uma fonte – que borbulhava no bar ao canto. O mais autêntico bar em estilo tiki que já se viu. Recheado de copos altos, baixos, antigas taças de champanhe bojudas e coqueteleiras de metal de diversos tamanhos. Falei a eles que levaria cada um para um teste drive no dia seguinte.

À minha esquerda, estava a sala de jantar, com uma mesa com capacidade para vinte pessoas. Oblonga, com couraça de tartaruga, possuía cadeiras com estofado que alternava entre turquesa e dourado. Acima da mesa, elevava-se um lustre que sempre me lembrou o jogo das cinco marias, com suas hastes prateadas que se projetavam em todos os ângulos e as esferas de vidro rubi nas extremidades.

Sob meus pés, um piso terrazzo se derramava em um desenho ondular em direção à cozinha, onde fazia fronteira com concreto polido. Uma enorme parede de armários sob medida, madeira clara elevando-se acima da maior bancada de fórmica laranja jamais vista. Pelo menos na minha geração.

Ao longo do corredor, ficavam os vários quartos, incluindo o principal,

onde eu iria dormir. Mas era para a área externa da cozinha que eu estava me dirigindo. Do outro lado de uma daquelas grandiosas janelas que se estendiam do chão ao teto, ficava a mais bela varanda, de azulejo espanhol incrustado em tijolo cru. Mesas e cadeiras e guarda-sóis espalhavam-se por todos os cantos, todos em tons de amarelo-ouro e dourado. Três patamares ladeados por oliveiras e limoeiros, e então a piscina. Naturalista e exuberante, era pintada de verde-escuro, o que lhe conferia um ar de lagoa tropical. Contemplei-a por um momento, pensei em me jogar, mas os meus músculos doloridos pediam outra coisa.

Pegando a mala de mão, me dirigi ao quarto principal (tons de verde e rosa, com papel de parede de palmeiras, bem Beverly Hills Hotel), tomei uma ducha rápida no banheiro (tons de verde-água e menta, com espelhos dourados, bem Liberace) e desabei na baixa cama-plataforma (tons de estou exausta, então não faço ideia de que cor seja).

Deitada, senti meus músculos começando a relaxar e escutei a casa se assentando ao redor. O vento estava forte naquela noite, sibilando por entre as árvores do lado de fora da janela e espalhando folhas pelo terraço. Era um som solitário, mas eu não me sentia *solitária*. Eu me encontrava sozinha em uma cama estranha, em uma casa quase estranha, em uma cidade quase estranha, porém ainda havia um zumbido elétrico correndo pelas minhas veias, o qual eu sentia desde que o meu pai me sugerira que fosse para lá.

Rolei no travesseiro, e meus pensamentos foram repentinamente invadidos por visões de olhos azuis. Abri um sorriso na escuridão e imaginei como seria voltar a sair com alguém. Por enquanto, era muito cedo, mas um dia isso seria uma opção.

Aí estava essa palavra de novo: opção. O mundo fervilhava de possibilidades, e encontrar um homem lindo em um restaurante era apenas uma delas.

Me permiti mais um devaneio com o cara dos olhos azuis no espelho e então cantarolei até cair no sono. Sinatra, claro.

CAPÍTULO QUATRO

Na manhã seguinte, acordei não com uma, nem duas, nem três, mas com quatro mensagens da minha mãe. O que provava que ela realmente não queria falar comigo, já que odiava se comunicar por mensagem de texto. E era terrível nisso – ela nunca compreendeu o recurso como um meio de comunicação. No caso em questão...

Mensagem #1:

Querida ChLOE!

Mensagem #2:

Seu pai ME DISSE
QUE VOCÊ FOI PARA MONTEREY.
QUE ATITUDE mais adulta essa sua
NÃO ACHA QUE FAZ PARTE DA VIDA
ADULTA NÃO ACEITAR QUE SEUS PAIS
LHE ARRUMEM CASAecinda?????%

Mensagem #3:

Por favor faça a alteração do seu
endereço NO CORREIO PARA QUE
SUAS CORRESPONDÊNCIAS SEJAM
ENTREGUES DIRETAMENTE A VOCÊ
E assim você pode começar
o adulto a exercer o dever de responder
você mesma os cartões desde
desculpas por não ter CASADO)

Mensagem #4:

DE: SUA MÃE

Ela tinha polegares grandes. Eu estava quase certa de que “CASA ecinda????%” significava “casa e comida”, mas não podia assegurar. Porém ela tinha certa razão, e, assim que eu tomasse meu café da manhã, iria começar a fazer algo a respeito. Quanto à *casa*, nem me daria o trabalho. Aquela casa era legal demais para não aproveitar. Minha mãe que lidasse com isso. Mas a *cinda*? Disso, eu deveria e iria cuidar eu mesma.

Eu ainda tinha algum dinheiro dos tempos de concursos de beleza, embora não fosse muito. Mesmo quando se ganhava, o que aconteceu comigo nos últimos anos, o prêmio vinha principalmente na forma de bolsas de estudos, não em maços de dinheiro. Mas eu tinha economizado o que podia, o suficiente para me manter por um tempo. Eu sabia muito bem o que minha mãe queria dizer: “Não aceite dinheiro do seu pai”. Engraçado: isso não era um problema quando se tratava dos cheques da pensão...

E meu pai me bancaria de muito bom grado para me ver feliz, mas não era essa a questão. Eu já vinha me sentindo estranha em relação à ideia de passar da folha de pagamento dos meus pais para a do meu marido. E não era como se eu não houvesse tentado arrumar um emprego ao longo dos anos; eu tentara. Mas minha mãe queria que eu me dedicasse aos estudos, depois aos

concursos de beleza, depois eu fiquei noiva. Me tornei Miss Golden State durante o último ano da faculdade e, após me formar, continuei dedicando boa parte do meu tempo ao trabalho com os cães terapeutas. E, uma vez que tiveram início, os planos do casamento me consumiram completamente. Tentei várias vezes conversar com Charles sobre o meu desejo de trabalhar depois do casamento, mas ele não era muito fã da ideia. Então, meu currículo se resumia a inúmeros títulos e trabalhos para instituições de caridade.

Não me saía da cabeça a conversa que eu tivera com Lou Fiorello noutro dia.

– *Finalmente está tudo pronto para abrirmos uma segunda unidade da Batutinhas; estamos procurando possíveis locais. Queremos que seja no norte, tipo Santa Cruz, Salinas, talvez até San Jose.*

– *Que demais! – falei. – Tenho certeza de que o pessoal de lá vai adorar a ideia de ter uma unidade na região. O modelo de negócio vai ser o mesmo?*

– *Sim, sim, praticamente o mesmo – respondeu Lou. – Resgate, abrigo, reabilitação e, claro, centro de adoção. O objetivo é sempre esse: arranjar um bom lar para esses carinhas.*

– *Que incrível! Se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, basta dizer.*

– *Por que você acha que te enviei um e-mail, princesa?*

– *Para ser sincera, eu não sei.*

– *Achei que a gente poderia te convencer a se unir a nós, botar a mão na massa.*

– *Você quer que eu trabalhe com vocês?*

– *Claro. Você adora cães, é ótima com os pit-bulls, e eles se beneficiariam muito da sua imagem. Uma Miss América gerindo um abrigo de pit-bulls abandonados e resgatados, já pensou? Imagina isso no jornal da noite!*

– *Miss Golden State – corrigi enquanto rabiscava no bloco de anotações. – Mas o que exatamente você acha que eu poderia fazer?*

– *Já temos o dinheiro para dar o pontapé na nova unidade. Só precisamos*

descobrir onde, contratar e treinar o pessoal para trabalhar lá. Te interessa?

Por Deus, claro que me interessava, mas havia um pequeno detalhe...

– Lou, você sabia que eu iria me casar neste fim de semana, certo?

– Sabia.

– E está me oferecendo um trabalho que me faria sair de San Diego, certo?

– Estou.

– E como vamos resolver isso?

– Aquele belíssimo convite que você me enviou está no meu mural. O casamento era ontem, certo?

– Sim.

– Como foi?

– Bem, não estou te ligando da minha lua de mel, talvez seja uma pista...

– Eu suspeitava – ele comentou, e eu revirei os olhos.

– Você poderia ter compartilhado sua suspeita comigo – falei, e ele riu.

– Era algo que você tinha de descobrir por conta própria. E parece que foi o que aconteceu.

– Hunf! – foi a minha resposta.

– Ei, preciso ir nessa, tenho de ir até Torrance para verificar uma possível rinha. Pense no que eu disse. Se você tiver interesse, vamos conversar em breve, ok?

– Ok, Lou. Obrigada por ter pensado em mim.

– Você tá brincando? Já até visualizei os folhetos de propaganda: você de tiara e faixa, cercada por quarenta pit-bulls. Vai ser o bicho! – Ele riu, e eu abri um sorriso.

– Não estou gostando dessa história de você ficar sonhando comigo de tiara, Lou – provoquei, e ele caiu na gargalhada antes de desligar.

Nos últimos dias, eu vinha pensando muito nessa conversa. E, enquanto dirigia até Monterey, não pudera deixar de pensar que a cidade ficava entre duas das que Lou estava considerando.

Aproveitei que estava com isso na cabeça e disparei um e-mail para ele

antes de me arrumar para sair para tomar café e comprar algumas coisas no mercado. E depois, quem sabe, eu daria um mergulho naquela piscina maravilhosa. Quando terminei de pentear o cabelo e ajeitá-lo num coque elegante, de colocar um vestido simples com uma jaqueta jeans por cima e de passar um pouquinho de maquiagem, Lou já havia respondido o e-mail.

E aí, princesa,

Está passando um tempo em Monterey, hein? Bela cidade, ótimo lugar para respirar um pouco, não é mesmo?

Eu adoraria ter uma unidade da Batutinhas numa cidade assim. O preço dos terrenos deve ser bem alto, mas vale a pena dar uma olhada. Impressão minha ou você está se animando com a ideia? Tem um veterinário aí com quem trabalho há anos, o dr. Campbell. Ele tem uma clínica veterinária na cidade, o Hospital Veterinário Campbell. Sempre que pode, ele vem para fazer trabalhos voluntários e faz o mesmo em várias cidades da Califórnia, lutando contra aquelas leis sem pé nem cabeça contra raças específicas. Vou avisá-lo que você está na cidade; dê uma passada na clínica dele quando tiver um tempinho. Ele seria uma ótima pessoa para conversar sobre o projeto, com certeza pode nos dar outras perspectivas. E também seria um ótimo parceiro, já que pode ter ideias de lugares na cidade que poderíamos olhar.

Batutinhas em Monterey? Estou gostando do que está passando nessa cabeça aí, hein...

Lou

Opções, opções por todos os lados. Peguei minhas chaves e fui até o carro. Com a brisa que soprava do mar, cujo gosto eu sentia mesmo no alto das colinas, o dia estava prometendo. E prometeria ainda mais se eu encontrasse alguns donuts matadores.

* * *

Descobri que os donuts matadores podiam ser encontrados no Red's Donuts, e, como minha boca salientaria, eram deliciosos. Especialmente aquele com cobertura de xarope de bordo. É possível que eu tenha comido três. Ou quase quatro. Tudo bem, a verdade. Quatro e meio – e nem um a mais!

Parando de comer quando percebi que estava gestando um bebê de comida, parti para o mercado pelo qual tinha passado na noite anterior. Resolvi desligar o GPS e tentar achar o caminho sozinha. E me perdi após três curvas. Vinte minutos depois, parei em um estacionamento para religar o GPS. Enquanto tentava me lembrar do nome do mercado, olhei ao redor para me localizar.

Eis que vi, bem na minha frente, um prédio com uma placa que dizia “Hospital Veterinário Campbell”.

Opções.

Lou havia dito que mandaria um e-mail para o tal doutor Campbell, mas só Deus sabia quando ele faria isso. Eu provavelmente teria de marcar um horário; seria chato aparecer do nada...

Opções.

Tomate cru. Eu iria entrar. Dei uma olhada na minha cara, retoquei o gloss e me dirigi ao prédio. O estacionamento em que eu me achava só podia ficar na lateral, porque, ao dobrar a esquina, notei que o edifício era enorme. Janelas gigantescas, fotografias imensas e fofas de cachorros e gatos e vagas de estacionamento especiais para “Pet-emergências”.

Quando atravessei as portas automáticas, meu nariz foi imediatamente invadido pelo cheiro de desinfetante, de balas de caramelo e do bom e velho bafo canino. A sala de espera, acolhedora e aconchegante, estava repleta de toda espécie de adultos, crianças, cachorros e gatos. Em um canto, um pastor-alemão brincava com um salsicha, enquanto, em uma caixa de transporte, três gatos explicavam a todos por que levá-los àquele lugar era um crime contra a natureza.

A clínica estava lotada; talvez não tivesse sido uma boa ideia ir naquele dia.

Eu ligaria quando voltasse para...

– Posso ajudá-la? – uma voz coberta de charme sulista transpôs a minha hesitação, e eu me aproximei do balcão da recepção.

E vi, muito possivelmente, o terninho de poliéster mais brilhante jamais produzido. Um verde-água eletrizante, algo que Sally O'Malley surtaria para ter. Um legítimo coque colmeia, com pelo menos dez centímetros de chumaço moreno retorcido e puxado, se plantava no topo da cabeça, a qual possuía pálpebras cobertas por sombra verde iridescente, quase no mesmo tom da roupa. Pinceladas do que só poderia ser descrito como rouge acentuavam as bochechas rechonchudas e apontavam para uma boca com gloss vermelho-cereja a qual se arqueava num sorriso acolhedor. E nos peitos avantajados? Um ofuscante crachá com strass que informava que aquela era Marge.

– Oi, docinho, aproxime-se. Eu não mordo – ela brincou.

Uma voz desencarnada vinda de trás de uma fileira de arquivos gritou:

– Não é verdade!

– Psiu! – ordenou a mulher, acenando para mim. – Não ligue para ele, querida. Como posso ajudá-la?

– Bem, eu não tenho horário, mas...

– Nem animal – ela disse, espiando por cima do balcão para se certificar de que eu não tinha nenhum bichinho comigo.

Ela não tinha mais do que um metro e meio de altura e por isso teve de se debruçar sobre o balcão. Enquanto ela fazia isso, eu me maravilhei com seu coque colmeia. Nenhum fio saiu do lugar, mesmo quando ela ficou quase de cabeça para baixo. A mulher se endireitou e me olhou à espera da minha explicação, ainda com o sorriso mais amigável que eu já tinha visto.

– Não, senhora, não trouxe nenhum animal. Queria saber se o doutor Campbell está disponível.

– Qual deles? De que se trata exatamente?

– O meu amigo Lou comentou comigo que o doutor Campbell seria a

pessoa certa para falar sobre pit-bulls. Ou melhor, sobre resgatá-los. Eu deveria ter ligado...

– Espere. Lou? Lou Fiorello?

– Sim, foi o Lou Fiorello quem comentou comigo que o doutor Campbell seria a pessoa certa para conversar sobre um possível abrigo para pit-bulls resgatados aqui na região. – O treinamento para concursos de beleza tomou conta da minha fala, que diminuiu de ritmo conforme eu enunciava cada palavra. Em um gesto automático, minha barriga se encolheu.

A mulher riu.

– Ah, sim! O Lou ligou hoje de manhã. – Ela soltou um suspiro sonhador, e um rubor surgiu em volta das pinceladas de rouge. Interessante. – Você é a Chloe, certo? – Eu fiz que sim com a cabeça. – O Lou me disse que ia mandar uma belezinha para conversar com o doutor... Algo sobre abrir alguma coisa aqui na cidade?

– É, algo assim. Ele está? Está lotado; eu posso voltar outra hora.

Marge adquiriu uma expressão diferente – menos sonhadora e muito mais solucionadora de problemas.

– Está lotado, mas sei que ele vai ficar contente em recebê-la. Por que não me acompanha, docinho, e nós vamos cuidar de você. Amy, você pode ficar de olho na recepção por um momento, por favor? – pediu Marge.

Quando uma jovem com avental médico tomou seu lugar, Marge me conduziu pela sala de espera e por um corredor cheio de consultórios.

– Espere aqui na sala seis, o doutor a atenderá em um instante, ok? Tome um folheto sobre verme do coração para ler enquanto espera. Fique à vontade – ela falou, a voz doce feito mel.

Avistei um banquinho no canto e me sentei para esperar o doutor Campbell. E li o folheto que ela me recomendou. Fiquei tão absorta na leitura que, quando a porta se abriu, minha mente demorou alguns segundos para processar quem tinha acabado de entrar na sala.

O cara de olhos azuis e cabelo do príncipe Harry.

Oi para você também.

* * *

Ele tinha os olhos fixos em sua prancheta e nos prontuários médicos quando atravessou a porta dizendo:

– Certo, senhora Winkle, aqui diz que o nosso amigo Stanley engoliu um monte de moedas. Ele já as expeliu?

Quando ele ergueu a cabeça e eu fui atingida por toda a força daqueles olhos azul-claros, o impacto foi mil vezes mais letal do que o provocado pelo seu reflexo no espelho do bar.

Ruivos são a minha kriptonita. Sempre foram, sempre vão ser. Basta ver um para o meu coração começar a bater mais rápido. E *aquele* cara? Pelo menos um e noventa de altura, pele bronzeada, sardas no nariz, cabelo jogado para trás, destacando os traços bem definidos. Maços do rosto capazes de cortar vidro. E aqueles olhos, que me ofereciam um inventário completo a partir do meu diagnóstico de três segundos. Me empertiguei e levei mais dois segundos para catalogar os antebraços fortes, também salpicados de sardas, e os dedos longos e finos que seguravam os prontuários. Sem dúvida, era um homem muito bonito. Mencionei o uniforme? Oh, sim, ele estava envolto em um avental cirúrgico azul-marinho, que acentuava magnificamente seus olhos. Terminei a minha leitura e, ao fim do trajeto, meu olhar cruzou com o dele.

– Você não é a senhora Winkle – ele disse, e um dos cantos de sua boca se curvou para cima. Olhou para trás para se certificar de que tinha entrado na sala certa.

Foi quando notei o nome no crachá. Doutor Lucas Campbell.

– Eu com certeza não sou a senhora Winkle – afirmei, pulando do

banquinho e caminhando em sua direção.

– Obviamente – falou, com um brilho no olhar.

Ferrou. A kriptonita brilhava.

– Doutor Campbell, certo? – perguntei, e ele fez que sim com a cabeça. – Sou a Chloe, Chloe Patterson.

– Prazer em conhecê-la, Chloe. Chloe Patterson. – Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, parecendo um tanto confuso ao apertar a mão que eu lhe estendia.

– Do e-mail. Lou me disse para passar aqui e me apresentar.

– Deus te abençoe, Lou – ele murmurou, balançando a minha mão.

– Ele falou que você talvez pudesse me dar algumas dicas para montar aqui na cidade.

– Montar na cidade? – ele repetiu, ainda chacoalhando minha mão.

– Batutinhas. Ele quer montar uma unidade em algum lugar do norte, estava pensando em Santa Cruz ou Salinas, até que sugeri Monterey. Cheguei na cidade ontem à noite e...

– Jantou no Spencer's Grill – ele interrompeu. Ainda chacoalhando minha mão.

– Sim, isso mesmo – falei, ficando meio sentimentalóide ao lembrar. Mas rapidamente me recompus. – Você estava lá? – questionei. Eu *não* estava batendo as pálpebras sem parar, apenas piscando uma ou duas vezes. Rapidamente.

Ainda chacoalhando minha mão – apenas para constar.

– Eu *estava* lá. Na verdade, eu podia jurar que você tinha me visto. Pelo espelho – ele pressionou, com um sorriso malicioso.

Pisquei os olhos arregalados, mas o rubor me denunciou.

– Talvez eu tenha te visto – falei, e seus olhos dançaram. Dançaram e brilharam. Eu estava ferrada. – Eu tinha dirigido desde San Diego, estava exausta.

– Para montar uma nova unidade. Que não vai ser nem em Salinas nem em

Santa Cruz.

– Exatamente. Será que eu posso te incomodar um pouco com algumas perguntas qualquer dia desses?

– Claro – ele respondeu, apertando a minha mão com firmeza. Porque continuávamos *de mãos dadas* .

– Chloe? – ouvi alguém chamar da porta. Outro homem alto, com cabelo branco e um sorriso acolhedor, de terno e gravata sob um jaleco branco, com um crachá que dizia “Dr. Campbell”.

Balancei a cabeça, confusa.

– Olá, Chloe, eu sou o doutor Campbell. O Lou comentou que você passaria aqui, mas eu não achei que seria tão cedo. Vejo que já conheceu o meu filho, Lucas.

– Prazer em conhecê-la, Chloe – disse Lucas, finalmente soltando minha mão. – Bem, preciso atender um poodle que engoliu algumas moedas. – Seu olhar cruzou o meu mais uma vez.

– Acho que a Winkle está na sala sete – falou o doutor Campbell mais velho.

– Eu podia jurar que a Marge tinha dito sala seis – comentou Lucas, o que foi confirmado no segundo seguinte pela própria Marge, que passou correndo pelo corredor, deixando uma trilha de Jean Naté.

– Eu disse sala seis mesmo. Eu precisava que alguém fizesse companhia para a Chloe enquanto seu pai não chegava – ela falou por cima dos ombros.

– Poderia ter me avisado, Marge – comentou Lucas.

Ao que Marge retrucou:

– E qual seria a graça?

– Ela me pegou nessa. – Lucas olhou para mim, e eu lhe lancei um olhar astucioso, o que o fez abrir aquele sorriso matador de novo.

– Filho...? Winkle, sala sete? – falou o doutor Campbell.

– Estou indo. Prazer em conhecê-la, Chloe. Você vai ter de me contar tudo sobre esse projeto que vocês estão montando. Parece incrível.

Então ele se foi, e eu fui conduzida ao consultório do doutor Richard Campbell, onde de fato conversamos sobre a possibilidade de abrir uma unidade da Batutinhas em Monterey. E, durante a conversa, eu não pensei no quanto a bunda de Lucas ficava ótima naquele uniforme. E por não, leia-se por alguns segundos.

* * *

O doutor Campbell era um poço de conhecimento. Trabalhava com resgate de pit-bulls em toda a Califórnia e ajudou de maneira determinante algumas cidades a se livrarem das leis que tornavam ilegal possuir cães de raças afins. Ele também oferecia tratamento gratuito a alguns dos cachorros resgatados de rinhas – um passatempo comum de pessoas doentes e cruéis.

Ele considerou ótima a ideia de abrir uma Batutinhas em Monterey e, dado o fato de que alguns de seus amigos mais próximos eram funcionários da prefeitura, acreditava que a aprovação não seria um problema.

Saí do consultório com a sensação de que um plano estava literalmente tomando forma bem diante dos meus olhos. Na saída, parei na recepção para dar tchau para Marge.

– Obrigada por ter feito o encontro com o doutor Campbell acontecer hoje – falei enquanto ela arquivava pastas em um ritmo vertiginoso.

– A qual doutor Campbell você está se referindo? – ela perguntou com um sorriso recatado.

Ergui uma sobrancelha.

– Ao pai, claro.

– E o filho? – Foi a vez dela de erguer uma sobrancelha. Menina.

– Você é um pouco pervertida, não acha, Marge?

– Só um pouco? – ela indagou, e eu gargalhei. A mulher era uma figura. –

O Lou comentou que você acabou de se mudar de San Diego, é isso mesmo?

Ufa, mudança de assunto.

– Bem, eu não diria que me mudei para cá. Estou visitando, digamos assim.

– Visitando... sozinha? – perguntou como quem não queria nada.

Entretanto, eu percebi que ela tinha diminuído o ritmo de arquivamento...

– Sim. Completamente sozinha. – Alarguei o meu sorriso. Eu sabia para onde aquilo estava indo, assim como sabia que era melhor parar por ali. Mas fiquei feliz por ter tirado a aliança na noite anterior. Que pensamento mais estranho para alguém que a essa hora deveria estar tomando sol em uma praia taitiana com seu marido.

– Que coincidência. Lucas acabou de voltar depois de um tempo fora. Se você precisar de alguém para te apresentar a cidade, tenho certeza de que ele iria adorar...

– Não, não, não, Marge, vou ser obrigada a te interromper por aqui. – Inclinei o corpo sobre o balcão, me aproximando da sua cara animada. – Não estou interessada em sair com ninguém neste momento. Acabei de chegar, e estou resolvendo algumas coisas...

– *Todo mundo* está resolvendo algumas coisas, querida. Às vezes, é melhor resolvê-las enquanto admira um homem maravilhoso. – Ela esticou o braço para debaixo de sua cadeira e colocou sobre o balcão uma gigante bolsa amarela em formato de girassol. Depois, tirou de dentro dela o celular. – Dê uma olhada nisso. Aqui é o Lucas no piquenique na primavera passada. Ele não está lindo? E aqui é ele em seu caiaque. Ele adora andar de caiaque, sabia?

– Como eu saberia? Acabei de conhecê-lo. – Balancei a cabeça e deixei a coisa rolar, já que ela parecia estar adorando me mostrar as fotos de Lucas. E admito que a foto dele na praia sem camisa fazia valer a pena ouvir aquela doida por mais alguns minutos. Também fiquei sabendo de algumas coisas interessantes. Lucas começou a trabalhar na clínica da família assim que terminou a faculdade, terceira geração de veterinários, sabia? E ele realmente

amava praticar caiaque, amava o mar em geral, sabia? E tinha passado as últimas doze semanas na Guatemala trabalhando no Veterinários Sem Fronteiras. Isso explicava o bronzeado.

Finalmente, com uma despedida animada e a promessa de passar na clínica qualquer dia, dei no pé. E, a caminho da saída, vi Lucas passando pelo corredor com um poodle muito aliviado. Acenei, ele acenou, e eu me peguei andando toda empertigada até a porta.

Já dentro do carro, achei o endereço do mercado que, uma manhã inteira atrás, era o meu destino, comprei um estoque de comida e fui para casa. Após entrar na garagem e estacionar nos fundos, avistei os pastos, as árvores, o espaço aberto até onde meus olhos alcançavam... e de repente tive uma ótima ideia de onde a Batutinhas de Monterey poderia ficar.

Eu só precisava convencer o meu pai.

CAPÍTULO CINCO

Passei três dias curtindo a piscina, ouvindo músicas tristes, tomando banhos de banheira quentes e demorados, bebendo vinho e comendo chocolate. Tentei me enlutar pelo relacionamento do qual tinha aberto mão, pensando que deveria estar sofrendo pela confusão emocional que causara a Charles. Que deveria estar chorando e soluçando pelo amor que não mais existia, pelos bons e maus momentos, pelas risadas e pelas lágrimas... Mas não estava rolando.

Eu sabia o que realmente queria fazer; a ideia vinha tomando forma desde o momento em que meu pai me oferecera a casa de Monterey. Assim, depois de três dias de uma fossa autoimposta, liguei para ele e lancei a ideia de utilizar parte do terreno para instalar a Batutinhas. O nome de Lou não era estranho ao meu pai, já que eu tinha lhe contado sobre a organização quando a descobrira. Assim como não lhe era estranha a raiva que eu sentia da minha mãe por ela não ter permitido que eu participasse do projeto. Então, quando mencionei o nome Batutinhas, ele soube de imediato o que estava em jogo. Meu pai apoiava a ideia de eu trabalhar com Lou, e eu tinha bastante certeza

de que era isso o que eu queria fazer. Mas, quanto a utilizar parte do terreno, ele não ficou cem por cento convencido.

– Bem, me fale de novo o que isso implicaria – falou na noite em que liguei para tratar do assunto.

Eu não tinha muitas informações, pois não quisera contar a Lou antes de saber se meu pai sequer consideraria a ideia. Ele ficou com um pé atrás.

– Você vai viver com quarenta pit-bulls?

Abri um sorriso: ele tinha ficado intrigado. Joguei um punhado de cogumelos no *wok* no qual preparava meu jantar.

– Pensei em usar a área atrás do celeiro, onde o vovô costumava manter a horta. Poderíamos alojar os cães no celeiro. Tem bastante espaço para baias individuais, para uma área de exercícios... Poderíamos criar algo bem confortável.

– E você se sentiria confortável com todos esses cachorros?

– Claro que sim. Você sabe que adoro trabalhar com animais.

– E você é ótima nisso, não há dúvida. Mas, querida, trabalhar com golden retrievers em uma casa de repouso é completamente diferente de reabilitar animais que vieram de alguns lugares muito violentos. Você está preparada para isso? Tem treinamento para fazer algo assim?

– Ainda não. Eu teria de aprender com o Lou; aprender um pouco sobre adestramento e a lidar com raças mais fortes. E uma pessoa que já trabalhou com ele na unidade de Long Beach viria para cá, eu estaria literalmente cercada de pessoas que entendem do assunto mais do que eu. Não é você que vive me dizendo que devemos sempre trabalhar com pessoas mais espertas do que nós, porque assim nos tornamos mais espertos também?

– Touché, gatona. – Ele riu. – Ao que parece, a senhorita vai ficar em Monterey, hein?

A pergunta de um milhão de dólares. Respirei fundo, desliguei a boca do fogão sob o *wok*, caminhei até o quintal e me sentei em uma das gigantescas cadeiras de descanso estofadas de plástico estampado com margaridas.

– Eu sei que provavelmente estou tendo uma reação impulsiva ao que causei a todo mundo aí, incluindo você, que gastou tanto dinheiro naquele casamento perfeito. – Estremeci ao me lembrar de uma das despesas que Charles deixara meu pai assumir. Zeros e mais zeros. – Mas também me dei conta de que preciso fazer algo completamente diferente do que estou acostumada, dar um giro de cento e oitenta graus na minha vida. E isso seria diferente, pode apostar. – E difícil. Eu não estava me enganando, achando que seria algo do tipo: “Ei, vamos abrir um pet shop!”. Não. Seria trabalho duro, física e emocionalmente. Lidar com cães maltratados, ver os ferimentos desses animais, seria dureza. Entretanto, eu sabia que precisava disso. Precisava de um desafio. Precisava arregaçar as mangas e colocar a mão na massa. – Vamos fazer o seguinte. Por que você não passa aqui quando tiver um tempo livre? Eu chamo o Lou, e nós três sentamos e conversamos, e você vê se te interessa. Afinal, a propriedade é sua, e você precisaria concordar totalmente. E, se isso for para a frente, eu faço questão de pagar aluguel. Talvez não seja muito no começo, mas já seria algo.

– Pare com isso, Chloe. Você mesma disse: eu nunca apareço por aí; o lugar fica vazio praticamente o ano todo. *Seria* bom se voltasse a ter vida por aí. Não me agrada nada esse desperdício de espaço – meu pai refletiu.

Imaginei-o à sua mesa no escritório, esfregando a mandíbula, o olhar perdido.

– Então, vai pensar sobre o assunto? – indaguei, e praticamente o vi assentindo.

– Ligue para o seu amigo Lou. Se ele puder ir aí em algum fim de semana, eu dou um jeito de aparecer também. E então a gente vê.

Chutei o ar. Uhu!

E retornei ao meu grelhado e à minha taça de rosé perfeitamente gelado e os degustei junto com uma porção de opções maravilhosas.

* * *

Essas opções se transformaram em realidade uma semana depois, quando meu pai e Lou acertaram, com um aperto de mãos, que aquele seria o lugar em que a Batutinhas Norte fincaria raízes. Eu achava que seriam necessárias várias reuniões e tentativas de convencimento, mas, quando meu pai viu as fotos e os vídeos trazidos por Lou, dos cachorros não só no momento em que chegavam, mas também quando eram acolhidos em lares cheios de amor, não restou um olho seco na casa.

E assim foi. Lou me ofereceu o posto de diretora de operações, eu aceitei e, pouco tempo depois, estava na ativa. Com um salário, um cargo e até mesmo cartões de visita! E o dinheiro que seria usado para alugar um terreno seria pago mensalmente ao meu pai, como um agradecimento pelo uso da propriedade. Eu havia gerado uma renda para ele; eu não era uma sanguessuga. E eu tinha cartões de visita!

Não era exatamente assim que eu contaria para minha mãe, mas essa era uma conversa que eu poderia adiar por alguns dias. Desde que chegara a Monterey, minha comunicação com ela tinha se limitado a ligações breves e secas, além de outra rodada de mensagens exaustivas.

Mensagem #1:

Querida Chloe,

Mensagem #2:

Tomei a liberdade de enviar
DE VOLTA TODOS OS SEUS
PRESENTES DE CASAMENTO,
A MAIOR PARTE ERA EM CRÉDITO
da Saks então conseguirei resolver quase tudo!!!!

Mensagem #3:

Seu pai me disse que você vai ficar
em Monterey por tempo indeterminado;
só não sei por que você
MESMANÃOMECONTOU

Mensagem #4:

Não se esqueça de que, em meio a
essa sua busca espiritual atual,
você se comprometeu a falar na
conferência ESTATUTATÁRIA de
Miss Golden State no dia 30.
Eu detestaria ter de dizer que você
vai cancelar porque ainda não
conseguiu ENCONTRARASIMESMA
ou seja lá o que está FAZENDO AÍ*0%

Risada abafada. Revirar de olhos.

* * *

O que eu estava fazendo era progredir em um ritmo alucinante. Os empreiteiros contratados por Lou começaram a nivelar o pasto atrás da garagem, que seria o espaço principal no qual os cães ficariam concentrados. Como eu esperava, conseguimos transformar o antigo celeiro em abrigo para os cachorros. Baías internas e externas seriam colocadas juntas, e haveria um cercado especial para casos que demandassem maior isolamento. Como cães resgatados de rinhas podiam ser, na melhor das hipóteses, instáveis, mantê-los longe dos demais era primordial para sua reabilitação; a apresentação aos

outros cachorros seria lenta, no tempo devido.

Uma área para exercícios foi rapidamente construída, a qual contava com pista de obstáculos e uma piscina infantil para recreação. Os empreiteiros também delimitaram um enorme pasto para que os cachorros corressem livremente.

Um antigo galpão foi impermeabilizado e convertido em área de adoção, com bastante espaço para que as potenciais famílias adotantes conhecessem seus novos cãezinhos. Outro galpão foi destinado a armazenar comida, brinquedos e camas que precisaríamos – a maior parte fruto de doação, ou de lojas, ou de moradores da região. Em uma casa, há sempre muitas coisas sem uso que seriam úteis para outros. Aquela colcha de vinte anos que só está ocupando um espaço precioso no seu armário de roupa de cama poderia ser o paraíso para patinhas que nunca conheceram outra coisa senão concreto. Aquele balde na garagem cheio de bolas de tênis da época em que você jurou que iria começar a praticar o esporte é exatamente o tipo de coisa que abrigos caninos necessitam e que colocariam em uso imediatamente.

O doutor Campbell pai foi uma ajuda e tanto. Ele fez com que obtivéssemos o alvará da prefeitura mais rápido do que teríamos conseguido sozinhos, o que nos permitiria dar início às atividades assim que a instalação ficasse pronta. E, graças à sua reputação na comunidade, qualquer um que tivesse algo negativo a dizer da abertura de um abrigo para pit-bulls na cidade era imediatamente convertido após ouvir o eloquente discurso do doutor Campbell sobre esses animais incompreendidos.

Conforme as coisas começaram a tomar forma, me peguei pensando cada vez menos na vida que tinha deixado para trás em San Diego e cada vez mais na que estava construindo em Monterey.

Certa tarde, estava pintando de branco as baías que costumavam ser das vacas quando vi uma caminhonete em cuja lateral se lia “Hospital Veterinário Campbell” parar em frente à casa. O doutor Campbell havia dito que passaria por lá depois do trabalho para deixar algumas doações. Limpando as mãos

sujas de tinta no jeans, caminhei até a entrada de veículos e vi que era o filho, não o pai. Rapidamente passei as mãos pelo cabelo, me dando conta tarde demais de que tinha me deixado o próprio Pepe Le Gambá. Ah, paciência.

Lucas desceu da caminhonete, de calça jeans e camisa social preta para dentro da calça. (Misericórdia.)

– Oi! Achei que o seu pai traria as coisas – falei enquanto ele caminhava até mim.

– Ficou decepcionada? – ele brincou.

Parado na minha frente, Lucas bloqueava o sol, que formava uma auréola em torno de seu cabelo. Mordi o lábio para não declamar isso para ele.

– Só fiquei surpresa – respondi, inclinando a cabeça para dar outra espiada na auréola. – Como vão as coisas?

– Bem, bem. E com você?

– Ocupada. O que é ótimo no caso.

– Parece que as coisas estão caminhando muito bem. Quando meu pai me contou que estava ajudando com algumas coisas por aqui, me ofereci para vir e conferir... o lugar. – Ele abriu um sorriso.

– Aposto que a Marge adorou a ideia. – Gargalhei.

– Ah, com certeza. Não vai me levar para o tour?

– O tour?

– Sim, eu arrastei dezoito sacos de ração até aqui. O mínimo que você pode fazer é me apresentar o lugar.

– Você os arrastou em uma caminhonete. Não faça parecer que carregou no braço.

– Eu *carreguei no braço* até a caminhonete. Não conta? – Ele me mostrou as mãos. Eram calejadas. E pareciam fortes.

– Esses calos são do caiaque?

– Stand up paddle. Como você sabe que eu pratico caiaque?

– A sua agente me contou. – Revirei os olhos. – Até me mostrou fotos.

– Velha maluca. – Ele riu carinhosamente.

Nas últimas duas semanas, eu tinha passado duas vezes na clínica e não tinha visto nem sinal de Lucas, mas Marge fizera questão de me mostrar mais fotos dele.

E eu não posso dizer que reclamei.

– Tour, então? – perguntei.

– Desde que você não me obrigue a usar um pincel – ele provocou, alcançando o meu cabelo para limpar uma mecha suja de tinta. Minha pele formigou agradavelmente. – E aí, por onde começamos? – Ele olhou na direção da colina. – Por lá?

– Ei, colega, a guia aqui sou eu. *Eu* digo por onde vamos começar. – Me virei e me dirigi à colina. – Vamos começar pela colina.

Ouvi uma risadinha atrás de mim. E coloquei os quadris para trabalhar. A risada se transformou em algo ligeiramente mais desesperado, e eu ri junto.

Enquanto apresentava a propriedade a Lucas, eu apontava o que estava completo e o que ainda estávamos erguendo. Alguns dos voluntários de Lou chegariam em uma semana para dar os toques finais, montar o escritório e coisas assim. Como éramos uma filial, basicamente copiaríamos o que já dava certo em Long Beach, mas em uma escala menor. Eu visitara Lou várias vezes durante os últimos anos e sempre ficava admirada com a organização do seu negócio. Esperava copiar isso também.

Enquanto caminhávamos pelo centro do celeiro, expliquei a Lucas como os cães seriam mantidos.

– Eles vão passar bastante tempo ao ar livre todos os dias, mas cada um terá sua própria baia com cama, comida e água. Haverá espaços compartilhados, mas, pelo menos no começo, cada um terá seu próprio cantinho.

– Meu pai me contou tudo sobre o projeto, mas, vendo pessoalmente, é algo muito diferente. É impressionante o que vocês já fizeram por aqui.

– Não apenas nós. Você vai participar também – falei inocentemente.

– Vou?

– Claro. Seu pai ofereceu seus serviços como voluntário nas noites e nos

fins de semana. De graça. Ele não te contou?

– Acho que ele esqueceu de mencionar. – Ele se recostou em uma das baías. – Mas, por mim, não tem nenhum problema.

– Nas noites e nos fins de semana? De graça? Fantástico! – Bati palminhas. Ele se desencostou da baía e se aproximou um pouco.

– Ultimamente, meus fins de semana e minhas noites não andam muito agitados mesmo.

– Ah, não acredito. Um cara boa-pinta como você?

– Boa-pinta, é?

– Hum, você meio que levantou a bola para eu cortar, vai? – Soltei uma risada e reparei no quão próximo ele estava. – Além do mais, todos os bonitões de hoje em dia estão usando listras brancas na camisa preta. Está na moda. Você não vai ter a menor dificuldade de arranjar pretendentes.

– Listras brancas? – ele perguntou, confuso.

Eu dei um passo para o lado dele, passei uma mão pelas suas costas e a mostrei, cheia de tinta, a ele.

– Você podia ter me avisado! – exclamou, se virando rapidamente para tentar ver a parte de trás da camisa.

– Que parte de “Estou pintando as baías do celeiro” você não entendeu? – provoquei, e a coisa toda me pareceu leve, descomplicada. – Não se preocupe. É tinta caseira. Vai sair quando lavar.

– Certo. Acho que vou pegar os sacos de ração na caminhonete e deixar você aproveitar seu fim de tarde. Ou noite. Anoitecer. Enfim.

– Sim, vou voltar para o meu anoitecer – brinquei, e nos dirigimos à caminhonete. Caminhamos em silêncio, o qual, depois de alguns segundos, senti a necessidade de preencher: – Meus fins de semana e noites não andam muito agitados também, se você quer saber.

Informação demais. Informação demais. Informação demais.

– Oh, é mesmo? – ele indagou, e senti minhas bochechas começarem a queimar.

Por que diabos eu tinha dito aquilo? Então, imediatamente falei:

– Sim, estou curtindo bastante a paz e a tranquilidade. A mudança de ritmo tem me feito bem. A Marge me contou que você trabalha para os Veterinários Sem Fronteiras. Me conte tudo.

Chegamos à caminhonete, e ele foi até a traseira e começou a descarregar os enormes sacos de ração. Enquanto eu o conduzia ao galpão, ele me contava sobre a admirável organização. Era exatamente o que parecia: eles iam a lugares onde não havia veterinários. Identificavam regiões que precisavam de atendimento qualificado e dedicavam seu tempo e serviço àquelas comunidades. Animais de estimação, animais abandonados, não importava: eles cuidavam. Após os dezoito sacos de ração terem sido descarregados, Lucas descreveu uma aldeia costeira na Guatemala e os gentis moradores que conheceu lá. Noites dormidas em barracas junto com outros voluntários, noites passadas ao redor de uma fogueira na praia, horas seguidas de trabalho sob o sol escaldante. Dentro de poucos meses, ele partiria para outra expedição, dessa vez em Belize, onde passaria mais doze semanas.

– Como você se envolveu com a organização? – perguntei enquanto ele empilhava o último saco. Para cada saco que eu tinha arrastado pelo quintal, Lucas transportara três nos braços. Ele não estava sequer ofegante, e eu me perguntei o que então o tinha feito deixar escapar um arquejo. Depois me perguntei por que eu já estava um pouco triste por saber que ele ficaria fora por doze semanas, sendo que mal o conhecia.

– Digamos que eu precisava me afastar um pouco da cidade – ele respondeu, com certa tristeza no olhar.

– Entendo perfeitamente. É por isso que estou aqui. Não podia continuar em San Diego – falei, brincando com uma folha que tinha caído na caçamba da caminhonete.

Lucas se sentou na beira da caçamba e, parecendo intrigado, indagou:

– Oh, você também tem uma história? Aposto que não é tão ruim quanto a

minha.

Baralho, agora era *eu* quem estava intrigada.

– Ah, a minha é bem ruim, viu? – adverti, girando a folha.

– Eu conto a minha se você contar a sua.

– Está pensando que eu vou contar a minha triste história só para ver se é tão ruim quanto a sua? – brinquei.

– Sim, é a ideia. – Um último raio de sol brilhou entre as nuvens que se acercavam, dourando o rosto de Lucas.

– Você primeiro – falei com um suspiro.

Quando ele começou a contar, seus ombros murcharam um pouco.

– É bem simples. Rapaz conhece garota, rapaz e garota se apaixonam. Eles começam a namorar no fim do ensino médio e namoram durante toda a faculdade. Rapaz pede garota em casamento. Ela aceita. Os dois planejam o casamento, passam a morar juntos, vivem muito felizes. Ou assim pensa o rapaz. Então, minutos antes do casamento, o rapaz é abandonado no altar porque a garota decidiu que não quer passar o resto da vida presa em uma cidade pequena. A garota sai correndo da igreja, faz as malas e se muda para Los Angeles, e o rapaz precisa explicar para todos os convidados para onde diabos a noiva foi. O rapaz sabe para onde, porque a garota teve a consideração de enviar um maldito bilhete por uma madrinha mais maldita ainda. O rapaz fica sabendo de uma vaga que acabou de ser aberta na Guatemala e aproveita a chance para se afastar da cidade e da cara de tristeza de todo mundo. Não muito diferente da que você está fazendo neste exato momento, embora a boca aberta seja um toque de classe que eu ainda não tinha visto.

Fecho a boca no mesmo instante.

– Deixe-me ver se entendi bem – falei, balançando a cabeça incredulamente. – Sua noiva te abandonou no altar?

– Sim.

– Baralho.

– Perdão?

– Nada – respondi, com os olhos arregalados. – Continue.

– É isso. Nós namoramos por anos. Praticamente crescemos juntos. Eu a conhecia melhor do que ninguém... Ou achava que conhecia. Eu... Eu não consigo acreditar que isso aconteceu. Quando alguém em quem você confia é capaz de fazer uma coisa dessas... – Sua voz carregada se tornou fraca e emudeceu.

– Eu sei – afirmei, os pensamentos a mil.

– Enfim – ele falou, e seus olhos ganharam vida novamente. – Te contei a minha história triste. Agora...

– Quer que eu conte a minha?

– Você não faz ideia do quanto. – Ele abriu um sorriso.

Senti meu coração acelerar. E um aperto no peito – como eu poderia contar a ele a minha história? Sua noiva tinha dilacerado seu coração na frente de todos, e agora ele saberia que eu tinha feito basicamente o mesmo com Charles.

Tecnicamente, Charles não havia subido ao altar. E, tecnicamente – felizmente –, nós nunca tivéramos o tipo de amor que parecia ter havido entre Lucas e sua ex. Então, tecnicamente, eu poderia contar a ele de um jeito que o fizesse entender.

Só que aquele cara maravilhosamente fofo e ridiculamente lindo estava me olhando com aqueles olhos penetrantes e aquele sorriso sexy e, baralho, eu queria manter aqueles olhos e aquele sorriso para mim por mais um tempo. Então...

– Ah, bem, não é uma história tão interessante assim. Acabei de sair de um relacionamento longo, só isso. Também estava noiva, até bem recentemente, na verdade. – E continuei, pontuando as palavras com encolhidas de ombros e jogadas de cabelo para trás. Menos! Menos! – Mas não estou mais. Terminamos. Então, conheço decepções amorosas. – Minhas palavras soaram como letra de música country. E não das mais recentes e legais; das antigas e

cafonas mesmo.

– Você estava noiva? – ele perguntou, demonstrando empatia.

– Sim, mas você sabe... – Comecei a encolher os ombros, mas então percebi que uma sobrancelha dele se ergueu diante da minha indiferença. – Quero dizer, sim – reafirmei em tom de autopiedade –, você sabe. – Suspiro. Piscada. Piscada.

Oh, que emaranhado de teia tecemos quando decidimos engendrar um sofrimento maior do que o real por ter deixado o noivo. Ei, soou poético na minha cabeça.

– Então, o seu noivado terminou, e eu fui abandonado no altar – ele disse, e aquele sorriso de banda voltou a aparecer.

– Assim é.

– Somos dois miseráveis. – Seus olhos permaneceram fixos nos meus. Por exatos três segundos.

Então, ambos caímos numa gargalhada louca – eu porque tinha conseguido me esquivar daquela arapuca, pelo menos por enquanto.

Aos poucos, nos aquietamos, o crepúsculo se assentando ao nosso redor, o ar fresco começando a se preencher com os sons da encosta. Grilos, pássaros se recolhendo, algumas abelhas numa última busca por néctar.

– Quer ouvir uma coisa estranha? – perguntou Lucas, cutucando meu ombro com o seu.

– Sempre.

– Você se parece com ela.

– Ela quem?

– Minha noiva. Ex-noiva.

– Ai, baralho, sério? – Cobri o rosto com as mãos.

Ele riu, agarrou minhas mãos e as posicionou de volta em meu colo.

– Qual é a do baralho?

– Hein? – Eu não tinha prestado atenção na pergunta, já que suas mãos tinham acabado de tocar minha pele. E minha pele aparentemente gostou

bastante, pois ficou ouriçada.

– Você acabou de dizer “Ai, baralho, sério”. E, quando deixou cair um saco de ração mais cedo, tenho quase certeza de que ouvi um “baralho!”. E aí... Baralho?

– Oh, sim, bem... É coisa da minha mãe. Uma mocinha jamais fala palavrão, sabe. Simplesmente é algo que não se faz – falei num tom mais agudo e afetado.

– Ah, então “baralho” significa... – Ele se calou.

– Sim, “baralho” significa...

– O que precisa acontecer para você usar a palavra verdadeira? – Seus olhos azuis me provocavam.

– Eu tenho que estar enfurecida – admiti, tornando-me consciente de cada ponto de contato entre nós, cada parte do lado direito do meu corpo que estava conectada ao seu lado esquerdo. Coxas, sim. Quadris? Aham. Cotovelos? Claro que sim. – Quer dizer que eu pareço a sua ex, hein?

E assim joguei um balde de água fria virtual sobre nós. Ufa.

– Oh... Sim, um pouco. O cabelo loiro e comprido, os olhos verdes, mas você é um pouco mais alta e mais magra do que ela.

– Hum. Me surpreende que a Marge tenha bancado o cupido, então.

– Pois é. Ela não podia dar mais na cara. Toda manhã, quando eu chego na clínica, o cumprimento dela é me atualizar sobre como estão as coisas por aqui, o quanto você está bonita, como pode ninguém ter te chamado para sair ainda, para conhecer a cidade. Normalmente eu recebo uma nova atualização no horário do almoço.

– Ah, meu Deus, que vergonha! – murmurei, me deitando na caçamba. O rosto dele pairou sobre o meu.

– Não fique com vergonha. Ela faz isso com todo mundo. Eu só não tinha entrado na mira dela ainda.

– Se ela soubesse que eu acabei de term... que meu noivo e eu acabamos de terminar, pensaria duas vezes antes de bancar o cupido. – Passei as mãos pelo

cabelo. – Juntar duas pessoas que acabaram de terminar e estão vulneráveis não é nada bom. Não pode sair coisa boa daí.

– É, viver um romance passatempo para esquecer o ex me parece uma péssima ideia. – Ele soltou uma risadinha abafada, e eu espiei seu rosto por entre meus dedos.

– É uma péssima ideia. E é por isso que eu e você, senhor Olhos Azuis, vamos cortar as asinhas da Marge. – Eu me sentei rapidamente, afastando do rosto o cabelo incrustado de tinta. – Seria um erro de proporções épicas. Imagine só, você saindo com uma garota que se parece com a que acabou de...

– Me mandar para a casa do baralho?

– Sim. Já imaginou? Todo mundo iria comentar.

– Aposto que você não tem nada a ver com ela. A menos que também seja miss. Isso, sim, seria bizarro. – Ele riu.

Silêncio abrupto. Eu o encarei com os olhos arregalados e uma expressão culpada.

Ele franziu a testa.

Ergui o braço em resposta. Tchauzinho de miss.

– O quê? Não... – ele murmurou, horrorizado.

Dei um tapinha em sua bochecha.

– Oh, fofinho...

Após um instante, ele se deixou cair na caçamba e soltou um gemido. Que logo se transformou em gargalhada. À qual eu me juntei: dois novos amigos, que não viveriam um romance passatempo, rindo como bobos sob a lua nova.

CAPÍTULO SEIS

– Chloe! Que bom que você ligou! Eu estava mesmo querendo saber como você está – disse Clark.

– Tudo indo. Desculpe por não ter passado muito tempo com você no fim de semana do casamento.

– Não tem o menor problema; você estava com a cabeça cheia. Como estão as coisas em San Diego?

– Suponho que bem, mas eu estou em Monterey agora. Vou me mudar para cá, na verdade.

– Oras, bolas! – Clark processou a informação por alguns segundos. – Certo, me conte tudo.

A diferença de idade entre meu primo e eu é de poucos meses, e na infância tínhamos sido unha e carne. Eu costumava passar as férias de verão em Mendocino com a família dele, antes de a minha mãe ser picada pela mosca dos concursos de beleza e começarmos a passar os verões dirigindo pela Califórnia para que eu fosse iniciada em toda e qualquer competição de miss. Com o passar dos anos, Clark e eu nos distanciamos um pouco, mas uma

reunião de família durante o último ano do ensino médio nos reaproximou. Como ambos éramos filhos únicos e não havíamos vivido o laço da irmandade, nos tornamos, com o tempo, irmãos postiços.

Numa visita a Clark algumas semanas antes do casamento, eu revelara parte das dúvidas que me tomavam, mas considerara que eram apenas fruto do nervosismo. Clark me escutara atentamente; ele sempre fora um ótimo ouvinte. E, embora naquele momento eu ainda sentisse que casar era a coisa certa a fazer, ele era um dos poucos que entenderia por que eu não pude seguir em frente com o casamento.

Naquela mesma viagem, conheci a Vivian dele, ou Viv, como ela prefere ser chamada. Uma figura – um pouco bruta, mas me pareceu o par ideal para o meu primo, um cara antiquado, sem muito molejo. A noite seguinte à minha partida de Mendocino aparentemente foi a noite em que as coisas entre eles se transformaram; desde então, o romance dos dois era um furacão. Nas palavras de Clark, ela era do balacobaco. E os dois já estavam morando juntos. Lembrei de quando ele me ligou para contar.

– O quê? Você vai morar com ela? – perguntei, incrédula. – Mas só faz... – Eu era péssima pra baralho em matemática. – Não faz muito tempo.

– Tem razão, mas está sendo tão perfeito.

– Se você tem certeza... – ponderei; não queria magoá-lo.

Quando o assunto era amor, meu primo é fofo e incuravelmente antiquado. A não ser pela parte de morar junto sem casar...

– Chloe, alguma vez você me viu agir por impulso?

– Na verdade, não.

– É exatamente por isso que tomei essa decisão! Fique feliz por mim! – Ele riu, e eu fui convencida pelo entusiasmo em sua voz. Clark parecia realmente feliz.

E agora ele me contava:

– Estamos aprendendo a conservar legumes! A Vivian está tentando fazer a receita da tia, principalmente a dos seus famosos pickles. Nossa cozinha está

tomada por pepinos e potes, e eu posso garantir que nós dois estamos cheirando a vinagre.

– O importante é que ela esteja feliz, certo? – Soltei uma gargalhada. Conhecia o meu primo. Era o tipo de cara que faria qualquer coisa por sua amada. Inclusive cheirar a molho de salada.

– Só falamos de nós dois até agora. Conte-me o que está rolando em Monterey. Estou contente de ter você mais perto de mim.

– Eu também! Vocês dois precisam me visitar! Lembra daquele lugar em Long Beach que comentei com você? A Batutinhas?

Contei para Clark tudo o que eu estava fazendo e, conforme falava, me dei conta do tanto que havia realizado em tão pouco tempo. Ele ficou interessado pela história do abrigo e impressionado com quanto nosso trabalho havia avançado. Clark compartilhava do receio do meu pai com cães agressivos, mas, acima de tudo, ficou feliz pelo que estava acontecendo comigo.

– A Viv tem falado sobre adotar um cachorro... – ele pensou em voz alta.

– Assim que tivermos algum pronto para adoção, eu te aviso. – Eu estava entusiasmada com a ideia de aquilo se tornar algo real. Algo que era meu, que eu havia construído.

Eu nunca havia pensado seriamente sobre o que gostaria de ser quando crescesse. Estranho, é verdade, mas tudo sempre pareceu tão predeterminado. Não há nada de errado em ser esposa, em ser mãe, quando você escolhe isso. Eram poucas as meninas com quem estudei que *ansiavam* por isso, que desejavam verdadeiramente; elas não viam a hora de ter filhos, construir um lar, começar a própria família. O caminho dessas meninas era claro, e elas estavam sendo honestas consigo mesmas.

Mas não era o caso da maioria das minhas amigas. Sempre tive a sensação de que elas se precipitavam nesse destino porque acreditavam que uma vida boa lhes seria entregue de bandeja. E acredite: quando você é jovem e bonita, os homens fazem fila por uma namorada troféu. E, às vezes, a namorada troféu se transforma em esposa troféu. E acabou – você atingiu o ápice. O

casamento não passa de um meio para um fim.

Eu esperava casar com um homem que eu amasse. E agora, enquanto ouvia Clark falar sobre Viv, agradecia aos deuses mais uma vez por ter entrado em pânico e fugido no dia do meu casamento. Talvez no futuro eu ansiasse por pickles, e preferia me imaginar ansiando por pickles ao lado de um homem que quisesse aprender a fazer pickles junto comigo. Charles simplesmente compraria pickles prontos. Não havia nada de errado nisso. Mas eu queria algo mais caseiro.

No fim da ligação entre mim e Clark Pickles, combinei de ligar se aparecesse um cachorro que fosse perfeito para eles, e ele ficou de me ligar mais vezes para contar sobre suas aventuras com Viv. Me recostei na cadeira da mesa do café, a xícara na mão, e pensei no que estava com vontade de comer no café da manhã. Eu vinha comprando donuts com muita frequência ultimamente, e não me passou despercebido que minhas calças estavam um pouco mais apertadas do que o normal.

Fui até a geladeira e dei uma olhada, decidindo fazer uma omelete. Tinha acabado de começar a cortar as cebolas quando escutei o barulho de carro na entrada. Já estava acostumada com os funcionários chegando a qualquer hora da manhã, mas em pleno domingo?

Olhei para minha camisola e rapidamente fechei o robe. Que dei graças por estar vestindo quando avistei a caminhonete com a inscrição “Hospital Veterinário Campbell”. E logo vi Lucas, de jeans surrado e camiseta manchada de tinta, descendo do carro, carregando um balde com pincéis, lixas e espátulas.

Acenei através da janela da cozinha para ele, que se aproximou.

– O que é isso? – perguntei pela tela da janela.

Ele ergueu o balde.

– Você disse que precisava de ajuda para pintar. Eis a ajuda!

– Mas eu ainda nem tomei café da manhã!

– Ótimo! – Ele pousou o balde no chão e abriu um sorriso. – Estou

morrendo de fome!

– Ah, fala sério – murmurei e gesticulei para a porta da frente.

Enquanto caminhava, eu o observava me seguindo pelo lado de fora da casa; cada janela panorâmica me oferecia uma breve visão daquele homem perigosamente charmoso. Apertei o nó do robe antes de abrir a porta.

– Bom dia, Passatempo! – Ele sorriu e subiu os degraus da varanda. – Uau! – Seu olhar percorreu a camisola e o robe.

Segurei com força a maçaneta. A maçaneta da *porta*.

– Eu não estava esperando visita – falei. – Ninguém aqui é passatempo de ninguém.

– Humm. – Ele olhou por sobre meu ombro para o interior da casa. – Não vai me convidar para entrar?

– Você está acostumado a conseguir o que quer, não é?

– Bastante. – Lucas abriu outro sorriso largo.

Não consegui evitar sorrir de volta e fiz um gesto para que ele entrasse.

– Entra. Espero que goste de omelete.

– Amo. – Ele caminhou atrás de mim. – Nossa! Túnel do tempo! – exclamou diante do estilo retrô.

– Espera só até ver a cozinha. Foi lá que a fórmica laranja deu seus últimos suspiros. – Eu ri e apontei para algumas das outras decorações bregas. – Ainda não estou acreditando que você veio pintar.

– Fizemos um trato ontem à noite, e eu honro meus compromissos. – Ele se inclinou na minha direção. – Ao contrário da minha ex.

– Ai. – Estremeci, e um nó desagradável subiu pela minha garganta.

– Eu não deveria falar assim. É meio patético, né?

– Patético? Não, não, de jeito nenhum. – Apertei o laço do robe ainda mais. – Talvez tenha sido melhor assim. Quero dizer, claro que foi horrível, mas foi melhor do que descobrir tarde demais, não? – perguntei, e não apenas a Lucas. Me justificando para o cosmos?

– Bonita e objetiva – ele ponderou, sorrindo para mim. – Você é matadora,

sabia?

Minha respiração falhou quando olhei de canto de olho para cima e vislumbrei a beleza daquele ser.

– Você ficou vermelha – ele murmurou, e eu me virei para a cozinha, sabendo que ele me seguiria.

– Me deixa ficar vermelha enquanto preparo o café – falei em um tom leve.

– Desafio aceito. – Ele entrou na cozinha atrás de mim.

– Não propus nenhum desafio. Você não pode aceitar um desafio que não foi feito. – Me posicionei em um dos lados da enorme ilha da cozinha e me inclinei um pouco à frente, o que fez o robe se abrir ligeiramente.

– Matadora – ele sussurrou, inclinando-se sobre o lado oposto da ilha, o olhar um tanto atordoado.

– Vou voltar para as minhas cebolas agora.

– Faça isso. – Ele suspirou, e uma risadinha maníaca me escapou.

Balancei a cabeça e me virei para o fogão.

– Pode pegar a manteiga na geladeira, por favor? Em cima, à direita.

– Deixa comigo. Precisa de mais alguma coisa?

– O queijo cheddar. Na gaveta de baixo.

– Não pode colocar o queijo na gaveta de baixo.

– Claro que posso.

– Não, não pode. Na gaveta de baixo, ficam os vegetais. Queijos ficam nesta gaveta menor aqui, ó, onde está escrito “Laticínios”. – Ele apontou para o compartimento. – Mas você tem... Minha nossa, você está fazendo um estoque de pudim?

– Saia. Já. Daí. – Eu ri e o puxei pelo braço para longe do meu estoque.

– Sério, acho que todos os pudins de chocolate da cidade estão na sua geladeira. Você faz parte de alguma seita apocalíptica?

– O quê? – perguntei, pegando o queijo cheddar enquanto levava Lucas para longe da geladeira.

– Aquelas pessoas que se escondem em bunkers e estocam comida enlatada

e armas para o caso de um apocalipse zumbi, sabe? Mas, no seu caso, você vai atacar os zumbis com pudim – ele explicou conforme eu o empurrava até a mesa e o sentava em uma cadeira.

– Sim, é exatamente esse o meu plano. Como você adivinhou? – perguntei com uma cara inexpressiva, piscando como um robô. – Quer bacon na omelete?

– Evidente que sim!

Eu comecei a bater os ovos e a adicionar os pedaços de bacon que tinham sobrado do dia anterior. Depois, refoguei as cebolas com um pouco de manteiga e então me virei para perguntar a Lucas por que ele não tinha nada melhor para fazer em uma linda manhã de domingo do que pintar o meu celeiro, quando percebi que ele havia desaparecido.

– Lucas? – chamei, e sua cabeça brotou da despensa.

– Caramba, tem mais uma caixa de pudim aqui! E sete, não, oito pacotes de biscoitos de chocolate!

– Ok, chega. Saia já da minha despensa! Você é uma praga! – gritei, empurrando-o de novo até a mesa. – Pare de tirar sarro do meu chocolate de consolação.

– Do seu o quê? – ele perguntou, o belo rosto tomado por confusão. Oh, oh, eu estava encrencada.

– Meu chocolate de consolação. Acabei de terminar um relacionamento. Estou no meu direito. Além do mais, você não tem ideia da dieta que minha mãe me obrigou a fazer para entrar no vestido de noiva. Ugh! – Quebrei os ovos raivosamente na tigela e os bati vingativamente. – Eu *fiz por merecer* esse chocolate!

– Acredito em você – disse Lucas, observando enquanto eu despejava os ovos no refogado de cebola.

– Eu ia pedir para você servir o suco de laranja, mas estou com medo do que vou ouvir sobre o leite com chocolate – comentei, olhando para ele por sobre as bocas do fogão.

- Posso pegar um pouco?
- Do meu leite com chocolate?
- Sim.
- Claro.

– Então você não vai ouvir nem uma palavra sobre ele – Lucas falou prontamente, caminhando até a geladeira. Pegou ambos, suco e leite com chocolate, e eu apontei com a cabeça para o armário onde ficavam os copos.

Alguns minutos depois, estávamos sentados à mesa, pratos e copos cheios à nossa frente. Sorrimos um para o outro através da borda dos copos e começamos a comer.

– Está uma delícia! – ele falou após devorar metade da omelete com duas garfadas.

– Obrigada.

Curti o momento, o tinido do seu garfo no prato conforme ele raspava a outra metade. Em poucas semanas, eu tinha me acostumado ao silêncio, mas o silêncio de um é muito diferente do silêncio de dois. Era gostoso ter outro tinido de garfo além do meu próprio.

– Qual é a da casa? – Lucas perguntou de repente, e eu, surpresa, engasguei com o suco de laranja. – Você está bem? – Ele deu tapinhas nas minhas costas.

– Desculpe. Desceu pelo buraco errado. Não entendi.

– Esse cafofo maneiro, cara, essa cachanga! Me sinto como se tivesse que dizer coisas como “gatinha” e “broto”.

– Ah, sim. Bem, não faz muito meu gosto, se é o que você quer saber...

– Sério? Essa casa é demais! – ele exclamou, com tanto entusiasmo que me peguei sorrindo de novo. Eu sorria bastante quando estava perto desse cara, isso era um fato.

– Obrigada. É do meu pai. Ela pertence à minha família há muitos anos, mas a gente mal vem pra cá. Por isso a decoração ultrapassada.

– E agora é um abrigo para pit-bulls. Sensacional.

– Sim. Eu não tinha planejado nada disso quando vim para cá; eu só precisava respirar um pouco. Sou privilegiada de ter este terreno para fazer isso.

– Era o que você fazia em San Diego? Digo, era o seu trabalho?

Aproveitei a oportunidade para encarar o meu prato.

– Não exatamente.

– O que você fazia?

– Eu nunca tive um trabalho remunerado. Eu era boa em uma única coisa: vencer concursos de beleza. Depois comecei a fazer trabalho voluntário. Depois fiquei noiva. E eu não iria trabalhar depois de casada. Então isso aqui é um grande passo para mim. – Joguei o garfo na mesa. De onde tinha vindo isso? E por que o meu queixo estava tremendo? Ah, baralho. – Desculpe, é um assunto meio delicado para mim, acho. – Funguei e enxuguei o canto dos olhos com um guardanapo.

– Acontece. É normal se sentir assim. Se você visse como eu fiquei depois que a Julie e eu terminamos... Quando cheguei na Guatemala, eu estava... fora de mim – ele admitiu, empurrando o prato.

– Ah, é? Você também chorou sobre a omelete feito um bebê? – perguntei, a voz toda trêmula agora. Voz e queixo trêmulos, que combinação.

– Sobre a omelete, não. Mas bebi mais do que estou acostumado e fiz algumas ligações de madrugada das quais não me orgulho. – Ele se inclinou para a frente e fez um gesto para que eu fizesse o mesmo. – Ok, pode ser que tenha havido uma lágrima ou duas certa noite. Mas foi sobre um ensopado de cabra, nada de omelete.

Eu ri contra o guardanapo, uma risada guinchada, chorosa, horrível.

– Olha só o meu estado.

– Sim, descalça e de camisola – ele falou baixinho, enxugando a minha bochecha com o polegar. – Olha só o seu estado...

Ele se levantou para tirar a mesa, pegando o meu prato primeiro.

– Vamos lavar a louça e depois vamos pintar. O que acha, bebezona?

– Acho bom – sussurrei. Sussurrei porque naquele momento não confiava na minha voz. Porque de repente havia outras coisas que eu queria fazer em vez de lavar louça e pintar...

* * *

Eu tinha feito a maior parte do trabalho no dia anterior, mas havia alguns pontos mais altos que eu tinha dificuldade de alcançar e por isso deixara por último. Por causa de sua altura, Lucas era o cara perfeito. Para alcançar os pontos altos, claro.

Conversamos enquanto trabalhávamos. E rimos enquanto trabalhávamos. E, no decorrer daquela manhã, eu cheguei à conclusão de que Lucas Campbell não era apenas lindo e engraçado; ele também era... um cara legal. Com o cabelo do príncipe Harry.

Krip-to-ni-ta. Eu estava *tão* encrencada.

Fiquei sabendo que ele era filho único, mas que sua família era grande, e a maior parte vivia no norte da Califórnia. Ele havia praticamente nascido na água: começou surfando e agora praticava caiaque e stand up paddle – um verdadeiro rato de praia. Também fiquei sabendo que ele nunca quis ser outra coisa senão veterinário e trabalhar na clínica da família, que o avô fundou nos anos sessenta. E fiquei sabendo mais sobre sua ex, Julie.

Ela não tinha vivido o circuito de miss por tanto tempo nem tão extensivamente quanto eu e tinha ganhado sobretudo títulos locais; talvez por isso eu nunca a tivesse conhecido. Ela sempre se interessou mais por ser atriz, e foi o que decidiu fazer depois de abandonar Lucas e se mandar para Los Angeles. Quem abandonaria aquele cara?

Alguém está olhando para Charles e dizendo exatamente a mesma coisa sobre você.

Touché.

– Quem terminou?

– Humm? – perguntei do canto de uma das baías.

Eu havia praticamente acabado; me sentei para pintar os rodapés. O chão antigo tinha sido intensamente lavado e depois impermeabilizado para protegê-lo da poeira que sempre existia em estruturas velhas como aquela. Com a pintura, o ambiente inteiro estava claro e convidativo, com as antigas vigas sobranceiras. Antigamente as coisas eram construídas para durar; o teto tinha demandado remendos mínimos para manter os cães protegidos mesmo no caso de uma tempestade colossal.

O lugar estava gostoso.

E, por falar em gostoso, Lucas estava em uma escada portátil na baía ao lado da minha, olhando para mim enquanto terminava de pintar seu último canto. Que canto sortudo, pensei.

Calma. Ele me perguntou alguma coisa? Ah, sim.

– Terminou o quê?

– Você e seu ex. Quão próximo do casamento vocês estavam quando terminaram?

Quase deixei o pincel cair dentro do balde.

– Até parece que vou te contar isso – zombei e olhei para ele.

Quando ele esticou o braço para pintar a viga mais alta, sua camiseta deslizou para cima e revelou um centímetro ou dois de pele bronzeada. Num reflexo, lambi os lábios – e fiz uma careta com o gosto de tinta. Eca.

– Como assim? Pensei que a gente tinha combinado que podia conversar sobre essas coisas. Compartilhar nossas histórias tristes?

– Aqui vai uma história para você, seu veterinário enxerido – retruquei, dando a última pincelada e jogando meu pincel dentro do balde –: terminei.

Deitei no chão e senti os músculos das costas se alongando agradavelmente.

– Ótimo! Você pode me entreter enquanto termino esta última parte.

Desembucha, mulher – ele disse, e eu o observei trabalhando sem qualquer pudor.

Eu conseguiria contar para ele? Eu poderia não entrar em detalhes sobre a parte em que fugi do casamento horas antes de ele acontecer? Eu poderia tentar.

– Você quer saber por que meu noivo e eu terminamos?

– Sim.

– É complicado.

– Imaginei que fosse.

– Humm, ok. Bem, acho que para mim tudo se resumiu a um sentimento que eu... quer dizer, nós tínhamos. Um mês antes do casamento, eu vinha sentindo que tinha algo errado; acho que nós dois sentíamos isso. Mas isso só ficou claro mesmo na última... semana, mais ou menos. – Até ali, tudo tranquilo. *Nós. Enfatize o nós* . – E nós dois soubemos que não era o certo.

Afe.

Fui idiota e continuei:

– O curioso é que eu acho que ele teria seguido em frente com o casamento. Quero dizer, se a gente não tivesse conversado antes. Ele não me amava de verdade, eu não o amava de verdade, mas acho que para ele isso não era essencial para um bom casamento.

– E para você?

– Eu quero tudo. Quero um amor pleno, avassalador, do tipo não-posso-viver-sem-você, não-consigo-estar-no-mesmo-ambiente-que-você-e-não-te-querer-pe-lada – falei, fechando os olhos e sorrindo ao dizer as palavras. Quando voltei a abri-los, lá estava ele. – Não acredito que acabei de falar isso.

Eu quis enfiar minha cara num buraco. Mas ele não deixou. Me encarou de um jeito penetrante e firme. Eu mal conseguia respirar. Seu corpo inteiro ficou teso, as juntas dos dedos esbranquiçadas em volta do pincel, e ele lambeu os lábios.

– Bem, é o que todo mundo deseja, não é? – perguntou, finalmente retomando a pintura.

E eu retomei o ritmo regular da minha respiração.

– Seu relacionamento com a Julie era assim? – indaguei, a voz vacilante.

Lucas se deteve por um momento e então voltou a pintar.

– Foi, em algum momento. E se você me perguntasse isso na véspera do casamento eu provavelmente teria dito que ainda era. Mas honestamente? – Ele rematou o seu canto com um golpe ruidoso e jogou o pincel dentro do balde. – Não era. Não mais.

Desceu da escada, desapareceu de vista do outro lado da baia, mas se aproximou e se sentou do meu lado. Ambos admiramos a nossa obra em silêncio. Até que ele perguntou:

– Qual é o nome dele?

– Charles. Charles Preston Sappington.

– Credo.

– Credo? Você não sabe nada sobre ele! – protestei, me sentando imediatamente.

– Rico, certo? – Havia uma expressão petulante em seu rosto.

– Sim.

– Clube de campo? Bem relacionado? Camiseta sempre dentro da calça?

– Sim. Sim – afirmei e parei para pensar por um momento. – Sim – respondi para a última pergunta, com um sorriso encabulado.

– Então o Chuck merece meu “credo”. Estou imaginando um mala sem alça.

– Que *nunca* usa a camiseta pra fora da calça – acrescentei, e Lucas assentiu gravemente com a cabeça, como se isso pusesse um ponto final na questão.

Continuamos sentados por mais um tempo, contemplando nosso trabalho.

– Obrigada por me ajudar a terminar. Ainda mais num domingo.

– Faz parte do meu contrato, não faz? Noites e fins de semana.

– Ah, sim. Noites e fins de semana.

Brilhando através de uma janela na altura das vigas, um raio de sol vinha se alongando pelo chão do celeiro. Ele finalmente nos alcançou, e o dia subitamente se tornou preguiçoso, lento. Como um girassol, minha cabeça se virou para o calor, e me senti contente pela primeira vez em muito tempo. Aquecida, segura, sentimental. Quando me virei para compartilhar esse devaneio bobo com Lucas, me pareceu perfeitamente natural me aproximar e pressionar meus lábios contra os dele.

E eu quase fiz isso. Observei a sua boca, aqueles lábios macios sorrindo curiosamente para mim. Inclinei a cabeça um pouco para a esquerda e de fato comecei a aproximar meu rosto do dele... mas então me contive. Ele ergueu uma sobrancelha – sabia o que estava passando pela minha cabeça. Constrangida, recuei e balancei a cabeça.

– Você ia me...

– Não! – falei, escondendo o rosto.

– Eu acho que você tentou...

– Não! – gritei contra meus joelhos.

– Acho que você quase...

– Não! – repeti, morrendo de vergonha. Lucas pegou meus braços e me puxou para perto. – Queria que um buraco se abrisse na terra para eu me enfiar dentro.

– Oh, deixa de besteira. – Ele riu, e de repente eu me vi colada à lateral do seu corpo, com um braço em volta de mim. – Andei pensando sobre esse lance das noites e dos fins de semana.

– Humm. – Mantive as mãos sobre o rosto para que Lucas não visse minhas bochechas vermelhas.

– Todos os meus amigos são casados, a maioria tem filhos, então estão quase sempre ocupados.

– Isso é ótimo – falei inexpressivamente.

– Então, desde que voltei da Guatemala, passei a maioria das noites e dos

fins de semana sozinho. Faço hora extra quando posso, mas na maior parte do tempo eu fico... humm...

– Fica o quê? – indaguei, espiando-o por entre os dedos. Ele estava mordendo o lábio. E seu polegar acariciava distraidamente meu quadril no ponto em que me mantinha perto. Eu o deixei me acariciar. Era tranquilizador.

– Me lamentando, acho. A Julie e eu ficamos juntos por tanto tempo, quase tudo que eu fazia era como parte de um casal. E agora, sozinho, é meio... Não sei.

– Eu entendo. Eu sinto falta de algumas coisas... não só em relação ao Charles, mas...

– De ter alguém com você?

– Sim. – Suspirei e apoiei a cabeça nele. Seu cheiro era tão bom. Pinho, sal marinho e um toque de protetor solar. Rato de praia.

– Então eu pensei: vamos passar um tempo juntos! Dar uma volta pela cidade, passear pela costa, fazer alguma coisa. Você já explorou Monterey?

– Nada – admiti. – Tenho andado muito ocupada. O que é bom.

– É bom, mas a cidade é fantástica, e você precisa conhecê-la.

– Nas noites e nos fins de semana, certo?

– Noites e fins de semana. Tenho andado entediado, e vai ser legal sair com alguém de novo.

– Só sair, certo? Não mais do que isso?

Seus olhos se obscureceram ligeiramente.

– Não mais do que isso.

Mas havia algo no ar agora, algo intangível. Lucas percebeu, eu percebi, mas nós dois ignoramos. Porque...

– Porque é... muito cedo... entende? – falei, e ele assentiu.

– Eu entendo – ele disse e plantou um beijo na minha testa. – Entendo de verdade.

Permanecemos sob o raio de sol no chão do celeiro, até que o raio de sol se

moveu. Eu e minha kryptonita. Que preencheria minhas noites e fins de semana.

Hummm.

CAPÍTULO SETE

As noites e os fins de semana tiveram de esperar um pouco, já que precisei viajar a trabalho. Passei alguns dias na Batutinhas de Long Beach, trabalhando com Lou e sua equipe nas atividades necessárias para fazer funcionar uma organização como aquela. O montante de recursos que precisava ser angariado era impressionante; só as ligações para possíveis interessados eram assombrosas. Como operação satélite, nossa unidade seria mantida principalmente pela matriz, mas eu ficaria encarregada de conseguir recursos em Monterey. Já estava pensando em maneiras não apenas de conseguir doações, mas também de envolver a comunidade na causa por meio de parcerias com os escoteiros locais.

Pude passar um tempo com os cães da Batutinhas de Long Beach. Apreendi a socializar os cachorros mais novos, a lidar sozinha com aqueles que vinham de ambientes agressivos e a me aproximar dos que não estavam acostumados com seres humanos *amigos*. Muitos desses animais tinham sido maltratados, amarrados, abandonados em terrenos baldios e quintais e *nunca tinham conhecido pessoas que realmente se importavam com eles*.

Entretanto, quando percebiam a preocupação e o carinho de alguém, quando essas pessoas lhes permitiam voltar a ser cães, a correr e pular e brincar, eles se comportavam como qualquer outro bichinho de estimação. Amigáveis, ávidos por agradar, amorosos, eles te seguiam aonde quer que você fosse durante o dia e dormiam a noite inteira ao seu lado. Era essa a imagem que eu levaria comigo para Monterey; a imagem que eu estava determinada a apresentar a qualquer um que questionasse o motivo de resgatarmos aquelas criaturas incríveis.

Quando voltei do treinamento, eu me sentia nas nuvens e muito ansiosa para colocar nossa unidade em funcionamento. E encontrei a obra praticamente pronta para isso. Fiquei impressionada com quanto o trabalho tinha avançado; estava nos finais. Caminhei pelo terreno acompanhada do empreiteiro, conferindo a lista de coisas que precisavam ser finalizadas, e eram pouquíssimas.

Depois que todos se foram, sentei no quintal para conferir minha lista de coisas a fazer quando Clark me ligou. Sorrindo, atendi:

– O que me conta, senhor?

– Como vai a minha prima favorita?

– Bem! Acabei de voltar para a cidade, estou tentando terminar as coisas por aqui para trazer os primeiros cães. E você, o que tem feito? – perguntei, ainda conferindo a lista. Mangueira para abastecer as tigelas: feito. Raquete de tênis para exercícios com bola: feito.

– Nada demais. Tenho uma novidade. – A voz de Clark estava diferente, um pouco mais aguda e atropelada. Tirei os olhos da lista.

– É? – Coloquei o lápis de lado. Tinha algo rolando.

– Lembra dos pickles? Que a Vivian estava com desejo de pickles?

– Não ... – sussurrei, juntando os pontos. – Não acredito! – gritei.

– A Vivian está grávida! – Ouvi sua risada do outro lado da linha. – Ela está grávida! Vou ter um bebê! Quer dizer, *ela* vai ter um bebê! *Nós* vamos ter um bebê! Você acredita?!

Eu *não* acreditava. Os dois estavam namorando fazia, o quê?, dois minutos! Mas, ouvindo Clark falar, balbuciar, fui contagiada pela sua empolgação e me peguei rindo junto com ele.

– E nós vamos nos casar! Eu já comprei a aliança, então é só questão de tempo, e quando a Viv me contou eu desmaiei... acredita?

Nisso eu acreditava. Uma vez, quando éramos crianças, Clark desmaiou de empolgação no Jurassic Park da Universal; todos aqueles dinossauros... a coisa foi demais para ele. Abri um sorriso ao lembrar disso.

Retornei da lembrança ouvindo-o dizer:

– Então, quando recobrei a consciência, eu a pedi em casamento e ela aceitou!

– Respira, Clark, respira. Que notícia maravilhosa! Que notícias maravilhosas! Estou muito feliz por você! Parabéns! Quero saber todos os detalhes.

Ele me contou de quanto tempo Vivian estava (pouco tempo), quais eram seus planos (iriam se casar depois que o bebê nascesse; ela queria um grande casamento em sua cidade natal, a Filadélfia) e que os irmãos dela (os cinco) ameaçaram ir até Mendocino para enchê-lo de porrada até que Vivian os convenceu do contrário, e eu escutei com atenção e compartilhei de sua felicidade. Depois que desligamos, olhei para minha lista de tarefas e percebi que tinha rabiscado toda ela: versões as mais diversas de berços, chocalhos e uma família de bonecos de palito.

Jesus, se eu tivesse me casado, talvez já estivesse grávida. Charles queria começar uma família o quanto antes. Eu também queria... Tinha quase certeza de que queria. Enfim, esse era o plano, e eu deveria seguir o plano, certo? Espere: eu *queria* ter filhos, certo? Que mulher no mundo não estaria segura do desejo de ter filhos apesar de que *provavelmente* os teria?

Enquanto eu contemplava os rabiscos, meu celular tocou novamente. Dessa vez era o veterinário ruivo.

– Ei – cumprimentei.

– Ei! Como foi a viagem?

– Foi boa. Cheguei hoje. Fizem tanta coisa por aqui; você precisa ver.

– Ótimo. De manhã, quando eu for te buscar, você me mostra.

– De manhã? – perguntei, confusa.

– Sim, noites e fins de semana, lembra? Amanhã eu começo a te apresentar o melhor de Monterey.

– O melhor de Monterey? Está trabalhando para a secretaria de turismo agora?

– Exatamente! Deixe as preocupações de lado e venha curtir Monterey! – ele disse como um locutor de comercial.

– Isso foi meio assustador. – Dei risada. – O que vamos fazer?

– Surpresa. Mas vamos nos molhar, então venha de biquíni, por favor.

– Biquíni?

– Repare que eu pedi por favor. Algo minúsculo e de preferência transparente.

– Lucas!

– Brincadeira. Não é brincadeira – ele murmurou.

– Lucas... – alertei mais uma vez.

– Certo. O biquíni é obrigatório; o tamanho é opcional.

– Obrigada. – Fiquei imaginando o que ele estava tramando.

– Te pego às oito. Leve uma muda de roupa também.

– Sim, chefe misterioso. Você está sendo mandão e misterioso.

– E lindo. Esqueceu do lindo.

– Não estou te vendo. Como posso saber se você está lindo?

– Eu sou, você sabe.

Soltei um *dã* e ouvi a sua gargalhada antes de desligar.

Sorrindo, me deitei na espreguiçadeira e observei o céu noturno. Do alto das colinas, ele era tão límpido que dava para ver milhares de estrelas. Depois de repassar mentalmente os meus biquínis – em sua maioria minúsculos, preciso admitir –, me levantei para entrar e dormir. Logo seriam oito horas da

manhã. Quando peguei a minha lista de coisas a fazer, notei que, na parte de baixo, eu tinha escrito “Lucas”. Na lista de coisas a fazer.

– Pois é, pois é, pois é – murmurei. Ainda sorrindo.

* * *

– Stand up paddle? O biquíni era para isso? – exclamei quando, na manhã seguinte, ele estacionou a caminhonete e botei os olhos no que havia na caçamba.

– Oi pra você também! – ele retrucou, descendo do veículo.

– Desculpa. Oi – falei e retomei o meu cumprimento anterior: – Stand up paddle?

– Qual é o problema com stand up paddle? – Lucas contornou a dianteira da caminhonete. Bermuda preta, uma velha camiseta de surfe, jaqueta térmica com o zíper aberto: ele estava preparado para passar o dia na água. Com aquelas suas pernas bronzeadas e tão, tão compridas.

– Nenhum – falei para as pernas dele e então obriguei meus olhos a encararem seu rosto. Com muita dificuldade. – É que eu nunca tentei. Achei que a gente ia passar o dia na beira de uma piscina. Como a que eu tenho aqui... água aquecida, bebidas à mão... – Engoli em seco. – Sem tubarões.

– Tubarões! É disso que você está com medo? – Ele riu, pegou minha bolsa e a jogou na caçamba. – Você cresceu na Califórnia! Não me diga que tem medo de tubarão!

– Um medo saudável, sim. Sem falar que, olhando por baixo, a prancha parece uma foca apetitosa.

– A prancha tem mais de três metros! – Ele me puxou até o banco do passageiro.

– E?

– Você já viu uma foca de três metros?

– O tubarão vai pensar que tirou a sorte grande – murmurei enquanto Lucas me acomodava no banco e fechava a porta. Espiei pela janela as pranchas e os remos atrás de mim, e vislumbrei Lucas contornando a caminhonete, balançando a cabeça e sorrindo. – Além disso, a água vai estar congelante, não vai? – perguntei quando ele se sentou ao meu lado.

– Eu vim preparado, broto. – Ele fez um sinal de positivo com os dois polegares. – Roupas de mergulho!

– Ah. Que ótimo – falei baixinho e me inclinei contra a janela do passageiro.

Lucas riu e deu a partida. O problema não era que eu morria de medo de tubarão. A maioria dos amigos com quem cresci surfava. Todos tinham visto uma barbatana ou duas, ou até topado em uma. E eu amava ir à praia, cair na água. Mas costumava ficar perto da margem – na verdade, não deixava a água passar da minha cintura. Stand up paddle? Definitivamente passaria da minha cintura. Aí poderia haver tubarões. Medo.

Mas, no caminho até sua praia favorita, fiquei observando Lucas tamborilar no volante, me olhando de vez em quando e sorrindo, relaxado e feliz. Quem não arrisca não petisca, decidi, e, quando chegamos ao Lovers Point Park, nas redondezas do Pacific Grove, e avistei aquela praia maravilhosa, pontilhada de ciprestes retorcidos, as ondulações suaves do mar e as rochas escarpadas, pensei que experimentar algo novo era uma ótima ideia. Me detive por um instante para inspirar todo aquele ar salgado. Lucas desceu da caminhonete e seguiu até a minha porta enquanto eu inalava o ar igual a um dogue alemão.

Apoiando o corpo contra a janela, ele me fitou.

– Se você não quiser tentar, não tem nenhum problema. Sério. A gente fica na praia, dá uma volta pela região... O que você quiser.

Olhei para além de Lucas o lindo mar e o lindo dia e falei:

– Eu quero tentar.

– Ótimo! Vamos trocar de roupa! – Ele me ajudou a sair do carro.

– Mas se a gente vir alguma barbatana, você vai ser a foca sacrificada! – Apontei para ele antes de pegar a roupa de mergulho. – Agora me explica como eu entro nessa coisa.

* * *

Entrar na roupa de mergulho se mostrou uma tarefa nada fácil. Uma tarefa que exigiu um bocado de contorcionismos e pulinhos, especialmente para quem não estava acostumada a colocar uma roupa dessas. Embora eu não estivesse usando o meu biquíni mais minúsculo, tinha levado uns bons minutos para escolhê-lo. Preto com bolinhas brancas, bem amarrado nas costas. Semiminúsculo. Se notei que os olhos de Lucas se arregalaram quando tirei a camiseta? Sim. Se notei que ele tentou com toda a força – e falhou miseravelmente – não olhar diretamente para os meus seios enquanto eu pulava e me debatia para entrar na segunda camada de borracha? Oh, sim.

Mas a questão que importa é: *ele* notou que eu deixei escapar um leve gemido quando tirou a camiseta? Não faço ideia, porque, quando ele tirou, eu não vi nada senão seu tórax. Esbelto, bronzeado, com algumas sardas, especialmente no topo dos ombros, consequência de uma vida na praia. Ele vestiu a roupa de mergulho em um piscar de olhos, fechando o zíper nas costas com a facilidade que vinha da prática. E, ao me ver me debatendo para fechar o meu zíper, me ajudou. Sem a menor pressa.

Ele me segurou no lugar com uma mão no meu ombro, enquanto eu o inspecionava dos pés à cabeça de rabo de olho.

– Está tudo bem aí atrás?

– Se está... – ele provocou, o seu olhar bem longe do meu olhar inspecionador, o que lhe rendeu um tapinha na bunda quando foi pegar a primeira prancha.

Devagar e com calma, Lucas me deu uma pequena aula ainda na areia. Distribuir o peso sobre a prancha, manter os pés alinhados com os ombros, o corpo ereto, e não numa postura de surfe, em que uma perna fica à frente da outra. Como eu cresci em meio a surfistas, a postura não me pareceu natural, mas eu iria tentar.

A água estava revigorante, ao passo que o dia estava quente e ensolarado: uma boa mistura. Estava calma, quase sem ondas, perfeita para praticar stand up paddle. Quando a água atingiu a altura das minhas coxas, Lucas me ensinou a sentar confortavelmente sobre os joelhos na prancha e a segurar corretamente o remo.

– Segure próximo ao meio por enquanto. Quando estiver de pé, deslize uma das mãos perto da ponta.

– Segurar no meio, deslizar para a ponta. Estou percebendo o que você está fazendo – murmurei. Tive dificuldade para manter o equilíbrio quando o que parecia uma pequena onda fez a prancha se deslocar consideravelmente.

– A mente poluída aqui é você, Chloe. Eu estou apenas tentando te ensinar a ficar por cima. – Ele deu uma piscadinha. – Relaxa um pouco. Se você cair, não pega nada; você sobe de novo. E, se for cair, caia para fora da prancha. Não vamos machucar esse rostinho.

– Isso era para ser relaxante? – falei trinta segundos depois, quando de fato caí.

– Quando você pegar o jeito, vai amar. Prometo. – Ele segurou a prancha no lugar para que eu subisse. – Com as pernas abertas.

– Ah, fica quieto! – gritei, caindo na água de novo. Quando finalmente consegui voltar à prancha e me senti razoavelmente estável, remamos para um pouco mais longe. E, quando me senti segura o bastante para tirar os olhos da prancha, apreciei a paisagem.

Lucas deslizou sua prancha sobre a água, os ombros fortes movendo-se sem esforço conforme ele remava à minha frente. Os músculos das costas visíveis mesmo sob a roupa de mergulho. Aquele cabelo, desgrenhado pela água e

pelo vento, de um tom mogno agora que estava molhado.

A praia também era linda.

Pouco tempo depois, chegou a hora de tentar ficar de pé.

– Lembre-se: apoie-se nos joelhos e nas mãos, se equilibre e então comece a se levantar devagar, trazendo os pés para o meio da prancha. Não pise muito na ponta, ou a prancha vai virar. Você só precisa encontrar o ponto mágico – ele orientou, demonstrando a parte de levantar, não a de fazer a prancha apontar para baixo. Lucas fez parecer muito fácil.

– Mãos e joelhos... ponto mágico... Por acaso você trabalha em algum telessexo e não me contou?

– Para de enrolar!

Assenti com a cabeça, respirei fundo e examinei a água em busca de barbatanas. Nada.

– Você consegue, Chloe! – ele exclamou, a apenas alguns metros de distância.

E quer saber? Eu consegui. Fiquei de pé na primeira tentativa, as pernas tremendo um pouco conforme eu balançava os braços tentando encontrar o ponto mágico, ponto esse que existia mesmo. Segurando com força o remo, me ergui completamente.

– Muito bem! – gritou Lucas, e eu me virei para sorrir para ele e... instantaneamente caí na água.

Mas tudo bem, fazia parte do processo. Fiquei de pé mais uma vez e, sob sua cuidadosa orientação, comecei a remar. E não demorou para que eu pegasse o jeito! Fomos para mais longe, e ele me ensinou a fazer uma curva lenta e depois a fazer uma curva rápida. Ele caiu, eu caí (tudo bem, eu caí muito mais vezes), mas a cada tentativa ficava mais fácil, e, quando percebi, eu já estava deslizando pela superfície da água, dando grandes remadas, voando pelo mar.

Em determinado momento, olhei na direção da praia e me dei conta do quão longe estávamos. Era tão silencioso. Sem carros, sem ônibus, sem rádio;

apenas o bater da água e o grasnido de algumas gaivotas no céu. Estar tão distante foi um pouco inquietante no início, mas então olhei para a esquerda e vi Lucas remando tranquilamente, sorrindo.

Foi aí que eu *realmente* olhei ao redor. E, quando vi a costa novamente, não enxerguei mais a distância: enxerguei o quadro pintado pelos ciprestes, pelas rochas retorcidas cortando o céu azul, pela grama verde coberta de musgo. Era a mesma praia na qual eu estivera trinta minutos antes, mas, daquele ângulo, era completamente diferente. De uma perspectiva completamente diferente.

– Obrigada – sussurrei.

O silêncio era tal que minhas palavras foram carregadas até Lucas, que disse simplesmente:

– De nada. – E então perguntou: – Quer ver umas lontras?

* * *

Sempre responda sim se alguém te perguntar isso. Porque são os animais mais *fofos* do planeta. Não muito longe de onde estávamos, havia uma pequena e protegida enseada cheia de algas marinhas. Foi lá que vimos as lontras, em grupos, enroladas nas ervas marinhas para se manter presas enquanto comiam seu café da manhã de barriga para cima. Abrindo pequenos moluscos sobre o peito, elas comiam enquanto deslizavam pela cama de algas, cientes da nossa presença, mas nem um pouco preocupadas em esconder o banquete. Eu poderia ter passado horas observando-as, a boquinha agitadamente arrancando a concha para alcançar as gostosuras dentro, tudo isso enquanto flutuavam de barriga para cima.

Depois de algum tempo, a água ficou fria demais, e nós relutantemente remamos de volta para a praia. Congelados até os ossos, mas muito

entusiasmados, percorremos a areia até a caminhonete.

– Isso. Foi. Incrível! – falei, batendo nas costas de Lucas enquanto arrastávamos as pranchas pela areia. – Sério, sempre que for fazer isso, me chama!

– Que bom que você gostou tanto! Fiquei preocupado quando vimos aquela barbatana, achei que você ia surtar.

– Nossa, que engraçado. – Estiquei o braço até minhas costas, procurando a ponta do zíper. – Estou morrendo de rir.

– Ok. – Ele abriu o próprio zíper até a altura da bermuda, deixando a parte de cima da roupa de mergulho pender.

– Não, sério. É brincadeira, né? Você só está enchendo meu saco.

– Ok – ele repetiu, com um olhar diabólico.

– Não me conta. Não quero saber. – Tremi inteira, determinada a não permitir que nada acabasse com o barato do stand up paddle. Exceto o maldito zíper.

– Quer ajuda?

– Por favor.

Suspendi o cabelo molhado para que Lucas alcançasse o zíper. Ele o abriu quase todo, e eu senti a ponta do seu polegar quente e enrugado roçar o centro das minhas costas, pouco abaixo do laço da parte de cima do biquíni. Me afastei do polegar quente e enrugado para tirar o resto da roupa, me enrolando em uma toalha que estava quente e macia por ter ficado ao sol. Lucas sorriu, terminou de tirar sua roupa de mergulho e abaixou a tampa da caçamba, criando um lugar para sentarmos.

Sentamos lado a lado, na beirada, e observamos as ondas, agora mais fortes, começando a quebrar. Lucas desembulhou os sanduíches que tinha preparado, e eu, com meu próprio polegar enrugado, abri um pacote de batata frita. Lambendo a água salgada dos lábios, olhei ao redor à procura de algo para beber.

– Tem refrigerante no cooler – ele falou, apontando para trás por cima do

ombro.

Coloquei os olhos no cooler e engatinhei pela caçamba, perdendo a toalha no processo. Ao me inclinar para pegar o refrigerante, percebi que por pouco não havia batido em sua cabeça com a minha bunda.

– Bebida? – perguntei, olhando por cima do ombro. Lucas sorria.

– Sim. Qualquer coisa. Leve o tempo que precisar. Dê uma boa olhada em cada refrigerante aí. Duas olhadas, se quiser.

No caminho de volta para o meu assento, ginguei largamente e fiz questão de atingi-lo na cabeça com o objeto de sua admiração.

– Toma – falei gentilmente, entregando-lhe seu refrigerante e abrindo o meu.

Nós brindamos, depois bebemos. A manhã dentro da água tinha nos deixado famintos, e, enquanto devorávamos nossos sanduíches de pasta de amendoim com geleia, Lucas mencionou outra praia não muito distante que poderíamos visitar da próxima vez.

– Para quem vai viajar daqui a oito semanas, você está fazendo planos demais – provoquei, e essas palavras derramaram um pouco de água fria no dia. Parte de mim não queria se empolgar com todos esses novos planos, já que ele passaria um tempo fora. Mas estávamos apenas nos divertindo, certo? Não estávamos namorando; éramos apenas amigos curtindo juntos.

– Prometo que vou fazer as noites e fins de semana até lá valerem a pena – ele disse, me acertando levemente com o ombro.

Mastiguei ruidosamente uma batatinha e lhe mostrei minha batatinha mastigada. Até as lontras ouviram a gargalhada de Lucas.

* * *

Passamos o resto do dia preguiçando na praia. Lucas pegou um frisbee na

caçamba da caminhonete, e nós corremos pela praia rindo e gritando e marcando falta toda vez que o disco caía na água. Quando por fim arrastamos nossos corpos banhados de sol de volta para a caminhonete e partimos para casa, já eram quase cinco horas.

Quando chegamos, perguntei se ele queria entrar um pouco.

– Nah, preciso ir para casa. Lavar umas roupas antes que a semana comece para valer – ele disse, recostando a cabeça no banco do carro. – Nesses momentos, eu sinto bastante falta da minha ex.

– Ela era boa em lavar roupa, hein?

– Era! – Ele assumiu uma expressão envergonhada. – Não fica a mesma coisa quando eu lavo, sabe? Antes eu simplesmente abria a gaveta e bam! Camisas limpas, passadas e dobradas.

– Eu lavava a minha roupa quando morava com a minha mãe. Mas o Charles mandava tudo pra lavanderia; ele gostava das camisas passadas de um jeito muito específico.

– Eu quase sempre estou de pijama cirúrgico.

– Sei bem. – Soltei um suspiro ao me lembrar do quanto ele ficava lindo naquele azul-marinho. Pigarreei abruptamente. – Então, boa lavação de roupa para você. A gente se fala?

– Pode apostar.

Desci da caminhonete e, olhando através da janela, falei:

– Foi um dia incrível. Muito obrigada. Foi um dos melhores dias... da minha vida. – Era verdade. Tinha sido perfeito. Dei de ombros para, não sei por que motivo, tirar a importância do que havia acabado de dizer. – Obrigada.

– Foi um dia maravilhoso mesmo, Chloe. – Ele fez que sim com a cabeça, o olhar ardente de encontro ao meu. – *Eu* que agradeço.

– Beleza. Então... tchau. – Me virei e comecei a caminhar para a casa antes que alguma outra coisa saísse da minha boca. Pensando bem, o que mais eu poderia dizer? De que forma aquele dia poderia se tornar ainda mais

sensacional?

Oh, eu sabia como. Se sabia.

CAPÍTULO OITO

Na manhã seguinte, fui ao centro da cidade para resolver o último documento pendente com a prefeitura de Monterey e, na volta para casa, passei na clínica veterinária para pegar alguns cobertores que eles tinham arrecadado para mim.

Marge, toda pomposa, deu a volta na mesa da recepção para me dar um abraço com cheiro de Jean Naté.

– Oh, querida, parece que faz séculos que eu não te vejo! Como vão as coisas? Como foi a visita ao Lou? Você se encontrou com ele, não foi? Como ele est... Quero dizer, como foi a sua viagem? Ele vai vir para a inauguração? O Lou, digo.

– A senhorita está sabendo de todos os meus passos. Muito gentil da sua parte me perguntar – provoquei, com uma expressão irônica. – E, sim, ele vai estar aqui na inauguração.

– Ah, ótimo, ótimo! Vou levar uma porção extra da minha rabada. A minha rabada é famosa. Lá em Savannah todos são loucos por ela, e todo mundo aqui sempre me pede para levar nos piqueniques e eventos do tipo. Vou levar,

e você vai ver só... todo mundo só vai falar da minha rabada.

Lucas entrou pela porta da frente com uma bolsa pendurada no ombro e um copo de café na mão.

– Chloe! Achei mesmo que fosse seu carro lá fora – ele disse, sorrindo e se detendo a apenas alguns centímetros de mim. – Bom dia, Marge.

– Lucas! Tudo bem? – perguntei, deslocando meu olhar de Marge para ele, ou melhor, levantando meu olhar para ele. Caçarola, o cara era alto; eu me impressionava toda vez que o via. – Vejo que conseguiu lavar seu uniforme a tempo.

– Quase cheguei atrasado. Dormi demais. Você acabou comigo ontem – Ele suspirou, alongando os ombros.

– Eu? – exclamei, massageando seu ombro esquerdo. – Foi você que quis continuar! Depois de vinte minutos, eu já estava satisfeita. Principalmente depois de encontrar o ponto mágico.

– Sim, mas você tem que admitir que adorou.

– Eu admito. Valeu a pena o corpo dolorido hoje. Só que da próxima vez é melhor a gente alongar depois.

– Concordo. A propósito, você esqueceu isso na caçamba da caminhonete ontem. – Ele tirou a parte de cima do meu biquíni de dentro da bolsa pendurada em seu ombro.

– Oh, obrigada! Eu estava imaginando onde tinha deixado.

A cabeça de Marge explodiu em uma nuvem de confetes de Jean Naté.

– Mas o que... Mas quando... Esperem um...

Lucas e eu sorrimos um para o outro, perfeitamente cientes do que tínhamos acabado de dizer e o que parecia.

– Te vejo à noite? – perguntei, e Lucas assentiu lentamente com a cabeça.

– Eu não perderia por nada – ele murmurou com uma voz grave e cheia de promessas. – Está indo para casa?

– Sim. – Também assenti com a cabeça, tão lentamente quanto. Pressionei meus lábios. Lucas lambeu os seus. Marge soltou um suspiro sonhador, e eu

precisei tossir para conter uma risada. – Me acompanha até o carro?

– Achei que você nunca pediria. – Ele deixou a bolsa e o café sobre a mesa da recepção e me conduziu até a porta, a mão na minha lombar. Sem empurrar; o calor da sua pele bastava para me indicar o caminho.

– Até, Marge! – gritei por cima do ombro e, para fechar com chave de ouro, apoiei a cabeça no bíceps de Lucas. Do estacionamento, ouvimos o balbucio atabalhado de Marge. – Acho que fizemos o dia dela – cacarejei, me jogando contra a parede lateral do edifício.

– Não sei como conseguimos ficar sérios! Eu achei que ia perder o controle quando você falou do ponto mágico!

– Bem, o ponto mágico tem esse poder – brinquei, e Lucas soltou um gemido. Nos recompusemos e fomos até o meu carro.

– Então, hoje à noite?

– O que tem hoje à noite? – indaguei, enxugando uma lágrima do olho, ainda rindo um pouco.

– Estou bastante certo de que você acabou de insinuar que temos planos para hoje à noite.

– Insinuei?

– Sim, você falou, abre aspas: “Te vejo hoje à noite”, fecha aspas. De um jeito bem Marilyn Monroe ainda por cima, o que, aliás, foi um belo toque.

– Ah, sim, acho que falei mesmo. Mas não precisamos fazer nada. Foi para sacanear a Marge.

– Embora eu nunca perca uma oportunidade de sacanear a Marge, detestaria que nós dois nos passássemos por mentirosos. Que horas eu posso chegar?

– Na minha casa?

– Foi você quem disse. E é você quem vai fazer os planos. – Ele apontou para mim. – Vai ser difícil superar o stand up paddle, mas boa sorte.

Lá estava aquele brilho no olhar de novo. Você poderia pensar que um cara que brilhava tanto não mexeria comigo, mas, amiga... tinha alguma magia

negra no brilho daquele cara.

– Não posso prometer algo tão elaborado quanto stand up paddle, mas que tal um jantar? Ia ser gostoso. Acender a churrasqueira, ficar no quintal?

– Combinado. Seis e meia?

– Fechado.

Com isso, tínhamos um plano. E assim Lucas estava cumprindo a sua promessa de preencher o vazio das minhas noites e fins de semana.

E por falar em preencher o vazio...

Nada de falar em preencher o vazio!

* * *

Oficialmente, naquele dia, eu empilhei os petiscos dos cachorros, liguei para trinta abrigos de animais em um raio de cento e cinquenta quilômetros para avisar que abriríamos em breve e que eles poderiam nos contatar caso se deparassem com qualquer coisa fora de sua alçada e separei os ossinhos por cores. Também fechei a participação de mais dois veterinários em Carmel e Salinas no nosso programa de castração e esterilização, que ofereceria às potenciais famílias adotivas a oportunidade de obter esses serviços de graça.

Extraoficialmente, sonhei acordada com um certo veterinário de olhos azuis. Esses sonhos acordados incluíam os tais olhos azuis me fitando enquanto o dono deles deixava uma trilha de beijos molhados na minha barriga, ao redor do meu umbigo e... não.

Não, falei repetidamente para mim. A palavra “passatempo” não parou de, bem, passar pela minha cabeça. Passatempos não duram. Eles não existem para durar – o passatempo é o tapa-buraco, o cara da transição, aquele por quem você perde a cabeça depois de um rompimento especialmente difícil, o cara que faz sexo oral em você enquanto você está preparando um jantar para

ele...

Carambola. Agora eu não conseguia tirar essa imagem da cabeça.

Mas, por fora, eu parecia tranquila, calma, composta. Como o pepino que descascava para fazer crudités. Algo simples, uma bandeja com rabanetes, tomates de horta caseira, cenouras vermelhas que eu tinha encontrado na feira e pimentões laranja cortados em formato de palito. E molho rústico de leitelho. Feito com leitelho que tinha comprado em uma leiteria.

O quê? Não é porque o convite foi de última hora que o convidado deve ser recebido de qualquer jeito...

Eu podia escutar a voz da minha mãe na minha cabeça, ditando suas regras de etiqueta para entreter e ser uma boa anfitriã. Sempre sorrindo, sempre agradável, jamais permitindo que os outros saibam que o peru caiu no chão ao ser tirado do forno. Se ninguém viu, sirva. Se o suflê se desintegrar? Finja que era exatamente o que a receita pedia. E se um veterinário ruivo e delicioso meter a cara entre as suas pernas e te chupar até você gozar? Nesse caso, querida, sufoque o berro em um pano de prato, pois há convidados no cômodo ao lado.

Pai do céu. De onde estavam vindo esses pensamentos? Reação tardia por tê-lo visto seminu na praia? Porque: uau.

Arrumei as fatias de pepino na bandeja, agrupadas aos tomates. Por conta do treinamento dado pela minha mãe, eu sabia cozinhar e montar uma mesa bonita. Como as seis e meia e a kriptonita estavam chegando, esses vegetais eram a única coisa que me impediam de correr para o quarto e botar minhas mãos para trabalhar.

O quê? Misses se masturbam o tempo todo. Acredite.

Coloquei as mãos para trabalhar, mas para triturar a pimenta do reino. Ao som de “Come Fly with Me”. A casa era equipada com um sistema estereofônico, a mais alta definição, e a coleção completa do Rat Pack. Assim, enquanto manipulava o pepino, eu me enamorava mais uma vez por aquele homem de olhos azuis. Para não haver dúvida: o homem dos olhos

azuis a que me refiro é Frank... Ah, você entendeu.

Dancei um pouco conforme terminava de arrumar a bandeja, sentindo a saia rodopiar em volta dos joelhos. Não sei se foi por influência da casa, mas outro dia eu tinha me sentido compelida a comprar um vestido bem anos sessenta no centro da cidade. Verde-esmeralda, com alças de tiras, corpete acinturado, cintura império e saia bojuda. Um pouco exagerado para um jantar que só aconteceria porque eu quis encher o saco da Marge? Talvez, mas eu estava me sentindo bonita. Tinha ajeitado meu cabelo loiro em um coque no topo da cabeça, mas algumas mechas escaparam quando rodopiei com meu pepino. Ainda não tinha escolhido os sapatos, e estava pensando justamente nisso quando a campainha tocou. Descalça, dancei até a porta.

Espiei-o através do vidro colorido e só consegui entrever seus traços. E novamente fui lembrada do quanto ele era alto. Melhor colocar um salto. Salto? Era o Lucas... Por que eu estava me preocupando tanto? Respirei fundo e abri a porta.

Quase imediatamente, respirei fundo outra vez, porque a única coisa que ficava melhor nele do que o pijama cirúrgico era um par de jeans e um suéter azul-marinho. Estilo casual, embora provavelmente fosse cashmere, uma pontinha do branco da camiseta aparecendo sob a gola. Meu olhar percorreu sua garganta até o pomo-de-adão: perfeição; até a mandíbula: perfeição; e então até os lábios: perfeição pra baralho. Poucos centímetros acima, estavam aqueles olhos, realçados pelo azul-marinho do suéter. Cabelo ruivo desgrenhado pela incessante brisa do mar completava o comercial da Banana Republic que estava sendo filmado na minha varanda.

Nas mãos? Nada de rosas. Não. Ele trouxe algo único, algo inesperado. Dálias. Vermelho-escuras, quase borgonha, do tamanho de pratos, com macias pétalas aveludadas.

– Você está linda, Passatempo – ele falou, me admirando. – Trouxe para você.

Eu estava muito encrencada.

* * *

Entrando atrás de mim, ele se deteve antes de descer os degraus para a sala de estar rebaixada. Mais uma vez encantado com a decoração, girou para contemplá-la por inteiro. Os sofás de couro, as cadeiras em concha, o sistema de entretenimento completo com toca-discos. No qual Frank cantava “Summer Wind”.

– Ainda não estou acreditando neste lugar. Que vibe incrível! – Ele girou mais uma vez, balançando a cabeça. – *Vibe* . Está vendo? Já estou entrando no clima, broto. – Ele riu e estalou os dedos. – É como se o Bob Hope fosse chegar a qualquer instante.

– Ele está jogando golfe com o Bing, mas vai nos acompanhar nos drinques – brinquei, caminhando até a cozinha. – Por falar nisso, quer que o broto aqui prepare algo para beber?

Lucas me acompanhou, e eu pude sentir seus olhos em mim. Se eu fiz a saia esvoaçar um pouco mais do que o necessário? Oh, pode apostar que sim.

– O que você acha que o Frank e seus companheiros beberiam? – indagou Lucas, e eu o fitei por cima do meu ombro. Seus olhos estavam na minha bunda. E ele nem sequer teve a decência de ficar vermelho quando o flagrei. Safadinho.

– Martínis, provavelmente, embora eu já tenha escutado que o Dean Martin raramente bebia. Mas fazia parte da imagem dele; sempre que ele aparecia no palco com um copo de uísque, geralmente era...

– Chá. Já ouvi a mesma coisa. Chá gelado, para manter as aparências – ele completou, e eu anuí com a cabeça.

– Aparências importam – falei, pegando a bandeja e dando meia-volta para retornar à sala de estar, onde ficava o bar tiki. Quando me virei, Lucas estava bem atrás de mim.

– Oh, olá – eu disse, minhas cenouras pressionando sua barriga.

– Olá. – Ele tirou a bandeja das minhas mãos. – Deixa comigo. – Olhou para os vegetais, depois para mim. – Isso está impressionante!

– Ah, é só um petisquinho – afirmei, guiando-o até a sala. Onde ficava o bar. Eu precisava de um drinque. Lucas pousou a bandeja na mesa e pinçou um pimentão enquanto eu preparava dois martínis. – Vodca ou gim?

– Vodca, por favor. – Ele mastigou o pimentão.

Coloquei as bebidas e o gelo na coqueteleira, chacoalhei por trinta segundos e então servi dois copos de martíni.

– Azeitona? Cebola? Limão? – Eu tinha abastecido o bar. Bem preparada.

– Limão, obrigado – ele respondeu, e eu assenti enquanto usava uma faca de descascar para dar o meu toque especial de limão.

Acrescentei uma rodela ao meu copo também e lhe entreguei o seu.

– Saúde! – falei, batendo meu copo no dele.

Bebemos, e nossos olhos se encontraram sobre a borda dos copos. Ninguém disse nada, a não ser Frank, que agora cantarolava sobre estranhos no meio da noite. Pesado.

O silêncio se prolongou, até que Lucas disse:

– Estamos muito elegantes hoje!

– Não é?! – Dei risada, e o clima ficou leve novamente. – Depois do maravilhoso dia de ontem, eu quis fazer algo legal para você.

– Esse vestido é legal – ele afirmou, deixando os olhos me percorrerem mais uma vez.

– Obrigada. Estou tão ocupada ultimamente que não tenho tido muitas oportunidades de me arrumar, sabe? – Engoli meu martíni. – Não que eu precisasse me arrumar para hoje, não foi o que eu quis dizer. É só um jantar, nada de especial, apenas duas pessoas... jantando... em casa... Vou parar de falar agora, tá?

Lucas simplesmente disse:

– Me apresenta esse lugar massa.

– Massa?

– Eu estava entre massa e duca.

– Massa! Vou te mostrar a casa. Ela é do meu pai, na verdade; pertence à família há anos. Ainda bem que a minha mãe não ficou com ela no divórcio.

– Seus pais são divorciados? – Ele me acompanhou até a sala de jantar, onde acendi as luzes para que Lucas pudesse apreciar a cafonice em todo o seu esplendor.

– Sim, os dois moram em San Diego. Eles brigavam como se vivessem disso. O divórcio foi melhor pra todo mundo. Mas eles tiveram um arranca-rabo por causa desta casa – contei.

– Ela queria ficar com a casa?

– Sim! O que nunca fez sentido pra mim. Nós só vínhamos pra cá de vez em quando, e tudo que ela dizia era que queria redecorá-la por completo. Talvez ela a quisesse só para que o meu pai não ficasse com ela. Não me surpreenderia.

– Vocês são próximas? – ele perguntou, admirando os quilômetros e mais quilômetros de fórmica laranja.

– Minha mãe e eu? Hummm, é difícil responder isso na atual situação – admiti, abrindo a porta de tela que levava ao quintal. – É complicado.

– Desculpe, não sabia que era um assunto delicado.

– Nah, tudo bem. Ela ficou furiosa porque eu... porque nós cancelamos o casamento e porque ela detesta o que eu estou fazendo aqui. Uau, não é nada complicado no fundo. – Suspirei e dei um gole no martíni. Nada complicado exceto pelo meu tropeço nos pronomes. Precisava ser mais cuidadosa.

Liguei as luzes natalinas espalhadas pelas árvores dos fundos, e de repente era como se estivéssemos em uma terra encantada. Eu adorava passar tempo lá fora, especialmente à noite. Era um dos meus lugares favoritos da casa. Piso de tijolo, cercas naturais gigantescas que ofereciam certa privacidade, uma vista que alcançava toda a costa nos dias ensolarados.

– Por que ela detesta o que você está fazendo aqui? Eu só escuto coisas maravilhosas sobre a Batutinhas – ele perguntou, parecendo confuso.

– Sim. Você sabe disso, eu sei disso, todo mundo sabe disso. Mas, quando alguém fala isso para ela, tudo o que ela pensa é: “Batutinhas, o lugar em que minha filha está jogando a vida fora para limpar cocô de cachorro e criar um bando de vira-latas violentos”. Ela não consegue compreender como a mesma garota que ganhou uma coroa e uma faixa fazendo malabares de fogo possa desejar fazer algo assim. Não quando há comitês sociais para presidir ou uma tacada de golfe para aperfeiçoar – expliquei, percebendo que tinha expelido tudo isso num fôlego só.

– Nossa... – disse Lucas.

– Pois é. – Bebi o resto do martíni e chacoalhei o gelo no copo. – Mais um?

– Acho que, depois disso, sou obrigado a querer. – Ele deu risada e esvaziou o copo. – Malabares de fogo? Garota!

Balancei a cabeça para afastar a melancolia, peguei seu copo e gesticulei com a cabeça para a grelha.

– O senhor acende a churrasqueira, eu faço os drinques, e a gente começa a preparar a comida. Preciso comer alguma coisa, senão vou ficar bêbada e você vai ter que me levar para a cama. – Comecei a atravessar o quintal, então me virei para ele, que estava abrindo a boca para falar. – Quietos! – adverti, e meu vestido e eu farfalhamos rumo ao bar. Onde preparei mais dois martínis com um toque especial...

* * *

Preparamos o jantar juntos. Lucas ficou encarregado de grelhar a carne e a cebola, enquanto eu joguei os tomates-cereja em uma frigideira quente com um pouco de azeite, alho fresco e muita salsinha e tomilho. Fervi as batatas em água e sal, depois as deixei, ainda com casca, no vapor por alguns minutos, e elas ficaram perfeitamente macias por dentro. Em seguida, juntei

um pouco de manteiga derretida e temperei com pimenta-do-reino. Junto com os espetos de carne e legumes, era uma refeição ideal para comer ao ar livre, sob as luzes encantadas.

Sabidamente troquei o martíni por água gelada após o segundo copo e compreendi que dois drinques seriam a dose máxima quando eu estivesse com Lucas – principalmente se ele estivesse usando azul-marinho. Estava sendo quase impossível me conter para não escalar a mesa, me jogar no seu colo e lambar sua cara. Talvez eu *devesse* ter colocado as minhas mãos para trabalhar mais cedo; quem sabe assim eu estivesse menos tarada.

Depois do jantar e de termos passado para o café (preparado na antiga máquina de expresso que meu avô mantinha na cozinha desde a construção da casa), conversamos por horas – como fazem apenas as pessoas que não têm nenhuma preocupação ou compromisso. Eu e ele tínhamos essas preocupações, mas mesmo assim adentramos a noite conversando.

Entramos na casa quando começou a esfriar, e eu me aninhei no que, em seu tempo, se chamava davenport, e não sofá, de frente para Lucas, que estava sentado no chão, diante da lareira, cujo fogo crepitava calmamente. Ella e Louie estavam no toca-discos agora: “You Can’t Take Away from Me”.

Aproveitando, que fique gravado: nenhum ruivo jamais deveria se sentar em frente a uma lareira. Não é justo com o fogo. Honestamente, o modo como a luz das chamas resplandecia no cabelo dele, lançando pela sala feixes cor de laranja e de mel... Não é justo.

Enquanto eu pensava nisso, meu celular tocou. Surpresa, já que passava das nove, olhei para a tela e vi o número de Lou.

– E aí, Lou, tudo nos trinquês? – perguntei e dei risada ao perceber que estava sendo influenciada pela casa. Lucas balançou a cabeça, estalou os dedos e apontou para mim.

– E aí, Chloe! Pronta para receber seu primeiro cachorro?

– Hã? – falei graciosamente.

– Me ligaram falando de um cachorro resgatado em Salinas. Cachorro de rinha, provavelmente várias cicatrizes.

– Ok. – Segurei o telefone com força.

– Eles estão te esperando até amanhã de manhã. Vou enviar os detalhes por e-mail, ok?

– Ok – repeti, os olhos arregalados.

– Relaxa, princesa, você vai tirar de letra.

– Mas as coisas ainda não estão prontas, tem muita coisa pra fazer ainda e...

– As baías estão prontas, certo?

– Sim.

– Comida e água?

– Sim...

– Então, tem tudo do que precisa – ele falou num tom carinhoso. – Nem sempre dá para esperar que as coisas estejam perfeitas; às vezes, as coisas acontecem quando não deveriam acontecer. A gente se adapta, certo?

– Certo – sussurrei, olhando para Lucas, que agora estava ao meu lado no sofá.

– Vou te ligar amanhã de manhã. Não fique tão preocupada. Você vai participar da sua primeira missão de libertação. Divirta-se!

– Com certeza, Lou. Obrigada por ligar. Pode deixar comigo.

– Eu sei que posso. Te ligo amanhã. Oh, Chloe?

– Sim?

– Não vá com a coroa: o cachorro já vai estar assustado o bastante.

– Você é um velho hippie muito engraçado – falei, e ele desligou o telefone aos risos.

– O que foi? – perguntou Lucas.

Me recostei no sofá.

– Vou receber o primeiro cachorro amanhã... Quer dizer, tenho que buscá-lo em Salinas.

– Que demais! Parabéns! Quer que eu vá com você?

Eu queria. Como queria. Mas precisava fazer aquilo sozinha. Balancei a cabeça e recusei educadamente.

– Bem, se mudar de ideia, me liga. Vou pegar o último turno amanhã, então minha manhã está livre. Me avisa.

– Obrigada, mas vai dar tudo certo. Eu dou conta. – Fiz que sim com a cabeça vigorosamente.

– Então vou deixar você descansar para o seu grande dia.

Ele me ajudou a levar os copos para a cozinha, e depois eu o acompanhei até a porta. Lucas se deteve por um momento no vão.

– Sobre hoje... Foi uma noite maravilhosa.

– Tão maravilhosa quanto o stand up paddle? – perguntei, sorrindo para ele.

– São maravilhas de naturezas diferentes. – Ele assentiu e se inclinou à frente. Eu prendi a respiração. Mas tudo o que ele fez foi plantar um beijo na minha testa. – Boa sorte amanhã. E me liga se precisar de ajuda. Promete? – sussurrou.

Eu só consegui assentir com a cabeça. Porque os seus lábios na minha testa bastaram para me deixar sem fôlego.

– Boa noite, Chloe.

Com isso, ele atravessou a varanda, entrou na caminhonete e deu a partida. Quando os faróis iluminaram a traseira do meu conversível, eu me dei conta... Baralho, não podia transportar um pit-bull em um conversível!

– Ei, Lucas, espera! Vou precisar da sua caminhonete amanhã! – gritei, correndo atrás dele.

Bem, não se pode fazer *tudo* sozinha.

CAPÍTULO NOVE

Lucas me buscou bem cedinho, com café e donuts do Red's. Aparentemente, todas as variedades de donut de chocolate que eles produziam: glacê de chocolate, devil's food, recheio de creme de chocolate, além de meia dúzia de bolinhos de chocolate feitos com massa de donut.

– Era uma dúzia, mas eles foram muito exigentes – disse Lucas, com uma risada encabulada.

– Os bolinhos foram exigentes?

– Para que eu os comesse, sim.

– Bolinhos de chocolate costumam agir assim de vez em quando. – Resfoleguei e peguei a sacola de sua mão.

– Pelos pudins e pelas bolachas, deduzi que chocolate era a escolha certa. – Ele me olhou de canto de olho enquanto falava.

– Um tanto óbvia. – Enchi a boca com um donut. – Uaaaaau.

Dirigimos em direção ao interior, para Salinas. Meus joelhos balançavam e minhas mãos davam batidinhas nas minhas coxas conforme eu comia em série os bolinhos de massa de donut.

- Nervosa? – ele perguntou.
- Um pouco. Você acha estranho?
- Nem um pouco.
- É que... Não sei, é como se fosse meu primeiro dia no emprego. Até agora, eu apenas pintei, organizei, preenchi, planejei. Mas isso...?
- Isso é pra valer – ele disse em resposta à minha questão não verbalizada.
- Exatamente. Isso é pra valer. – Abocanhei outro bolinho, mastiguei e acrescentei: – E se eu for péssima?
- Eu sinceramente não acredito nessa hipótese. – Ele riu e me passou seu copo de café. – Põe um pouco mais de açúcar, por favor?
- Falando sério, e se eu não prestar para a coisa? – Coloquei o açúcar e mexi. – E se for demais para mim? E se...
- E se você levar uma mordida? E se você deixar o cachorro errado escapar no momento errado e tiver que sair procurando por ele no meio da noite com uma lanterna na mão? E se o seu cachorro favorito for adotado? – Lucas entrou na estrada e me olhou rapidamente. – Tudo isso vai acontecer. Eu garanto.
- Esse é o seu discurso de “Prepare-se para alcançar o sucesso”? Porque começou meio estranho – comentei, devolvendo-lhe o café. – Toma.
- Obrigado. – Ele tomou um gole e o colocou no porta-copos. – O que eu quero dizer é o seguinte: todos esses “e se” fazem parte; assim como fazem parte: e se você puder passar duas horas por dia lançando bolinhas de tênis e, melhor, isso for parte do seu trabalho? E se você puder estar presente quando uma fêmea der à luz um monte de filhotinhos? E se conhecer o cachorro dos seus sonhos? – Lucas sorriu e pousou a mão no meu joelho, que não parava quieto, para acalmá-lo. – E se você se apaixonar por essa nova vida? E se essa nova vida começar justamente com esse primeiro cachorro? – Ele apontou para a placa que dizia “Salinas”.
- Cara, você é bom – confessei, bebendo meu café.
- Já me falaram isso.

– Quietto!

Fomos recebidos no abrigo local com um estrondo de ganidos e latidos. Depois que nos identificamos, uma funcionária nos conduziu por um corredor com filas e mais filas de gaiolas. Todas ocupadas por lindos animais que só precisavam de uma oportunidade. Engoli o nó que se formou na minha garganta assim que vi aqueles rabinhos sacudindo, aqueles olhinhos esperançosos, aquelas patinhas me chamando para brincar.

Era por isso que eu trabalhava com terapia canina. Eu nunca tinha trabalhado em abrigos; sempre tinha sido uma dificuldade para mim. Ver todos aqueles bichinhos lindos que só precisavam de um lar e saber o que tinha acontecido com a maioria deles...

– Meu Deus... – murmurei e preendi a respiração ao notar quantos deles eram pit-bulls. A mão de Lucas estava apoiada no meu ombro, me acalmando, me mantendo firme. Continuamos pelo corredor até chegarmos à última gaiola.

A um canto, virado de costas para nós, estava o carinha que tínhamos ido buscar. Resgatado de uma rinha algum tempo atrás, iria ser sacrificado pelo simples fato de que já tinha passado tempo demais ali. Não havia sido adotado.

– Ele é muito bonzinho depois que se acostuma, mas é um pouco retraído no começo – falou a mulher que nos acompanhava. Ela abriu a gaiola e, com o barulho, ele se virou. A primeira coisa que notei foram os olhos cor de mel mais tristes que já vi. Ele se ergueu e ficou sobre as quatro patas com um pouco de dificuldade. Parecia mancar do lado direito, e, quando se virou para se aproximar, vi a cicatriz na lateral esquerda do torso. Isso explicava sua instabilidade ao caminhar, e o meu sangue começou a ferver ao imaginar o que ele tinha passado.

Por trás da focinheira, ele bufou uma advertência quando viu Lucas.

– Talvez seja melhor você se afastar um pouco – aconselhou a funcionária, fazendo um gesto com a cabeça para Lucas. – Muitos desses carinhas vieram

de rinhas, que em geral são organizadas por homens. Por isso ele é mais arisco com homens.

– Eu não o culpo – murmurei, me ajoelhando na entrada da gaiola.

O cachorro se aproximou, a cabeça baixa, mas curioso. Tentei não encará-lo, deixando que ele viesse até mim, se acostumassem com o meu cheiro.

– Tudo bem, Chloe? – perguntou Lucas, e eu sorri, especialmente quando senti o cachorro cheirando meu cabelo.

Resisti à vontade de acariciá-lo; sabia que por enquanto precisava mantê-lo calmo o bastante para conhecê-lo melhor, conhecer seu comportamento. Depois de alguns instantes, fitei o cachorro sentado ao meu lado. Cabeça: larga e majestosa. Peito: avantajado e forte. Lindamente malhado de marrom e branco, seu rabo se destacava contra o chão. Os olhos cor de mel já não estavam tão tristes; estavam inquisitivos.

– Quer dar uma volta comigo, mocinho? – perguntei, estendendo um braço, com o punho em formato de pata, para ele cheirar. Ele cheirou e deu uma lambida sob a focinheira. Meus olhos se encheram de lágrimas. Olhei para Lucas, que estava assentindo com a cabeça.

Levantando devagar, segurei a coleira. Curioso, abanando o rabo, o cão me acompanhou para fora da gaiola. Ele hesitou ao olhar para Lucas, porém continuou grudado no meu calcanhar, ainda mancando, mas com o rabo para cima. E abanando.

Assinei a papelada; a mulher atrás do balcão da recepção apontou para os papéis e disse:

– O pessoal do turno da noite deu esse nome para ele, mas não faz muito tempo. Pode mudar se quiser.

Lucas olhou por cima do meu ombro para os papéis, e nós dois lemos ao mesmo tempo.

– Ah, meu Deus! – exclamei.

Lucas deu um tapinha nas minhas costas e riu.

– Isso é demais, broto.

Olhei para o cachorro.

- Vamos, Sammy Davis Jr. Tenho uns discos dos seus parceiros lá em casa.
- Sorrindo, caminhei até a caminhonete com o pit-bull a tiracolo.

* * *

Lucas quis fazer um exame completo no cachorro antes de o levarmos à fazenda, por isso paramos na clínica. Como ele havia ligado avisando, Miguel, um dos maravilhosos técnicos em veterinária que eu tinha conhecido, estava à nossa espera no estacionamento.

– E aí, pessoal? Fiquei sabendo que vocês trouxeram um carinha pra gente dar uma olhada – ele exclamou.

Apontei para a caçamba da caminhonete.

– Ele está lá atrás; vou pegá-lo.

Saltei do carro e corri até a traseira, ignorando o olhar divertido que Lucas e Miguel trocaram. Eu queria fazer aquilo; era o meu trabalho agora. Lucas tinha ajeitado o compartimento de transporte na caçamba de uma maneira que o cão não fosse açoitado pelo vento na estrada; assim, viajara confortável. Subi na caçamba, sempre falando com Sammy Davis Jr.

– Ei, garotão, como você está? Curtiu o passeio? – perguntei, abrindo a trava da grade devagar e com cuidado para não assustá-lo.

Ele tinha ficado um pouco inquieto quando o colocáramos em cima da caminhonete, e eu preferia que ele saísse dela sozinho. Para não machucar ainda mais a pata que mancava, pedi a Miguel que trouxesse a rampa portátil para cães feita exatamente para casos como esse.

Depois que a rampa foi posicionada, alcancei e segurei a coleira de Sammy Davis Jr., puxando-o gentilmente. Assim que entendeu o que eu queria, ele começou a caminhar voluntariamente, embora a passos lentos. Ao ver os dois

homens, parou novamente, mas, após farejar o ar por um momento, desceu a rampa um passo por vez. Quando chegou ao asfalto, o rabo já estava abanando de novo.

– Isso aí, garotão! – Eu estava espantada com a resiliência daquele cachorro. – Venha, Sammy Davis Jr. Vamos te examinar e depois vamos para casa. Tem um balde cheio de bolinhas de tênis só para você.

Assim que botou os olhos no cachorro, Marge levou uma mão ao coração.

– Oh! Vejam só essa belezinha! – ela falou num gritinho, inclinando-se sobre o balcão para vê-lo melhor enquanto caminhávamos até a sala de exames. Enquanto ela arrulhava, elogiei a combinação do seu colete pink bem festivo com a calça verde-limão. – Lucas, querido, vou avisar seu pai que vocês chegaram – ela disse e enfiou uma mão no bolso. – Aqui, Chloe. Veja se ele quer um.

– Obrigada, Marge – falei, guardando o petisco e seguindo Lucas pelo corredor.

Dentro da sala de exames, Sammy escolheu um canto e se aninhou nele, mantendo a lateral machucada virada para a parede. Para protegê-la? Tadinho. Ele ganiu apenas uma vez antes de se deitar com a cabeça apoiada nas patas da frente, nos observando atentamente.

– Ei, garotão, ninguém vai te machucar. Só queremos que você fique bom – falei carinhosamente, me agachando ao lado dele. Mais uma vez, estendi uma mão com os dedos contraídos para que ele a farejasse, e ele me recompensou encostando a cabeça no meu punho. Acariciei sua cabeça, feliz com o fato de que ele já estava me permitindo acariciá-lo. Mantive as carícias longas, suaves e gentis conforme passava para o restante do seu corpo.

– Ei, amigão, posso dar uma olhada em você? – perguntou Lucas, se agachando perto de mim.

O cachorro soltou um rosnado baixo e recuou.

– Parece que ele não gosta muito de homens. – Soltei um suspiro.

– Não posso culpá-lo. Mas parece que ele gostou de você. – Lucas deu um

tapinha no meu ombro.

– Quer que eu tente virá-lo de lado?

– Geralmente eu uso uma técnica para isso, mas ele parece muito confortável com você. Vamos manter a focinheira, só por via das dúvidas.

– Você que manda – falei enquanto encorajava Sammy a deitar sobre seu lado bom para deixar visível a lateral machucada.

– Discordo. Definitivamente, é você que manda aqui – disse Lucas.

Sua expressão se anuviou ao constatarmos a gravidade dos machucados. Era evidente que aquele cachorro tinha passado por muita coisa. Havia marcas antigas por toda a lateral do seu tronco, algumas ainda em processo de cura, outras secas e salientes, horivelmente cicatrizadas. Sua pelagem era falhada aqui e ali, em pontos nos quais o pelo já não nascia.

– Oh... – foi tudo o que consegui dizer. A não ser por isso, me mantive calada enquanto Lucas fazia um rápido exame. Com certeza teria sido mais fácil fazer isso sobre a mesa, mas Lucas parecia satisfeito no chão. Suas mãos se moviam com firmeza e habilidade, sem gestos repentinos ou desnecessários.

Sammy chacoalhava o rabo de vez em quando, me incentivando a continuar o carinho. Ele demonstrava confiança em nós, embora tivesse todo o direito de ser desconfiado.

– Certo – disse Lucas, lentamente se levantando para anotar no prontuário.

– Gostaria que ele passasse a noite aqui, se não tiver problema para você. Preciso limpar as feridas e, considerando as circunstâncias, acho que é melhor sedá-lo para isso. Assim vou poder examiná-lo por completo para ter certeza de que está tudo bem. O que você acha?

– Claro. O que for preciso. Quero que esse garotão volte a correr – falei, sorrindo para aqueles olhos cor de mel. Sammy já parecia melhor do que antes.

Lucas assentiu com a cabeça e me ofereceu a mão para me ajudar a levantar. Nesse exato momento, avistei o rosto de Marge espiando pelo vidro

da porta da sala. Revirei os olhos, e Lucas se virou para saber o motivo. Marge apenas sorriu para nós, sem fazer o menor esforço para esconder que estava nos espiando.

Lucas se virou para mim com uma expressão que eu estava começando a conhecer bem.

– Não consigo resistir – ele disse, me imprensando contra a parede, com um sorriso safado no rosto.

– O que o senhor está fazendo? – questionei, fitando-o. Minhas costas encontraram a parede, bem ao lado da porta. Vi Marge se esforçando para olhar dentro da sala e, quando a perdi de vista, percebi que estávamos fora do seu alcance; provavelmente, tudo o que ela estava vendo agora era o uniforme azul-marinho, cujo dono me prendia contra a parede com os braços.

– Você é do mal, sabia? Está dando a ela muito o que pensar.

Lucas riu e se aproximou um pouco mais.

– Ela está entediada. Precisa de alguma coisa pra se distrair.

Quanto mais Lucas se aproximava, menos Sammy Davis Jr. ficava feliz. Se arrastando pelo chão, ele se colocou sobre os meus pés, estirando-se sobre eles e rosnando mais uma advertência a Lucas.

– Ah! Viu? Ele sabe o que você está aprontando. – Dei uma risadinha e me agachei para acariciar brandamente a cabeça de Sammy. – Agora, cuida direito do meu cachorro pra que eu possa levá-lo pra casa logo.

– Sim, senhora. – Lucas olhou para o vidro da porta. – O perigo se foi, quer bater em retirada? O Sammy pode ficar aqui.

– Não tem um anjinho soltando flechinhas lá fora? – perguntei, e Lucas olhou pelo vidro mais uma vez.

– Não que eu esteja vendo. Mas tem um labrador soltando um belo de um... Enfim.

Fiz um último carinho em Sammy e fui recompensada com uma lambidinha. Então Lucas e eu fomos para a fazenda.

* * *

Como tínhamos ido juntos buscar o cachorro, Lucas precisou me levar para casa antes de voltar para seu turno na clínica. Quando estacionamos, ele olhou para mim e disse:

– Te ligo mais tarde pra falar como ele está.

– Acha que ele poderá vir pra cá amanhã?

– Sem dúvida. Só quero ter certeza de que ele está bem. – Lucas deu a impressão de que iria dizer mais alguma coisa, mas não disse. Ele começou mais uma vez, porém continuou sem dizer.

– Quer falar alguma coisa, Lucas? – perguntei, franzindo a testa.

– Sim, quero. – Ele desligou o carro e se virou para mim.

E o clima de repente mudou. Eu fiquei consciente de tudo em volta. Seu cheiro salgado/amadeirado. O fato de que seus olhos adquiriram um tom quase índigo. Seu braço apoiado despretensiosamente sobre o encosto do assento, seu antebraço a distância de uma lambida...

Felizmente, antes que houvesse qualquer lambida, meu celular tocou.

– Aguenta aí, quero saber o que é – falei e olhei para o aparelho. Caçarola.

– É a minha mãe. – Balançando a cabeça, me virei para ele. – Preciso atender. Me liga mais tarde?

– Combinado.

Saltei para fora do carro e acenei para ele. Quando apertei o botão de atender, Lucas gritou:

– Ei, Chloe!

– Sim?

– Você se saiu muito bem hoje! – Ele sorriu e se foi.

Ouvi a minha mãe ao fundo:

– Alô? Alô? Chloe, você está aí?

– Oi, mãe – falei ao telefone, sorrindo conforme Lucas se distanciava.

– Para quem você está sorrindo? – ela indagou.
– Como você sabe que eu estou sorrindo?
– Do mesmo jeito que eu sei que você está com a postura toda desleixada.
– Você está a mais de setecentos quilômetros daqui. Como pode saber que estou com a postura desleixada?

– Sua voz muda. Sempre foi assim. Coluna ereta, por favor – ela disse rispidamente. – Agora me diga: quem era aquele rapaz com quem você estava falando?

Eu literalmente olhei em volta esperando que minha mãe saísse de trás de algum arbusto.

– Como você... Deixa pra lá. O que aconteceu, mãe?
– Não aconteceu nada. Não posso simplesmente querer conversar com a minha filha?

Sufoquei um resmungo e olhei para o céu em busca de auxílio. A única coisa que ele me mostrou foi que provavelmente iria chover. Suspiro.

– Claro que pode. Como você está, mãe?
– Ótima! Obrigada por perguntar.
Ninguém disse mais nada. Normalmente, eu tentaria preencher o silêncio. Não mais.

– Então, como vão os Capetinhas, querida?
– Batutinhas, mãe. Você sabe muito bem o nome da organização. Você não vai morrer se disser.

– Certo. Batutinhas. Algum deles já foi diagnosticado com raiva? – ela indagou friamente.

Soltei um grunhido.
– Francamente, mãe.
– Você está parecendo um hipopótamo, Chloe. Por que está grunhindo? Anda se entupindo de derivados de leite? Você sabe o que isso faz com o seu organismo...

– Mãe.

Ela simplesmente continuou:

– ... o que isso provoca em você.

– Mãe. Pode parar. Mãe.

– Ninguém quer uma namorada flatulenta...

– Mãe! – gritei, finalmente perdendo a paciência. Completamente ereta e alerta agora, andando de um lado para o outro. – Meu grunhido não tem nada a ver com derivados de leite, tem a ver com... Ah, deixa pra lá! O que você quer?

– O que *eu* quero? – ela questionou num tom ainda mais frio depois da minha explosão.

– Sim, você que *me* ligou, lembra? Tenho coisas pra resolver, acabamos de pegar nosso primeiro cachorro e...

– Nós? Nós quem? – ela perguntou, agora no modo investigação. Querendo informação classificada. – É o rapaz com quem ouvi você conversando?

Caramba, ela era boa.

– O rapaz a quem você se refere se chama doutor Lucas Campbell. E não tem “nós” nenhum. Ele só estava me ajudando.

– *Doutor* Lucas Campbell. Um médico? Estou impressionada. Como o conheceu?

– Ele é veterinário, mãe. A clínica veterinária da família dele é parceira da Batutinhas – expliquei, acabando com as esperanças dela de ter um cirurgião cardíaco como genro. – Ele foi comigo buscar o primeiro cachorro do abrigo. Um pit-bull lindo chamado Sammy Davis Jr. Não é demais esse nome?

– Bem, fico mais tranquila sabendo que tem um homem por perto para te ajudar além daquele sujeito Lou. Mas espero que você esteja tomando cuidado ao se deslocar pelas ruas daí, Chloe. Nunca se sabe quem você pode encontrar; o que não falta é alguém procurando uma garota linda como você para...

Soltei uma gargalhada.

– Tenho bastante certeza de que a rua mais sórdida de Monterey é aquela

que não tem uma Starbucks. Embora haja um centro comercial sem estúdio de pilates que está meio deteriorado – brinquei.

Ela suspirou.

– Chloe, Chloe, Chloe. – Eu sabia que ela estava balançando a cabeça negativamente. – O que você está fazendo aí, Chloe? – perguntou em um tom calmo.

– Não vou entrar nisso de novo – falei, reunindo todas as forças para manter a voz tranquila. Minha mãe tinha a capacidade de me irritar mais rápido do que qualquer outra pessoa no planeta, mas uma elevação de voz da minha parte significava vitória para ela. Quando eu era a Chloe Candidata a Miss, raramente a confrontava. Já a Chloe Que Percorria As Ruas Sórdidas de Monterey a confrontava com frequência.

Admito, fui eu que permiti que ela controlasse a minha vida por mais tempo do que provavelmente seria considerado saudável. Não era culpa dela que sua princesa coroada houvesse corrigido a rota e se rebelado, mas seria culpa dela, *sim*, se se recusasse a enxergar que eu não voltaria para casa tão cedo. E seria culpa *minha* se eu continuasse permitindo ser tão afetada por ela. Era uma questão de achar o meio-termo – o que ambas estávamos aprendendo.

– Encontrei o Charles no clube ontem – ela contou. – Ele estava acompanhado de uma mulher, uma namorada. Mal conversamos, embora ele sempre me pergunte de você. Ele está tocando a vida.

– Que bom. Ele deve tocar a vida mesmo. É o que eu estou tentando fazer. E você falar do Charles toda vez que nós duas conversamos não ajuda em nada. – Senti a raiva ardendo nas minhas bochechas. – Eu ficaria muito feliz se você nunca mais tocasse no nome dele, ok?

Silêncio. Ou melhor, quase silêncio. O revirar de olhos dela era estrondoso, lembra?

– Certo – ela falou depois de algum tempo.

– Certo.

Mais silêncio.

– Te contei que a Molly Adams vai se casar? Com um deputado, acredita? Encontrei a mãe dela no supermercado outro dia.

Eu a escutei por mais alguns minutos, até que falei que precisava desligar e comecei a andar de um lado para o outro da casa, pensando no fato de que minha mãe tinha ficado feliz em saber que havia um homem por perto para me ajudar. Pffft. Eu estava contente por ter Lucas por perto, claro; ele era uma ajuda e tanto. Mas, da maneira como ela falou, parecia que eu era incapaz de fazer qualquer coisa sem ajuda. Pffft.

Pffft.

Enquanto resmungava, olhei pela janela da frente e encarei meu carro. Presente dos meus pais quando eu terminara o ensino médio, o carro que eu dirigia desde então. Esportivo, rápido, jovem, meio patricinha: eu amava aquele carro.

Mas ele não era mais adequado para mim. Eu não teria conseguido buscar Sammy Davis Jr. naquela manhã se não fosse por Lucas e sua caminhonete. Com o meu carro, eu não podia transportar mais do que dois sacos de ração de vinte e cinco quilos. O carro era perfeito para a Chloe de San Diego. Mas a Chloe de Monterey precisava de algo diferente.

Peguei as chaves e a bolsa, pulei dentro do carro, abri a capota e desci a colina no meu último passeio com aquela belezura.

* * *

– Você o quê? – indagou Lucas quando entrei graciosamente na clínica naquela tarde.

– Comprei um carro novo! Vem ver, vem ver! – Puxei-o pela mão através da sala de espera.

– Oi, Marge!

– Oi, lindinha! – ela gritou, abrindo um grande sorriso ao me ver segurando a mão de Lucas. Soltei-a imediatamente, segurando a porta aberta para ele.

– Não estou entendendo. Por que você comprou um carro novo? – ele perguntou, com cara de curioso.

– O conversível não era mais prático. Não para o que preciso agora. E eu não queria ter que ligar pra você toda vez que fosse buscar um cachorro. Não que eu não goste da sua ajuda, mas eu precisava de um carro maior. Mais de acordo com a minha nova vida, uma coisa mais ao ar livre – expliquei, atravessando o estacionamento praticamente aos pulinhos.

Lucas não conteve uma gargalhada diante da minha empolgação e me seguiu entre os carros até o fundo do estacionamento.

– Você foi sozinha? – perguntou.

Dei de ombros.

– Claro. Por que não?

– Eu teria ido com você sem nenhum problema.

– Por que eu pediria para você ir comigo? – indaguei, e em seguida fiz a minha melhor cara de *tadã* ! – Tadã! – cantarolei, apontando para o meu carro novo.

– Por isso. – Ele soltou um suspiro, olhando para o que eu havia comprado.

Um Suburban 1989. Carroceria azul e branca. Mil metros de comprimento, mil metros de largura, assoalho acarpetado, cheiro de pinho.

– Ai, Chloe! – disse Lucas, a boca se curvando para cima nos cantos numa tentativa de não gargalhar.

– O quê? É perfeito! Espera pra ver como ele anda! – Dei um puxão na porta do motorista, que costumava emperrar um pouquinho.

– Quanto você pagou?

– Nada! Fiz um ótimo negócio trocando o meu...

– Você trocou o seu conversível? – Ele já não estava mais rindo. – Posso ver os documentos?

– Ei, eu conferi tudo, não tem nada de errado. Pesquisei o valor de troca antes, no Kelley Blue Book, ok? E esse carro custava praticamente o mesmo que o meu! E a melhor parte: eu convenci o cara a me dar um ano de lavagem gratuita! Eu parecia uma especialista negociando – me gabei, entrando no meu carro novo. Bati a porta e abaixei o vidro. – Olha, vidro manual. Vai dizer que não é demais?

– Demais mesmo. Por acaso, você viu que o motor está vazando?

– O cara disse que vazava às vezes, mas que é perfeitamente normal pra um carro tão antigo. Que cor é o líquido?

– Verde.

– Ah, sim, ele disse pra eu levar o carro lá se isso acontecesse; eles vão cobrir com alguma coisa.

– Chloe, você realmente deveria ter levado alguém com você. – Lucas balançou a cabeça. – Este carro é uma merda. Eles viram uma garota bonita com uma BMW e tiraram vantagem. Precisamos voltar lá e resolver isso. Você não pode ficar com este carro.

– Não posso o caramba! – Saí do carro. Lucas estava acabando com o meu barato e eu estava começando a ficar irritada. – Eu sei o que você está pensando: a bonitinha mas estúpida da Chloe não consegue resolver os próprios problemas. Mas está tudo sob controle. Não vou devolver o carro.

– Não quero começar uma briga. É claro que você é capaz de resolver seus problemas sozinha. Mas você já tinha feito *isso* alguma vez? Comprado um carro?

– Não – admiti, e o acesso de raiva desapareceu tão rapidamente quanto veio.

– Chlo, quando eu comprei meu primeiro carro, levei meu pai comigo. Na verdade, levei meu pai comigo nos *três* primeiros carros. Não é uma coisa simples, você precisa ter a segurança de que, bem, ninguém vai te enganar – ele falou delicadamente, tamborilando sobre o capô do carro. Um tanto de ferrugem caiu no asfalto.

Oh, que baralho eu tinha feito? Eu tinha ficado empolgada para comprar o carro, mas depois tivera mesmo uma sensação estranha de que talvez houvesse agido por impulso. E agora essa sensação estava de volta na boca do meu estômago.

– Eu só queria cuidar disso sozinha, sabe? – falei, me virando para Lucas. Ele não estava rindo, não estava bravo, não estava tirando sarro de mim. – Só isso.

E então as lágrimas caíram. Oh, pelo amor de Deus. Não bastasse a emoção de ter buscado o cachorro de manhã, a conversa com minha mãe, a empolgação com o carro, e agora isso...

– Ei, vem cá – Lucas murmurou, e no instante seguinte eu estava em seus braços.

E agora isso. Enterrei o rosto em seu peito, sentindo as lágrimas se derramarem.

– *Que* idiota. – Funguei e me aconcheguei em sua camisa, sem me importar com o fato de que estávamos no meio do estacionamento; eu apenas precisava ser amparada. Era tão terrível assim? Eu não tinha sido capaz de admitir antes que precisava da ajuda de outra pessoa, mas, naquele instante, naquele lugar, eu admitia totalmente, completamente que precisava estar nos braços de outra pessoa. Nos braços dele, especificamente. – Oh, Deus, eu acabei de trocar o meu carro por esse monstro, não foi? – falei rindo/chorando, apertando as costas dele.

Lucas não disse nada, o que foi sábio da parte dele. Ele simplesmente me puxou mais para perto e me embalou enquanto eu chorava. Quando a mancha em sua camisa já estava do formato e do tamanho da Flórida, eu finalmente me afastei. Agarrando seu braço, encarei-o.

– O que eu vou fazer agora?

– A primeira coisa que vamos fazer amanhã é voltar lá e resolver isso. Não se preocupe – ele disse, enxugando uma lágrima retardatária.

– Tem certeza? E se eles não aceitarem o carro de volta?

– Eles vão aceitar. Vamos dar um jeito.

– Desculpa pela sua camisa. – Esfreguei a mancha molhada.

– Sem problema. Pelo menos você conseguiu chorar na forma de um pau gigante.

– É o mapa da Flórida! – exclamei, não mais esfregando, mas estapeando. – Parei e olhei para ele. – Estou tão envergonhada. Foi um dia muito estranho.

– Quer falar sobre isso? – Ele fitou nossas mãos entrelaçadas.

– Na verdade, não – sussurrei e soltei sua mão. – Desculpa por invadir o seu dia assim.

– Está de brincadeira? Isso foi muito mais emocionante do que o meu próximo compromisso. Tem uma dona lá dentro que pensa que o chihuahua dela está com depressão.

– Ela não gostaria de comprar um carro pra ele?

Lucas sorriu, depois mudou o assunto para um mais alegre.

– O Sammy está muito bem, viu? Ainda está sedado, mas, se continuar como está, você poderá pegá-lo amanhã. – Fiz menção de bater palmas, e Lucas acrescentou: – *Depois* que resolvermos a história do carro.

– Obrigada, Lucas. Obrigada de verdade.

– Você tornou as coisas aqui mais interessantes, pode apostar – ele comentou com uma voz doce.

– Interessantes no bom sentido?

– Oh, com certeza, broto. – Sua expressão se iluminou.

Eu ri, mas a minha risada foi superada pela de Lucas quando tentei subir o vidro da janela. Ah, bem... foi um bom dia.

CAPÍTULO DEZ

Várias semanas depois

- Não, não, não coloque aí. Coloque no galpão.
- Beleza, Chloe.
- Chloe, a visita à casa dos Mitchell foi ótima! Podemos aprová-los?
- Sim! Vamos dar um lar para o Rocky!
- Esses panfletos estavam na impressora, Chloe. Quer que deixe no escritório?
- Sim, pode deixá-los na minha mesa, por favor.

Soprei o cabelo que caía sobre meus olhos e me arrependi por não ter pegado uma faixa de manhã. Bem, para ser justa, quando o alarme tocou, às cinco da manhã, eu não estava pensando com muita clareza.

Talvez tivesse a ver com todo aquele vinho na noite anterior.

Mais provavelmente, tinha a ver com todo aquele vômito na noite anterior. Não meu, obrigada. Vômito de cachorro. No qual você costuma pisar quando um dos seus cachorros surrupia um pacote de Doritos e depois põe tudo para fora.

Soprei o cabelo mais uma vez, prometendo mentalmente que pegaria uma faixa quando voltasse para casa para almoçar. Por ora, eu tinha coisas mais urgentes para resolver.

– E aí, gostosinhos, como vocês estão, hein? – arrulhei, me debruçando sobre a caixa de parto e contando os filhotes. Ainda seis, ufa. A primeira ninhada nascida na Batutinhas, o que elevava nosso total de abrigados a vinte e sete. Vinte e sete... Uau!

Tínhamos começado as atividades oficialmente havia algumas semanas, e a festa de inauguração seria no dia seguinte. E a Batutinhas estava bombando! Tudo começou com o querido e talentoso Sammy Davis Jr. e só aumentou desde então. Essa última expansão populacional havia sido inesperada, resultado de uma cadela de rua que recolhemos e que estava prestes a dar à luz. Ela tinha parido duas semanas antes, e minha equipe celebrara o acontecimento com uma festa improvisada, com Coca-Cola no lugar de champanhe.

Por falar nisso:

– Ei, Jenny! Você pediu as bebidas para a inauguração?

– Claro. Você me passou a lista há semanas – ela gritou, me lembrando mais uma vez que eu trabalhava com os melhores. – Como eles estão? – ela perguntou, aparecendo no canto do celeiro.

– Eles parecem ótimos, não param quietos. – Soltei uma risada quando fui focinhada por um dos filhotes, muito determinado a escalar a gola da minha camisa. Eles estavam começando a abrir os olhos. Aquela fofura coletiva era insuportável de gostosa.

– Quer que eu troque o cobertor? – Jenny perguntou, e eu fiz que sim com a cabeça. Ela era estudante de veterinária e estava trabalhando como voluntária no abrigo para cumprir créditos extras para a faculdade. Muito inteligente e alegre, deixava todos animados. Particularmente Tommy, um cara que cursava a faculdade comunitária local e nos ajudava nas noites e fins de semana.

Noites e fins de semana. Né.

Desde que a Batutinhas abrisse as portas oficialmente, Lucas e o pai dele colocaram a clínica à inteira disposição do abrigo. Os dois ofereciam seu tempo e serviços a todos os cachorros que chegavam, examinando-os e castrando-os de graça. Eles também continuaram divulgando o trabalho do abrigo para a comunidade, e nós já tínhamos realizado três adoções.

Quanto a Lucas? Minhas noites e fins de semana continuavam reservados.

Passávamos bastante tempo juntos. Tínhamos caído na gostosa rotina de jantar juntos, no quintal da minha casa ou no deck da dele, que tinha uma vista maravilhosa da baía. Compartilhávamos histórias sobre nossos ex, praticamente exorcizando nossos demônios. Já fazia muitas semanas desde que eu abandonara meu casamento, e mais ainda desde que Lucas fora abandonado no seu. Estávamos divinamente atraídos um pelo outro. Porém.

Não tínhamos ultrapassado os limites da amizade, embora eu não parasse de pensar naquele quase beijo no celeiro.

Não tínhamos ultrapassado os limites da amizade, embora, quando eu me inclinava perto dele sobre o balcão da cozinha para pegar algo e acidental-propositadamente roçava os seios no dorso de sua mão, Lucas prendia a respiração e cerrava os punhos como que para se conter e não me tocar.

Não tínhamos ultrapassado os limites da amizade, embora, quando ele me ajudava a vestir meu casaco nas noites frias ao ar livre do quintal e acidentalmente (propositadamente, estou bastante certa) pressionava o corpo contra as minhas costas enquanto esticava minhas mangas, exalando sopros do seu hálito salgado e amadeirado e, desconfio, farejando atrás da minha orelha, disparando uma onda de calor elétrico na minha corrente sanguínea, tão intensa, eu também pressionava as minhas costas contra ele, sentindo o seu corpo quente se conectar com cada parte do meu corpo agora ardente... Opa, o quê?

Apenas amigos. Amigos não coloridos.

Por que não dávamos o próximo passo na nossa relação? Uma pergunta

com muitas respostas.

Uma delas era que Lucas estava se preparando para viajar novamente com os Veterinários Sem Fronteiras. Dali a poucas semanas, ele estaria em Belize, e eu, aqui. Ok, algo a considerar.

Outra era o fato de que, no início, eu tinha certeza de que não passava de amizade, porque precisava de tempo e espaço para processar o fim do meu relacionamento com Charles. Embora nunca tivesse me arrependido dessa decisão, eu não queria simplesmente pular de uma relação para a próxima. Quase desejei conhecer algum cara delicioso e burro para curar a ressaca amorosa, um passatempo com o qual eu não me importasse, que eu fosse capaz de largar facilmente para ficar com alguém como...

Ai, caramba: alguém *exatamente* como Lucas Campbell. Porque não haveria meio-termo, com ele nunca seria só sexo. Não, não. Mergulharíamos de cabeça, cem por cento. Eu poderia tranquilamente me apaixonar por esse cara... E ele estava prestes a partir. Eu iria sentir uma saudade filha da fruta dele. Falando em fruta...

– Jenny, preciso dar um pulo no centro. Encomendei um bolo de frutas na Carousel Candies para a festa de amanhã. – Relutantemente, devolvi o filhote à caixa de parto.

– Não precisa insistir, eu provo o bolo.

– Beleza! – A caminho da minha nova caminhonete, assinei dois recibos de entrega e atendi a ligação de uma empresa especializada em petiscos naturais para cachorros que oferecera uma amostra de deliciosos biscoitinhos para a grande inauguração.

Entrando na caminhonete, agradei mentalmente a Lucas mais uma vez, que, após discutir com o vendedor, conseguira um negócio muito melhor pelo carro. Quando entramos na loja, os funcionários imediatamente reconheceram Lucas – uma das vantagens de morar em cidade pequena. Algumas horas depois, o contrato original havia sido rasgado e eu circulava pelas ruas em uma Land Rover Discovery não tão velha, com a caçamba equipada com um

compartimento especial para transportar meus passageiros de quatro patas. Um carro que eu adorava e que se encaixava no meu novo estilo de vida. E que agora também incluía um suporte para o meu novo caiaque – outra coisa à qual Lucas tinha me apresentado.

Durante o trajeto, recebi uma ligação do meu primo Clark, que estava a caminho de Monterey para a grande inauguração e para dar uma olhada nos filhotes.

– Todo bebê precisa de um cachorro, Clark – eu ouvira Viv dizendo para ele durante nossa última ligação. A ninhada tinha vindo no momento perfeito.

– Que horas vocês chegam mais ou menos? – perguntei, grata a Lucas por ter instalado um sistema de som com Bluetooth.

– Se tudo der certo, por volta das cinco. Tudo bem para você?

– Perfeito. Na happy hour. – Parei no estacionamento da loja de doces. – O que a Vivian anda bebendo?

– Água com gás está bom para ela.

– Cerveja-de-raiz está bom para ela! – a mulher em questão se juntou à discussão.

– Vivian, já falamos sobre isso. Açúcar demais pode fazer mal para o...

– Ah, fica quieto, Clark. Um refrigerante de vez em quando não vai fazer mal pro bebê. E aí, Chloe? Tudo certo?

Contive a vontade de rir.

– Tudo ótimo, Viv. Vou ficar feliz de te ver. Vou providenciar sua cerveja-de-raiz, pode deixar.

– Está vendo, Clark? Basta pedir. As pessoas fazem qualquer coisa por uma grávida.

– Eu sei disso, mas você não pode simplesmente presumir que a Chloe vai largar tudo que está fazendo para tentar comprar...

– Ela que perguntou!

Apertei o botão de desligar; os dois já não se lembravam da minha presença no outro lado da linha. Quando eles começavam, esqueciam do mundo ao

redor. O fim de semana prometia ser divertido; Vivian e Clark seriam meus primeiros hóspedes. Num impulso, liguei para Lucas.

– E aí, Passatempo, como está sendo o seu dia? – ele perguntou, e eu dei uma risadinha.

– Quer jantar lá em casa hoje? Mas vou logo avisando: não estaremos sozinhos.

– Adoro convites que vêm acompanhados de um aviso. O que vai rolar?

– Clark e Vivian estão vindo para a inauguração e para conhecer a ninhada.

– Gostei. Que horas?

– A hora que você quiser. Eles vão chegar lá pelas cinco.

– Na happy hour. Perfeito. Precisa que leve alguma coisa?

– Não, estou a caminho do centro para pegar um bolo de frutas que encomendei para amanhã e vou aproveitar para comprar tudo que preciso.

– Devo terminar de atender por volta das quatro e meia. Chego um pouco depois, pode ser?

– Ótimo! – Desliguei e imaginei se ele estaria usando aquele uniforme azul-marinho. Humm. Abri a janela para tomar um pouco de ar fresco. De repente o dia tinha ficado quente...

* * *

O dia passou voando, como ocorria com frequência com tanta coisa acontecendo. Consegui tomar um banho rápido ao retornar do celeiro, algo que era imprescindível depois de passar o dia com meus bichos. Cachorros costumam cheirar a salgadinho de milho e, apesar de eu gostar de Fandangos como qualquer pessoa normal, não queria necessariamente cheirar a Fandangos.

Ainda no banheiro após meu banho de cinco minutos, observei os frascos

enfileirados na bancada: gel para cabelo, cera para cabelo, máscara térmica, musse, sérum hidratante; isso sem falar nos pentes finos, nas escovas (de vinte e oito milímetros, de trinta e três milímetros, de sessenta e cinco milímetros, de setenta e quatro milímetros), pranchas, modeladores de cachos e até um conjunto empoeirado de bobs. Todos intocados desde que eu me mudara para Monterey.

E as maletas de maquiagem. Várias, contendo cada cor imaginável de sombra, cílios postiços, batons, gloss, hidratante labial, delineador labial, além de blush suficiente para abastecer um grupo de dança pelos próximos dois anos. Praticamente intocados desde que eu chegara.

Precisava me livrar de tudo isso; só estava ocupando espaço. Quando você tem um monte de cachorros para alimentar, passear e brincar, seus cuidados de beleza se resumem ao básico. Um bom xampu e um bom condicionador, protetor solar e, se tanto, um hidratante labial rosa. Antes eu costumava levar uma hora e meia entre sair do chuveiro e entrar no carro de Charles, agora eu fazia em vinte minutos, se estivesse com pressa.

E eu *estava* com pressa. Eram quase cinco, e eu havia acabado de enxugar o cabelo com a toalha quando escutei...

– Chloe? Você está aí?

– Lucas?

– Eu. Cadê você?

– Aqui atrás, terminando de...

Lucas surgiu na porta do quarto, uma garrafa de vinho e uma expressão de espanto.

– ... me vestir. Ei! – Peguei apressadamente a toalha.

– Meu Deus. – Lucas se afastou da porta, ficando fora de vista no corredor.
– Desculpa!

– Fala sério! Baralho, Lucas!

– A porta da frente estava aberta, então eu... Uau. Desculpa, desculpa!

– Se você queria um peep show, era só ter pedido! – resmunguei, correndo

para vestir o sutiã e a calcinha.

– E teria funcionado? – ele perguntou, e eu enfiei a cabeça no vão da porta.

– Talvez – provoquei, e sorri marotamente quando ele arregalou os olhos. – Agora nunca saberemos. – Desapareci e fui até o closet para pegar a roupa.

– Peep show, já! É um pedido oficial! – ele exclamou enquanto eu colocava um vestido leve.

– Tarde demais. Perdeu, playboy. – Fui até o vão da porta de novo e estiquei uma perna para o corredor. – Além do mais, você acabou de ver tudo. Acabou o mistério.

– Não vi nada, juro. Só vi um borrão de carne e de repente uma toalha.

– Um borrão de carne? Você sabe mesmo elogiar uma mulher – reclamei, e ele soltou um gemido.

– E se eu fizer isso, melhora? – Segundos depois, sua perna, com a barra da calça levantada na altura do joelho, apareceu no vão.

– Delícia! – Dei risada. Ainda bem que a próxima coisa que se mostrou no vão da porta foi seu rosto. – Mais delícia.

Seus olhos brilharam na minha direção, e seus lábios se curvaram num sorriso espontâneo.

– Quando eu disse borrão de carne, foi no melhor dos sentidos.

– Acredito total em você.

– Sério, Chlo, eu não vi nada. O que é bom.

– Eu literalmente não tenho nada a declarar sobre isso. – Franzi o cenho e belisquei sua bochecha. O cabelo de Lucas estava um pouco espetado e ainda úmido; do banho, seria? Não importava. A kriptonita estava silvando.

– É bom porque, se eu *tivesse* visto alguma coisa, seu jantar poderia ter ido por água abaixo.

– Por água abaixo?

– Por água abaixo. Vai saber o que poderia ter acontecido. Seu primo poderia dar de cara com algo que realmente não estava esperando. – Seus olhos flamejaram, e eu fui tomada pela imagem de mim sendo virada de

costas sob aquele mesmo batente, a saia do vestido sendo erguida e um veterinário muito sexy me penetrando por trás.

– Baralho... – sussurrei, minhas bochechas subitamente pegando fogo.

Ele abafou uma risada.

– Aham, exatamente o que estava pensando.

Oh!

A coisa poderia acabar de dois modos.

Eu poderia fazer uma piada, me afastar e deixar as coisas como estavam. Ótimos amigos, tensão sexual no ar.

Ou eu poderia me aproximar e terminar o beijo do celeiro.

Eu... me aproximei.

Lucas se aproximou.

– Chloe! Chegamos! – gritou Clark.

Droga! Eu tinha esquecido que havia uma terceira alternativa.

– E onde fica o banheiro? A grávida aqui precisa mijar!

– Quanta classe, Vivian. Acabamos de chegar.

– Ah, cala a boca, Clark, ela não liga! Sério, Chloe, onde é o banheiro?

Abaixei a cabeça e apoiei a testa na garganta de Lucas.

– Eles chegaram.

– É o que parece – ele murmurou, passando a mão pela minha coluna. Baraaaaalho.

Minhas narinas foram tomadas pelo seu cheiro terroso, e ergui a cabeça para fitá-lo. Sorrimos, e eu saí para recepcionar meus convidados inoportunos.

* * *

Foi uma noite deliciosa: ótima comida, ótima música, novos amigos, família.

Começamos com um happy hour que consistiu de três Mai Tais e uma cerveja-de-raiz bem gelada. Lucas tinha encontrado um antigo livro de receitas de coquetéis tiki, e nós vínhamos reproduzindo alguns dos melhores drinques daquela época. Até o momento, nossos favoritos eram o Beachcomber e o Painkiller, embora o Mai Tai também fosse gostoso pra caramba.

A interação entre Viv e Clark era uma coisa de outro mundo; nunca vi duas pessoas flertarem e baterem-boca ao mesmo tempo e com tanta desenvoltura. Considerando o nível de adoração daqueles dois, o bate-boca era claramente uma preliminar. Vivian só tinha olhos para Clark, e para ele Viv era a perfeição. Viv era boa de lábia, mas estava tão caída pelo meu primo que era engraçado de ver.

Lucas e Clark se deram bem de cara. Os dois tinham entrado na casa para pegar sorvete para todos nós.

Vivian e eu estávamos no pátio dos fundos, sob as estrelas, tomando café ao som de “All of Me”, de Dean Martin.

– Explique-se, e explique-se já – disse Viv, apoiando o pé no banco entre nós duas e se recostando na cadeira.

– Explicar o que exatamente? – indaguei, curiosa.

– Explicar por que *você não está traçando aquilo* . – Ela apontou para a porta de vidro na direção de Lucas, que voltava da cozinha com duas tigelas nas mãos.

– Ah, meu Deus – murmurei, rezando para que ele não tivesse escutado. Aparentemente não tinha, embora Clark tenha lançado um olhar com a sobrancelha arqueada para Viv.

– O que *você está* aprontando? – ele perguntou, pousando a tigela de sorvete na frente dela.

– Por que eu estaria aprontando alguma coisa? – Viv indagou inocentemente, atacando o sorvete com uma fúria vingativa.

– Porque *você está* com cara de quem está aprontando alguma coisa. –

Clark se sentou ao lado dela. – Cara de culpa.

– Só estou aqui sentada de boa, batendo papo com sua prima, esperando meu noivo me dar sorvete – ela falou, piscando para ele. – O que eu poderia estar aprontando?

Resfoleguei e peguei o sorvete que Lucas me entregou. A expressão dele também era de curiosidade, mas uma encarada de Viv fez Clark esquecer o assunto.

– Então, Lucas. Quer dizer que logo mais você vai zarpar? Belize? – perguntou Viv, dando uma colherada no sorvete de menta com gotas de chocolate.

– Sim, vou para outra missão com os Veterinários Sem Fronteiras. Parto para Belize daqui a algumas semanas.

– Logo depois do Quatro de Julho, certo?

– Sim.

– Então são duas semanas. Não algumas – falou Viv, e eu derrubei minha colher com um estrépito.

– É, acho que sim.

Atordoada, não escutei a continuação da conversa. Uau, ele partiria em duas semanas. Em duas semanas, minhas noites e fins de semana seriam efetivamente sem Lucas. Ele ficaria fora do país e longe de Monterey por...

– Três meses? Você sabia disso, Chloe? Três meses!

Revirei os olhos.

– Sim, Viv, eu sabia. – Soltei um suspiro e percebi o olhar de Lucas, do outro lado da mesa. – Os Veterinários Sem Fronteiras fazem um trabalho incrível. Quando voltar, Lucas com certeza vai ter várias histórias bacanas para contar – falei com orgulho. Três meses. Uau.

– Ah, sim, tenho certeza que ele vai voltar com muitas histórias – acrescentou Viv em um tom peculiar, e agora era eu quem a encarava.

Moscando, Clark começou a fazer perguntas a Lucas sobre Belize: se ele já conhecia, se tinha planos de visitar as florestas tropicais.

Aproveitei a oportunidade para beliscar o braço de Viv.

– Ei, estou vendo o que você está fazendo. Pode parar!

– Primeiro, não acredito que você acabou de beliscar uma grávida. Segundo, não acredito que você não está traçando aquilo! O que diabos está te impedindo? Terceiro, e aqui são os hormônios falando, se o Clark permitir, *eu* vou traçar aquilo! – Tudo isso foi dito em um sussurro teatral enquanto Lucas e Clark conversavam sobre macacos ou algo do gênero. – Quarto, posso pegar mais sorvete?

– Ah, me poupe! Primeiro, vou te beliscar de novo se você não falar mais baixo. Segundo, é complicado. Terceiro, ouse traçar aquilo e não vai ser só o seu braço que eu vou beliscar. Quarto, claro que pode pegar mais. Menta com gotas de chocolate ou frutas vermelhas com chocolate?

Eu sendo uma anfitriã incrível.

– Primeiro, tenta a sorte. Segundo, não tem nada de complicado; está na cara que aquele homem quer você quicando no pau dele. Terceiro, o Clark nunca permitiria, com ou sem hormônios. E, sinceramente, ele me faz bastante feliz, se é que você me entende. Quarto, frutas vermelhas com chocolate, por favor – ela concluiu, empurrando a tigela na minha direção.

– Quicando no pau dele? – sussurrei, horrorizada.

Sussurrei um pouco alto demais, porque de repente notei que havia dois pares de olhos masculinos em mim. Um par, castanho e afetuoso, parecia tão horrorizado quanto eu com as minhas palavras. O segundo, azul e deslumbrante, parecia apenas ter achado graça.

E agora havia um par de olhos verde-esmeralda, repletos de divertimento e travessura, cuja dona brandia a colher na minha direção.

– Aceito duas bolas do sorvete de frutas vermelhas com chocolate. – Viv se recostou nas almofadas, toda risonha.

– É pra já – falei entredentes. Corri até a cozinha, onde imediatamente enfiei a cabeça no congelador. Foi nessa posição que Lucas me encontrou, instantes depois.

– Tenho quase certeza de que é assim que se derrete sorvete – falou, o que me fez tomar um susto e bater a cabeça contra as formas de gelo.

– Fruta que pariu! – xinguei, retraindo a cabeça e a massageando.

– Não, obrigado, prefiro o de menta com gotas de chocolate. – Ele esticou o braço sobre mim e alcançou o pote de sorvete.

Depois de pegar o sorvete de frutas vermelhas com chocolate para Viv, encarei Lucas ferozmente.

– Como você é engraçado – murmurei, pegando outra tigela.

– E você é estranha. Está estranha, pelo menos – ele rebateu, lambendo sua colher.

Eu adoraria ser aquela colher. Adoraria ser aquela colher naquele exato momento. E se para isso eu precisasse rolar sobre hortelã e gotas de chocolate e escalar uma tigela, eu faria. Humm, talvez ele estivesse certo sobre a parte de eu estar estranha.

– Desculpa, acho que estou nervosa por causa da inauguração amanhã. – Suspirei, guardando o sorvete e me apoiando no congelador. – Minha mãe vai vir, te contei?

– Que ótimo! Achei que ela não vinha.

– E não ia vir mesmo. Ela tinha algum evento de caridade nesse fim de semana. Mas meu pai ligou pra ela e disse que ela estava sendo uma babaca. – Franzi a testa. – Posso falar? Ele podia não ter ligado. Já seria estressante o bastante sem ela criticando os guardanapos de papel e os talheres de plástico.

Quando eu convidara minha mãe para a inauguração, tinha certeza de que ela arranjaría uma desculpa para não comparecer. E eu estava certa: o jantar de gala da instituição de tratamento do câncer infantil ocorreria na mesma noite, e ela não o perderia por nada. Era um de seus eventos favoritos desde sempre. Mas meu pai decidiu se meter e comprar a briga, sem dúvida lançando frases como: “Faça isso pela nossa filha”, “Você precisa apoiá-la” e provavelmente algumas muitas variações de “Marjorie, não seja babaca”.

Resultado? Os dois voariam para Monterey. Juntos. Tremi mentalmente ao

pensar naqueles dois no mesmo avião e senti uma enorme pena de quem tivesse o azar de sentar perto deles. Meus pais não brigavam em público. Eles se aniquilavam com sutileza. O tipo de sutileza que fazia você querer bater a própria cabeça contra a porta do carro só para ter uma desculpa para escapar.

– Ei, eu mesmo testemunhei você se torturando para escolher os talheres, e eles são demais. Nunca senti algo tão forte por talheres. E os guardanapos? Os melhores da loja. Os melhores, e ponto final! A festa vai ser sensacional, não fique tão preocupada – Lucas falou, acariciando meu ombro. – E, se a sua mãe se exceder, eu sempre tenho tranquilizantes de cavalo na caminhonete. Isso vai acalmá-la.

Soltei uma gargalhada.

– Talvez seja necessário – admiti, enxugando os olhos.

– Pode deixar – ele disse, ainda me acariciando. – Vamos, o sorvete está derretendo. – Lucas começou a me conduzir até o quintal. – A propósito, que história foi aquela de quicar no pau dele? Pau de quem?

Quando você derrama sorvete no chão de tijolos do pátio, é impossível limpar sem usar a mangueira. E, ao fazer isso, talvez eu tenha molhado uma certa grávida acidentalmente. Ou de propósito.

CAPÍTULO ONZE

Marge tinha razão em relação à sua rabada; era sensacional. O prato de papelão de todos estava amontado dela, além de salada de frutas, coleslaw e até cachorro-quente ou hambúrguer. Tínhamos escolhido o tema piquenique: toalhas quadriculadas vermelhas e brancas nas mesas, talheres e copos de plástico, balões e serpentinas sob o forte sol. E uma faixa enorme sobre o portão de entrada na qual se lia: “Inauguração da Batutinhas”, caso alguém não tivesse se dado conta de que agora estávamos oficialmente, plenamente em funcionamento.

Tínhamos convidado todos os voluntários e suas respectivas famílias, empresários da região que já apoiavam o abrigo e os funcionários do Hospital Veterinário Campbell que estavam de folga, incluindo Marge, que, quando não estava coagindo os convidados a professar adoração por sua rabada, se achava em volta de Lou feito um tubarão de poliéster com coque colmeia. Colmeia que ostentava uma presilha da Batutinhas, o que era muito meigo.

O rádio estava sintonizado em uma estação de músicas antigas, clássicos da Motown. Enquanto algumas pessoas se refestelavam com o banquete, outras

subiam e desciam a ladeira que levava ao celeiro para ver os cachorros, que tinham acabado de tomar banho e estavam cheirando a talco. E felizes pela presença dos convidados. Em meio a baldes com bolas de tênis e brinquedinhos de mastigar, os cães estavam no paraíso. Exatamente como era para ser. Felizes e correndo pela pista, com Sammy Davis Jr. liderando a trupe.

Nosso primeiro residente, ele havia se tornado uma espécie de mascote. Quase tinha sido adotado por duas vezes e, em cada uma delas, meu coração disparara. Nas duas vezes, quando outro cachorro foi escolhido, eu passei um tempo extra com Sammy para lhe assegurar que ele encontraria um lar definitivo.

Mas a verdade era que ele já tinha escolhido seu dono – e graças a Deus por isso, porque eu não conseguia ficar longe dele. Depois da última quase adoção, eu o instalei na casa comigo, e assim me tornei mãe de um cachorro. Agora aquele pit-bull sorria para mim, e eu sorri de volta.

– Vai brincar, garotão – falei, acariciando a lateral do seu corpo, e ele saiu para se juntar ao frenesi da bola de tênis.

– Ei, Chlo, a festa está ótima, mas precisamos ir para chegar em casa antes de escurecer – falou Clark, subindo a ladeira com Viv a reboque. – A gente volta assim que você disser que nosso rapazinho está pronto.

– Ou antes. Aliás, é possível que eu entre lá agora mesmo e encha meus bolsos com filhotinhos quando você não estiver olhando – afirmou Viv, passando por mim na ponta dos pés.

Dei risada.

– Você daria uma péssima ladra, Viv. Acabou de me contar o que está tramando. Agora vou ser obrigada a te revistar antes de você ir. – Estiquei o braço, fingindo que ia beliscá-la de novo.

– Sério, parou com os beliscões. Clark, fala pra ela parar com isso.

– Se minha prima está te beliscando, você fez alguma coisa para merecer – provocou Clark, para o desgosto de Viv.

– Eu sou sua noiva! Você tem a obrigação de ficar ao meu lado sempre, não importa o que eu faça! – ela disse, batendo o pé.

– Mulher impossível – murmurou Clark, segurando a mão dela, que enrubescceu no mesmo instante. Huh.

Enquanto os dois se comiam com os olhos, avistei meus pais na entrada de veículos, o salto da minha mãe cambaleando no cascalho.

– Não quer falar oi para a tia Marjorie antes? – perguntei.

– Oh, oh – Clark sussurrou. – Nossa, a tia Marjorie com o tio Thomas! Juntos? E os dois não estão brigando... Esquece – ele disse quando a minha mãe recusou a tentativa do meu pai de ajudá-la.

– Ah, a gente vai ficar. Eu não vou perder isso. – O tom de Viv foi leve, mas ela segurou e apertou a minha mão.

Nós três descemos a ladeira em direção aos meus pais, e eu notei que meu pai estava à minha procura. Também vi a minha mãe olhando ao redor, inspecionando cada detalhe.

Respirei fundo e gritei:

– Ei, pessoal!

– Ah, lá está ela! Oi, gatona! – gritou meu pai, se aproximando e me envolvendo num abraço giratório. – Como você está?

– Oi, pai! Que bom te ver! – falei, abafada pelo seu ombro.

Ele me colocou no chão e me observou rapidamente.

– Você está ótima, Chloe, realmente ótima! – se derreteu, e eu apenas sorri. Uma vez filhinha do papai...

– Olá, Chloe – disse minha mãe, e eu me virei para ela. Ela não me observou rapidamente apenas, ela me escrutinou, sem dúvida notando minha roupa. Shorts jeans com barra desfiada, tênis, regata branca com o logo da Batutinhas estampado no peito, boné, zero maquiagem e o longo cabelo loiro preso em duas tranças desgrenhadas.

Deixei que ela me escrutinasse. Eu estava confortável, feliz e, pela primeira vez, no meu próprio campo. Literalmente.

– Oi, mãe! – gorjeei. – Bom te ver. – E parte de mim estava sendo sincera: eu sentia saudades dela. De tempos em tempos. – Como foi o voo?

– Ah, você sabe como são esses teco-tecos, não param de chacoalhar. Como você está, querida? – Ela me deu um breve beijo na bochecha.

– Estou ótima. Viu quanta gente? – comentei, apontando para o pátio lotado de amigos e colegas de trabalho. Crianças correndo por todos os lados, cachorros latindo, Marge tirando as pessoas para dançar.

– É, uma multidão. – Ela sorriu e olhou por cima do meu ombro. – Clark, sua mãe disse que você talvez viesse! Como você está, querido? – perguntou, passando por mim para abraçar meu primo. Minha mãe sempre adorou o Clark.

– Oi, tia Marjorie, que prazer em vê-la! Que bom que você conseguiu vir para prestigiar o grande dia da Chloe.

– Eu não perderia por nada! – ela afirmou, e eu revirei os olhos atrás dela.

Meu pai reparou e piscou para mim, depois se virou para Clark.

– Bom ver você – disse, e os dois deram o típico abraço de homem: um tapinha nas costas com um dos braços.

– Thomas, há quanto tempo! Que ótimo ver você! Eu gostaria de apresentar a vocês dois...

– E essa deve ser a famosa Vivian! Olhe só para ela! – minha mãe interrompeu, oferecendo a mão a Viv. – Você deve estar a ponto de explodir!

– Estou só de sete meses, ainda falta um bocado pra explodir – corrigiu Viv, apertando vigorosamente a mão da minha mãe. – Estava ansiosa pra te conhecer, ouvi falar tanto de você, Marge! Posso te chamar de Marge?

– Oh, eu... – minha mãe começou, mas uma voz embebida em charme sulista se juntou à conversa.

– Ouvi meu nome? Alguém quer mais rabada? – perguntou Marge, se posicionando ao nosso lado e passando um braço ao redor de mim. – Oras, o que temos aqui? Esta belezura deve ser o seu pai. Que gracinha! – exclamou, puxando meu pai para o seu decote incrustado de strass.

Ele me lançou um olhar de surpresa, mas nada incomodado, por cima do coque colmeia.

Soltando meu pai, Marge se virou para minha mãe, que deu um passo para trás na defensiva.

– E você deve ser a mãe da Chloe. Cara de uma, focinho da outra! Olha só como ela é linda! Tão linda que dá vontade de morder! – Marge se aproximou para abraçá-la, mas minha mãe rapidamente estendeu uma mão para evitar ser engolida pelo coque colmeia. – Venha já aqui, precisamos pegar algo para você comer! Você está com cara de quem não come há anos! Olha, tem uma rabada... uma receita secreta de família...

Minha mãe foi conduzida até a mesa com as comidas e, antes que eu pudesse abrir a boca, ela tinha nas mãos um prato de papelão com uma montanha de rabada. Fitei o meu pai, que havia acabado de assistir à ex-esposa sendo coagida por uma mulher vestida com um terno de poliéster dos anos setenta. Nós dois caímos na gargalhada.

Ainda estávamos rindo quando senti, mais do que ouvi, Lucas se aproximando. Ele estava um pouco atrás, mas do meu lado. Olhei para a esquerda, e lá estavam aqueles olhos azuis cintilando para mim.

– Ei – falei, batendo o meu quadril no dele.

– Ei – ele respondeu, mantendo seu quadril para si. – Senhor Patterson? Sou Lucas Campbell, amigo da sua filha – apresentou-se quando houve uma pausa na conversa.

Viv sorria de orelha a orelha, literalmente, observando Lucas apertar a mão do meu pai. Quantos apertos de mão por aqui hoje.

– Amigo da Chloe? Você é o Lucas de quem tanto ouvi falar?

– Isso depende exatamente do que o senhor ouviu falar. – Lucas riu descomplicadamente.

– O Lucas que ajudou a minha filha a sair daquela enrascada com o Suburban?

– Mais ou menos. Foi ela quem resolveu a situação no fim das contas; o

senhor precisava vê-la depois que ela ficou brava. – Lucas passou um braço ao redor do meu ombro e deu um tapinha do tipo “mandou bem”. Estava bom para mim.

– O mesmo Lucas que a levou para o mar em cima de uma prancha?

– Ela é um talento nato. Quer dizer, quando para de procurar barbatana de tubarão.

– Nunca vou deixar de procurar barbatana de tubarão. – Fui acometida por um calafrio, e Lucas sorriu para mim. O braço ainda em volta do meu ombro. O sorriso de Viv já estava dando a volta na cabeça dela.

– Aceita algo para beber, senhor Patterson? Água, refrigerante, cerveja? – ofereceu Lucas.

– Lucas, eu acabei de sair de uma viagem em um avião minúsculo ao lado da minha ex-mulher.

Lucas refletiu por um momento.

– A Chloe me ensinou a fazer um martíni porreta. Puro ou com gelo?

– Com gelo. Sempre com gelo.

Conforme os dois se dirigiam à casa, Lucas falou:

– O senhor tem um baita bar aqui, senhor Patterson. A Chloe e eu estamos reproduzindo as receitas de um livro antigo de drinques dos anos sessenta. Já tomou um Zombie?

– Você está tentando embriagar a minha filha, Lucas? – inquiriu meu pai enquanto Lucas segurava a porta aberta para ele passar.

– Absolutamente, senhor Patterson. Absolutamente – ele disse com um sorriso maroto.

A última coisa que ouvi meu pai dizer antes de entrar foi:

– Nesse caso, me chame de Thomas.

Olhei para Viv e Clark e joguei as mãos para cima, balançando a cabeça.

Viv olhou bem nos meus olhos e disse:

– Trace. Trace já.

– Trace o quê? Quem vai traçar quem? – indagou Clark.

Fui resgatar a minha mãe das mãos de Marge.
No fim das contas, não estava sendo tão ruim assim.

* * *

Por fim, a festa se reduziu a um punhado de pessoas. Tínhamos feito mais duas adoções naquele dia; Steve e Edie foram para um fazendeiro e a esposa que moravam nas cercanias da cidade e estavam à procura de dois cachorros que já vivessem juntos. Os cães haviam sido abandonados quando sua antiga família não teve mais condições financeiras de cuidar deles, e nós os mantivemos juntos até encontrar um lar que aceitasse ambos. Como sempre, senti um pequeno nó na garganta ao ver meus cachorros indo para seu lar definitivo. Naquele dia, também levantamos uma boa quantia em doações, e muitos convidados trouxeram coisas como camas de cachorro, brinquedos, comida e mais bolas de tênis.

No fim das contas: foi um sucesso.

A música continuava ressoando nas caixas, embora os únicos dançando agora fossem Marge e Lou. Enroscados como duas jiboias, o hippie e a casamenteira eram uma visão e tanto. O que quero dizer com isso é que era horripilante vê-los praticamente montando um no outro na pista de dança improvisada.

– Eu falei para parar com as músicas lentas – sussurrei para Lucas, que fazia um grande esforço para não olhar para o desastre que no momento valsava dois pra lá, dois pra cá ao som de “I Only Have Eyes for You”.

– Deixa disso, broto, é algo legal. Meio nojento, mas legal.

– Mas eu adorava essa música! E agora ela está maculada por essa imagem – murmurei, me virando para o outro lado. E deparando com algo que pensava que jamais testemunharia novamente. Meu pai conduzindo minha

mãe à pista de dança.

Veja, durante o planejamento do casamento com Charles, minha mãe fora taxativa ao dizer que, sob *nenhuma* hipótese, haveria uma valsa dos pais da noiva e que, se eu insistisse, me arrependeria. Assim, imagine qual foi a minha surpresa quando os dois se deram as mãos e, com uma distância apropriada entre si, começaram a dançar.

– Não estou acreditando – falei, o queixo tocando os pés. – Preciso tirar uma foto dessa cena. Clark não vai acreditar.

Ele e Vivian tinham ido embora horas antes, discutindo sobre algum farol histórico que Clark queria visitar a caminho de casa. Enquanto andavam até o carro, o tema da discussão mudou para a rota que tomariam. E eu também vi a mão de Clark desaparecer na parte de trás da saia de Viv conforme eles caminhavam e desconfiei que, se parassem no caminho, não seria para ver um farol.

– Sinto muito por meus pais não terem vindo – falou Lucas. – Meu pai precisou cobrir um veterinário na clínica e minha mãe ainda está se recuperando da gripe. Ela está louca para te conhecer e mandou parabéns.

– Louca para me conhecer? Você andou falando de mim? – indaguei, e meu olhar passou da primeira dança dos meus pais depois de anos para Lucas. O sol havia se posto, e uma brisa quente soprava do oceano, trazendo uma leve fragrância da água do mar, diluída pelos jasmims que começavam a se abrir.

– Seria ruim se eu tivesse falado? – Lucas perguntou.

– Não – murmurei. – Não seria nada ruim. – Dancei contidamente no ritmo da música, observando os casais que haviam se juntado a Marge e Lou e minha mãe e meu pai. De repente, eu tive vontade de dançar no meu pátio.

Fitei Lucas no instante em que ele começava a dizer:

– Você gostaria...

– Chloe, querida, seu pai acabou de me informar que parece ter havido um erro por parte do hotel e só há um quarto disponível. Então, se não tiver problema, parece que vou passar a noite com você.

– O quê? – perguntei, olhando freneticamente ao redor e vendo meu pai entrando na casa com um sorriso malicioso. – Quer dizer, claro que você pode ficar, mãe.

Ela suspirou dramaticamente.

– Espero que tenha água quente suficiente para o meu banho. Essa casa sempre teve o menor aquecedor em todo o mundo civilizado. Se bem que, com os pratos de papelão, você deve economizar água quente.

– Tem bastante água quente, mãe. Escaldante, eu diria. – Suspirei e recostei em Lucas, que me puxou para o seu lado e passou o braço sobre meu ombro.

O que não passou despercebido aos olhos da minha mãe. Semicerrando-os, ela o encarou.

– Você é alto mesmo, hein?

– Sim, senhora – ele respondeu, e eu dei uma risadinha contra sua axila.

Minha mãe o examinou mais uma vez e então gritou para o meu pai:

– Thomas, você pode até me abandonar aqui, mas *depois* de trazer as minhas malas. Não vou arrastá-las sozinha por essa garagem enorme.

– Sim, Marjorie. Eu já falei que pego suas malas. Me deixe em paz.

– Uma dança, e ele já acha que pode voltar a falar comigo nesse tom – ela disse, mas não sem algum divertimento na voz.

Minha mãe começou a se dirigir à casa, e eu me afundei ainda mais em Lucas; a empolgação do dia estava começando a se transformar em exaustão.

– A dança fica para outro dia? – ele perguntou.

– Oh, você ia me convidar para dançar? – indaguei, inclinando a cabeça e lhe lançando o meu melhor olhar recatado.

– Tal qual o peep show, nunca saberemos. – Ele me pegou pela mão e me rodopiou para longe e então para perto de novo.

Eu ri.

– Ei, e esses movimentos maneiros?

– Todo pé-de-valsa tem seus segredos – ele falou no seu melhor estilo Sinatra.

E eu me dei conta de que tinha passado a maior parte do dia em contato com ele – uma esfregada de ombro, uma batida de quadril ou um rodopio arquitetado para me fazer cair em seus braços. Os tais segredos? Eles funcionavam. Olhei-o nos olhos e me perguntei se havia passado tempo demais para dar o próximo passo – e sinceramente não dando a mínima se havia.

Então senti um tapinha no ombro e ao me virar dei com Lou e Marge, de mãos dadas e olhares apaixonados.

– Vocês estão indo? – perguntou Lucas ao casal radiante, me puxando para a sua frente. Eu o senti quente, sólido, forte atrás de mim.

– A Marge me falou de um bar na cidade que só toca Crosby, Stills, Nash & Young. Preciso ver essa parada – disse Lou, se virando para mim. – Princesa, você arrasou hoje. Estou muito orgulhoso de você!

– Ah, obrigada, Lou! É nessa parte que eu digo que não teria conseguido sem você?

– Sim.

– Lou, eu não teria conseguido sem você – falei, sendo sincera em cada palavra.

– Oh, continue. – Ele enrubesceu.

Lucas e eu nos despedimos dos dois e dos convidados remanescentes que também estavam indo embora e nos viramos um para o outro.

– Então – disse Lucas.

– Então. – Eu ainda não queria que ele partisse.

Silêncio.

– Quer ajuda para limpar?

– Sim! Você se encarrega da tigela de rabada!

Fomos até a mesa, e, quando nos viramos para carregar a primeira leva da comida que tinha sobrado, meus pais se afastaram atabalhoadamente da janela para que não fossem pegos espiando. Muito sutis.

* * *

Uma hora depois, tudo estava limpo e não havia qualquer resquício de festa. Lucas me ajudou a lavar a pouca louça e depois a fazer a última checagem dos cachorros. Eles estavam um pouco agitados por conta de toda a comoção do dia, mas, assim que as luzes foram apagadas, começaram a se aquietar.

Estávamos na cozinha com os meus pais. Lucas estava tirando o último saco cheio de lixo.

– Os sacos de lixo estão acabando, Chlo.

– Acho que tem mais um na despensa.

– Não, usamos aquele na semana passada, quando o Sammy Davis Jr. achou as jujubas. – Lucas contou ao meu pai: – Sou veterinário, mas até eu fiquei com nojo das coisas que saíram daquele cachorro. – E com isso ele atravessou a porta.

– Ele está bem familiarizado com as coisas por aqui – pontuou minha mãe, empilhando em torres perfeitas os guardanapos que haviam sobrado.

– Ele é um bom amigo – afirmei, sentindo uma pontada ao pronunciar a palavra “amigo”.

– Nada mais? – indagou ela.

Meu pai a repreendeu:

– Marjorie, não é da nossa conta.

– Acho que tenho todo o direito de fazer essas perguntas. Sou mãe dela. – Sua postura, mesmo sentada em um banquinho, era impecável como sempre.

Eu me lembrei das intermináveis vezes que andei de um lado a outro da casa com um livro sobre a cabeça. As pessoas pensam que esse tipo de coisa só acontece em filmes antigos, mas aconteceu na minha sala de jantar.

– *Equilíbrio, Chloe. Você tem que demonstrar equilíbrio e graciosidade. Uma dama mostra o que é pela postura.*

– Além do mais, se ela me contasse as coisas, eu não teria de *fazer* essas

perguntas – ela acrescentou, me lançando um olhar mordaz.

– E por que você acha que eu faço isso, mãe? Por que acha que eu não te conto nada? – Me sentei de qualquer jeito em um banquinho. Ela me lançou um olhar torto, e eu permaneci torta.

Ponto para Chloe.

– Não sei. A menos que haja algum motivo para você não querer compartilhar as coisas comigo. Talvez você não esteja tão convicta das suas escolhas, querida.

– Você só pode estar brincando comigo. Sério que você tem colhões de dizer que...

– Ah, sim, claro, foi em St. Barth que os Tupperman passaram o inverno, não Saint Lucia. Você está absolutamente certa – ela me cortou.

Eu fiquei desnorteada. Mas o que...

Ah. Lucas tinha voltado à cozinha. *Nunca deixe a roupa suja à vista das visitas; exponha somente as peças apresentáveis.*

Ponto para mãe.

Mas eu estava farta das peças apresentáveis. Elas eram especialidade da minha mãe, não minha. Meu pai se mantinha em silêncio no canto do balcão; ele já tinha ouvido aquilo tudo antes. Lucas estava no vão da porta e parecia extremamente desconfortável. A tentativa da minha mãe de mudar de assunto gerou mais constrangimento do que se tivéssemos continuado a conversa.

Ela me olhou à espera de algo. Para mim, já tinha dado.

A minha fala deveria ser: “Sim, fiquei sabendo que eles adoraram St. Barth”.

Mas o que eu realmente disse foi:

– Ah, mãe, vomita a sua caixa-preta de uma vez!

Daria para ouvir um alfinete caindo. Ou perfurando uma caixa-preta.

O que de fato se ouviu foi o arrastar de um banquinho contra o chão e os passos de dois pares de pés masculinos rumo à porta da frente. Um dos homens gritou:

– Te vejo de manhã, gatona!

O outro disse:

– Foi um prazer conhecê-la, senhora Patterson!

A batida da porta, o cantar dos pneus e, então, o silêncio absoluto.

Por fim:

– Devo dizer, Chloe, que não gostei nem um pouco do modo grosseiro como você falou comigo, ainda mais na frente do seu novo namorado.

– Ele não é meu namorado, mãe. – Suspirei e me apoiei no balcão com as mãos na cabeça.

– Tem certeza?

– Eu saberia se tivesse um namorado, não?

– Bem, não sei. Não entendo mais *nada* que você está fazendo. Mas devo dizer que um veterinário de uma cidadezinha do interior definitivamente não seria a minha escolha para você.

– *Escolha* para mim? Ele não é uma peça de roupa, mãe! – rebati, erguendo a cabeça para encará-la. Ela não tinha a menor consciência do que dizia, do quanto afetava tudo e todos. – E, se ele *fosse* meu namorado, coisa que não é, eu seria incrivelmente sortuda. E o que há de errado com um veterinário? Se ele fosse um frentista, continuaria sendo um homem incrível que me faz rir, que me faz sentir desnorteada, que me faz feliz! Por que isso te deixa tão *infeliz* ?

– Eu quero coisas muito maiores para você, Chloe. Como você poderia ser feliz morando nesta cidadezinha? E, embora seja uma profissão admirável, sem dúvida, um veterinário seria capaz de te dar a vida que Charles te proporcionaria? – ela indagou. Era óbvio que não tinha me escutado.

– Tem tanta coisa errada no que você acabou de falar que eu nem sei por onde começar! Primeiro, e preciso que você *escute* de verdade o que vou dizer, eu *não* estou namorando o Lucas. Nem um pouquinho. Mas a questão aqui é o fato de que você por algum motivo pensa que ele não é bom o suficiente para mim. Você por acaso está se *escutando* ? Porque a mim você

certamente não está. – Eu estava me movendo agora, as mãos nos quadris e praticamente na cara dela.

– Não levante a voz para mim...

– Eu *não* terminei! Qualquer pai ou mãe adoraria ver a filha namorando alguém como Lucas, ainda que o julgasse apenas pela profissão, que é o que você está fazendo. Ele trabalha na clínica da família, que existe há quase cinquenta anos. Mais estabilidade no emprego do que isso, impossível! Mas não é glamoroso o suficiente para você. Não dá para ostentar tanto quanto um genro médico-cirurgião, congressista ou advogado. O homem não deveria ser mais importante do que a profissão dele? Do que os títulos sociais? Do que os privilégios?

– Você fala como se uma coisa excluísse a outra, mas não há nada que te impeça de encontrar tudo o que está procurando em um mesmo homem. E Charles poderia ter sido esse homem – ela falou enfaticamente.

– Charles *jamaís* seria esse homem. É isso o que você parece não entender. Eu. Não. Amava. O. Charles. Um cara legal, ótimo provedor, ok no sexo...

– Chloe, você realmente...

– Mas eu não o amava. Por que diabos isso não basta para você? – perguntei, a voz não mais exaltada.

Eu encarei minha mãe, que continuava sentada na ponta do banquinho, tão ereta quanto possível, a maquiagem ainda perfeita, a roupa sem qualquer amassado embora ela houvesse passado o dia em um piquenique, o cabelo meticulosamente penteado para trás no seu habitual coque chignon. E piscando para mim, genuinamente surpresa com o fato de eu não compreendê-la. Nenhuma de nós fazia ideia do que a outra estava pensando, sentindo. O que deveríamos fazer agora?

Comecei a caminhar em direção ao quarto de hóspedes, quase impensadamente.

– Aonde você vai? – ela gritou.

– Colocar uma roupa de cama limpa para você. – Senti as lágrimas

surgindo, mas as segurei. – E colocar toalhas limpas no seu banheiro.

Ela não respondeu, e eu continuei percorrendo o corredor. Enxugando uma lágrima que escapou, tirei alguns lençóis e um confortável cobertor do armário de roupa de cama e os levei ao quarto de hóspedes, onde meu pai tinha deixado as malas dela.

Ele que tinha tramado isso. Ele que tinha provocado isso. Pensou que, se nós duas passássemos um tempo sozinhas, poderíamos conversar, botar para fora, começar a derrubar o muro que se erguia desde o casamento.

Mas aquele muro tinha começado a se erguer muito tempo antes, e eu já não sabia o que seria preciso fazer para derrubá-lo. Arranquei a colcha da cama e sacudi com raiva o lençol com elástico.

– Quer ajuda? – Minha mãe surgiu no vão da porta.

– Não precisa, obrigada. – Rapidamente enxuguei outra lágrima que tinha escapado. Continuei de costas para ela enquanto esticava as pontas do lençol e tentava prendê-las sob o colchão.

– Posso arrumar de um lado? Assim você não precisa ficar dando a volta na cama. – Ela se enfiou num canto, e eu permiti. Era mais fácil do que discutir. Era mais fácil do que ficar dando a volta na cama.

– Você sabe que eu só quero o melhor para você, não sabe? – ela perguntou, sem a acidez habitual.

Baixei a guarda. Era mais forte do que eu.

– Eu sei que você acredita nisso... – Soltei um suspiro.

Sacudi o lençol de cima, que se abriu sobre a cama como um paraquedas. Eu a relanceei sob o dossel. Ela parecia cansada. Quando o lençol se assentou no colchão, ela já estava composta como de costume. Esticamos bem o lençol e prendemos firmemente as pontas de baixo. Enquanto eu alisava o lençol, ela o puxou um pouco mais para o seu lado. Eu puxei o mesmo tanto para o meu, deixando igual de ambos os lados. Exatamente igual.

Ponto para nenhuma das duas.

– Você diz que não amava o Charles – ela começou.

Balancei a cabeça.

– Eu não...

– Deixe-me falar, por favor.

Eu assenti com a cabeça, parada do meu lado da cama, o cobertor na mão.

– Você diz que não amava o Charles, e estou vendo agora que não amava mesmo. Mas, Chloe, o amor não é a única coisa necessária para fazer um casamento dar certo.

– Você já disse isso, mas como pode ser possível? Como o amor pode não ser a coisa mais importante? – Me sentei na cama.

– Porque não é, simples assim. – Ela suspirou e se sentou na cama também. – Eu amava o seu pai mais do que tudo neste mundo. – Ela fitou as próprias mãos, esfregando o dedo anelar da mão esquerda distraidamente. Ou não tão distraidamente? Quando voltou a olhar para mim, havia um brilho em seus olhos.

– Ah – falei, assentindo com a cabeça uma vez. As peças começaram a se encaixar muito rapidamente.

– Nós não tínhamos nada em comum, Chloe. Nada. Exceto o fato de que estávamos estupidamente apaixonados. E assim permanecemos por muito tempo. Mas, a partir de certo momento, depois que a gente amadurece, depois que a gente se torna mãe, precisa mais do que isso. Precisa de objetivos em comum, de interesses em comum, de um caminho claramente traçado de como vai viver a vida. Seu pai e eu não tínhamos isso e nos afastamos aos poucos. Eu não me sentia levada em conta. Seu pai não se sentia levado em conta. Coisas acontecem. A gente fala coisas e não pode voltar atrás. A gente *faz* coisas que... – Ela se calou, e seu olhar recuperou o foco quando se deu conta do que dizia. – Bem, coisas acontecem. E, quando acontecem, já é tarde demais.

Minha mãe me fitou atentamente, e seus olhos se tornaram impenetráveis de novo.

– Amor não é tudo, Chloe, simplesmente não é. Você não quis se casar com

o Charles, e eu aceito isso. Mas se mudar para cá, começar esse novo negócio, tudo isso é... É como se eu não te conhecesse mais.

Respirei fundo e segurei o ar, ainda sem saber o que iria dizer. Soltei-o em um suspiro profundo, me levantei e comecei a sacudir o cobertor.

– Eu sei que você não entende, mas é algo que preciso fazer neste momento, por mim. Preciso de algo meu. Só meu.

– E trabalhar com esses... cachorros é o que você quer fazer? – Ela apontou para a outra ponta do cobertor.

– Sim. – Entreguei a outra ponta para ela. – Eu sinto que é.

Ela não falou nada. Nós permanecemos em silêncio, dobrando a parte de cima do cobertor. Então ela disse:

– Lembra dos Felding? Que moravam no fim da ladeira?

– Que distribuía pasta de dente no Halloween?

– Sim, o pai era ortodontista.

– A casa deles também levava ovada todo Halloween.

– Sim, então. Encontrei a senhora Felding no mercado um dia desses. O Stephen, filho deles, vai começar a atender com o pai. Ele acabou de voltar da Cornell e está solteiríssimo. Ela me perguntou sobre você e...

– Mãe. Sério, né – falei, olhando fixamente para o chão.

– Chloe, sério, né! Foi uma piada! – Olhei para ela, que tinha um brilho no olhar, mas um brilho jocoso agora.

Revirei os olhos e me permiti um sorriso.

– Vou colocar um pouco de água para ferver – falei, passando por ela rumo à cozinha.

– Podemos tomar um chá depois do seu banho, que tal?

– Se você quiser – ela disse em um tom controlado, mas satisfeito.

– Eu quero. – Sorri e apontei para o banheiro. – Não esquece que precisa sacudir o registro para fazer a água quente misturar com a fria.

– Pelo amor de Deus, eu tinha me esquecido disso. Faz ideia de quantas vezes tentei convencer seu pai a contratar um encanador? Um encanador de

verdade, não o caseiro? – Ela não parou de falar disso enquanto pegava seus produtos de banho, e eu simplesmente me apoiei no batente da porta e a escutei.

Até que ela me apressou para colocar a água no fogo, para que a chaleira aquecesse a tempo.

CAPÍTULO DOZE

O Quatro de Julho, com seu piquenique e desfile, foi um daqueles dias californianos perfeitos. Quase vinte e cinco graus, nenhuma nuvem no céu, uma agradável brisa soprando do mar. Passei a maior parte da manhã com os cachorros, lançando milhões de bolas de tênis com a raquete. Finalmente meu backhand impecável estava servindo para alguma coisa. Paguei algumas contas, respondi alguns e-mails, rejeitei duas ligações da minha mãe e consegui tomar um banho rápido.

Minha mãe e eu tínhamos conversado algumas vezes desde a inauguração do abrigo. Ela ainda não desistira totalmente da ideia de me fazer voltar para San Diego, ainda acreditava que eu me cansaria dos capetinhas, mas a situação entre nós estava menos tensa do que antes. E isso era muito bom. Por falar em mãe, hoje eu conheceria a do Lucas. Ele me ligara na manhã em que meus pais foram embora para saber se minha cabeça continuava no lugar, ou se tinha sido arrancada e colocada numa caixa-preta. O que ele ainda não sabia muito bem o que era.

– *O que você quis dizer com caixa-preta? – perguntou, curioso.*

– É como eu e a minha mãe apelidamos uma *nécessaire*, sabe? Uma bolsa pequena onde você leva coisas como clipes, alfinetes; normalmente as pessoas levam quando vão acampar, pra guardar a escova de dente, a pasta, o repelente – expliquei. – Eu sempre deixava uma no camarim quando participava de concurso de beleza.

– E o que você guardava nessa bolsa?

– Remédio para hemorroida e cola de bunda.

– Eu nunca mais vou conseguir falar com você de novo!

– Ah, cala a boca! – Eu ri enquanto colocava uma fatia de pão na torradeira.

– Está fazendo torrada?

– Seus ouvidos estão funcionando bem. Sim, estou fazendo torrada.

– Tomando café tarde?

– Ou almoçando cedo. Não tomei café hoje. – Me virei para a garagem, onde o carro dos meus pais estivera até pouco tempo antes.

– E como foi com a sua mãe? – ele perguntou em um tom cauteloso.

– Nada mau. Nada mau mesmo, na verdade. – Passei Nutella na torrada quente.

– Ou seja, bom?

– Muito bom. Acho que ela ainda tinha esperança de que eu aparecesse na garagem da casa dela de véu e grinalda, de mãos dadas com o Charles, gritando: “Eu aceito, eu aceito!”.

– Isso não vai acontecer, vai?

– Deus do céu, nem pensar! – Dei uma mordida na torrada. – Eu jamais me casaria numa garagem.

Lucas ficou em silêncio por um instante, depois gargalhou.

– Ah, não sei, não. Não há nada mais romântico do que cascalho e mancha de óleo.

– Você me ligou por algum motivo ou só queria me deixar louca com essa conversa de travesseiro caipira?

– *O que você acha de fogos de artifício?*

– *De modo geral?*

– *De modo específico. Nós vamos ao festival na cidade, e você está convidada.*

– *Nós quem?*

– *Minha família. Minha mãe, meu pai, minha prima Sophia e o namorado dela, Neil, que vieram de San Francisco.*

– *A família toda... Humm... – provoquei, tentando conter a palpitação no peito. – Bem, depois do papelão da caixa-preta, você me deve um pouco de drama familiar.*

– *Não fique ofendida, mas minha família é bem mais discreta. As únicas explosões vão ser no céu mesmo.*

– *Sendo assim, não tenho alternativa senão aceitar, não é? – falei.*

Com isso, eu iria passar o feriado com Lucas e sua família. Eu tinha um sorriso no rosto enquanto fazia uma rápida trança no cabelo, ainda molhado do banho. Coloquei uma roupa simples, vestido de linho branco e alpargata, e estava passando um pouco de gloss quando ouvi o carro de Lucas na garagem. Correndo até a porta, avistei um carro diferente, não a caminhonete da clínica que ele costumava dirigir.

– *O que é isso? Você estava escondendo o ouro de mim, Campbell? – brinquei, admirando o Mustang conversível, todo vermelho e lustroso.*

– *É do meu pai. Ele quase nunca tira da garagem. – Lucas desceu do carro e caminhou até o meu lado. Também vestido informalmente: calça jeans, camiseta verde, chinelo e um sorriso largo.*

– *Então tiramos a sorte grande hoje? – perguntei enquanto Lucas abria a porta do carro para mim.*

– *É Quatro de Julho, o dia está maravilhoso; meu pai sabia tão bem quanto eu que este carro precisava sair para uma volta hoje. – Ele sorriu e apoiou a mão na minha lombar por apenas um ou dois segundos conforme eu entrava, mas foi o bastante. – Ainda mais com uma mulher linda a bordo.*

– Ah, a gente vai buscar alguém? – Fiz uma careta medonha, e ele apontou e balançou um dedo para mim.

– Engraçadinha.

E nós partimos para o festival, de capota abaixada. O dia *estava* mesmo perfeito para um conversível. No centro, estacionamos e encontramos os pais de Lucas. Sua mãe era uma mulher adorável, uma coisinha minúscula. Um pouco cheinha, muito fofa e incrivelmente gentil. Ela segurava com firmeza a coleira de Abigail, a golden retriever da família.

– Eu lidei com muitos goldens quando trabalhei em um projeto de cães terapeutas em San Diego – comentei, me ajoelhando para cumprimentar a bela cachorra.

– Havia uma pessoa aqui na cidade que fazia esse trabalho, mas, depois que ela faleceu, ninguém se interessou em retomar o projeto – a mãe de Lucas falou. – Talvez você pudesse fazer isso. Um dia. O Lucas iria adorar te ajudar nisso, tenho certeza.

– Eu iria adorar ajudar no quê? – perguntou Lucas, virando-se da conversa que estava tendo com o pai. Seus olhos encontraram os meus, me viram batendo papo com sua mãe, e ele soube que, de alguma forma, aquilo era bom. De que aquilo era certo. Sorri para ele, e ele sorriu para mim. Um sorriso cheio de segredo, de cumplicidade, de algo além de: “Vamos começar um projeto de terapia com cães”.

Perdi o fôlego. O mundo em volta desapareceu; os sons do festival se transformaram em um ruído de fundo para aquele rosto doce e sexy.

– Eu estava dizendo para a sua amiga Chloe que ela deveria pensar em começar um projeto de terapia com cães aqui na cidade, talvez com alguns cachorros do abrigo – falou a mãe dele, o olhar passando de Lucas para mim.

– Ah, então essa é a tal amiga Chloe de quem eu tenho ouvido falar – disse uma voz atrás de mim.

Ao me virar, deparei com uma garota. Alta, incrivelmente curvilínea, cabelo ruivo e comprido. Zero sorriso. Ela começou a me rodear – a

literalmente me rodear. Não me restou escolha senão imitar seus movimentos. Parecia uma cena do clipe de “Beat It”.

– Sophie, dá pra ser menos dramática? – falou Lucas, rindo. Lancei para ele um olhar que dizia “que borra é essa?”.

– Bonita, relaxa. Você está assustando a garota – disse outra voz, e eu me vi diante de um cara muito grande, mas muito simpático. Tipão de jogador de futebol americano. Sorrisão. Vagamente familiar.

O doutor e a senhora Campbell apenas sorriam. O que era aquilo?

– Então. Chloe. – A ruiva me examinou meticulosamente. Eu não ia recomeçar aquela coisa de rodear; me mantive firme. – Você está interessada no Lucas? Tipo, romanticamente? É claro que está, porque olha pra ele, né!

– Ah, pode... – começou Lucas.

A ruiva ergueu uma mão.

– Responda a pergunta.

– Você está falando sério? – indaguei, começando a me perguntar se havia uma câmera escondida.

– Da última vez que meu primo se apaixonou, aquela vaca partiu o coração dele. Então não me culpe por ser superprotetora – disse a ruiva, tentando me encarar.

– Primo? – perguntei, e Lucas se colocou ao meu lado, a presença acolhedora e reconfortante.

– Chloe, esta é a minha superdramática, superprotetora e superimpertinente prima Sophia, e esse é o super-sossegado namorado dela, o Neil. Eles vieram pra passar o Dia da Independência.

– Eu geralmente trabalho no Quatro de Julho – falou a recém-identificada ruiva Sophia, com um ar de superioridade.

– Ok – eu disse.

– Orquestra Sinfônica de San Francisco. – Ela me fitou como se eu devesse saber do que estava falando.

– Ok. – Apoiei meu corpo levemente no de Lucas.

– Eu toco na orquestra. Fogos de artifício estouram, a orquestra toca, patriotismo, blá-blá-blá – ela comentou, certificando-se de que eu e todos ao redor soubessem que ela era especial.

– Quando eu falei “ok”, não quis dizer “ok, não entendi”, mas sim “ok, eu ouvi, que bom pra você, por que você ainda está abrindo a boca?”. – Me empertiguei em toda a minha estatura e devolvi a encarada. – E o que eu estou fazendo, ou melhor, deixando de fazer com o seu primo não é da sua conta.

O namorado conteve uma risada.

– Ok, ela é legal. Pode ir em frente – disse Sophia, se inclinando para cumprimentar Lucas com um beijo na bochecha.

– Nossa, muito obrigado, Sophia – Lucas murmurou ironicamente, dando um abraço apertado nela e depois apertando a mão de Neil. – Neil, essa é a Chloe.

– Eu deduzi. – Neil me estendeu sua mão gigantesca. – E não liga pra ela. A ex do Lucas deixou a Soph enfurecida... Eu quase tive de segurá-la para ela não sair na mão. Cá entre nós? – Ele se inclinou à frente como se fosse me contar um segredo, e eu não pude não me inclinar na direção dele. – Ela é incapaz de fazer mal a uma mosca.

– Incapaz uma ova! – Sophia retrucou. – Contanto que ela não machuque minhas mãos.

Fiz que sim com a cabeça.

– Só pra constar: Lucas e eu somos apenas amigos mesmo.

Ela observou nós dois por um instante, as mãos na cintura.

– Humm – murmurou e balançou a cabeça, claramente não acreditando em mim.

– Vamos, valentona, preciso comer. – Neil literalmente pegou Sophia com um braço e a carregou entre a multidão até a barraca de comida.

Os pais de Lucas os seguiram, me deixando sozinha com Lucas. Meus olhos estavam arregalados.

– Como era mesmo aquela história de que não haveria nenhuma dinâmica familiar bizarra? – provoquei.

Lucas parecia encabulado.

– Eu não fazia ideia de que ela atacaria assim – falou, erguendo as mãos espalmadas. – Ela sempre foi meio cabeça-dura.

– Cabeça-dura? Sua prima quase me comeu de entrada antes do prato principal, e você chama isso de cabeça-dura?

– Você se saiu muito bem. – Lucas sorriu, e eu aproveitei a oportunidade para dar um soco nas suas costelas.

– Ei! Tem pizza tamanho família! – Neil gritou, com Sophia tranquilamente empoleirada em suas costas agora.

– E aí, pizza tamanho família? – perguntou Lucas, me oferecendo o braço.

– Prefiro brotinho – respondi, entrelaçando meu braço no dele e me deixando ser conduzida até sua família. O cheiro de mar e de areia, com um leve toque de asfalto quente e fritura, completou aquele Quatro de Julho perfeito.

* * *

O dia dourado se transformou em uma noite estrelada. Tínhamos passado o dia caminhando pela festa, comendo guloseimas e bebendo cerveja barata e jogando nas barracas – e perdendo, na maior parte das vezes. Apesar disso, eu agora exibia orgulhosamente um ursinho de pelúcia rosa com quase metade do meu tamanho, presente de Lucas. Não sei quanto ele gastou no fim das contas para ganhá-lo para mim. Determinado, passou pelo menos vinte minutos jogando bolas de beisebol viciadas em latas de leite viciadas até finalmente sair vencedor. Triunfante, me presenteou com o urso e imediatamente me implorou que massageasse seu ombro dolorido.

Respondi que ele que massageasse o próprio ombro, o que me rendeu um high-five de Neil, um olhar de cachorro abandonado de Lucas e uma sobancelha erguida e avaliadora de Sophia, cuja simpatia por mim parecia estar lentamente aumentando. Se a minha simpatia por ela estava aumentando também, eu não tinha muita certeza. Mas Neil era demais. Os dois tinham vindo de San Francisco para visitar os pais dela. Sophia tinha crescido em Monterey, era apenas um ano mais nova do que Lucas, e era evidente que os dois primos tinham praticamente se tornado irmãos, como Clark e eu.

Também conheci um milhão de novas pessoas. Os Campbell conheciam quase todo mundo na cidade, e a cada minuto a gente parava para cumprimentar um grupo diferente de amigos. Lucas sempre me apresentava às pessoas e contava a elas as coisas incríveis que a Batutinhas já fazia e que planejava fazer para a comunidade em geral quando se expandisse. Fiz muitos bons contatos, pessoas que me pareceram genuinamente interessadas no que fazíamos e em participar. A cidade toda era muito unida e gentil.

Quando a noite chegou sob um céu sem nenhuma nuvem, seguimos a multidão até o coreto. Em Monterey, o Dia da Independência termina não só com fogos de artifício e música, mas também com a coroação da Pequena Miss Bandeira, um concurso de beleza local. Minha mãe sempre me manteve longe de concursos locais; ela só me deixava participar daqueles que, segundo ela, poderiam levar a conquistas maiores e melhores. Mas a verdade é que esses concursos locais podiam ser os mais divertidos. Aquele era cheio de brilho, glamour e orgulho pela cidade, orgulho que era demonstrado na medida certa.

Sophia falou indignadamente:

– Até hoje eu não acredito que você foi noivo de uma ex-Pequena Miss Bandeira! Uma miss... Isso já deveria ter servido de alerta!

Lucas parecia bem desconfortável.

– Vocês estão falando da Julie? – perguntei.

Lucas concordou com a cabeça, e Sophia falou:

– Ela era uma babaca completa.

Lucas observou:

– Para a sua informação, a Chloe também era miss. Miss Golden State.

Agora era eu quem estava desconfortável. E vermelha.

– Sério? Miss Golden State? – Sophia indagou e eu confirmei. – Mas você não parece ser babaca.

– Estou bizarramente lisonjeada com esse comentário – respondi, e ela sorriu.

Nesse instante, alguém no palco deu leves batidinhas no microfone, e nós todos nos viramos para o grupo de garotinhas fofas com seus melhores vestidos vermelhos, brancos e azuis. Enquanto a multidão proferia oooohs e aaaahs, um homem com ar de autoridade deu início ao concurso anual de Pequena Miss Bandeira e pediu à plateia que recebesse os jurados com uma salva de palmas: o treinador da equipe de cheerleaders do colégio, o proprietário de um supermercado local e uma ex-Pequena Miss Bandeira.

– Falando em babacas... – sussurrou Sophia, e repentinamente Lucas ficou paralisado feito pedra.

– Por favor, recebam, direto de Hollywood, a mais nova garota-propaganda da Mattress Giant, Julie Owens!

Aplausos gerais. Vaiais de Sophia. Lucas, mudo.

Oh, oh.

* * *

– O que diabos *ela* está fazendo aqui? – Sophia sussurrou-gritou.

O apresentador explicou:

– Ex-Pequena Miss Bandeira, Julie Owen voltou à cidade para nos ajudar a coroar a nova vencedora. Como todos sabem, é nosso costume que a atual

Pequena Miss Bandeira coroe a nova eleita, mas Becky Whippleson está se recuperando de um lamentável acidente envolvendo um skate e uma scooter. Desejamos a Becky uma pronta recuperação.

– Então, ela voltou só pra isso? – questionou Sophia.

– Ela voltou à cidade só para isso! Não é um grande gesto, senhoras e senhores? Ela deixou sua carreira meteórica em Hollywood para nos ajudar – disse o apresentador, que parecia cada vez mais estar conduzindo um programa de auditório.

Olhei para o palco para ver Julie, que trajava um vestido de lantejoulas vermelho e uma coroa e acenava para a multidão agradecida. Então arrisquei um olhar para Lucas, que continuava petrificado, mas observando tudo.

– Não acredito que ela está aqui! É bom que ela não fique para os fogos, senão eu vou providenciar um rojão só para ela – disse Sophia, um pouco mais alto dessa vez.

– Diga-nos, senhorita Owen, você vai ficar para a queima de fogos? Vai celebrar conosco o Dia da Independência? – perguntou o apresentador, entregando-lhe o microfone.

– Claro que sim, senhor Wilson. Não vejo a hora de comemorar o aniversário da nossa pátria com a minha família e, espero, com alguns antigos amigos aqui na minha cidade natal! – exclamou Julie, e a plateia e as candidatas a Pequena Miss a ovacionaram.

– Ah, pelo amor de... – Lucas revirou os olhos.

– Quer sair daqui? – perguntei em voz baixa, me aproximando para que o restante da família não escutasse.

Ele deu um sorriso contido e balançou a cabeça.

– Nah, estou bem. E, além disso, eu te prometi fogos de artifício.

Lucas me puxou para perto e passou o braço sobre meu ombro, e eu não me opus. E nós assistimos à sua ex-noiva premiar a nova Pequena Miss Bandeira.

E então vieram os fogos. Mas aqueles no céu foram abafados pelo que eu

agora chamo de Julie Malvada Cara de Peido Ferrando Meu Quatro de Julho.

Se tivesse abandonado o meu noivo no altar, o que, tecnicamente, eu *não* fiz, e de repente voltasse para a minha cidade, eu *não* procuraria o meu ex-noivo, *na frente da família dele*, para tentar explicar por que tinha feito o que tinha feito.

Se alguma vez me encontrasse por acaso com Charles e o restante do clã dos Sappington, eu seria educada, conversaria apenas o necessário e me afastaria o quanto antes, para minimizar o desgaste emocional para ambos os lados. Mas pode apostar que a primeira vez que eu me encontrar com Charles *não* vai ser em público. Vou fazer questão de que seja dentro dos nossos termos e que ambos possamos conversar e gritar e berrar em privacidade.

Não era assim que pensava a Pequena Miss Mattress Giant. Não, ela fez contato visual com Lucas durante o concurso e quase não foi capaz de se manter no palco, praticamente espumando pela boca para se juntar a ele.

Depois de coroar a nova Pequena Miss Bandeira, ela agradeceu à multidão, fez uma pequena e bizarra reverência e basicamente atropelou a plateia para chegar até Lucas. Que manteve o braço firme ao redor dos meus ombros. Para duas pessoas que não namoravam, nossos ombros até que estavam se dando bem. De qualquer forma, eu fiquei ali.

– Lucas! – ela gritou, correndo entre a multidão como se estivesse fazendo um teste de elenco para um filme de Nicholas Sparks. Para constar, Julie Owens era linda. Alta, cheia de curvas, cabelo loiro e longo, peitos balançantes. Ela era a garota californiana dos sonhos. Eu já tinha sido chamada de garota californiana dos sonhos. Mas, enquanto eu era comparada a Christie Brinkley, ela estava mais para Pamela Anderson.

Eu a odiei à primeira vista. Ela podia ser a garota mais legal do mundo, mas tinha magoado Lucas, e por isso eu a odiava. E agora ela o estava abraçando, com seus peitos balançantes, e por isso eu a odiava.

Tinha tantos pares de olhos inconformados voltados para ela que eu quase senti pena da garota. Mas, peitos balançantes. Então, humm, não.

A incredulidade aumentou quando ela se atirou, literalmente se atirou, nos braços de Lucas, pegando-o tão de surpresa que ele quase caiu, equilibrando-se no último instante.

– Hum – ele conseguiu pronunciar, os braços cheios de balancência.

– Acho que você quis dizer “que porra é essa?”, não? – corrigiu Sophia, a boca, como a de todos os demais, escancarada.

– Estou tão feliz por ver você! Desculpe por não ter ligado para avisar que eu estava voltando, foi tudo tão rápido! Eu pensei em fazer uma surpresa! – Julie deu uma risadinha, ainda tentando se aconchegar nos braços de Lucas, que tentava se desvencilhar da balancência.

– Bota surpresa nisso – ele murmurou, finalmente se livrando dela. – Julie, o que você pensou que eu...

– Doutor e senhora Campbell, que bom ver vocês! Como vocês estão? – ela arrulhou, virando-se para os dois.

– Você só pode estar de brincadeira – respondeu a mãe dele, e eu contive o riso. – Chloe, querida, nos vemos depois, sim? Me ligue. Vamos almoçar e conversar sobre esse projeto de terapia com cães. – Ela se aproximou, me deu um beijo na bochecha, lançou um evidente olhar de advertência para o filho e puxou o marido.

– Boa sorte, filho. Chloe, fiquei muito feliz por você ter passado o dia com a gente! – o dr. Campbell gritou.

O que fez Julie finalmente olhar para mim. Fiz força para conter o insano surto de gargalhada que ameaçou jorrar.

– Acho que não nos conhecemos – ela falou, inclinando a cabeça para o lado e me examinando detidamente. – Você é...?

Olhei para Lucas à espera de que ele me apresentasse, mas ele estava atordoado demais. Eu não podia culpá-lo.

– Chloe Patterson. – Não ofereci a mão.

– Sou a Julie, mas você já deve saber. Vi que vocês assistiram à coroação; não foi divertida? Quando me convidaram, não pude recusar. Passei a vida

participando desses concursos e, embora eu não use uma coroa há anos, é algo que não dá para simplesmente deixar pra trás, sabe?

Arqueei uma sobancelha exatamente como minha mãe faria e falei secamente:

– Posso imaginar.

– Chloe foi Miss Golden State. – Sophia se aproximou de mim e entrelaçou o braço no meu. – Meio que faz o seu título de Pequena Miss Bosta parecer meio ridículo, não acha?

– Começou – falou Neil.

– Sophia, que prazer. Se rebaixando à nossa cidadezinha? Pensei que você nunca saísse de San Francisco – disse Julie, semicerrando os olhos.

– Me rebaixando? Ah, isso – Sophia gesticulou para a maravilhosa baía, coberta de veleiros sob a luz da lua, o coreto coberto de fitas vermelhas, brancas e azuis, o festival, perto do fim, iluminado por milhares de luzes cintilantes – é se rebaixar mesmo.

Julie deu de ombros para Sophia. Para todo mundo, na verdade, voltando-se para Lucas e fitando-o com admiração.

– Eu vim pra ver você , bobinho. Acha que podemos conversar? Além do mais, preciso de uma carona para casa.

Lucas era um cara muito inteligente – não apenas estudado, mas perspicaz, esperto. Ele era gato escaldado, jamais cairia naquele...

– Humm. Claro. Tá. Eu... Tá. Chlo? – ele falou, olhando para mim por cima do ombro de Julie.

– O quê? Digo... O quê? – perguntei, tentando cruzar os braços. O que eu não era capaz de fazer, já que estava segurando um enorme urso de pelúcia rosa.

– Vem cá um minuto – ele pediu, se afastando um pouco de sua família.

Eu fui, deixando Sophia e Julie numa discussão sobre que parte do traseiro de Julie Sophia deveria chutar e quão fundo Julie conseguiria enfiar o arco do violoncelo no nariz de Sophia. Minha aposta era em Sophia. Lucas e eu nos

distanciamos até a beira da praia. Senti os grãos de areia invadindo minha sandália quando afundei alguns centímetros. Areia fria. Tremi – não só por causa da areia.

– Chloe, quão pê da vida você ficaria se eu levasse a Julie para a casa?

Muito. Pra caramba. Pezona da vida.

Mas nós éramos apenas amigos, certo? Então, pezona ou não, eu não tinha o direito de dizer a ele: “Não vá”. Tinha?

Lucas olhou fundo nos meus olhos; os seus estavam cheios de... alguma coisa. Nesse momento, os fogos de artifício começaram. Fabulosos, brilhantes, barulhentos sobre o mar e sobre nossas cabeças. Mas Lucas não desviou o olhar, continuou olhando nos meus olhos. Ele esperava que eu dissesse “Não vá”?

Não vá , pensei. Mas falei:

– Não posso responder essa pergunta, Lucas.

– Acho que acabou de responder.

– Eu só não quero que você se magoe.

– O quê? – Ele se aproximou para me ouvir, pois a banda colegial tocava “Yankee Doodle Dandy” tão alto quanto desafinadamente.

– Eu disse que só não quero que você se magoe! – gritei com a boca perto da sua orelha.

– Eu não vou me machucar! – ele gritou de volta, nossos rostos muito próximos um do outro, e o pequeno espaço entre eles cheio de tensão, de um súbito senso de urgência e de John Philip Sousa.

– Você quer... Digo, tem certeza? – gaguejei numa tentativa de expressar o que eu queria saber, mas sem revelar as cartas.

Fica comigo .

Seu olhar se deteve nos meus lábios. Que eu lambi.

– Talvez eu devesse...

Fala! Isso! Fala! , pensei.

– Lucas! Vamos! – Ouvi uma voz atrás de mim.

E, quando os címbalos se chocaram, ele tomou a sua decisão.

– Te ligo amanhã, tá? – perguntou, e eu fiz que sim com a cabeça.

Ele me deu um beijo na bochecha, que queimou como gelo seco, e então se foi. Com a Pequena Miss Mattress Giant. Eu permaneci na praia, abraçando meu urso de pelúcia rosa, os pés gelados, sussurrando “Não vá”.

Quando os últimos fogos explodiram no céu, me dei conta de que agora era *eu* quem precisava de carona. Sophia e Neil gentilmente me levaram para casa, e, durante o percurso, fiquei sabendo que Lucas e Julie sempre brigavam e terminavam e depois reatavam. Também tive de ouvir os planos de Sophia de matar Julie caso ela tivesse voltado de vez. E ouvi Sophia dizer o quanto gostava de mim agora e achava que eu seria uma ótima namorada para o seu primo. Isto é, se ele ainda estivesse disponível.

Neil tentou evitar tópicos que envolvessem Sophia matando alguém. Me fez perguntas sobre a Batutinhas e comentou que eles tinham dois amigos em San Francisco que iriam se casar e estavam pensando em adotar um cachorro. Eu falei que adoraria recebê-los para uma visita quando estivessem preparados para adotar.

Eles me deixaram em casa. Éramos eu e as montanhas silenciosas, e fiquei contente por estar sozinha.

Sozinha. Era isso o que eu queria, certo? Não depender de ninguém, fazer as coisas do meu jeito. Presa a ninguém, dando satisfação só para mim. Só eu e Sammy Davis Jr. Me preparei para dormir sozinha, acendi as luzes sozinha, andei em círculos sozinha, inquieta. Não estava preparada para dar aquele dia por encerrado. Sozinha.

Ainda estava sozinha no pátio dos fundos, Sinatra no sistema de som, um Mai Tai preparado apressadamente na mão, os olhos um pouco marejados e um pouco embaçados, quando recebi uma mensagem de texto de Lucas:

Se estiver acordada,

pode vir até a porta da frente?

* * *

Eu estava sob o batente, me escondendo atrás da porta da cintura para baixo, já que da cintura para baixo estava só de calcinha. Lucas estava na varanda, encostado numa coluna, com a aparência cansada e linda. Seus olhos pareciam mais azuis do que o normal, talvez por conta do contraste com o vermelho que havia neles. Causado por uísque ou por lágrimas?

– Oi – ele disse, soando exausto.

– O que você está fazendo aqui, Lucas? – perguntei, apoiando a têmpora na porta.

– Posso entrar?

– Estou só de calcinha.

– Vou correr o risco. – O canto esquerdo de sua boca se ergueu. Abri um pouco mais a porta, e seus olhos percorreram meu pijama. – Por acaso é minha...

– Camisa? Sim, é. – Dei de ombros, tentando mostrar indiferença. – Você deixou aqui depois que andamos de caiaque um dia, e eu esqueci de devolver.

Seria difícil devolvê-la para ele, já que desde então eu vinha dormindo com ela quase todas as noites. Uma velha camisa de cambraia, macia e lasseada, com cheiro de sal e de mar e... oh, droga... de Lucas. Se eu estivesse interessada em descobrir o que aquilo significava – o fato de eu optar por me cercar do seu cheiro toda noite –, talvez chegasse a uma conclusão que ainda não estava preparada para encarar. Ainda mais depois que aquela conclusão me abandonou na praia, sem carona de volta, e partiu com a ex.

Mas, claro, era só uma camisa.

Lucas deixou que seus olhos se demorassem nas minhas pernas nuas.

– Posso entrar? – ele perguntou quando seu olhar finalmente encontrou o meu.

– Claro – falei, segurando a porta aberta.

Lucas ouviu o Sinatra e deixou que “That Old Black Magic” o conduzisse até o quintal dos fundos, onde sabia que eu estava antes de ele chegar.

– Drinques? A essa hora?

– Não consegui dormir. Achei que um desses ajudaria. – Ergui meu copo tiki e tomei outro grande gole. – E então? – Tentei manter a amargura afastada da voz, mas não era difícil perceber que eu carregava certo rancor. Lucas tinha me magoado.

– Me desculpa por ter abandonado você daquele jeito. Foi uma péssima ideia.

– Péssima porque você me abandonou? Ou porque me abandonou para sair com ela?

– Tem diferença?

– Tem. – Soltei um suspiro e voltei a me acomodar na poltrona do quintal, cruzando as pernas. Mais uma vez, os olhos de Lucas luziram à visão da minha pele. Mais uma vez, eu observei e deixei de lado.

– Então, o que aconteceu? – perguntei, me odiando por querer saber. Mas eu queria. Algo dentro de mim estava começando a ferver, bem no fundo, quase inexistente, mas estava começando a dar as caras por trás de toda a tristeza. Raiva? Ciúmes? Medo?

– Resumindo, ela me disse que quer voltar para casa. Ao que parece, a Mattress Giant não paga tão bem.

– Faz pouco tempo que ela está lá. A carreira de atriz leva tempo. Ela está fazendo aulas de teatro? Tem agente? Ela não deveria desistir tão fácil assim, precisa ser paciente – divaguei, sem convencer ninguém de que minha preocupação com a carreira dela era o único motivo pelo qual eu achava que ela deveria permanecer longe, muito longe.

– Julie não é conhecida por ser paciente.

– Muitas das minhas amigas da época dos concursos foram pra Los Angeles tentar a carreira de atriz. Ela deveria persistir mais um pouco. Deveria... – Minha voz se tornou fraca e sumiu, porque Lucas apenas

balançava a cabeça.

– Eu fiquei surpreso de encontrá-la hoje. Não posso negar que mexeu um pouco com a minha cabeça. Eu não a via desde o dia do casamento. Jesus, isso não é muito bizarro?

– Nem tanto.

– Eu a vi naquela manhã, embora não devesse. Eu já estava na igreja, e ela apareceu para fazer algumas fotos. Todo mundo estava tentando nos manter separados... A velha história de que o noivo não pode ver a noiva – ele contou, seus olhos encontrando os meus.

– Uhum... – Minha mãe não impediu Charles de me ver antes do casamento. O mais curioso nisso é que eu não tive o direito de opinar.

– Enfim, eu estava lá e saí para tomar um pouco de ar. E lá estava ela, subindo os degraus da igreja com os amigos. Com esse vestido branco que era um trambolho. – Ele deu uma risadinha; tudo o que provavelmente sentira naquele momento podia ser lido agora na sua expressão. – Ela estava falando no celular e rindo. Me escondi em um canto escuro e lembro de ter pensado: “Ao final deste dia, ela vai ser minha esposa”. Meia hora depois, eu estava num armário de casacos lendo um bilhete no qual ela dizia que estava indo embora. Já tinha ido quando eu li. E eu pensei: por que ela se deu o trabalho de colocar aquele trambolho? – Ele olhou para mim como se eu devesse saber a resposta.

Não consegui dizer nada.

– Enfim. Ela não retornou meus telefonemas, não quis me ver... Precisava de um tempo. Mas, em poucos dias, já estava longe da cidade. Nós conversamos uma semana depois, e ela pediu desculpa. Ficou repetindo que o relacionamento não estava dando certo para ela, que ela não queria passar o resto da vida em Monterey. Eu nem sequer conseguia ouvir o que ela estava dizendo.

– Lucas – sussurrei.

Ele balançou a cabeça.

– Não, está tudo bem. Sério. É curioso porque, agora, eu olho para trás e consigo enxergar. A gente terminava direto, mesmo na época do colégio. E ela mentia. Muito. Sobre todo tipo de coisa. Mentia sobre coisas grandes, sobre coisas sem importância, mas sempre mentia. Mas, meu Deus, que tipo de pessoa se dá o trabalho de colocar o vestido se sabe que não vai se casar?

– Talvez ela ainda planejasse seguir em frente com o casamento. Talvez ela tenha mudado de ideia no último minuto.

Ele deu de ombros.

– Talvez não faça a menor diferença.

– Talvez ela queira você de volta.

– Ela não vai voltar para Monterey. – Lucas caminhou até o bar, onde havia um liquidificador cheio de Mai Tai.

– Não? – questionei, examinando meus dedos do pé, tentando, com muita dificuldade, manter a voz normal.

– Eu disse para ela voltar se for o que realmente quer. Aqui sempre vai ser a cidade dela. Ela tem bons amigos aqui, a família. Ela sempre vai ter um lar aqui e pessoas de braços abertos para recebê-la. – Ele fez uma pausa para beber seu drinque. – Mas eu disse para ela que, se ela decidisse voltar por minha causa, seria uma péssima ideia.

– Oh? – exclamei num gritinho agudo, a minha voz se propagando até as vigas da pérgula e então às estrelas.

– Sim. Péssima, péssima, péssima ideia – repetiu. Finalmente arrisquei um olhar para ele. Os olhos azuis queimavam com uma emoção que eu não era capaz de nomear. – Não importa se ela me quer de volta, porque a questão é que... eu não a quero mais. Já faz um tempo que não quero.

– Oh – sussurrei.

– Mas, como eu disse, mexeu um pouco com a minha cabeça. – Então ele deixou escapar um daqueles sorrisos letais.

– É compreensível – admiti, tomando mais um gole do meu drinque. E assim toda aquela tensão negativa desapareceu. Aquela tensão elétrica

continuava bem presente, no entanto.

– Por falar em mexer com a minha cabeça, você não acha que isso está meio forte? – ele perguntou, tomando mais um gole do drinque e erguendo uma sobrancelha.

– Eu apenas despejei os ingredientes; não me preocupei com as medidas.

Ergui meu copo para brindar a música que começou a tocar, “Witchcraft”.

– Humm, amo essa música – falei, com um suspiro. A canção me deu coragem. Ela e os Mai Tais. Intrigada com uma coisa, me levantei. – Então ela mexeu com a sua cabeça. Ela mexeu com alguma outra coisa? – Uau, tontura.

– Chloe? – ele falou com uma expressão de curiosidade. – Você está me perguntando se rolou alguma coisa entre mim e minha ex?

– Sei lá. Sim. Não. Cala a boca. Rolou? Não responda. E então?

Tive um grande diálogo comigo mesma enquanto tentava atravessar o pátio para mais um drinque. Só que eu não precisava de outro. Porque o ato de me levantar me levou à conclusão de que eu já estava ligeiramente bêbada. Pendendo um pouco para a esquerda, olhei ao redor à procura de Lucas, que estava na outra ponta do bar, o copo tiki congelado no ar.

– Ah, esquece, seu veterinário lindo, com seus olhos sedutores e suas sardas sexys e seu cabelo... de kriptonita. – As palavras simplesmente saíram, palavras que voltariam para me assombrar. Mas, naquele exato momento, à luz da lua, com aquele maldito Sinatra tocando, eu não tive outra opção a não ser avançar. E eu avancei literalmente na direção de Lucas, tomando mais um gole do Mai Tai antes de apoiar o copo no bar.

– Como só entendi metade do que você acabou de dizer, vou apenas responder que não.

– Não? – questionei, tropeçando no meu próprio pé e agradecendo aos céus pelo banquinho no qual conseguira me segurar.

– Não – ele repetiu, e um sorriso cruzou lentamente seu rosto. – Veterinário lindo?

– Não é esse o ponto. – Meneei a mão impacientemente. – Então não aconteceu nada?

Ele balançou a cabeça.

– Olhos sedutores?

– Cale-se! – falei, fechando os olhos. Quando os abri, Lucas estava na minha frente.

– Eu trouxe uma coisa para você – sussurrou e revelou duas velas sparkles.

– Eu prometi fogos de artifício, não prometi?

– Prometeu. – Eu sorri. – Acende.

Lucas riscou um palito de fósforo contra o balcão, acendeu as duas velas e me entregou uma. Nós brandimos as velas no ar e escrevemos nossos nomes no céu, e faíscas voaram. Comecei a murmurar ao ritmo da música, adicionando uma palavra aqui, outra ali, e, antes que eu me desse conta, Lucas me puxou para os seus braços e me inclinou para trás como nos filmes antigos.

– O que você está fazendo? – Paralela ao chão, soltei uma risada entrecortada, enquanto faíscas choviam sobre nossos membros subitamente entrelaçados.

– Eu não resisti. Céu estrelado. Faíscas. Drinks incrivelmente fortes – ele murmurou, nossos rostos muito próximos agora. – É como diz a música: feitiço.

– Não é apenas feitiço, Lucas – sussurrei, deslizando as mãos pelos seus braços fortes que me seguravam com firmeza. De leve, muito de leve, rocei a ponta dos dedos ao longo do seu pescoço, sentindo sua pele ainda quente depois do nosso dia passado sob o sol. Seu nariz encostou no meu, e eu senti a sua respiração suave. Enroscando os dedos no seu cabelo sedoso, pisquei lentamente, sonhadoramente. E então Lucas me beijou.

Macio. Tão macio. E tão doce quanto possível. Seus lábios roçaram os meus uma vez, e eu fiquei completamente viciada; arruinada para quaisquer outros lábios. Lucas me beijou uma segunda vez, e meus olhos se abriram

com o desejo de vê-lo. Rodeada de luzes mágicas, me senti suspensa no ar. Todos os dedos dos pés e das mãos contorcidos. Dedos das mãos que se afundaram ainda mais no seu cabelo, enquanto minha língua buscava sentir seu gosto. Humm. Gosto de rum de coco e de veterinário ruivo. Soltei o mais breve dos suspiros e senti seus dedos se afundarem no meu quadril, me segurando com uma firmeza impossível. Arqueei as costas apenas o suficiente para ficar mais perto, e um chiado percorreu o meu corpo no momento em que sua língua encontrou a minha.

– Você tem um gosto divino – sussurrei contra a boca dele, a qual se curvou num sorriso. Ele espalhou beijos pela minha mandíbula, pela minha bochecha, depois desapareceu em algum ponto debaixo da minha orelha. Deixei escapar um guincho, mas do tipo bom; o beijo quase dava cócegas e era incrível ao mesmo tempo. Joguei a cabeça para trás conforme Lucas seguiu pelo meu pescoço abaixo, ainda me arqueando, veja bem, e sorri aturdida para as luzes encantadas. Para o bar tiki e seus guarda-sóis coloridos. Para o urso cor-de-rosa na poltrona.

Que Lucas tinha ganhado para mim. E agora ele estava me beijando, e eu estava adorando. E eu o deixaria me amar em cada canto desse pátio... se eu não colocasse a cabeça no lugar. Mas, caçarola, aqueles lábios...

Eu me permiti saboreá-los por mais um ou dois segundos... ou três ou dez... e então puxei seu rosto de volta para o meu. Porque eu não conseguia pensar claramente com seus lábios no meu pescoço. Oh, sim, sim.

Oh... não.

Eu queria mesmo aquilo? Naquele momento? Logo depois de ele ter visto a ex? Depois de ele ter ficado com a cabeça mexida, não só pela Pequena Miss Morfética, mas também pelo feitiço extraforte? Aquilo era bom, se era, mas eu queria mais do que bom. Egoísta, eu? Eu queria a minha própria noite. Uma noite só para mim, livre de todas as pessoas, de qualquer pessoa, do passado ou do presente. E, de preferência, não patrocinada pela Mattress Giant.

Com a força de mil freiras, pousei mais um beijo casto naqueles lábios incrivelmente pecaminosos e o afastei. Pouco, mas o suficiente para que ele entendesse que a nossa dança estava chegando ao fim. Ao menos por enquanto.

– Chlo?

– Está tarde.

– Mas o beijo... – ele murmurou, traçando mais uma rota de beijos perfeitos na base da minha garganta. A qual eu limpei para dizer:

– Foi um longo dia para você. Para nós dois. A gente deveria... Céus, como você fica lindo à luz da lua... Meu Deus, não acredito que falei isso em voz alta – balbuciei, sentindo minhas bochechas queimarem. E a barriga borbulhar. Ops, Mai Tais demais? – Acho melhor terminarmos a noite por aqui. – Comecei a caminhar até a porta, mas Lucas segurou minha mão.

– O que acabou de acontecer aqui?

– Você me beijou.

– Você me beijou.

– Nada disso, moço. Você que me beijou primeiro. Eu só beijei de volta.

– Você me deixou te arquear. Você sabia que ia rolar um beijo – falou, erguendo uma sobrancelha.

– Eu admito que desconfiei. – Abri um sorriso, tocando meus lábios com a ponta dos dedos, ainda capaz de senti-lo. Por Deus, eu conseguia senti-lo até no dedinho do pé. – Mas chega. Por hoje. – Eu o apressei até a porta da frente.

– Por hoje? O que você achou que ia acontecer? – Ele tinha uma expressão jovial.

– Eu sei o que *poderia* facilmente ter acontecido. Mas não comigo já de calcinha.

– A gente pode resolver isso em um segundo. – Ele mexeu as sobrancelhas tal qual um vilão.

– Tchau – falei, com uma risada.

– Mulheres são estranhas – ele comentou enquanto eu o empurrava.

– Somos mesmo. Você está bem para ir dirigindo?

– Sim, só tomei alguns goles. Você está mesmo me expulsando?

– Não tem nada a ver com o beijo.

– Assim espero. Foi um beijo bom pra caramba.

– Concordo. É muita coisa para processar numa noite, só isso.

– O que você quer dizer? – Ele me fitou atentamente.

– Quero dizer que a gente passou um dia maravilhoso com a sua família. Você ganhou um urso de pelúcia para mim. E me deu o melhor primeiro beijo da minha vida. É muita coisa para pensar. E acredite: eu estou pensando. E, daqui a dez minutos, quando eu estiver na cama, vou escolher lembrar *dessas* partes e ignorar completamente a cena de você com sua ex.

– Ahhhh – ele disse, soltando um suspiro.

– Ahhhh mesmo. Eu só... Eu tenho pensado em você, em nós dois, já faz algum tempo. E eu quero uma noite só minha. – Cobri o rosto com as mãos. – Isso faz algum sentido?

– Faz, sim, faz um pouco de sentido. – Ele afastou minhas mãos do meu rosto e as segurou nas suas. – Você acha que eu vim aqui por causa da Julie?

– Não? Nem um pouquinho?

– Eu vim para ver você, Chloe. Por nenhum outro motivo. – Ele me puxou para o seu peito e passou os braços em volta da minha cintura. – Eu fiquei com a cabeça mexida hoje, é verdade. Mas não tão mexida.

– Foi um dia incrível, Lucas. Obrigada – sussurrei contra a sua camisa. Talvez eu tivesse de roubar aquela também. Finalmente, me afastei dos seus braços e o empurrei na direção dos degraus.

Ele se deteve na garagem e se virou.

– O melhor primeiro beijo da sua vida? – perguntou; seus olhos eram um brilho só.

– Oh, pode apostar. – Sorri, e Lucas deu um passo na minha direção. – Nana-nina-não

- Só mais *um* ?
- Vá. Para. Casa – insisti, entrando. – Me liga amanhã? – falei enquanto fechava a porta.
- Conte com isso.

CAPÍTULO TREZE

O dia seguinte passou como um borrão. Quando Lucas finalmente foi embora na noite anterior, a lembrança daquele beijo, e dos beijos encantadores que se seguiram, perdurou nos meus lábios como um fantasma de algo incrível. Houve mais paixão e promessa naquele beijo do que eu experimentara em toda a minha relação com Charles. Eu não conseguia pensar em outra coisa.

É claro que uma parte de mim gostaria que eu tivesse pedido a Lucas que ficasse, e tenho bastante certeza de que ele teria aceitado. Mas ele parecia ter entendido por que eu o refreara, por que eu precisava me sentir segura de que nós dois estaríamos na mesma página quando finalmente rolasse. Apenas Lucas e Chloe, e não Lucas, Chloe e Julie.

Me mantive ocupada, em vez de sonhar acordada com um veterinário ruivo com lábios deliciosos. Brinquei com os cachorros, organizei as faturas, encomendei suprimentos, enfim, me mantive ocupada. E sonhei acordada. E como sonhei acordada.

Lucas faria turno dobrado na clínica, mas já tinha me enviado uma mensagem perguntando se podia passar em casa depois. Quem era eu para

dizer não?

O dia transcorreu como tantos outros, sem grandes acontecimentos. Procurei me concentrar em tarefas como garantir que houvesse uma garrafa de vinho na geladeira; um estoque de guarda-sóis para drinque no bar tiki, caso quiséssemos testar uma receita nova; e os chips de tortilha preferidos de Lucas na despensa. E que não houvesse nenhum fio rebelde ao sul da Linha do Equador.

Então, já tarde, depois do jantar, recebi uma estranha ligação no número da Batutinhas de uma mulher ensandecida. Por conta do sotaque carregado somado ao choro, tive dificuldade no primeiro momento de entender o que ela estava dizendo, mas logo a informação ficou clara. Ela tinha visto um panfleto da Batutinhas no centro. Precisava de ajuda, mas não tivera coragem de ligar antes. Conhecia um cara que estava envolvido com rinha de cachorro, mas, até ver com os próprios olhos o lugar, a condição dos cães e o espaço em que eram mantidos, não tinha se sentido impelida a agir. Até aquele momento. A mulher me passou o endereço, repetidas vezes, de um complexo na periferia da cidade onde, segundo ela, eram mantidos os cães de briga, pit-bulls. O responsável pelos cachorros passaria alguns dias fora da cidade, e os cachorros estariam sozinhos. Desprotegidos.

Eu desliguei o telefone e instantaneamente entrei no carro e fui para lá.

* * *

Eu não deveria ter sido ingênua de seguir sozinha uma denúncia anônima, mas a mulher parecia tão desesperada no telefone que eu não quis perder nem um minuto sequer.

Ligue para o Lucas. Não seja tola; ligue para ele.

Mas não liguei. E, quando entrei no galpão e pus os olhos nos cachorros,

soube que não poderia voltar atrás.

Contei onze cães, todos ou sem raça definida ou pit-bulls. Acorrentados a caixas e postes, sem comida e quase sem água. E o cheiro... Tive de cobrir o nariz diante da podridão em que eles viviam. Ou *não* viviam: embora eu tenha tentado evitar olhar, dois deles não tinham resistido.

O ringue ficava atrás da parede dos fundos. Elevado, cercado de – meu Deus – assentos. Existiam pessoas que assistiam às brigas entre aqueles cachorros, brigas que muitas vezes terminavam em morte.

A primeira coisa que eu fiz? Liguei para a polícia. A segunda? Liguei para Lou, que me orientou a esperar no carro enquanto ele acionava o centro de zoonoses. Estava saindo do galpão para esperar pelas autoridades... quando escutei. Os cachorros estavam tão agitados, latindo tão alto, que eu quase não... Mas ouvi de novo. Um ganido.

Me dirigi ao ringue, me aproximando cada vez mais, meus pés se movendo a despeito do meu cérebro, pois eu sabia que não deveria estar naquele lugar, que deveria esperar por ajuda, que não estava preparada para algo como aquilo... E lá estava ele.

Deitado de lado, dilacerado, retalhado, havia um pit-bull cinza-azulado. Respiração entrecortada, sangue... tanto sangue. Os olhos virados para trás, mas ainda conscientes.

Sem saber o que estava fazendo e sem pensar nas consequências, subi ao ringue de madeira e me agachei ao lado do cachorro. Ele estava tão mal que nem sequer se encolheu de medo, o que mostrava que ele precisava de ajuda urgentemente.

Tirei a minha blusa de moletom e o amarrei da melhor maneira que consegui e então me esforcei para erguê-lo. Ele ganiu novamente, e comecei a falar com ele – e comigo:

– Nós vamos te ajudar, amigo. Certo? Vamos, vamos tirar você daqui.

Ele pesava mais de vinte quilos, e, por mais cuidado que eu tenha tido para equilibrá-lo nos braços, ele escorregou algumas vezes, me obrigando a

reajustar a pegada. Ele ganiu a cada vez, e eu precisei de todas as minhas forças para não perder o controle.

Continuei conversando com ele enquanto atravessava o galpão, sem olhar para o sangue que escorria pelas minhas pernas ou que empapava a minha camiseta, sem olhar para os outros cachorros, que latiam e puxavam suas correntes. Mantive o olhar nos olhos que me fitavam. Eu tinha consciência de que o estava machucando – não dizem para não mexer em alguém que esteja ferido? Mas foi mais forte do que eu; eu não podia deixá-lo lá. Eu precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa.

Escutei as sirenes chegando conforme me aproximava do meu carro. Sabia que os outros cachorros ficariam bem, que na manhã seguinte eu estaria no centro de zoonoses logo cedo para solicitar a adoção de cada um deles – daqueles que haviam sobrevivido – e que levaria todos para o abrigo.

Mas naquele momento eu tinha um garotão nos meus braços e eu mesma iria salvá-lo. Sem nem considerar o compartimento de transporte, consegui abrir a porta do passageiro e puxei um cobertor que estava no banco de trás. Colocando cuidadosamente o cachorro, ainda enrolado na minha blusa, no banco do passageiro, acomodei-o tão confortavelmente quanto fui capaz e então dirigi alucinadamente rumo ao Hospital Veterinário Campbell.

Cinco minutos antes de chegarmos, o cachorro parou de ganir. Um minuto antes de eu estacionar, parou de respirar. Cantando pneu ao entrar no estacionamento, soquei a buzina e parei ocupando as duas vagas de emergência. Miguel me viu pela porta de vidro e se apressou para me ajudar.

– Chama o Lucas! Depressa! – exclamei, dando a volta até a porta do passageiro.

– Você precisa de ajuda pra...

– Depressa! – Me inclinei sobre o cachorro, que continuava sem respirar. Sacudi sua coleira para ver se ele reagia. Nada. – Vamos, vamos, garotão, nós chegamos...

Eu o ergui como se ele não pesasse nada e invadi a sala de espera, olhando,

procurando por... Lá estava ele, vindo do consultório dos fundos com Miguel nos calcanhares. O rosto de Lucas ficou branco quando me viu: desesperada, coberta de sangue, de fezes e agora de lágrimas, porque o cachorro não estava *respirando* , caralho!

– Chloe, o que aconteceu com você...

– Lucas, você precisa fazer alguma coisa, você precisa fazer alguma coisa! Eu não... Ele não... Você precisa fazer alguma coisa, ele não está... – balbuciei, tropeçando nas palavras, segurando o cachorro com força.

– Miguel, peça para prepararem a sala de cirurgia e o consultório um. E peça para o meu pai nos encontrar lá – ordenou Lucas, me conduzindo até a sala de exames. Ele deslizou uma mão por baixo da cabeça do cachorro, firmando-o e pegando-o de mim e então colocando-o sobre a mesa.

– Ele estava... eu fui nesse lugar... fora do centro... recebi uma ligação... tantos cachorros... e eu ouvi... num ringue... e ele estava choramingando, e eu o peguei... tirei de lá... mas ele... parou de...

– Querida, eu preciso que você respire, certo? Você foi incrível, mas eu preciso ouvir esse carinho agora, ok? *Shhh* , Chlo, *shhh* . Você foi incrível – Lucas disse suavemente, contornando rapidamente a mesa e falando apressadamente com Miguel.

Minhas mãos abriam e fechavam enquanto Lucas tentava reanimar o cachorro, auscultava seu peito, tentava limpar uma parte do sangue. Marcas de mordida, cortes por toda a lateral do corpo, a lateral da boca rasgada e...

Marge me fez sentar em uma cadeira, me entregando um copo descartável. Vi os três, Lucas, seu pai e Miguel, levando o cachorro pelo corredor. Eles desapareceram atrás de uma porta vaivém, em uma sala na qual havia uma mesa de aço inoxidável, luzes fortes e instrumentos e...

Vomitei nos meus sapatos.

– Ah, querida... – murmurou Marge, me entregando uma toalha.

Limpei a boca, e Marge me abraçou. E nós esperamos.

* * *

Traumatismo craniano. Severa perda de sangue e hemorragia interna. Falência múltipla dos órgãos. Morto.

Eu fiquei na clínica até terminarem os procedimentos. Fiquei enquanto Lucas e o pai preparavam um relatório para o centro de zoonoses. Fiquei até o último segundo do turno de Lucas. E fiquei... bem longe do meu carro. Mas, ao passar por ele conforme Lucas me conduzia pelo estacionamento, não pude deixar de notar que o carro ocupava várias faixas, nem o cobertor ensanguentado no banco do passageiro, e deixei que a mão de Lucas apoiada na minha lombar me mostrasse o caminho. Sua caminhonete. Minha casa.

Por algum tempo, Lucas não parou de dizer coisas como “Você fez o que pôde” ou “Você fez muito mais do que qualquer um teria feito”, blá-blá-blá. Já no meio do caminho, ele se calou e deixou o silêncio se instalar.

Eu tinha me matado de chorar; agora apenas me sentia entorpecida. Me arrastei pela garagem, com Lucas atrás de mim, depois ao meu lado enquanto destrancava a porta e a segurava aberta. Fui direto para o bar, me servi uma grande dose de algo marrom e virei. Queimou, queimou *de verdade*, mas, depois da segunda dose, meus dedos das mãos e dos pés começaram a formigar, depois a esquentar. Lucas, do outro lado do bar, apenas observava.

– Você foi incrível hoje, Chloe. Sabe disso, não sabe?

– Não quero falar sobre isso – murmurei, olhando para baixo e notando pela primeira vez o quanto eu estava nojenta. Coberta de... coisas. – Meu Deus, olha só pra mim! Você também! – O uniforme de Lucas também estava coberto de... coisas.

– Ossos do ofício – ele falou baixo, me olhando nos olhos.

– Pode ser, mas eu não gosto desses ossos. – As lágrimas voltaram a se formar.

– Você devia tomar um banho – ele sugeriu. Com razão.

– Você também.
– Tenho roupa limpa no carro. Não se preocupe.
– Melhor. Assim você tem o que vestir depois de tomar banho. Banheiro de hóspede, final do corredor. Toalha no armário. – Apontei para o corredor e me dirigi ao meu quarto.

Satisfeita ao ver que ele estava acatando a minha sugestão, entrei no meu banheiro e fechei a porta. Tirei a roupa, enrolei-a em uma toalha velha e coloquei a trouxa do lado de fora. Eu iria jogar tudo no lixo, inclusive os sapatos. Tudo.

Abri o registro até a temperatura mais quente, pisei sob o jato de água e me demorei pelo que pareceram horas. Meus músculos estavam contraídos; eu estava tensa, como um elástico muito esticado. Apenas deixei o calor me martelar, observando até que a água não estivesse mais tingida de rosa. Depois me esfreguei até quase ficar em carne viva.

Saí do chuveiro e me envolvi no meu roupão macio, deixando o cabelo molhado cair para trás. Estava me sentindo melhor agora que estava limpa, mas continuava dilacerada por dentro. Passei a andar de um lado a outro no banheiro e a pensar na expressão de Lucas quando eu chegara à clínica.

Antes de assumir o papel do veterinário, ele tinha ficado horrorizado. Porque pensou que eu estivesse machucada? Imaginei a minha aparência na hora, coberta de sangue, transtornada. Ele ficou preocupado *comigo*, com o que tinha acontecido *comigo*.

E depois o seu cuidado com o cachorro, a firmeza em cada gesto, o controle total que ele teve da situação... Ele era incrível. E iria embora. Em menos de dois dias. Por doze semanas.

Lágrimas quentes começaram a escorrer pelas minhas bochechas de novo. Minhas noites e meus fins de semana iriam me deixar. Quem eu estava querendo enganar? Os meus dias inteiros iriam me deixar.

Comecei a andar mais rápido, passando os braços ao redor de mim mesma, depois balançando-os descontroladamente. Eu estava agitada, eu estava

brava, eu estava frustrada, eu estava esgotada, eu estava... doendo. Doendo de necessidade. Doendo de desejo.

Saí do quarto, percorri o corredor, ouvi o barulho da água ainda caindo no banheiro de hóspedes e abri a porta sem pensar. Vi sua silhueta através do vidro do box, embaçada e turva, mas lá, do outro lado do vidro e do vapor.

Se tivesse parado por meio segundo para pensar no que estava prestes a fazer, eu teria me detido. Teria recuado, vestido o pijama, preparado um café e o esperado com algumas torradas.

Tirei o roupão, abri a porta de vidro e me coloquei atrás dele.

– Chloe – ele disse. Sua voz saiu rouca e grave e quente. Ele estava de costas para mim, a cabeça baixa, os braços estendidos contra a parede.

Estiquei uma mão e o rocei com a ponta dos dedos, percorrendo sua coluna. Suas costas eram fortes e musculosas, e seus músculos se contraíram ao meu toque. Sardas em seus ombros, uma minúscula cicatriz do lado esquerdo, pouco acima da cintura esguia. Eu a beijei, e ele gemeu.

– Chloe – repetiu, cerrando os punhos, o corpo todo vibrando.

– Sim – respondi.

Lucas se virou devagar, a água escorrendo do cabelo maravilhoso, os olhos queimando ao percorrerem meu corpo nu. Eu não recuei, eu não me contrái; seu olhar me deu coragem, e eu arqueei as costas e permiti que ele olhasse.

– Você não precisa fazer isso – falou, atento a qualquer sinal de arrependimento ou mudança de ideia.

– Você está enganado – murmurei, entrando debaixo do jato de água, entrando no seu espaço, pressionando meu peito contra o seu, enterrando minhas mãos em sua nuca. – Eu preciso muito fazer isso.

Meus lábios se aproximaram dos seus, e nossos olhos se encontraram; seu olhar me aqueceu e me mostrou que, sim, aquela era, sem dúvida, a *melhor* ideia de todas. Eu sabia que poderia roubar um beijo, fingir estar confusa por conta das emoções daquela noite, que Lucas não insistiria. Eu sabia que aquilo iria complicar as coisas; que as coisas não voltariam a ser como antes.

Mas eu não queria que as coisas voltassem a ser como antes. Eu queria... Não, eu *precisava* de mais. Instintivamente corri na direção oposta de qualquer hesitação e trouxe a sua boca de encontro à minha.

Lábios macios, incrivelmente macios, roçaram os meus uma vez, duas vezes, e de novo. Suspirei em sua boca, e suas mãos se encaixaram em meus quadris. Eu poderia passar um ano inteiro beijando aquele homem. Ele se colocou entre as minhas pernas, me empurrando para a parte de trás do chuveiro, e eu gemi contra os seus lábios, sentindo todo o seu corpo pressionando o meu; eu me contorci para senti-lo mais, desejando todos os pontos de contato possíveis.

Me delicieei com a sensação de lábios nos meus lábios, sua boca provocando a minha, minhas mãos passeando pelo seu cabelo.

– Você faz alguma ideia – falei quando nosso beijo se desatou e ele inclinou minha cabeça para trás para pressionar a boca contra o meu pescoço – do quanto eu amo o seu cabelo? Eu nunca te falei, mas ruivos me deixam louca. – Gemi enquanto ele chupava a pele sob minha orelha. – Desde a primeira vez que botei os olhos em você, pensei: “Este é o homem mais sexy que já vi”. – Enchi sua clavícula de beijos molhados.

Seus mãos deslizaram pelas minhas costas, para cima e para baixo.

– Assim que eu te vi, no restaurante, tive uma certeza: que queria te ver pelada. O mais rápido possível.

– E aqui estou eu – murmurei, recuando um passo para que ele pudesse me admirar. – Pelada.

Seus olhos arderam ao varrerem meu corpo.

– Chloe – sussurrou –, você é a perfeição.

Eu ronronei, literalmente ronronei, arrastando minhas mãos pelo seu torso, sobre o peitoral definido, os pequenos pelos que se aglomeravam ali. Deixando meu olhar acompanhar minhas mãos, decidi dar uma espiadinha também.

– Humm, e você é... Puta que me pariu! Você está tirando com a minha

cara?

Então, o negócio sobre pênis enormes é o seguinte. Eles não existem só em livros eróticos. Eles não pertencem somente a atores famosos, embora Jon Hamm e Michael Fassbender tenham de aceitar um certo veterinário ruivo no Clube do Pau Grande. Eles existem. Eles estão por aí. Bem aqui, no chuveiro do meu banheiro de hóspedes.

Para cada amendoim, há uma **berinjela** . Para cada Charles, há um **Lucas** . E, já que tinha tido um, eu achava que merecia o **outro** .

O “Putá que me pariu! Você está tirando com a minha cara?” ainda ecoava nos azulejos, repercutindo na expressão de espanto de Lucas.

– Oi? – ele finalmente falou, as mãos paralisadas nos meus quadris, os lábios ainda na metade do meu pescoço.

– Desculpa. Desculpa nada. Parabéns, na verdade. – Apontei para baixo. – É meio surpreendente.

Lucas jogou a cabeça para trás e gargalhou alto.

– Meu pau é surpreendente?

– Até parece que você não sabe. É maior do que uma cesta de guardar pão.

– Braço de nenê.

– Hein?

– Maior do que um braço de nenê, essa é a frase.

– Que nojo! O que isso tem a ver com um... Para de rir da minha cara!

Ele não parou, mas voltou a beijar meu pescoço. O que normalmente teria sido suficiente para que eu me rendesse à eletricidade que corria descontroladamente nas minhas veias, mas eu não conseguia tirar os olhos do... er... Lucas.

– Eu acho que nem vai caber – comentei.

– Ah, vai caber – ele murmurou e deu um passo para trás. – Calma, estamos falando... sobre... caber?

– Se você acha que cabe... Sério, Lucas, você é *enorme* .

– Sério, Chloe, você é demais. Vai começar a andar atrás de mim com um

megafone?

– Quietos – falei, trazendo-o de volta à minha boca para mais um beijo ardente. Todo e qualquer pensamento desapareceu da minha cabeça, imediatamente tomada por Lucas. Aqui. Agora. Quente e forte e ávido.

Eu me concentrei no momento, no homem maravilhoso e na língua deliciosa que penetrava minha boca, copulando com a minha e fazendo meu ar ser expelido ainda mais rápido.

Minha boca se abriu ainda mais na tentativa de tê-lo dentro de mim tanto quanto possível. Minha urgência era igualada pela de Lucas, cujas mãos, fortes e firmes, pressionavam minha pele, cada dedo em uma parte diferente das minhas costas, as unhas cravadas com uma força ardente e imoral. Interrompi o beijo apenas para voltar a respirar e logo fui sugada por mais uma onda de desejo, mais forte do que a anterior.

– Preciso de você, preciso ver você – ele murmurou contra meu cabelo, me erguendo bruscamente e me sentando na saliência do boxe, derrubando pelo caminho frascos de xampu. Ajoelhando-se no azulejo, traçou um caminho de beijos na minha clavícula, pelo centro do meu tronco, as mãos se projetando, me cercando, agarrando os meus seios, massageando a minha pele molhada. Sua boca se fechou sobre meus mamilos, chupando-os vigorosa e rapidamente, a língua dando voltas de um jeito que me fez alternadamente dar tapas na parede e me impelir na direção da sua boca.

– Lucas. Oh. Lucas. Oh. Lucas – entoei, meus quadris começando a remexer no ritmo da sua língua.

Ele soltou meus seios para dar outro beijo devastador na minha boca, ainda com gosto de rum de coco, a paixão descontrolada agora. Puxou meu cabelo para levantar meu rosto, olhando fundo nos meus olhos. Desejo. Luxúria. Frustração. Muita luxúria.

– O que você está pensando? – perguntei, a voz rouca, repleta da mesma luxúria.

– Quer mesmo saber?

Posicionei cada pé de um lado dele e usei os joelhos para prendê-lo e puxá-lo ainda mais para perto.

– Me fala. O que você está pensando neste segundo?

Lucas me encarou intensamente e então se ajoelhou de novo. Beijou minha barriga, deixou a língua traçar um círculo ao redor do meu umbigo. As mãos mais uma vez tocaram a minha pele, as juntas dos dedos percorrendo a parte de trás das minhas pernas. Me inclinei à frente no ressalto, imitando seus movimentos com minhas próprias mãos, traçando caminhos nas suas maçãs do rosto, pausando para tocar a reentrância sobre o seu lábio superior, roubando um beijo com a ponta dos dedos enquanto sua boca me caçava de leve. Permiti que ele aprisionasse meu polegar entre seus dentes, mordiscando-o, e sufoquei um grito de prazer. Até mesmo o ar estava frenético, carregado da excitação que se sente no comecinho de algo. Algo que você não sabe ainda o que é, ou o que pode se tornar. Mas sabe que é grandioso.

– Você quer saber o que eu estou pensando? Neste segundo? – ele perguntou, e eu levei as duas mãos à sua nuca mais uma vez, tentando trazê-lo de volta à minha órbita.

– Aham – murmurei, observando suas mãos se moverem pelas minhas pernas, dançando sobre meus joelhos.

– É uma coisa meio sacana – ele respondeu, se aproximando para pousar um beijo molhado no meu joelho esquerdo.

– Não estou acostumada com coisas sacanas – admiti. Com Charles era papai e mamãe, e apenas papai e mamãe. Enrubesci um pouco diante do olhar de Lucas, mas não desviei os olhos. Estava farta de timidez. Queria ser tigresa.

Lucas me puxou ainda mais para perto, na direção de onde estava ajoelhado.

– Ainda quer saber – perguntou, erguendo uma das minhas pernas e passando-a em volta de sua cintura – o que eu estou pensando? – Fez o

mesmo com a outra perna, as mãos subindo, enterrando-se nas minhas coxas.

– Acho que sim...

– Você acha? – Ele ergueu uma sobrancelha. Inclinou-se sobre mim de novo e esfregou o nariz no meu pescoço, bem embaixo da orelha. Sua língua se projetou brevemente para lamber minha pele.

Estremeci no melhor dos sentidos e fiz que sim com a cabeça. O que a boca dele estava fazendo com a minha orelha devia ser proibido por lei. E eu queria aquilo.

– O que eu estou pensando neste segundo é a mesma coisa que tenho pensado desde que você apareceu na cidade, desde que te vi envergonhada no espelho do bar. – Ele passou para a minha orelha esquerda, a ponta dos dedos da sua mão direita fazendo cócegas no interior da minha coxa. – Em você toda aberta para mim, nua e rosada.

Sufoquei outro grito de prazer, e Lucas mordeu a lateral do meu pescoço com força o suficiente para deixar marca. Ele continuou, roçando os dentes levemente pela minha clavícula.

– Estou pensando nos seus seios, no quanto são maravilhosos, em como vão ficar quando eu estiver fodendo eles. – Ele enterrou o rosto na minha pele, espalhando beijos nos meus seios mais uma vez. As pontas dos seus dedos provocaram meus mamilos, que enrijeceram ao toque. – Mas o que eu estou louco mesmo para saber, Senhorita Acho Que Quero Sacanagem – sua mão desceu e agarrou o interior da minha coxa e a abriu e ergueu ainda mais em volta da sua cintura –, é o gosto da sua boceta quando você estiver prestes a gozar.

Lucas definitivamente tinha trazido a sacanagem.

Ele me empurrou na direção da parede e se posicionou entre os meus joelhos, depois, colocando as mãos sob a minha bunda, me puxou para a beirada do ressalto. Num gesto instintivo, fechei as pernas. Num gesto instintivo, ele as arreganhou. Gemi quando ele lambeu os próprios lábios. Gemi quando ele soprou de leve sobre a minha pele.

– Olha só para você – falou, a voz rouca e grossa. E eu gemi quando aquela língua adocicada lambeu minha pele, e gemi de novo com o som profundo que emanou da sua garganta.

Ele deslizou levemente o nariz na saliência da dobra da minha coxa, lambendo aquela pele e me provocando com breves varredelas da língua em todas as direções. Senti o seu nariz me cutucando, me inalando profundamente, e enrosquei as mãos no seu cabelo, posicionando-o onde eu o queria. Gemi quando suas mãos me provocaram a me abrir, a me abrir ainda mais para ele. Um dedo, depois dois mergulharam e deslizaram suavemente para dentro e então começaram a fazer movimentos de vaivém. Minhas costas quase se partiram ao meio, tão feroz foi a sensação que tomou meu corpo inteiro. Ninguém, *ninguém*, jamais tinha manuseado meu corpo como ele estava fazendo, e era apenas o começo.

Seus lábios me cercaram, beijando e lambendo, meus gritos ecoando no azulejo molhado, a água ainda caindo em suas costas conforme ele enterrava o rosto entre as minhas pernas. Deslizei as mãos por essas mesmas costas, me inclinando sobre ele, me arqueando, finalmente me inclinando na direção da parede de novo, os dedos cravados naquele cabelo, segurando-o. Estremeci e gemi. Penduleei e murmurei. Palavras começaram a vazar da minha boca, palavras que eu nunca havia dito em voz alta; palavras detalhadas, palavras pecaminosas. Então ele finalmente pressionou a língua exatamente onde eu precisava que pressionasse.

– Caraaaaaallo – murmurei, fechando os olhos para a terrivelmente maravilhosa pressão que crescia dentro de mim.

– Então ela fala sacanagem – ele sussurrou, sugando meu clitóris.

Meus olhos se arregalaram, e cada músculo do meu corpo se enrijeceu. Com seus dedos me penetrando e sua boca repleta de mim, gozei tão intensamente que tremi, minhas mãos ainda em seu cabelo, minha boca escancarada num grito silencioso. E, quando o mundo voltou a ganhar cores, Lucas repetiu a dose, a mão livre aferrando meu quadril conforme eu me

debatia e batia e me desfazia.

Mas ele ainda não tinha terminado. Antes que eu pudesse arquejar um obrigado por aquela preciosidade, Lucas passou minhas pernas em volta da sua cintura, se ergueu comigo a tiracolo, girou e sentou no ressalto no qual eu estava até agora.

Inclinando-se à frente, ele me beijou com vontade, e eu estremeci ao sentir a devassidão espalhada pela sua boca.

– Agora eu sei – ele sussurrou no meu ouvido, a voz grave, profunda e cheia de safadeza.

– Você sabe o quê? – Soltei um suspiro, mole e ao mesmo tempo revigorada pela descarga elétrica que ainda corria em minhas veias.

– O seu gosto quando você está prestes a gozar. – Ele mordiscou minha orelha, e eu guinchei e afundei o nariz em seu pescoço.

– E depois também – murmurei contra sua pele. – Isso foi insano, surreal. – Aproveitei a oportunidade para despejar breves beijos. Desci a lateral do seu pescoço, sua clavícula, seus ombros.

Ele se ajeitou quando eu me ergui um pouco mais sobre meus joelhos e relaxei as mãos atrás do seu pescoço. Ele passou as mãos em volta dos meus quadris, o que fez sua Coisa Enorme encostar na minha Coisa Ainda Formigante.

– Ainda acha que vai caber? – perguntei.

– Humm? – Sua voz foi um pouco abafada pelo meu seio esquerdo, que Lucas torturava com sua língua. Isto é, se a palavra torturar tiver a acepção de fazer o chão tremer.

– Isso – repeti, me afastando ligeiramente para ilustrar o meu ponto. – Agora que você me esquentou?

– Tem certeza? – ele perguntou, levantando a cabeça para me fitar. E outra coisa se levantou também. Não que tivesse realmente...

– Aham – respondi, deslizando contra ele, sentindo a sua dureza contra a minha maciez.

Inesperadamente, ele me ergueu, me segurando contra o peito, minhas pernas ainda ao seu redor, e já não estávamos mais no chuveiro. Pegando a mochila no balcão, ele me carregou pelo corredor até o meu quarto, deixando grandes e molhadas pegadas no chão.

– Cuidado! Vai escor... Ahhhh! – gritei quando ele fez uma curva muito rápido e bateu na parede e voltou como uma bola de pinball.

– Meu Deus, Chloe, faça isso de novo – ele murmurou, apressando-se pelo corredor.

– Isso? – Dei risada e quiquei novamente.

– Preciso entrar em você. Agora! – ele rosnou, nós dois enroscados um no outro, muito próximos e muito escorregadios.

Me jogando na cama, ele remexeu na mochila e tirou um pacote de preservativos.

– Preparado, hein? – falei, erguendo uma sobrancelha.

– Broto, está pensando o quê? Eu sou a definição de escoteiro – ele disse, tirando uma camisinha. Depois outra.

Guinchei novamente quando ele me puxou mais para baixo na cama e me posicionou no seu colo, sobre suas coxas. Com os olhos arregalados, observei-o rasgar a embalagem e colocar a camisinha. Se meus olhos fossem capazes de se arregalar mais, eles teriam feito isso. Era uma visão realmente impressionante. Ergui o olhar, sorri para o seu rosto lindo, me aproximei e o beijei. E mais uma vez todos os meus sentidos foram completamente tomados por ele.

Vi a pele dourada e os olhos azuis. Ouvi o ruído profundo em sua garganta conforme sua língua se entrelaçava à minha. Senti o toque quente da sua pele, os músculos fortes dos ombros e dos braços. Inalei o sal e a madeira e o surfe inerente ao seu DNA californiano. E no paladar? Eu. Misturada com Mai Tai.

– Devagar, ok? – sussurrei e levantei os quadris. Senti-o me pressionar levemente.

– Afasta as pernas um pouco mais... Assim – murmurou, as mãos nos meus

quadris agora. Nossos olhares se cruzaram; ele projetou os quadris um pouco para cima, eu me afundei. Devagar. Suave. Sólido.

Ele cabia, e como cabia.

Uma vez que ele estava completamente dentro do meu corpo, afrouxei meu peso, cerrei os olhos e me afundei ainda mais sobre os meus joelhos, sentindo a doce queimação de ser preenchida por completo. *Ooooh ...*

Quando os abri, sua expressão estava gloriosamente tensa. A mandíbula cerrada, as bochechas coradas, os olhos selvagens. Pousei as mãos delicadamente em seu rosto, que repousou sobre minha palma.

– Está bom assim? – ele perguntou, arqueando ligeiramente as costas e, não sei como, ganhando mais um fragmento de espaço.

– Aham – falei, balançando controladamente para trás uma única vez e sufocando um grito de prazer. Ele era grande, sólido e grosso, exatamente o que eu desejava.

– Faz isso de novo, por favor – pediu, e um pequeno sorriso se desenhou em meu rosto.

Acatando sua ordem, penduleei para a frente, e o movimento criou uma deliciosa fricção no ponto em que nossos corpos estavam conectados, e mais acima. Suas mãos ainda seguravam meus quadris, flexionando meu corpo levemente apenas para tornar melhor o que já era perfeito.

– Você não parece real. – Ele gemeu, e eu inclinei minha cabeça para trás, me balançando um pouco mais rápido agora. Lucas se projetou para cima conforme eu penduleava e, como se isto fosse possível, ficou ainda mais duro.

– Isso não parece real – falei, estremecendo com a sensação de tê-lo inteiro dentro de mim, grosso e belo. – Nada disso parece real.

– Chloe – sussurrou, e o meu nome nos seus lábios, enquanto ele estava dentro de mim, foi a coisa mais sexy que já ouvi. Seus olhos buscaram os meus num gesto primitivo, sedento, ávido...

– Lucas – sussurrei de volta.

E de repente ele estava se movendo, e eu me convulsionando, e ele revolteando os quadris de modo a cutucar algo novo, e isso me deixou ainda mais louca. Ele me beijou com desejo e empurrou suavemente meus quadris. Olhei para baixo e o vi se enterrando em mim uma vez e outra e outra e subitamente... gozei. De novo.

Caí sobre ele, em volta dele, inerte, inútil, arruinada por aquele êxtase doce e bonito. Lucas segurou com mais força os meus quadris, tomando para si o que necessitava, usando o meu corpo para o seu prazer, e como era maravilhoso testemunhar aquilo, meu Deus! Vi os seus olhos se anuviando com a luxúria. O movimento dos seus quadris se tornou mais intenso, os seus gemidos, mais profundos, mais guturais, e, tensionando cada músculo e cada tendão do seu corpo, ele gozou.

– Caralho. Caralho, caralho, caralho – falou, a voz um sussurro e um arquejo, e então me abraçou.

Eu o segurei contra o peito, o agarrei, passei os dedos entre seus cabelos, suspirei.

Ele desmoronou de costas na cama, e eu, rindo, gargalhando, desmoronei em cima dele, sentindo seu corpo sob o meu enquanto nossa respiração se desacelerava e se acalmava. Ele me beijou mais uma vez, devagar e intensamente. Docemente. Ao fim do beijo, nos fitamos por alguns momentos, com olhos penetrantes. Então Lucas inclinou a cabeça para um lado e me lançou aquele sorriso matador.

– A gente devia muito fazer panqueca pro jantar.

Me virei para o relógio no criado-mudo.

– Já é mais de meia-noite, Lucas. Passou da hora de jantar.

– Então a gente devia muito fazer panqueca pro lanche da noite.

– Você não sabe fazer panqueca! – Apontei o indicador para ele.

– Você ainda não entendeu, não é?

– Você está insinuando que eu deveria fazer panqueca *para você* ?

– Que ideia genial! – Ele fez cara de surpresa, e sua mão deslizou

suavemente pela minha bunda e deu um tapinha.

– Oh!

– Eu sabia que você gostava de sacanagem! – Ele gargalhou.

Panquecas. Não era a pior ideia do mundo.

* * *

Às duas e dezessete da manhã, eu tentei fazer pancakes. Às duas e dezenove, eu deixei Lucas de castigo em um banco de courvin laranja na extremidade oposta da ilha da cozinha, porque ele não parava de me apalpar, e eu já tinha precisado quebrar cinco ovos antes de conseguir uma tigela sem nenhuma casca. Então, apontando meu fuê, nós fomos para o lado seguro da cozinha, onde eu poderia cozinhar e ele, observar. E ele observou. Eu sentia seus olhos em mim enquanto despejava a massa em formato de pequenos círculos perfeitos na frigideira. Aproveitei para dar uma ou duas espiadas também. Vestido com sua calça jeans surrada, camiseta, sem tênis, sem meia, Lucas estava amarrotado. Sexy. Arrebatado. E eu bem sabia por quê.

A gente tinha transado. E tinha sido incrível. Mas eu já estava começando a me perguntar o que aquilo significava. O que aconteceria? O que aconteceria com a leveza, a descomplicação que havia entre a gente? E o que aconteceria quando ele fosse embora, dentro de, tipo, horas?

– O que você está pensando? – ele perguntou, me trazendo de volta à realidade.

– Oi? – Olhei para ele, confusa.

– Você estava longe. Para onde você foi?

– Desculpa, só estava pensando. Coloca suco de laranja pra gente?

– Posso sair do meu banquinho? – ele indagou, e eu sorri.

– Se você se comportar, sim. Mas só pra pegar o suco. Depois, trate de

voltar para o seu posto. – Virei a primeira rodada de panquecas na frigideira e então foi a minha vez de observar Lucas enquanto ele se deslocava com uma jovialidade relaxada pela cozinha. Ele sabia que os copos metálicos no armário mais distante manteriam a bebida gelada durante toda a refeição, que o suco de laranja estava na porta da geladeira, e não no fundo – ele estava bem familiarizado com a minha cozinha.

E não só com a cozinha. Vendo-o abrir a caixa do suco, aqueles longos e elegantes dedos me lembraram tudo o que Lucas tinha feito com o meu corpo poucos minutos antes. O quão cuidadosos e firmes e resolutos eles foram, tanto para me dar um orgasmo de contorcer os dedos do pé quanto para amorosamente afastar uma mecha de cabelo do meu rosto de modo que ele pudesse roubar um beijo.

De volta ao seu banquinho, suco de laranja servido, seus olhos retornaram a mim. Eu me virei.

– Quantas? – perguntei, apontando para a frigideira.

– Todas a que eu tiver direito – ele falou bem sério, e eu o encarei por cima do ombro. Lucas já empunhava a faca e o garfo. – Se estiverem tão gostosas quanto parecem, é possível que eu coma as suas também.

– Pode tirar o cavalinho da chuva, mocinho, estou morrendo de fome. – Despejei as panquecas em dois pratos e então as cobri com manteiga e xarope de bordo. – Come essas; se você continuar com fome, eu faço mais.

– Ah, eu vou continuar com fome – ele murmurou, fazendo a mesma cara de antes.

Dei a volta no balcão até ele, coloquei o prato à sua frente e agilmente me esquivei da sua mão-boba. Eu precisava de algum tempo para processar o que tínhamos acabado de fazer. Esse tempo se daria enquanto eu estivesse me empanturrando de panquecas.

– Delícia – ele comentou com a boca cheia, sorrindo.

Eu dei uma risadinha.

– Receita da minha mãe. Ela parou de fazer depois que eu cresci; muito

açúcar. Mas, quando eu era criança, ela fazia panqueca todo domingo de manhã. Aí vieram os quadris, e meu café da manhã passou a ser aveia e fruta.

– Dei uma garfada pegajosa; a manteiga e o xarope de bordo escorreram.

– O que quadris têm a ver com panquecas? – questionou Lucas, sem entender nada.

– Aspirante a miss, lembra? Tudo girava em torno de calorias ingeridas. Quantas entravam, quantas eu queimava – expliquei, pinçando o quadril, algo que eu não teria conseguido fazer dois meses antes. – Engordei pelo menos cinco quilos desde que me mudei pra cá, em parte graças ao estoque de pudim ali.

– Que loucura. – Ele balançou a cabeça.

– Você viu o tanto de pudim.

– Não, estou falando desse lance de garotas não terem quadril. Você *tem* que ter quadril. É assim e ponto final. Senão, onde nós iríamos segurar? – Ele piscou para mim por sobre a panqueca.

– Ah, então é uma coisa evolucionária? Quadris existem para as suas mãos? – indaguei, lembrando que ele tinha feito exatamente isso, segurado meus quadris e me movido para a frente e para trás em cima dele. Enrubesci com a memória muito recente.

– Eu sou médico, Chloe. Sei do que estou falando – comentou muito sério.

– Então eu devo me submeter à sua opinião quanto a isso? – Dei risada e me levantei para fazer mais panquecas.

– Sim. Todos os meus pacientes se submetem às minhas opiniões.

– Bem, se os poodles confiam em você, suponho que eu deva confiar também. – Peguei a tigela de ovos e misturei mais um pouco.

Lucas caçava o último pedaço em seu prato. E, contemplando-o, me dei conta de que aquilo era tudo o que eu queria fazer em um futuro próximo. Caminhar pela cozinha usando uma das suas camisas, sem nada por baixo, cozinhar para ele enquanto ele me observava. Falar sobre poodles e quadris e todo tipo de coisa. A simplicidade daquilo me atingiu em cheio; o quão

descomplicado e perfeito era. Sorri para ele.

– Quer mais?

– Se não for dar muito trabalho.

– Lucas?

– Sim?

– Você me deu três orgasmos em menos de trinta minutos. Acho que é uma boa justificativa para mais panquecas, não acha?

Sua expressão era de pura satisfação masculina misturada com certa jovialidade.

– Você vai comer mais?

– Três está de bom tamanho. – Dei uma risadinha e despejei mais alguns círculos na frigideira.

Mãos quentes subitamente agarraram minha cintura por trás e me puxaram contra ele, que encontrou e começou a abrir os botões da minha camisa, um a um.

– Ei, não posso ficar pelada e fazer panquecas para você ao mesmo tempo – protestei, batendo nas suas mãos. Se por protesto você entende usar a minha última dose de energia para tirar aquelas lindas mãos do meu corpo ainda sibilante, então, sim, eu protestei.

– Você está certa disso? – ele sussurrou quente na minha orelha.

– Suas panquecas vão queimar! – avisei.

– Vou ficar aqui te observando queimar as minhas panquecas – ele rebateu, afastando meu cabelo para beijar meus ombros.

– Eu vou te bater com isso aqui – ameacei, brandindo o fuê.

– E eu vou te curvar sobre este balcão.

Panquecas queimaram. E um balcão de fórmica laranja foi maculado.

* * *

- Estou te machucando?
 - Depende. Você está sentindo a minha respiração?
 - Acho que sim.
 - Então estou bem.
 - Eu diria que você está mais do que bem.
 - Claro que diria. Você ainda está dentro de mim.
 - Safadinha.
 - O pior é que eu não sou. Sério, eu não sou assim.
 - Não é o que parece.
 - Considerando meu histórico sexual, isso é *muito* atípico. A Chloe Oficial jamais transaria na cozinha.
 - Bem, eu não sei quem é essa Chloe Oficial, mas estou gostando pra cacete da Chloe Não Oficial. – Lucas enfatizou a frase com um beijo no centro das minhas costas.
- Eu estava debruçada sobre o balcão, a camisa enrolada na altura dos ombros. Lucas realmente tinha me curvado sobre o balcão. E tinha sido sensacional. Agora ele estava jogado em cima do meu corpo, apoiando a maior parte do seu peso em mim, e eu me senti protegida, aconchegada, feliz.
- Panqueca da meia-noite é meu lanche favorito – ele murmurou de algum lugar perto da minha bunda.
 - Panqueca das quinze para as três, para sermos mais exatos. – Dei uma risadinha, estiquei os braços acima da cabeça e alonguei a coluna.
 - Não tem uma música com esse nome?
 - Tem uma música chamada “Panqueca das quinze para as três”?
 - *Quarter to three* – ele cantarolou baixinho. – *There’s no one in the place, except, you and me ...* – Ele pousou um beijo exatamente na minha lombar. – *E as panquecas...*
 - Putz. – Gargalhei. Ainda mais forte quando ele mordeu minha bunda. Quinze para as três, que longo dia. Espera. Já era amanhã. O que significava que ele iria viajar... Baralho. Ele iria para Belize no dia seguinte. E ficaria lá

por três meses.

E por isso tínhamos decidido não começar nada. Essa brilhante ideia tinha ido por água abaixo. Eu me movi ligeiramente, o suficiente para Lucas perceber e se levantar, me puxando com ele. Abaixei rapidamente a camisa, a pele ainda ruborizada pela excitação a que ele tinha me induzido.

Ele notou a mudança e segurou minha mão.

– Ei – falou.

– Ei – respondi, resistindo à sua puxada por um instante. Mas bastou olhar para aquele cabelo desganhado para me deixar cair contra seu peito. Não havia mais frenesi, delírio. Apoiei a cabeça em seu peitoral; ele estava recostado no balcão, as mãos acariciando minhas costas. Escutei sua respiração e cheguei a pensar se não era uma blasfêmia, diante do que havia acabado de acontecer, o fato de que tudo em que eu pensava agora era que costumava adormecer aos sons de Charles. Primeiro, suspiros profundos conforme ele se acomodava. Depois, respirações curtas enquanto procurava a melhor posição no travesseiro. E finalmente a expiração lenta e prolongada quando caía no sono. Só então eu adormecia.

É curioso perceber que, quando algo acaba, não são apenas as grandes ocasiões, como festas e aniversários, que trazem emoções à tona. As pequenas coisas também. Os programas gravados a que ele assistia repetidamente. Os sanduíches cortados em triângulos, nunca ao meio. O padrão respiratório que você conhece tão bem que é capaz de apontar quando a pessoa começa a sonhar.

Quando começara aquela vida nova em Monterey, uma das coisas que eu mais desejava era fugir de qualquer padrão. Pela primeira vez na vida, eu podia não ter padrões. Desprendida, desamarrada. Ninguém saberia quando eu saía ou chegava, ninguém saberia ou criticaria o que eu comia no café da manhã. Ninguém saberia se eu fazia xixi com a porta do banheiro aberta ou fechada. A resposta é fechada, por sinal.

A questão era que Lucas *sabia*. Ele sabia quando eu saía e chegava, sabia a

hora que eu costumava acordar por causa dos cachorros. Sabia o que eu gostava de comer no café da manhã, onde o estoque de pudim de chocolate ficava guardado, sabia o que significava Dino – e não Sinatra – tocando no sistema de som (que eu estava especialmente cansada) e sabia que eu sempre fazia xixi com a porta fechada. Porque, fala sério, quem faz xixi de porta aberta?

Eu tinha chegado livre de padrões, mas quase imediatamente fincara raízes. Podia me imaginar morando naquele lugar para sempre. Sem me dar conta, eu tinha me amarrado justamente ao cara que sabia melhor do que ninguém na cidade o que era ter o coração partido pela mulher que amava. Embora a gente brincasse sobre a coisa de um romance passatempo, não era isso o que tinha acontecido.

Era possível que eu amasse aquela amarra em particular. E ela partiria em menos de vinte e quatro horas. E ficaria fora por doze semanas. O que, a longo prazo, não era nada. Um grão de areia no deserto. Mas, na posição da mulher atualmente enroscada naquele grande pedaço de delícia, eu *queria* novos padrões. Eu queria saber se ele gostava de fazer amor antes de dormir, ou se era o tipo de cara que acordaria me desejando. Ele tomava banho de manhã ou depois do trabalho? Mas... talvez não fosse a melhor das ideias falar sobre isso tão em cima da viagem.

Afinal, nós dois tínhamos acabado de sair de um relacionamento longo. E todo mundo fala que o passatempo é o cara com quem você curte, se diverte, antes do próximo relacionamento *de verdade*. Dois passatempos se anulariam? Ou constituiriam um desastre dobrado?

Me aconcheguei em Lucas, cujos braços quentes me envolviam com firmeza. Nós respirávamos em sincronia, e rapidamente o sobe e desce do seu peito acalmou meus pensamentos e me conduziu a um estado de paz sonolenta, vagarosa.

– Quer que eu vá embora? – ele perguntou, a voz grave e carregada.

– Ai de você se for – adverti, me aninhando ainda mais nos seus braços.

Braços que me ergueram e me levaram para a cama.

Lucas puxou o lençol ainda comigo no colo, o que pressionou o meu nariz contra o seu ombro. Eu o inalei profundamente.

– Você tem um cheiro incrível, sabia?

– Fico surpreso, considerando que não tive a chance de terminar meu banho. – Ele riu e tentou me acomodar na cama, mas eu não queria me separar. Lucas se rendeu, deslizando para debaixo das cobertas comigo e apagando a luz. Eu o desejava, desejava o seu cheiro e o seu toque; passei minhas mãos por sua pele, dando beijos atrás de beijos em seu ombro e me enroscando nele mais uma vez. Fazia tanto tempo assim que eu não experimentava um contato como aquele? Ou eu estava embriagada da sua pele?

Nah. Eu estava embriagada de Lucas. Ele era o coquetel perfeito.

Bocejei intensamente.

– Estou exausta, mas não quero fechar os olhos.

Ele beijou minha testa.

– Está pensando em amanhã?

– Sim. – Deitei a cabeça no seu peito, ouvindo a batida do seu coração. Era literalmente uma canção de ninar. – Esqueci de te contar... Eu vi no jornal uma notícia terrível sobre Belize.

– Ah, é?

– Sim. Afundou.

– Verdade?

– Sim. Estou chocada que você ainda não sabia.

– Chloe?

– Humm?

– Belize não é uma ilha.

– Se partiu ao meio primeiro, depois afundou.

– Tem razão. *Eu* estou surpreso de não ter visto essa notícia.

– Acho melhor você ficar por aqui, então. – Suspirei, passando uma perna

sobre a sua.

– Eu não posso.

– Eu sei.

Nós dois suspiramos.

Mas suspiramos pelados. Não era de todo ruim.

* * *

Há algo a ser dito sobre ser a concha menor ao dormir de conchinha. Você fica aconchegada, confortável, aquecida e satisfeita. Tem outra pessoa envolvendo você durante toda a noite, não necessariamente te protegendo, mas, caso um zumbi invada o quarto pela janela, é mais provável que ataque a concha maior primeiro, certo?

Charles sempre gostou de ser a conchinha, e nunca o conchão. Lucas era um ótimo conchão. Quando acordei na manhã seguinte, havia uma mão gigante aninhada na minha barriga e outra enroscada no meu ombro, despretensiosamente envolvendo um seio sortudo. Eu tinha dormido feito pedra e acordei com um sorriso no rosto. Meu corpo estava descansado, ainda que dolorido como não ficava havia um longo tempo. Como nunca tinha ficado, na verdade. Não daquele jeito.

Me virei entre seus braços, me abrigando em seu peito quente, e deixei meu olhar se demorar naquele rosto que eu conhecia tão bem: a reentrância sobre seu lábio, os cílios longos e escuros, cílios que não deveriam pertencer a um garoto, as sardas salpicadas pelo nariz, o cabelo maravilhosamente desgrenhado. Ele fazia a cama tremer, quanto a isso não havia dúvida. Enrubesci um pouco ao lembrar da sensação daqueles fios sedosos na ponta dos meus dedos quando ele me penetrou pela primeira vez.

– *Ah, vai caber – murmurara.*

Mordi o meu lábio, e um sorriso largo se espalhou pela minha face. Com cuidado, toquei o rosto de Lucas. O seu sono me dava a coragem para sorvê-lo, para explorar cada contorno e cada nuance da sua fisionomia sem que pudesse ser pega fazendo isso. Roci sua bochecha com a ponta dos dedos, sua mandíbula definida, na qual despontava uma tênue barba. Minha mão pairou sobre suas sobrancelhas, sobre as pálpebras fechadas, e eu notei as mais finas veias cor de lavanda. Seus olhos se mexeram sob meus dedos. Ele estava sonhando? Com o que ele estava sonhando? Eu adoraria saber.

Corri os dedos pelos seus lábios doces, lábios que eu agora sabia que eram capazes de me beijar como ninguém jamais havia beijado. Ninguém nunca tinha sequer chegado perto de me beijar daquele jeito. Capazes também de falar sacanagem, algo a que eu jamais imaginei que corresponderia. E como eu correspondi!

– Então ela fala sacanagem – ele sussurrara.

Enrubesci mais uma vez ao pensar naqueles lábios sobre a minha pele, nos seus suspiros suaves, nos gemidos abafados enquanto ele me estimulava, me dizia o que gostava e o que amava no meu corpo.

Escutei a batida do seu coração de novo.

Tum-tum. Tum-tum. Tum-tum.

Enquanto eu escutava, meu cérebro se meteu e mudou o som para:

Passa-tempo. Passa-tempo. Passa-tempo.

Ugh. Pensei no que tínhamos conversado na noite anterior sobre o sexo mudar as coisas, isto é, a amizade. O que era mais importante? Nenhum de nós suportaria se machucar de novo. Mas aquilo tinha um significado muito grande para ser considerado apenas um passatempo. Lucas não era, jamais seria, um lance passageiro.

E tinha mais uma coisa. Eu precisava ser sincera com ele.

Não tinha sido honesta sobre o cancelamento do meu casamento. Deixara Lucas pensar, por tempo demais talvez, que Charles e eu tínhamos tomado aquela decisão juntos. Lucas havia sofrido profundamente pelo que Julie

fizera com ele. Eu não queria que ele descobrisse de alguma outra forma, no futuro, que eu tinha feito basicamente o mesmo com Charles. Circunstâncias distintas, sim. Consequências distintas, sim. Charles se importava mais com o evento, com toda a formalidade, do que com o casamento em si. Mas Lucas era o tipo de cara que entrava de cabeça; o rompimento o destruiria. Então ele precisava saber por mim a história da minha ida a Monterey. Estava na hora de encarar aquilo.

Eu ainda estava refletindo quando as batidas do seu coração se aceleraram e a sua respiração se tornou mais leve. Lucas tinha acordado. Eu cobri o meu rosto com um sorriso, e Lucas abriu os olhos.

– Oi – sussurrei.

Ele deu um sorriso largo.

– Oi, broto – sussurrou de volta, passando os braços ao meu redor e me puxando para perto. Quente. Amarrotado. Divino. – Dormiu bem?

– Como uma pedra. E você?

– Muito bem. Apesar do ronco. – Ele deu uma risadinha, e eu meti os dedos dos pés na sua panturrilha.

– Eu não ronco.

– É o que todo mundo que ronca diz. – Ele gargalhou, me virou e beijou a minha barriga exatamente no centro antes de traçar um caminho até o meu pescoço. – Você ronca, Chlo.

Empurrei os seus ombros. Levemente. Afinal, por que alguém interromperia aquilo?

– Cala a boca!

– Que engraçado, foi a mesma coisa que eu disse pra você às quatro e meia da manhã!

– Sério, cala a boca! – Dei risada e enlacei seu pescoço com os braços; Lucas continuou me beijando. Minha pele se arrepiou, e meu coração palpitou, tão repleto naquela manhã. Lucas introduziu a mão entre as minhas pernas para abri-las, fazendo palpitar outra coisa além do coração.

Mordi o lábio, e o meu corpo quis conter as palavras que eu precisava dizer. Aquilo passaria de uma provocação ao descontrole selvagem rapidamente, e eu precisava dizer certas coisas antes que fosse tarde demais.

– Lucas – falei, tentando puxá-lo para mim.

– Humm? – ele respondeu, os lábios doces me fazendo cócegas.

– A gente precisa conversar sobre algumas coisas antes que você viaje.

– Você quer conversar – ele se pressionou contra mim com uma parte muito específica da sua anatomia – agora?

– Oh... Oh, sim... Espera. Sim, precisamos conversar. – Ergui o tronco sobre os cotovelos para vê-lo. Passei uma mão pelo seu rosto, correndo o polegar sobre seus lábios. – E depois espero que a gente possa retomar o que começamos aqui – acrescentei, levantando ligeiramente os quadris para afastá-lo.

– Seja rápida, mulher – ele disse, se afastando de mim e apoiando a cabeça sobre uma mão, o cotovelo flexionado. A outra mão, no entanto, continuou boba.

Agora eu tinha a sua atenção, porém não sabia por onde começar. Será que estava fazendo tempestade em copo d'água? Seria melhor tirar o Band-Aid de uma vez?

– A noite de ontem foi... Uau. Eu não sei colocar em palavras.

– Ontem você soube – ele murmurou, a mão deslizando para baixo do lençol e apalpando meu seio.

Meus dedos dos pés apontaram para cima. Reflexo. Lucas fez de novo, e o mesmo aconteceu. Prova disso é que o lençol farfalhou. Lucas olhou para o pé da cama e me apalpou mais uma vez. Dedos apontados. O cientista dentro dele ficou encantado. Teta. Dedos. Teta. Dedos.

– Que fenômeno mais interessante – refletiu.

Eu estava perdendo o controle.

– Eu prometo nunca mais repetir essas palavras, mas, *por favor*, você pode parar de me tocar? É difícil pensar com você fazendo isso.

Lucas era médico, sim, mas antes disso ele era um homem, então me apalpou uma última vez antes de colocar as mãos sobre o lençol.

– Vou me comportar, prometo.

– Bem, então. Ontem à noite foi incrível. E eu espero, quer dizer, quando você voltar de Belize, que haja mais noites como essa...

– Humm. Sim. – Ele abriu um sorriso tão largo que eu pensei que sua cabeça fosse se partir em duas.

O Band-Aid. Arranca de uma vez para voltar aos peitos e aos dedos do pé.

– Eu abandonei o Charles na manhã do nosso casamento – despejei, sentindo um alívio instantâneo. Encarando as minhas mãos, continuei: – Eu tive um momento de lucidez, e a ideia de casar com alguém que eu não amava, por quem eu não era absolutamente louca, me deixou em pânico, e eu fugi. Ele não chegou a ir para a igreja, ainda estava jogando golfe com os padrinhos quando eu fugi, mas o fato é que eu fugi.

Olhei para ele e notei que o sorriso havia murchado. Continuei:

– E então, quando te conheci, percebi que, fruta que pariu, a gente tem tanto em comum, mas, fruta que pariu, a Julie tinha acabado de fazer com você quase a mesma coisa que eu fizera com o Charles, e não tinha a menor chance de contar para você o que eu tinha feito. E era tudo tão novo, tão fresco, tão cru, e eu estava apenas começando a descobrir o que queria fazer aqui, e que talvez eu quisesse ficar, morar aqui, e aí a gente começou a passar tanto tempo juntos, e, fruta que pariu, você é demais, Lucas, e a gente está sempre juntos, e minha mãe e meu pai vieram pra cá, e eu fiquei morrendo de medo que eles comentassem algo sobre o casamento e que você ficasse sabendo por eles, e eu sabia que seria melhor se você soubesse por mim e...

– Seria melhor saber por você? – ele perguntou em voz baixa. O sorriso tinha se transformado em um cenho franzido.

– Sim. Eu que deveria te contar que...

– Abandonou um cara no altar – ele concluiu secamente.

– Não tecnicamente, mas... sim. Sim, abandonei. – Soltei um suspiro,

envergonhada por ter escondido aquilo dele por tanto tempo.

– Então, em vez de simplesmente me contar isso, algo que provavelmente tem uma explicação perfeitamente lógica, já que as pessoas terminam o tempo todo... Eu sei melhor do que ninguém, certo? Enfim, em vez de me contar a verdade, você me deixou ficar falando sobre a Julie, sobre o que ela fez comigo?

Ele afastou as cobertas, rolou para a sua beirada da cama e se levantou. Vestiu a calça jeans e se virou para mim. Seus olhos brilhavam de raiva.

– Você deve me achar um idiota.

– O quê? Não... Jamais, Lucas – falei, chocada. Me movi sobre a cama, me coloquei de joelhos e estiquei o braço na direção dele. Mas Lucas deu um passo para trás. – Não é nada disso. Eu... eu... Você estava...

Ele me fitou. Duramente. Parecia estar considerando alguma coisa.

– Preciso ir – afirmou, o olhar frio.

– O quê? Não, de jeito nenhum! Você tem que ficar, a gente precisa conversar sobre isso! – exclamei, saltando para fora da cama e agarrando seu braço antes que ele fosse embora.

– Não tem o que conversar. Você mentiu para mim. Eu não posso passar por isso de novo. Não posso me envolver com uma garota que vem mentindo para mim desde o começo. Já passei por isso.

– Você acha que eu sou igual a Julie? – indaguei, horrorizada.

– Agora? Neste segundo? Acho que você talvez seja *exatamente* como ela... E eu não vou suportar aquilo outra vez.

Ele se virou e se foi.

CAPÍTULO CATORZE

O pior dia de todos foi também o mais longo de todos, arrastando-se feito melaço congelado. Passei a manhã recolhendo cocô de cachorro. E a maior parte da tarde ao telefone com o centro de zoonoses local, para garantir que os cachorros resgatados no dia anterior fossem transferidos para mim depois que recebessem os cuidados médicos necessários e fossem liberados. Precisara ligar para Lou; eu nunca havia lidado com tantos cachorros de uma só vez, ainda mais cachorros que tinham sido criados com uma única finalidade. Será que eles seriam capazes de socializar? De confiar?

Não importava. Fossem ou não adotáveis no futuro, eles viriam para cá, não ficariam presos em correntes, não passariam frio, não seriam obrigados a brigar, a rosar, a mutilar... Tudo o que teriam de fazer seria correr atrás de bolas e se empanturrar de petiscos. Era a minha promessa a cada um deles.

Na hora do almoço, Lucas ainda não tinha dado sinal de vida. Eu estava lhe dando o espaço que ele claramente queria. Se esse espaço seria do tipo para sempre... Bem... Eu ainda não estava pensando nisso. Eu não *conseguia* pensar nisso. Lembrei da nossa conversa naquela manhã – e da mágoa em

seus olhos quando descobriu que eu tinha mentido.

Pensando em retrospectiva, houvera muitas oportunidades nas quais eu poderia ter contado a verdade. Eu poderia ter contado o que me fez fugir do casamento e explicado por que era uma situação diferente da de Julie. Lucas teria entendido... Era óbvio que ele teria sido capaz de entender. Oh, eu tinha pisado na bola feio, muito, muito feio.

Por isso, esperei. Será que ele me ligaria? Ele tinha de me ligar. Se ele viajasse no dia seguinte sem me ver, sem falar comigo, eu ficaria desesperada.

O começo da tarde se transformou em fim da tarde. Eu tinha comido um almoço rápido e é possível que tenha ficado parada no vão da porta do meu quarto por dois ou vinte minutos. A cama ainda estava bagunçada, os travesseiros, no chão, o edredom, enrolado no pé da cama, e havia uma depressão enorme no centro do colchão, a impressão deixada por dois corpos entrelaçados. O quarto cheirava a sexo. Desajeitado e vulgar? Não, deliciosamente indecente...

Baralho.

A noite caiu, e eu ainda não tinha tido notícia de Lucas. Eu deveria ligar? Atrapalhá-lo enquanto ele provavelmente arrumava as malas e se despedia da família?

Sentei em cima do balcão da cozinha, comendo um pudim atrás do outro. Depois do pudim, passei a andar de um lado a outro. Sammy Davis Jr. andou de um lado a outro comigo por um tempo, mas acabou concluindo que a mamãe estava enlouquecendo e voltou para sua cama, perto da lareira.

Às dez da noite, eu já não suportava mais o silêncio e peguei o celular. Quando estava prestes a discar, o celular tocou na minha mão. Era Lucas.

– Ei! – falei, talvez com um entusiasmo exagerado.

– Ei – ele respondeu. O tom seco. Frio.

Fui tomada por um arrepio no corpo inteiro.

– Como foi o seu dia? – perguntei. *O cara estava dentro de você menos de*

vinte e quatro horas atrás, e você acabou de perguntar como foi o dia dele?

– Produtivo. Fiz as malas, resolvi algumas coisas na clínica... Aliás, é por isso que estou ligando.

– Oh...? – Agora ele precisava de um motivo para ligar?

– Sim, queria te dar notícias sobre a rinha que você descobriu. Parece que os donos da propriedade vão ser indiciados por maus-tratos contra animais. Como eu vou viajar amanhã, a polícia veio hoje para fazer algumas perguntas, tirar algumas fotos, enfim. Liguei para avisar que eles vão te ligar também, para você não se assustar.

– Claro, ok. – Então um pensamento me ocorreu. – Eu não estou encrencada por ter invadido a propriedade, ou algo assim, estou?

– Não, você definitivamente fez a coisa certa ao ligar para eles. Mas prometa que da próxima vez vai esperar as autoridades chegarem antes de invadir um galpão cheio de cães de briga. Você teve muita sorte ontem à noite.

– Eu que o diga – falei suavemente. – Eu sei que deveria ter esperado, mas...

– Eu provavelmente teria feito a mesma coisa. Mas, da próxima vez, espere a cavalaria, ok?

– Prometo. Então... Sei que você disse que o seu pai vai te levar ao aeroporto amanhã, mas... – Minha voz vacilou e sumiu, esperançosa. *Me interrompa! Me peça pra te levar ao aeroporto!*

– Mas o quê? – ele perguntou. Ele sabia o que significava aquele “mas”, mas não iria me dar esse mole.

Meu coração afundou. Tipo, foi parar atrás do duodeno.

– Bem, acho que não vou te ver antes de você embarcar – falei.

– O dia passou voando. – Seu tom era cauteloso.

– Doze semanas. É bastante tempo.

– Chloe – ele falou. Mas depois não falou mais.

Geralmente os silêncios entre nós eram confortáveis, leves. Aquele, no

entanto, era pesado, obscuro, e eu não gostei nem um pouco.

– Posso te ligar? – perguntei por fim. – Enquanto você estiver lá?

– Não sei como é o sinal por lá.

– Você não fez um plano internacional?

– Sim, fiz. – Tradução: ele não queria que eu ligasse. – Ei, Chloe, eu preciso resolver umas coisas antes de deitar. Só queria avisar que a polícia vai entrar em contato com você, ok?

– Ok – falei, segurando o celular com força. – Lucas, eu sinto muito por...

– Chloe, não faça isso. Não quero falar sobre esse assunto. Não agora que estou prestes a viajar. – Havia um enorme cansaço em sua voz. – A gente se vê quando eu voltar.

Oh, meu Deus. Aquilo era péssimo.

– Certo, Lucas. Se cuida lá, está bem?

– Pode deixar. Você também. Eu estava falando sério sobre esperar a cavalaria da próxima vez, Chloe.

– Claro – falei, com um nó na garganta.

– Tchau – ele disse.

E foi tudo.

* * *

Dez minutos depois, eu ainda estava andando de um lado a outro na sala, tentando decidir se ligava para ele, quando meu telefone tocou.

– Graças a Deus! – murmurei, correndo para pegá-lo.

Mas não era ele. Era Charles.

– Alô? – atendi, completamente surpresa. Nós não nos falávamos havia semanas, a não ser por um breve telefonema sobre a devolução de alguns presentes.

– Oi, Chloe. Como vai? – ele perguntou.

– Uh, estou bem. E você?

– Tudo bem. Tudo ótimo, na verdade. Como estão as coisas por esses lados? Sua mãe me contou sobre o abrigo que você abriu. Uma ONG para cachorros abandonados, é isso mesmo?

– Quase isso. É um abrigo para pit-bulls resgatados.

– Ah. Interessante.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntei. Eram quase onze da noite. Por que eu estava de conversa fiada com ele? O que estava pegando? Estranho.

– Na verdade, preciso de uma coisa, sim: a sua assinatura.

– A minha assinatura onde?

– Seu nome ainda está no meu seguro de vida, e a gente precisa resolver isso.

– De jeito nenhum. Vou te matar e me aposentar.

Houve um silêncio, e então ele gargalhou. E, subitamente, voltamos ao normal. Tanto quanto é possível com o ex-noivo.

– Claro, assino o que você quiser. Me manda por e-mail e eu envio de volta.

– Autenticado, por favor.

– Que chique! – brinquei. – E quem é o novo beneficiário?

– Minha nova noiva, na verdade. Vou me casar daqui a seis semanas.

– O quê? Uau! – Eu me sentei, surpresa. – Quem é a sortuda? Eu conheço?

– Becky Von Stuffling.

– Não conheço, mas tenho certeza de que ela é encantadora.

– Ela é encantadora. E muito engraçada. – Seu tom era leve. Esperançoso. Inebriado. – E meio maluca.

– Maluca? Deus do céu, maluca, não! – Dei risada. – É essa a parte em que digo que estou feliz por você?

– Só se estiver mesmo.

Passou um filme pela minha cabeça de todos os bons momentos que eu vivera com Charles; a gente dava muita risada juntos. Ele era cheio de si e pretensioso, sem dúvida. Mas era um homem bom, decente, e merecia alguém que tivesse mais a ver com ele.

– Eu *estou* feliz por você, Charles. Muito feliz.

– Fiquei muito bravo com você, Chloe.

– Eu sei – sussurrei, e os meus olhos se encheram de lágrimas. Eu tinha feito o que precisava fazer por mim, mas deixara um estrago para trás. – Eu sinto muito pelo que fiz com você.

– Naquele momento, não fez o menor sentido para mim, mas agora vejo que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Por mais bravo e constrangido que eu tenha ficado, vejo agora que foi o melhor – ele disse em um tom tranquilo.

Fiz que sim com a cabeça, embora Charles não pudesse me ver.

– Pode me enviar o que você precisar; eu mando de volta o quanto antes. – Dei uma fungadinha – E parabéns, Charles.

– Obrigado. Adeus.

Me despedi e desliguei. De certo modo, senti como se a última peça do quebra-cabeça houvesse se encaixado. Charles tinha finalmente seguido com a vida, o nosso relacionamento tinha tido um ponto final.

E agora eu era o oposto da mulher que quase havia me tornado: o tipo de mulher que se casaria com um homem por quem não era absolutamente apaixonada, apenas pela segurança, pela vida boa. Pela *suposta* vida boa.

Eu tinha construído a minha própria vida boa, naquela fazenda, com um monte de cachorros alucinados. E, parafraseando Sinatra, eu fiz do meu jeito. Eu tinha feito a minha cama antes de decidir compartilhá-la com um novo alguém. Mas eu havia magoado esse mesmo alguém – a última pessoa no mundo que eu gostaria de magoar.

Olhei para o celular, depois olhei para longe. Peguei o celular, depois o soltei. Percorri os contatos à procura do nome dele... depois o desliguei. Ele

embarcaria em um avião dentro de poucas horas. A última coisa que precisava era lidar com o meu descontrole.

Fui para a cama, me aninhei nos lençóis, que ainda tinham o nosso cheiro, e me revirei durante toda a noite.

Às cinco da manhã, me levantei, vesti a primeira roupa que vi pela frente, entrei no carro e fui para o Aeroporto Regional de Monterey.

Eu estava descontrolada.

CAPÍTULO QUINZE

Eu não tinha nenhum plano. A menor ideia do que iria fazer ou dizer. Só sabia que estava acelerando rumo ao minúsculo aeroporto de Monterey, com a camisa de Lucas, um jeans surrado e um sorriso nervoso.

Costurei os poucos carros que havia na rua àquela hora, dirigindo rápido demais em meio à neblina da manhã. Eu não sabia a companhia aérea, não sabia onde ele faria conexão; tudo o que eu sabia era que ele embarcaria às seis e meia e que eu estava irrevogavelmente determinada a... a quê?

Dane-se, eu descobriria quando chegasse lá. Quando pusesse os olhos nele – a única pessoa em quem eu pensava desde que desligara o telefonema com meu passado na noite anterior. E, depois de ter finalmente, amigavelmente, colocado um ponto final no passado, eu sabia que desejava apenas uma pessoa para o meu futuro.

Parei o carro no estacionamento, peguei o ticket e corri na direção do terminal principal. Abri caminho por uma multidão de passageiros e avistei um rosto familiar.

– Doutor Campbell! – gritei, ofegante. O estoque de pudim de chocolate

começava a cobrar seu preço; meu condicionamento físico estava uma caca. Continuei correndo, tentando ignorar a pontada de pudim na lateral do abdômen. – Doutor Campbell!

– Chloe? – ele gritou de volta. – O que você está fazendo aqui?

– Lucas... ele ainda... está aqui? Preciso... preciso... Droga, preciso começar... a correr... Lucas?

– Acabou de passar pela segurança. – Ele parecia confuso. – Você está bem?

Droga! Olhei para a área além da enorme fila de segurança, mas não o vi. Droga de novo!

– Sim – falei, ainda procurando. – Eu só queria vê-lo antes de ele viajar e falar para ele que...

Lá! Lá estava: uma cabeça ruiva pairando sobre todas as outras. Um metro e noventa, lembra?

– Lucas! – gritei e saí em disparada. Correndo na direção da segurança, vi que Lucas olhou ao redor, tão confuso quanto o pai.

– Chloe?

Eu não estava nem aí que ele já tivesse passado pela segurança e que ainda estivesse com os sapatos nas mãos; simplesmente corri. Nem sequer notei os demais passageiros. E nem sequer notei a agente de segurança se aproximando para impedir a tentativa do Amor Verdadeiro de triunfar sobre a Segurança Nacional.

Para constar, não triunfa.

De repente, um scanner de mão estava sendo agitado na minha cara.

– Aonde a senhorita pensa que vai? – perguntou uma voz irritada. A agente de segurança, uma mulher bem grande, se achava ali com uma mão segurando o scanner e a outra repousando sobre o seu... cassetete.

– Desculpa, mil desculpas, eu só estava tentando chegar até... ele. Ele ali! – Comecei a pular e a apontar para Lucas, do outro lado da divisória de vidro. Eu o via, ele me via, mas havia uma enorme fila de passageiros, a máquina de

raios X e os funcionários da segurança entre nós. – Perdão, eu só preciso dizer para ele que eu... que eu...

A agente de segurança franziu o cenho para mim.

– Senhorita, você está com a sua passagem?

– Não, eu não vou viajar. Só preciso dizer para ele...

– Então a senhorita não pode ficar aqui – ela disse, começando a me virar. Seu walkie-talkie chiou, e ela o pegou e falou: – Tudo bem. Ela só quer falar com um cara que já passou pela segurança. Não, tudo sob controle. – Ela me fitou de novo. – A senhorita tem noção do que acabou de fazer?

– Sim, furei a fila de passageiros. Sei que foi falta de educação...

– Você furou a fila em um *aeroporto*. Correu em direção à segurança, gritando feito louca, em um *aeroporto*. Você parecia que queria furar um bloqueio da segurança federal *em um aeroporto* – falou a mulher, o tom mais sério a cada frase. – Não foi falta de educação; foi incrivelmente estúpido.

– Ai, meu Deus – murmurei.

Lucas, com uma cara de “mas que baralho está acontecendo”, gritou:

– Você está bem?

– Acho que sim...? – gritei de volta, depois me virei para a agente de segurança. Olhei rapidamente o seu crachá. Me empertigando, alinhando os ombros, posicionando um pé ligeiramente na frente do outro, eu dei o meu melhor sorriso. – Monica... Posso te chamar de Monica?

– Aonde isso vai parar? – ela perguntou, me encarando como se eu fosse meio maluca.

Eu não podia culpá-la, mas continuei:

– Monica, eu gostaria de lhe agradecer pelos serviços prestados ao nosso estimado país. O meu coração se orgulha de ver uma mulher tão forte protegendo os nossos aeroportos, aqui no nobre estado da Califórnia e em toda a nossa nação. Como ex-Miss Golden State e como cidadã que sempre residiu na Califórnia, tive o grande privilégio de visitar todas as partes do nosso maravilhoso estado, na maioria das vezes de avião. E, a cada vez, me

sinto profundamente grata pelo trabalho incansável que você e todos os seus competentes e bem treinados colegas realizam diariamente para nos manter seguros. Então, quero agradecer pelo aviso, e que a Califórnia e a América continuem alçando grandes voos! – finalizei, com um sorriso de orelha a orelha.

Diversos outros agentes de segurança tinham se aproximado para me ouvir, e eu compartilhei com eles o meu sorriso campeão.

– Querida, você está se sentindo bem? – Monica perguntou, me dando um tapinha no ombro.

– Sinceramente? – falei, ainda sorrindo.

– Oh, eu acho bom.

– Está vendo aquele cara ali, o ruivo? – Apontei.

– Louis?

– É Lucas, mas sim.

– Uh-huh.

– Eu finalmente dormi com ele duas noites atrás, mas estraguei tudo, e eu o adoro, e ele está indo para Belize e vai ficar lá por doze semanas, e eu disse uma coisa que o magoou muito, e eu não posso deixá-lo partir sem antes dizer outra coisa: que na verdade eu o am... Er, bem... Foi nesse momento que você me deteve com o seu scanner.

– Uh-huh. – Ela assentiu, me olhou de cima a baixo e então anunciou no walkie-talkie que iria acompanhar uma pessoa até o bloqueio C.

Eu a fitei com preocupação.

– Estou encrocada? O bloqueio C é para onde vocês levam os...

– Apenas me acompanhe, moça. – Ela revirou os olhos.

Nos aproximamos da parede de vidro; do outro lado, Lucas nos acompanhava com o olhar, ainda confuso. Monica e eu percorremos a divisória até chegarmos à área de coleta de bagagem, da qual as pessoas podiam sair, mas na qual não podiam entrar.

Outra agente de segurança se achava sentada lá, e ela se levantou quando

nos aproximamos.

– Stephanie, vai dar uma volta, por favor – disse Monica. – Eu tomo conta, pode deixar.

A outra agente assentiu e saiu.

Monica se acomodou atrás do balcão, avistou Lucas do outro lado, com a mochila na mão e uma expressão muito preocupada no rosto.

– Ei, Louis! Vem cá! Sua garota quer falar com você – ela gritou, acenando para ele.

Quando Lucas chegou, ela disse:

– Seguinte, Louis, essa garota quer tanto falar com você que quase cometeu um crime federal para conseguir. E agora que estou olhando bem para você, quase consigo entender o porquê – Monica falou, admirando-o. Virando-se para mim, disse: – Como você se chama, querida?

– Chloe. Chloe Patterson.

– Uh-huh. Não vou esquecer. Ok, Chloe Patterson, manda ver.

Comecei a caminhar para a frente, e Monica ergueu uma mão.

– Não me faça pegar o cassetete. Sem cartão de embarque, a senhorita não pode ultrapassar essa linha. – Ela apontou para a linha vermelha no chão de linóleo.

– Chloe, o que diabos está acontecendo? – indagou Lucas.

Andei até a linha, mantendo os dedos dos pés no limite dela, e, diante da anuência da minha agente de segurança, respirei fundo.

– Desculpa por fazer isso antes de você embarcar. Desculpa por ter agido feito uma imbecil naquele dia, depois que a gente... bem... depois daquela noite maravilhosa.

– Chloe, eu...

– Não. Me deixa falar.

– Deixa ela falar, Louis – disse Monica.

Nós dois a fitamos de canto de olho. Eu continuei:

– Eu não quero ser seu passatempo.

– Oh, você só pode estar brincando...

– Louis! – gritou Monica, e Lucas ergueu as mãos espalmadas.

– Aquela noite foi incrível, e eu quero que todas as noites sejam daquele jeito. Você é lindo e gentil e maravilhoso e engraçado e me deixa comer pudim. O que eu preciso parar de fazer, porque quase não consegui correr até aqui.

Lucas não se mexeu, a mandíbula tensionada. Mas estava me escutando.

– E eu não ligo que você vá passar três meses fora, mas quero estar aqui esperando por você quando você voltar. E eu não quero que você conheça alguma veterinária gostosona lá só porque eu não contei o que deveria ter contado antes.

Olhei para Monica em busca de coragem, e ela fez que sim com a cabeça. Respirei fundo e fitei aqueles lindos olhos azuis.

– Eu não quero ser a sua passatempo. Quero ser sua, ponto final. E eu sinto muito, muito mesmo, por não ter contado antes que abandonei o Charles. Eu deveria ter contado, foi uma estupidez da minha parte. Eu menti para você e estou me corroendo por dentro por ter te magoado, isso era a última coisa que você merecia. Porque você... – Parei para recuperar o fôlego e senti um nó na garganta. – Você é o que eu quero. – Cerrei os olhos pois não tinha coragem de olhar para ele. Porque se Lucas não me quisesse como sua...

– Chloe – ele falou.

Eu abri um olho.

– Eu...

Prendi a respiração.

– Não posso.

Abri o outro olho, sem muita certeza do que ele acabara de dizer.

– Eu não posso fazer isso, sinto muito. – Ele meneou a cabeça. – Agradeço por você ter vindo até aqui, de verdade. Mas não posso ficar com outra mulher que mente para mim. Sinto muito.

A última chamada para o seu voo soou no alto-falante, e Lucas esboçou um

contido sorriso de desculpa e partiu.

– Mas... eu vim até o aeroporto – falei sobretudo para mim mesma.

– Que mentira foi essa? – perguntou Monica.

– Eu menti sobre uma coisa, mas era uma coisa importante. – Soltei um suspiro e me abracei. Não estava acreditando que ele iria partir. Eu tinha certeza que, se abrisse o meu coração, ele... ele...

– Você achou que, se viesse aqui e botasse tudo pra fora e pedisse perdão, ele te tomaria nos braços e te daria um beijo de cinema?

– Algo assim – admiti, sem avistar nenhum cabelo ruivo em meio à multidão.

Lucas havia partido.

– Você anda assistindo muita comédia romântica – disse Monica. – Volte daqui a três meses. Talvez a poeira tenha baixado.

– Obrigada – falei e me virei para ir embora.

– Chloe Patterson? – ela chamou. Olhei para trás por cima do ombro. – Faça o que fez hoje de novo, e eu terei de enquadrá-la. E você não quer isso, acredite em mim.

Fiz que sim com a cabeça, que parecia pesar meia tonelada, e voltei para a área de embarque. Onde o doutor Campbell esperava por mim.

– Bem, isso foi constrangedor – ele comentou.

– O senhor viu?

– Chloe, olha o tamanho deste aeroporto. Todo mundo viu.

– Que ótimo. – Balancei a cabeça. Que situação.

– Dê tempo ao tempo – ele aconselhou. – Essas coisas se ajeitam. – O doutor Campbell começou a me acompanhar para a saída do terminal. – A propósito, recebi uma ligação sobre os cachorros do galpão. É provável que no meio da próxima semana eles já estejam com você.

Me deixei ser conduzida por ele até o estacionamento, entorpecida.

* * *

– Não acredito que alguém teve coragem de trazer um pit-bull para o cachorródromo na praia. É pedir para dar problema! – comentou a mulher em um tom indignado.

– Não é?! Que irresponsabilidade! Estou surpresa que ele ainda não tenha avançado nos outros cachorros. O meu pequinês não vai sair de perto de mim!

– É melhor mesmo. Esses cachorros são cruéis, só estou esperando aquele ali...

– Senhoritas? – falei. – O cachorro sobre o qual vocês estão falando é meu e, sim, é um pit-bull. É duro de acreditar, mas o último dono dele o deixava acorrentado a uma árvore, sem comida e quase sem água, por dias a fio. Ainda assim, inexplicavelmente, o Sammy Davis Jr., é como ele se chama, continua amando os seres humanos, por mais que o tenham tratado de uma maneira horrível. E nunca mordeu nem de brincadeira outro cachorro, mesmo quando ficam subindo nele, como aquele chihuahua está fazendo neste momento.

As duas mulheres trajavam Lululemon dos pés à cabeça e tinham o cabelo preso em um rabo de cavalo perfeito, maquiagem impecável, unhas brilhantes e nem um grama de pudim de chocolate nas coxas ou na barriga.

A minha vontade era mandá-las calar a boca. Dizer para elas que não existem cachorros ruins, apenas donos ruins. Que elas não deveriam falar sobre coisas das quais não sabiam nada.

O que eu falei foi:

– Eu adoraria que vocês o conhecessem; ele é um fofo. Tudo bem por vocês? Eu seguro a coleira. Sem pressão.

Porque é assim que se transforma o coração e a mente de uma pessoa. Com experiências individuais. Com bom senso. Com denominadores comuns. O

enorme sorriso de miss também ajudava.

As mulheres se entreolharam e me encararam sem muito entusiasmo.

– Hum, claro. Mas ele não vai estraçalhar o meu Bobo, vai? – perguntou uma delas, arqueando uma sobrancelha perfeitamente feita.

– Não, senhora, prometo que não vai acontecer nada com o seu Bobo.

As duas se olharam mais uma vez e, com certo nervosismo, assentiram para mim.

– Sammy Davis Jr.! – chamei, e aquele meu pedaço de gostosura rajada com olhos dourados desviou a atenção do pega-pega com dois huskies. Ele se aproximou saltitando na areia, a língua tombada para o lado, um sorriso enorme na cara.

– Bom menino! – falei, deixando-o lambe minha mão. – Senta. – Sammy obedeceu no mesmo instante, tranquilo, ainda que estivesse correndo havia poucos segundos. Ele olhou para cima, e seus maxilares se abriram, tornando o sorriso ainda maior, sorriso que sempre me fazia rir alto. – Gostosão, quero te apresentar duas novas amigas.

Eu sempre me dirigia a ele em um tom baixo. Ele era incrivelmente esperto, sempre em sintonia comigo, ávido por agradar.

As duas mulheres estavam ligeiramente encolhidas, mas uma parecia mais interessada do que a outra. Eu já sabia quem conquistaria primeiro.

– Quer fazer carinho nele? – perguntei, sorrindo novamente.

– Sim, claro. Acho – ela murmurou, esticando uma mão hesitante.

Sammy Davis aproximou a cabeça para cheirar, como os cães fazem, e ela recuou um pouco.

– É sempre bom deixar qualquer cachorro desconhecido te cheirar antes. Antes de fazer carinho. Isso mesmo, perfeito – falei quando ela estendeu novamente a mão. Dessa vez, ela se manteve firme enquanto Sammy Davis Jr. a cheirava.

– Ele adora um carinho na orelha – comentei.

Ele abaixou a cabeça para ela, que fez um cafuné em sua cabeça e por fim

coçou sua orelha. O rabo de Sammy balançou alegremente na areia enquanto ele observava os amigos correndo e brincando.

Aquele era o nosso cachorródromo preferido, ao qual Sammy e eu íamos pelo menos uma vez por semana. Sempre alternávamos o horário e o dia, para assim interagir com o maior número possível de cachorros e pessoas. Fazia bem para ele; fazia bem para mim; e fazia muito bem para os frequentadores ver aquele lindo cachorro brincando com os donos e seus cães.

Sammy Davis Jr. tinha se tornado a mascote não oficial da Batutinhas e o meu melhor amigo. Ele passava todas as noites na casa comigo e com os cachorros que eu revezava entre o celeiro e a casa como parte do processo de socialização.

Três meses depois de abrir as portas, a Batutinhas tinha promovido a adoção de noventa por cento da turma original, e novos cachorros chegavam a cada semana. Tínhamos tido mais três ninhadas, de fêmeas que já chegaram para nós prenhas, e encontrado uma família adotiva para cada um dos filhotinhos. Eram poucos os cães que não se davam bem com crianças e cachorros menores, um mero fato da vida considerando-se que aqueles animais haviam sido tão maltratados no passado. No entanto, em vez de serem sacrificados, ou, pior, abandonados nas ruas, eles passariam o resto da vida em uma fazenda em Monterey. Há lugares piores para se viver.

Clark e Viv tinham adotado seu filhote e estavam a poucos dias de dar à luz outro. Eles sabiam o sexo do bebê, mas, até ele ou ela vir ao mundo, era “segredo de Estado”. O filhote que eles adotaram era a coisa mais linda, cinza-azulado e olhos azuis. Deram o nome de Lancelot – algo a ver com um cavaleiro. Enfim, eles se apaixonaram pelo cachorrinho, que viajou para sua nova casa no banco da frente de um enorme e majestoso conversível da década de cinquenta.

Por falar em mães, numa inimaginável virada do destino, a minha mãe tinha se apaixonado perdidamente por uma cadela preta e velhinha chamada Sally. Sem uma das orelhas e manca, Sally havia sido abandonada e quase

morrera de fome. Nunca conheci alma mais generosa. Ela ajudava a domar os cachorros mais jovens, fazia companhia para os cães doentes e era sempre a primeira a pisar no gramado pela manhã e a última a voltar para o celeiro à noite – mas só depois de arrebanhar quaisquer retardatários.

Durante uma visita da minha mãe em um fim de semana, eu a colocara para trabalhar comigo na limpeza das baias, no celeiro. No começo, minha mãe torceu o nariz para tudo, com uma atitude do tipo “quando isso vai acabar?”. Mas, depois de mais ou menos uma hora, toda vez que eu me virava, via Sally ao lado dela, parecia que minha mãe estava dando para a cachorra algo que estava escondido dentro do seu macacão da Talbots. Quando finalmente a flagrei com um pedaço de bacon de peru, sugeri a ela que levasse Sally para uma volta pela propriedade, assim a cadela poderia exercitar a perninha machucada. Minha mãe voltou uma hora mais tarde, completamente entusiasmada, e me disse que ninguém adotaria Sally. Porque ela mesma a levaria para casa na manhã seguinte. Na noite daquele mesmo dia, com Sally e Sammy Davis Jr. dormindo ao pé da lareira, minha mãe e eu compartilhamos um chá inglês tradicional, minúsculos sanduíches de pepino, coalhada e lágrimas. Minha mãe se abriu, eu meabri, e ela me disse que estava... orgulhosa de mim.

Também me disse que, se eu e Lucas nos acertássemos, deveríamos fugir para casar.

Lucas.

Suspiro.

Suspiro do tipo ruim.

Eu não falava com Lucas desde que ele viajara para Belize. Acabava sabendo uma ou outra coisa pela Agência de Notícias da Marge. Ele chegaria em algum dia da próxima semana, mas eu não sabia quando o veria, ou mesmo se o veria. Tinha enviado alguns e-mails para ele, mas recebido zero resposta. Havia tentado tudo o que estava ao meu alcance, e nada, silêncio absoluto. Lucas falara sério quando dissera “Não posso”. Eu tinha de

respeitar.

– Quanto tempo faz?

– Onze semanas... Faz onze semanas. – Soltei um suspiro triste.

– Como?

– Desculpa, o quê? – perguntei, voltando do Planeta Lucas para o cachorródromo, onde as duas mulheres me olhavam como se um terceiro olho tivesse brotado na minha cara.

– Perguntei quanto tempo faz que ele está com você, o Sammy Davis Junior – uma delas falou, ainda ajoelhada e fazendo carinho no meu contente cachorro.

– Ah! Desculpa, eu estava sonhando acordada. Peguei o Sammy quando...

– E comecei a contar a história toda.

Vinte minutos depois, eu estava na beira do mar, deixando as ondas fazerem cócegas nos dedos dos meus pés enquanto Sammy pulava e brincava na água. Tinha acabado de entregar dois cartões de visita da Batutinhas. Uma das mulheres continuara reticente, mas a outra parecera genuinamente interessada em visitar o abrigo e conhecer os cachorros, totalmente conquistada pelo meu garotão.

– Você se saiu muito bem, bonitão! – murmurei; Sammy cutucou meus joelhos e passou entre eles. Depois, olhou para cima com um sorriso na cara.

– Quer a sua bola? – Ele não tirou os olhos da bola conforme eu a jogava para o ar e pegava de volta, antes de lançá-la na água.

Mas, em vez de ir atrás dela, ele esticou a cabeça e farejou o ar atrás de mim. Seu rabo começou a balançar freneticamente, batendo contra as minhas pernas.

Me virei para ver o que era. Pessoas. Cachorros. Mais cachorros. Mas ele continuava farejando algo. Antes que eu pudesse segurá-lo, ele saiu em disparada na direção da cerca, mirando o portão de entrada e saída.

– Maluco – falei, rindo enquanto caminhava até ele, que latia alegremente.

– Sammy, o que você está...

Me interrompi abruptamente. Porque do outro lado da cerca estava aquele com quem eu não parava de sonhar acordada. Intensamente bronzeado, com uma roupa informal, jeans e camiseta preta, Lucas atravessou o portão para cumprimentar Sammy Davis Jr., que ainda pulava de felicidade. Lucas se abaixou para acariciar o cachorro e, quando se levantou, eu fui novamente arrebatada pela beleza daquele homem. Alto e esbelto e de tirar o fôlego – as onze semanas na minha imaginação não lhe fizeram jus. Reuni todas as forças para não sair correndo pela praia e me jogar nos seus braços como em uma cena de filme.

Já tinha feito aquilo antes, o gesto grandioso no aeroporto, e não tinha dado exatamente certo. Por isso, me aproximei com cautela.

– O que você está fazendo...

Fui interrompida pela sua boca sobre a minha em um beijo lento, úmido, ardente, convulsivo. Lucas por fim afastou a boca, as mãos apoiadas nos meus quadris. Eu terminei a pergunta que tinha começado a fazer:

– ... aqui?

E isso o fez me beijar de novo. Mais intensamente. Mais demoradamente. Mais profundamente. Com mais língua.

– O que está acontecendo aqui?

– Voltei antes.

– Eu deduzi essa parte, mas por que você está...

– Eu passei as últimas onze semanas trabalhando vinte quatro horas por dia porque, quando não estava me ocupando com algo ou dormindo, eu estava pensando em você. E, mesmo quando estava dormindo, não tinha sossego, porque eu sonhava com você.

– Sonhava comigo?

– Sim. Pelada, na maioria das vezes. – Ele fez que sim com a cabeça e deslizou as mãos um pouco para cima, pousando-as quase na barra da minha camiseta. – Mas em um dos sonhos você estava praticando stand up paddle com um macacão de esqui. Foi meio bizarro.

– Ok, vamos com calma. Você ficou fora por onze semanas, sem ligar, sem mandar um e-mail, depois de eu ter me humilhado em um aeroporto... e agora aparece assim e me beija, sem nenhuma explicação?

– Eu precisava de um pouco de espaço. Eu tive bastante espaço. – Ele ergueu meu queixo e me deu um selinho. – Eu não preciso de espaço mais. Preciso de você.

Oh!

– Eu tinha preparado todo um discurso para pedir desculpa por não ter ligado e dizer que eu sei que você não é igual à Julie e que eu fui idiota de dizer aquilo antes de embarcar e que eu morri de saudades de você. Mas, quando te vi, eu precisei te beijar. E foi o que eu fiz. Aliás, obrigado por não ter me dado um soco.

– Fiquei surpresa demais para dar um soco. Além disso, o beijo foi bom – falei, resistindo à tentação de enterrar as mãos no seu cabelo e repetir a dose. Conversar primeiro. Beijar mais depois?

– Foi bom *mesmo* – ele disse, e a expressão em seus olhos me obrigou a cerrar os punhos para impedir que minhas mãos puxassem seu rosto para o meu.

– Mas e o que eu fiz com o Charles? E não ter te contado? – perguntei.

– Você vai mentir para mim de novo? – indagou, com um olhar penetrante.

– Mentiras grandes como essa? Não. Mentirinhas inocentes sobre o real tamanho do meu estoque de pudim de chocolate? Isso eu não posso prometer.

– É bom o bastante para mim.

– Tem certeza? Mesmo? Porque...

Fui novamente interrompida pela sua boca maravilhosa. Por que diabos eu estava tentando dissuadi-lo? Dei permissão para as minhas mãos se enterrarem no seu cabelo, puxando Lucas para mim, segurando-o, amando-o. Quando nos separamos para respirar, ele me acomodou no seu peito, e eu me abriguei ali, cercada de Lucas por todos os lados.

– Estou tão feliz por você ter voltado.

– Eu senti falta da minha garota – ele murmurou, as mãos espalmadas na minha lombar para tocar o máximo de pele possível.

– Para não haver dúvida: sou eu, certo?

– Só você, broto. – Ele sorriu. E me beijou mais uma vez.

* * *

– *I’ve tried so, not to give in...* – cantarolei “I’ve Got You Under My Skin”.

– Eu que o diga!

– Quietos! – falei.

Uma hora mais tarde, com um vinil na vitrola e Sammy Davis Jr. se divertindo no pátio, eu, pelada, estava estirada sobre um também pelado Lucas, arfando, com um sorriso incontrolável no rosto.

– *I’ve said to myself, this affair never will go so well...*

– Você está escutando essa música desde que a gente se conheceu? – perguntou Lucas. – Foi por isso que não me beijou no celeiro? Sinatra empata-foda! Você devia ter me beijado no celeiro. Pensa há quanto tempo a gente podia estar fazendo... Cara, faz isso de novo.

– Eu faria se você ficasse quieto.

– *So why should I try to resist, when darling I know so well...*

– Sem chance, broto. Eu não conseguiria resistir a você por nem um segundo mais.

– Vamos deixar as coisas claras: fui *eu* que ataquei *você*. No banho. Pelada.

– Estamos brincando de Detetive?

– Você quer mesmo falar de jogos de tabuleiro agora?

– Não. Não quando eu posso...

– Humm, Lucas...

– *I’ve got you under my skin...*

* * *

Algum tempo depois...

– Tenho uma coisa pra te falar – falei.

– Por acaso é uma lista das coisas que você pensou em fazer comigo nas últimas onze semanas?

– Não...

– Ah.

– Espera. *Você* fez uma lista?

– Oh, pode apostar que sim. – Ele riu e deslizou as mãos até a minha bunda, agarrando-a e apertando-a. O que me fez contrair uma certa parte, que por acaso estava em volta das partes *dele*, e oh, meu Deus. Lucas gemeu, e seu hálito aqueceu a base do meu pescoço conforme seus dentes mordiscavam o topo dos meus seios.

– Ei! Eu tinha uma coisa pra falar! – protestei, me empertigando. O que não foi uma atitude inteligente, já que, com a visão total dos meus seios, os seus olhos se arregalaram. E outra coisa ficou ainda mais dura. Fiquei ligeiramente vesga. É que ele continuava dentro de mim, vê? Oh, meu Deus.

– Pode falar o que você quiser, desde que continue quicando no meu pau desse jeito. – Ele soltou um suspiro, projetando os quadris para cima muito levemente.

– Eu te amo – falei simplesmente. E observei a sua expressão.

Ele congelou. Os quadris no ar. Que controle.

– Eu realmente gostaria de ter dito algo menos obsceno do que “continue quicando no meu pau” antes de você falar isso.

– Se você soubesse o que eu ia falar, o que teria dito? – indaguei,

mordiscando meu lábio inferior.

Um sorriso se espalhou lentamente pelo seu rosto.

– Eu te amo primeiro.

Balancei a cabeça.

– Não, não, você me ama segundo. Eu falei primeiro.

– Mas você acabou de me dar a chance de voltar no tempo! Nesse caso, *eu* teria falado primeiro, em vez da coisa de quicar no pau.

– Sim, mas tecnicamente eu falei primeiro.

– E se eu dissesse que “continue quicando no meu pau” era na verdade um código para “eu te amo”?

Eu sorri.

– Se for assim, você vai adorar saber o que significa “me deixa sentar na sua cara”.

– Por Deus, Chloe. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

E assim eu quiquei com destino ao meu final feliz.

Agradecimentos

Eu tenho o melhor emprego do mundo. Risca isso. Eu tenho o segundo melhor emprego do mundo. O melhor emprego do mundo quem tem é a massoterapeuta do Robert Pattinson... mas essa história fica para outro dia. Hoje eu quero mencionar as pessoas maravilhosas que me ajudam a construir a história incrível da minha vida. Especialmente nos dias em que as palavras me faltam, apesar do desejo dos personagens de existir. Obrigada a todos que ajudaram a transformar *Estremecendo as paredes*, e toda a série Cocktail, em realidade.

Eis a lista. (Acho que tenho assistido a *Sons of Anarchy* demais...)

Equipe editorial

Nuding

Bergstrom

Dwyer

Horbachevsky

Psaltis

Burke

Equipe autor

Cole

Probst

Reisz

Proby

Evans

Chase

Equipe vírgula

Royer

Equipe sanidade

Hogrebe

Equipe santuário

Bocci

Hobbs

Billings

Equipe fãs

Struble

Struble

Osterloh

Tolpa

Equipe coração

Peter

Comporte-se, San Diego

Bjs,
Alice

Sobre a autora

Depois de muito tempo trabalhando como maquiadora e esteticista, aos 33 anos Alice Clayton ligou o seu laptop com a intenção de começar uma nova carreira: a de escritora. Sem nunca ter elaborado nada além das rotineiras listas de supermercado, ela descobriu na escrita a animação que procurava desde os 10 anos, quando deixou de lado as aulas de teatro. Já com seus primeiros romances, ela foi indicada ao prêmio Author Good Reads, em 2010. Mas foi com a série Cocktail, da qual fazem parte *Subindo pelas paredes*, *Arranhando as paredes*, *Derrubando as paredes* e *Estremecendo as paredes*, que seu trabalho ficou mundialmente conhecido. Alice mora no estado de Missouri, nos Estados Unidos. Ela gosta de pickles, Bloody Mary, oito horas bem-dormidas e uma boa transa.

